

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI – UFSJ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS – PPGAC

ELIS FERNANDA GONÇALVES FERREIRA

CONSTRUÇÃO DRAMATÚRGICA DO ESPETÁCULO
“PARTIDAS”, DO TEATRO DA PEDRA:
Inspirações e reverberações

São João del-Rei

2023

ELIS FERNANDA GONÇALVES FERREIRA

CONSTRUÇÃO DRAMATÚRGICA DO ESPETÁCULO
“PARTIDAS”, DO TEATRO DA PEDRA:
Inspirações e reverberações

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas – PPGAC da Universidade Federal de São João del-Rei, Campus Tancredo Neves, como parte do processo de obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Linha de pesquisa: Performance, poéticas e processos artísticos

Orientador: Professor Doutor André Luiz Lopes Magela

São João del-Rei

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

AGRADECIMENTOS

À Bella e à Amora, minhas amadas filhas, que doaram o tempo de brincadeira com a mamãe para que este trabalho fosse escrito.

A Juliano, meu companheiro de vida no amor, no teatro e nas aventuras, pelas trocas, pelo incentivo, por estar com nossas filhas nas minhas ausências e por ser inspirador.

Aos meus pais, por serem minha referência de amor, colo, apoio e por sempre estarem por perto.

Às minhas irmãs, por caminharem ao meu lado, mesmo em cidades diferentes, vibrando com minhas conquistas e sempre demonstrando carinho.

Aos queridos e inspiradores companheiros de arte do Teatro da Pedra: Ana Maria Malta, Fernanda Nascimento, Gustavo Rosário, Guilherme Teixeira, Priscila Matilde, Miriam Rios e Paula Nicolau, pelo caminhar junto na realização das vontades e dos sonhos.

À Marise Botti, querida amiga, que me ajudou revendo a escrita do projeto inicial e esteve sempre presente em outros tantos momentos, como o da qualificação.

Aos queridos amigos Olívia Lima e Michel Montandon, pelas tantas conversas, trocas, indicações e desabafos.

A André Magela, meu orientador neste projeto, pela generosidade, pelas indicações certeiras e pelos puxões de orelha que me mostraram novos lugares.

Aos professores Juliana Monteiro e Marcelo Rocco, pelas valiosas contribuições no processo de qualificação.

Aos colegas de trajetória dentro do curso, pelas conversas e trocas constantes.

Aos professores do PPGAC, pelos ensinamentos e inspirações.

A todos os servidores da UFSJ, que direta ou indiretamente contribuíram para realização do curso, mesmo que à distância, devido à pandemia de COVID-19.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Foto do espetáculo “Partidas” em Coronel Xavier Chaves 23
- Figura 2 – Foto da apresentação do espetáculo “Partidas” no Largo do Rosário em São João del Rei – MG 26
- Figuras 3, 4, 5 6 e 7 – Carta enviada à artista Fernanda por sua tia 28-32
- Figura 8 - Maria de Lourdes Souza Silva (tia de Fernanda Nascimento) em sua juventude em Emboabas 33
- Figura 9 – Amado José de Oliveira (tio de Fernanda Nascimento) 38
- Figura 10 – O rancho, Maria Perpétua de Souza Nascimento (mãe de Fernanda Nascimento) e Oracina Maria de Souza (avó de Fernanda Nascimento) 39
- Figura 11 – Da direita para esquerda: José Rita do Nascimento (avô paterno de Fernanda Nascimento), Maria Perpétua de Souza Nascimento (mãe de Fernanda Nascimento), Maria Nazaré de Souza (tia de Fernanda Nascimento) e uma prima sem identificação de nome 40
- Figura 12 – Foto da apresentação do espetáculo “Partidas”, em Coronel Xavier Chaves - MG. Em cena em cima da carroça, o ator Gustavo Rosário representando Chiquinho. À direita, a atriz Elis Ferreira representando Terezinha. À esquerda fundo, a atriz Fernanda Nascimento representando Sinhá Maria. À esquerda frente, a atriz Ana Malta representando Rosarinha 44
- Figura 13 – Foto da apresentação do espetáculo “Partidas”, no Largo do Rosário em São João del-Rei - MG. Em cena, à esquerda, Elis Ferreira representando Maria da Graça. À direita, a atriz Priscila Matilde representando Maria de Lourdes 48
- Figura 14 – Foto da apresentação de estreia de “Partidas”, no Teatro da Pedra 53
- Figura 15 – Foto da apresentação do espetáculo “Partidas” no Largo do Rosário em São João del Rei - MG. Em cena, ao fundo, a atriz Ana Malta representando Rosarinha. De costas, à frente, o ator Gustavo Rosário representando Chiquinho 57
- Figura 16 – Da esquerda para a direita, Priscila Matilde, Ana Malta, Guilherme Teixeira, Gustavo Rosário e Fernanda Nascimento 62
- Figura 17 – Foto do espetáculo “Partidas”, em São João del-Rei 93

SUMÁRIO

Introdução	11
Primeira parte	22
A narrativa	23
Os três toques do berrante - a abertura	24
A história de Carmem Lúcia	26
A história de Chiquinho	44
A história de Maria da Graça e Maria de Lourdes	48
A história de Rosarinha	56
A música	61
A dramaturgia	66
A encenação	70
O texto	71
Segunda parte	78
O interesse por histórias de vida atrelado ao jogo do teatro	79
Os caminhos da memória e sua relação com a identidade social	83
Reflexões sobre o trabalho doméstico no Brasil	87
Observações em relação ao espectador e a recepção do espetáculo	92
Considerações finais	100
Referências	103
Anexo 1 – Entrevistas das mulheres transcritas	107
Anexo 2 – Texto do espetáculo Partidas	172

RESUMO

Esta dissertação apresenta a análise do processo de construção dramática do espetáculo teatral “Partidas”, do Teatro da Pedra, grupo sediado em São João del-Rei, Minas Gerais. O foco de reflexão é o material que deu corpo ao espetáculo (as inspirações), bem como prováveis consequências existenciais de seu processo de construção e de suas exibições (as reverberações). Após a contextualização geral do espetáculo e o compartilhamento das referências usadas, são analisados assuntos transversais e imbricados à temática central, tais como: memória, identidade social, trabalho doméstico e relação do espectador com a obra. O espetáculo trata, principalmente, do êxodo rural feminino para as cidades grandes, que resulta no trabalho doméstico. Para a construção da obra, foram entrevistadas mulheres da cidade de Coronel Xavier Chaves, as quais passaram por essa experiência em suas vidas. Ademais, foram analisados os relatos dessas pessoas a partir de entrevistas realizadas no processo de confecção da obra, e também os relatos dos artistas envolvidos no espetáculo, que descreveram suas inspirações, conexões com a temática e suas escolhas dentro da construção da peça teatral.

Palavras-chave: Criação teatral. Trabalho doméstico. Memória.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the dramaturgical construction process of the play “Partidas” by Teatro da Pedra, a group based in São João del-Rei, Minas Gerais. The focus of reflection is the material that embodied the play (the inspirations), as well as the probable existential consequences of its construction process and its exhibitions (the reverberations). After the general contextualization of the play and the sharing of references used, cross-cutting issues intertwined with the central theme are analyzed, such as: memory, social identity, domestic work, and the spectator's relationship with the work. The play deals mainly with the rural female exodus to the big cities, which results in domestic work. For the construction of the work, women from Coronel Xavier Chaves city were interviewed, who went through such experiences in their lives. In addition, the reports of these people were analyzed from interviews carried out in the process of doing the work, as well as the statements of the artists involved in the play, who described their inspirations, connections with the theme, and choices within the construction of the play.

Keywords: Theatrical creation. Domestic work. Memory.

No território da escrita, qual o verbo do ator? (COLLA, 2019)

Introdução

A bênção a Marli, Vera, Luisa, Inácia, Elis, Léia, Dica, Cida, Zizica, Dorinha, Maria Aparecida, Dadinha, Rafaela, Tia Maria, Edilma, Helena da Conceição, Dalva, Aparecida, Maria da Conceição, Natalina, Dionísia, Pico, Inês, Maria José, Ana Albertina, Gabriela, Inácia Maria, Marília, Maria Ninfa, Helena do Sacramento, Dora, Maria da Trindade, Celma Maria, Eliana, Neide, Inês da Boa Morte e Vânia Rosaura.

Nosso Senhor, Virgem Maria e os santo tudo que tá no céu,
 Curai os mau olhado, as rendidura, as inveja e as feitiçaria
 Conserva as virtude em nome de Deus.
 Gai de arruda,
 gai de alfazema,
 gai de alecrim do mato e alecrim do campo. (...)
 Deus alumia em todos os cantos,
 em nome do fio e do Espírito Santo. Amém.
 (TP, 2021¹)

Este estudo pretende analisar o processo de construção dramatúrgica do espetáculo “Partidas”, criado no ano de 2021 pelo Teatro da Pedra – grupo profissional de teatro sediado na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, do qual sou cofundadora e no qual trabalho como atriz e arte educadora – bem como revelar suas inspirações, reverberações e conexões, tanto ligadas às referências do corpo artístico criador da obra quanto às temáticas transversais ligadas a esta. Para tanto, irei contextualizar de onde surge o primeiro movimento que nos inspira, enquanto artistas da cena, e que nos faz adentrar no universo da pesquisa e da criação do espetáculo: as histórias de mulheres, do interior de Minas Gerais, que deixaram sua terra natal para trabalharem em serviços domésticos em capitais ou cidades maiores, suas crenças, seus costumes, suas dores e suas trajetórias.

Descreverei de que modo, com base em um projeto educacional adaptado para ser realizado em ano pandêmico, deparamo-nos com um dado relacionado ao êxodo rural do

¹ Trecho do espetáculo “Partidas”. O texto integral da peça encontra-se em anexo.

interior de Minas Gerais e como essa informação nos levou à construção de uma obra de teatro que se pretende acessível a todos os públicos possíveis. Esse dado, que trata de uma região específica do Brasil, a pequena cidade de Coronel Xavier Chaves, representa outras tantas, o que amplia o conteúdo tratado para um status de questão nacional. Do ponto de vista geográfico e enquanto número de pessoas envolvidas no dado e na pesquisa, partimos do micro. Todavia, de repente, percebemos a representação de uma macro situação que, posso afirmar, retrata muitos dos interiores do Brasil.

No decorrer da análise, compartilharei e analisarei também as referências que se somaram à dramaturgia construída fundamentada nos depoimentos das mulheres de Coronel Xavier Chaves. Tratam-se das próprias histórias de vida e de familiares das quatro atrizes, um ator e um músico envolvidos na criação, os conteúdos literários trazidos pelos artistas para a sala de ensaio e o universo musical caipira que serviu como um importante mecanismo de ambientação da obra.

Em diálogo com reflexões que giram em torno do tema e dos subtemas do espetáculo, analisarei as escolhas feitas pela equipe criativa do Teatro da Pedra para a construção dramaturgicada do espetáculo. Para esse fim, meu olhar voltar-se-á às referências trazidas por cada artista criador para a construção das trajetórias dos personagens e de suas características e costumes. As transformações ocorridas nos relatos das depoentes considerados como originais, por outro lado, visam construir uma dramaturgia cenicamente eficiente e breves reflexões em diálogo com as temáticas apresentadas no espetáculo que reverberam e fazem reverberar no mundo atual.

É importante lembrar que este trabalho trata de um processo no qual estou diretamente envolvida enquanto atriz e arte educadora, por isso, certamente apresenta uma visão “de dentro”. Mas gostaria de olhar como potência esse lugar, como um exercício de esvaziamento de certezas que me revela lugares internos desconhecidos e cantos do meu trabalho que geralmente não vejo ou que conheço superficialmente. Um lugar para trombar, para apoiar, para descobrir fissuras, gretas, falhas e forças. Um lugar para me conectar com a zona de pesquisadora. Para confrontar a prática com a teoria, encontrar os porquês, os iguais, os divergentes, achar respostas e levantar perguntas... E, assim, construir uma escrita que registra a trajetória do espetáculo “Partidas”, do Teatro da Pedra, e mostra (ainda que sutilmente) minha busca pessoal na trajetória de pesquisadora.

No âmbito da visibilidade que uma pesquisa acadêmica pode trazer a um trabalho, ressalto a importância de deslocar o olhar e o estudo para uma produção feita por um

grupo de teatro do interior de Minas Gerais. Além disso, creio que a temática trabalhada traga para o centro das discussões uma parcela da sociedade que, muitas vezes, está à margem das criações artísticas e dos estudos acadêmicos: mulheres da zona rural.

Embora tenha consciência de que não “damos voz” a essas mulheres, pois as suas falas e suas narrativas estão estampadas dentro de nossas próprias casas, nos enredos de vida de nossas avós, tias, vizinhas e mães e arraigadas na história de formação do Brasil, proponho trazer à tona essas protagonistas através de um olhar respeitoso e de cunho valorativo, algo que celebre sua força e sua potência feminina, obviamente sem romantizar os abusos sofridos por elas. A história é implacável, e entregar sua própria vida ao encargo de outras pessoas, na maioria das vezes, é abdicar de coisas que podemos nunca mais resgatar em nosso percurso de existência. Mas ainda assim, construir uma trajetória primorosa de luta, conquistas e manutenção de sua própria cultura e saberes é, ao menos, louvável e digno da minha mais sincera admiração.

Ainda que eu não me disponha a aprofundar-me em dados a respeito do êxodo rural vivenciado nos últimos anos em Minas Gerais ou da raça da maioria das mulheres que protagonizam os trabalhos domésticos nas capitais, confio ser algo experienciado em muitas regiões do Brasil, em sua maioria por uma parcela negra e parda da sociedade. Arrisco ainda a afirmar que essa migração da zona rural para cidade grande para executar serviços ligados à servidão são parte de uma herança escravagista brasileira, que mantemos no decorrer dos anos até os dias atuais. A partir disso, este trabalho pretende também trazer à tona essa delicada temática. Estamos prontos para nos entender como um povo mantenedor de estruturas escravagistas dentro de nossas próprias casas?

Quem olha, olha de algum lugar, e esse lugar, muitas vezes, determina o olhar.
(COLLA, 2019, p. 25)

O lugar em que estou é a cidade de São João del-Rei, interior de Minas Gerais, onde vivi grande parte da minha vida. Foi aqui que cofundi o Teatro da Pedra, que me trouxe caminhos, perspectivas e encontros com muita gente... gente que inspira esta escrita. É daqui que eu falo, que eu escrevo e que eu olho. Então, trago uma contextualização do que cabe a esse meu lugar.

O Teatro da Pedra é um grupo que desenvolve um trabalho artístico – criação, produção e circulação de espetáculo teatrais – e um trabalho pedagógico – aulas de teatro, música e dança para crianças, jovens e adultos. Ademais, mantém, no município de São João del-Rei, uma sede, o Centro de Pesquisa em Arte e Educação – Teatro da Pedra.

Eu me ocupo do ofício de atriz profissional desde 2009 e da arte-educação desde 2007, tendo parado de dar aulas somente nos anos de 2014, 2017 e 2018 em detrimento dos cuidados para com minhas filhas. No ano de 2019, retomando meu trabalho como arte-educadora, comecei a dar aulas de teatro na cidade de Coronel Xavier Chaves em conformidade com o projeto Arte por Toda Parte, oferecido pelo Teatro da Pedra em parceria com a prefeitura do local. Além das turmas de crianças e de jovens, eu lecionava para uma turma de adultos no Bairro Vila Nossa Senhora de Fátima (local onde se localiza o centro afro COSNEC - Consciência Negra de Coronel Xavier Chaves) e para uma turma da terceira idade ligada ao grupo GAATI – Grupo de Amparo e Apoio à Terceira Idade. Sempre muito alegres e faladeiras, as senhoras se reuniam todas as terças-feiras para estar juntas, conversar, fazer artesanatos e aula de teatro.

Naquele ambiente acolhedor, sempre tinha café e chá de erva cidreira, bem docinhos, porque se não estivessem doces as pessoas poderiam falar que faltava açúcar em nossa casa. Tinha torradinha, pão, rosca, bolo, broa e, vez ou outra, tinha pamonha, que só dá certo se for feita com o fubá da marca “rocinha”, senão gruda tudo. Foi lá que eu aprendi que quando der a puxinha é que o doce está pronto. Que bananinha do brejo cura infecção de urina. Chapéu de couro é para reumatismo. Cipó cabeludo para problema de rins. Hortelã do campo para inflamação vaginal. Que jurubeba de cupim é bom pra quem tem problema de fígado. Erva de bicho para hemorroida. Ipê roxo para garganta inflamada. Rosa branca para problema de útero. Hemilionio para dor de cabeça e olho gordo. Carapiar do campo para resfriado. Congonha bugre para dor nas costas. Fedegoso para verme e barbatimão para dor de dente. Eu soube que uma daquelas senhoras viveu fora por quase quarenta anos, outra trinta, outra vinte e sete, outra cinco, outra doze, outra dezoito, outra trinta e nove anos, seis meses e cinco dias e outra nunca saiu de lá. São Paulo, Belo Horizonte, Volta Redonda, Brasília, Rio de Janeiro, Juiz de Fora... Que uma voltou para cuidar da mãe e que quando esta faleceu, assumiu a irmã de cinco meses como filha. Que a vizinha dela cuidou da amiga adoentada e que comadre é para essas coisas! Treze filhos, onze, quatro, cinco “de vez” e dois antes do tempo. Parto em cima do cavalo e hoje quatorze filhos, vinte e seis netos e onze bisnetos. Baixinho escutei quem pariu seis e perdeu seis, nenhuma “vingou”. Ouvi a história do pai carregando o caixãozinho do

próprio filho sem saber que era seu menino que tinha morrido porque ele trabalhava de caixeiro viajante. Da mãe que cozinhou farinha sem gordura e sem sal pra dar “pros menino” com fome. Soube que ela chorou escondido, mas que a filha mais velha viu e lembra até hoje. Aprendi receita de crochê, que só fica bom com a linha fininha, fininha, parecendo uma renda. Vi que tinha senhora que trabalhou com a enxada desde os sete anos e ainda catava lenha para vender. Que ouviu que escola é supérfluo. Que buscava inhame no brejo para ter o que comer. Não esses inhames bons de hoje em dia, não. Era inhame para porco, um roxo, sabe? Que deixava os meninos comerem e, se sobrasse, ela comia também. Que na hora de fazer o biscoito, escalda o polvilho antes, o queijo só põe no final. Que pode ser um ou dois copos de farinha e que se quiser pôr coco, pode pôr. Que se benzer as crianças, elas ficam boazinhas rapidinho. Põe a criança de cabeça para baixo, se um pé estiver maior que o outro, é quebranto. Descobri que algumas delas nasceram no quilombo Dom Silvério. Que tem que pôr uma pitadinha de sal no doce ou um chorinho de açúcar no salgado. Vi quem só sabia assinar o nome, quem estudou depois dos 17, dos 45, dos 26... e quem fez faculdade aos 63 anos. Quem aprendeu a ler olhando a bíblia, mas que escrever não sabe. Agora eu sei que alecrim faz o cabelo crescer e que deixa a gente mais alegrinha. Que broa assada no fogão à lenha fica melhor e que para dar certo, tem que pôr a brasa em cima da panela, senão um lado fica cru. Que dá para fazer boneca com espiga de milho e pau de bananeira. Que uma não sentiu falta de casa, porque a vida era difícil demais. Que agora é tudo mais fácil! Que com oito anos já dava para olhar as crianças mais novas, só era difícil de carregar, pois o menino era muito pesado. Que costurar para fora, só se fosse escondido do marido. Que para ir à escola, tinha que andar doze quilômetros. Que eram onze, agora são duas. Que tinham 84, 71, 56, 90, 92, 78, 67, 89, 66, 74 anos ...

Mergulhada nesse contexto, as aulas aconteciam com leveza e acompanhavam o ritmo da turma, que também gostava de fazer muitos passeios para encontrar outros grupos da terceira idade de cidades vizinhas. Fizemos muitas atividades no ano de 2019, e a animação para a continuidade do projeto em 2020 era grande.

Chega o ano de 2020, em que apenas alguns encontros aconteceram, e o mundo para devido à pandemia de Covid-19. Inicialmente, as falas em relação ao vírus amedrontavam principalmente as pessoas idosas e com comorbidades e, no intuito de oferecer alguma atividade possível, passei a ligar para meus alunos adultos e para as senhoras a fim de que pudéssemos conversar, saber como estavam se sentindo, para me contarem casos, distraírem-se. As ligações eram prazerosas e, em sua maioria, longas.

Sim, essa era uma forma de ainda me conectar a elas. Era possível desenvolver algum trabalho, mesmo que à distância.

Após uma reflexão junto ao corpo pedagógico do Teatro da Pedra, optamos pela execução de dois projetos, que seriam realizados via ligação telefônica e *whatsapp*, tomando o lugar das aulas de teatro. Eram eles:

- *Histórias e receitas* – recolhimento de histórias de vida de todas as participantes do grupo GAATI e compartilhamento de um quitute culinário que elas costumavam fazer em suas casas;
- *Gente de Coronel* – levantamento das histórias de vida e importantes feitos de moradores da cidade de Coronel Xavier Chaves que tiveram relevância para a comunidade em diversas áreas, principalmente ligadas à cultura popular.

Os projetos foram realizados por meio de entrevistas telefônicas gravadas, transcritas e, em seguida, transformadas em um texto sucinto, que era compartilhado nas redes sociais juntamente com a foto da(o) entrevistada(o). Dessa forma, mantivemos o vínculo com o grupo e alimentamos a interação entre os participantes, que passaram a conhecer ainda mais as histórias e gostos uns dos outros.

Durante a realização de ambos os projetos, começamos a perceber similaridades em algumas histórias, principalmente das mulheres que integravam o grupo GAATI. Percebemos semelhança no fato de elas terem nascido em uma cidade pequena do interior, algumas na zona rural, e terem se mudado muito novas para cidades maiores ou capitais para trabalharem como cuidadoras de crianças e domésticas, vivendo longe de suas famílias, amigos e cidade natal por cinco, dez, trinta, quarenta anos...

No decorrer do ano de 2020, isso era apenas uma constatação que não alterava o andamento do projeto pedagógico, e sim aparecia como um dado surgido mediante observação por uma determinada ótica, assim como outras informações que cada mulher compartilhava no que se refere à sua infância na roça ou a suas relações familiares. Como esses dados eram compartilhados nas redes sociais do Teatro da Pedra e da cidade de Coronel Xavier Chaves, muitas pessoas que acompanhavam o projeto assiduamente também fizeram analogias e identificações a partir de suas próprias percepções.

Em 2021, quando o núcleo artístico do Teatro da Pedra se reuniu para conversar sobre a montagem de um novo espetáculo, surgiu em nós a vontade de investigar mais este dado e de trazê-lo à tona através de um espetáculo teatral.

“Partidas” foi sendo criado por mim, Ana Malta, Fernanda Nascimento, Priscila Matilde e Gustavo Rosário; pelos músicos Rafael Wolbert e, posteriormente, Guilherme

Teixeira e pelo diretor e dramaturgo Juliano Pereira. Segundo Juliano, desde o início a ideia era fazer um espetáculo que fosse voltado para as pessoas da nossa região e para um público da terceira idade, principalmente por ele ter acompanhado de perto o projeto Histórias e Receitas e Gente de Coronel. Com isso, sentiu-se afetado pelas narrativas contadas pelas mulheres de Coronel Xavier Chaves.

(...) eu tinha a ideia de um universo, eu tava tocado por essas histórias das mulheres, assim... Me toca como cidadão, cada dia mais, essa exploração do trabalho (...) cada dia isso me incomoda mais (...) como eu faço um espetáculo de mulheres que... sobre mulheres que largam suas vidas para viverem na vida ou da vida... para cuidarem da vida dos outros (Juliano Pereira)².

Sendo assim, o convite tinha como objetivo fazermos um mergulho juntos, explorarmos e experimentarmos o universo em torno das histórias dessas mulheres, de suas famílias e de seus amigos e o ambiente do interior, da zona rural mineira, seus costumes, crenças, jeitos, linguajares e música.

No mês de fevereiro de 2021, quando foi iniciada a pesquisa em sala de ensaio, devido à pandemia de Covid-19, trabalhamos seguindo alguns protocolos de segurança. O treino corporal começou sendo feito em quadrados montados com piso emborrachado e espalhados pelo espaço de ensaio de forma que estivéssemos bem distantes uns dos outros. Todos nós estávamos de máscaras durante todo o tempo e fazíamos uso constante de álcool 70%. Esse dado se torna importante de ser relatado, pois o contexto de pandemia interferiu diretamente em como se deu o início do processo.

Assim como em outros espetáculos do Teatro da Pedra, iniciamos explorando os fatores de movimento, suas combinações e as dinâmicas de espaço propostas por Rudolf Laban. Era um jeito diferente de trabalharmos, à distância, buscando novos tipos de conexões, novas formas de estarmos juntos, sem nos tocar.

Quase concomitantemente, começamos a trabalhar com estímulos propostos pelo diretor Juliano Pereira, que se somavam ao que experimentávamos corporalmente. Um dos primeiros foi a escolha de uma música ligada à temática caipira, que trouxesse algum significado para nós. Cada ator ou atriz deveria apresentá-la para os demais sem que ela mesma estivesse ligada a uma história. Nesse momento, surgiram músicas tais como: “Cuitelinho”, de Paulo Vanzolini; “Colcha de retalhos”, de Raul Torres; “Lampião a gás”, de Inezita Barroso; “A majestade e o sabiá”, de Roberta Miranda; “Telefone mudo”, do

² Trecho da entrevista com o artista Juliano Pereira.

Trio Parada Dura; “É o amor”, de Zezé di Camargo e Luciano; “Fogão de lenha”, de Chitãozinho e Xororó; “Violeiro triste” e “Adeus meus pai”, de Rolando Boldrin; “Ah se Deus me ouvisse”, de Almir Rogério, dentre outras. Esse material foi servindo de inspiração e ambiência ao longo de todo o processo.

Além da música, foi feito um convite para que buscássemos na literatura autoras e autores que estivessem próximos à pesquisa e que dialogassem com o que tínhamos nos depoimentos das mulheres de Coronel Xavier Chaves. A entrada dessas autoras e autores aconteceu de forma bem livre, inspirando as atrizes e o ator de forma inicialmente individual e, posteriormente, compartilhada com o coletivo. Alguns deles foram Jarrid Arraes, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Adélia Prado e João Guimarães Rosa. Vale salientar também que, como a temática causava identificação em algumas atrizes, histórias familiares foram trazidas e compartilhadas com o coletivo, tendo servido como dado documental e como inspiração para criação de histórias ficcionais.

Em meio a esses estímulos e novas conexões feitas pelos envolvidos no processo, houve muito jogo e improvisação, elementos caros nas vivências de criação dentro do Teatro da Pedra. No depoimento de Juliano, ele explica um pouco mais sobre esse estado de criação coletiva no qual nos envolvemos, ora emergindo, ora mergulhando para fazer novas conexões, descartar descobertas e cavar caminhos.

Uma palavra que é muito forte como regra do nosso trabalho é o jogo, assim, o jogo que é... exige uma disponibilidade... (...) Então você entra num processo que você tem algumas coisas... nunca a gente está zerado, então, eu tenho algumas ideias que eu quero trabalhar lá, você tem as suas também, o outro tem as dele e a gente vai pra sala de ensaio, mas a gente vai sem saber qual é o produto final, nem como forma, nem como conteúdo. (...) Existe a coisa que está atravessando o Juliano, mas existe a coisa que está atravessando a Elis. E às vezes, a mesma coisa que está atravessando a Elis e o Juliano são pontos de vista diferentes dessa coisa. E essa coisa do verdadeiro trabalho da criação coletiva (...) quem é o autor desse negócio? Ninguém. Nenhum dos cinco. Ou são os cinco juntos. Isso só poderia ter acontecido... só aconteceu porque essas cinco pessoas, eu, você, Fernanda, Gustavo e Ana, mergulhamos nesse processo. (...) (Juliano Pereira).

Juliano cita cinco criadores iniciais, pois a atriz Priscila Matilde e o músico Guilherme Teixeira entraram após o processo já ter sido iniciado.

Como não era previsível o fim da pandemia e não sabíamos se conseguiríamos apresentar o espetáculo no ano de 2021, optamos por iniciar as improvisações e as construções de narrativas de forma individual. Desse modo, caso não fosse possível nos reunirmos para uma cena coletiva, teríamos histórias apresentadas como pequenos

monólogos a serem levados à porta da casa das pessoas juntamente com músicas tocadas ao vivo. Trata-se de um formato ao qual chamamos de seresta e que, inclusive, foi apresentado inúmeras vezes nos anos de 2021 e 2022.

Quatro histórias começaram a ser criadas individualmente. Três delas com o foco nas partidas para a cidade grande, e uma com o olhar de quem nunca parte, de quem nunca vai embora, de quem somente assiste às partidas.

Os personagens vieram surgindo: Carmem Lúcia, Chiquinho, as irmãs Maria da Graça e Maria de Lourdes e Rosarinha. Nem todos com esses nomes desde o primeiro momento, mas com elementos que foram permanecendo e contribuindo para a construção desses “eus” e de suas relações. Devagar fomos encontrando segurança para experimentar entrar na cena um do outro, interagir e contracenar, mas o fato de termos iniciado o processo desenvolvendo monólogos influenciou diretamente na construção da dramaturgia, que tem vários momentos de narrações e conversas diretas com a plateia.

No decurso do trabalho, os componentes malas e baús passaram a estar bem presentes, direcionando um caminho para o cenário. Em adição a isso, queríamos trazer o ambiente rústico que a madeira proporciona, aliado ao esmero tão comum às mulheres que desenvolvem trabalhos manuais: crochê, tricô, bordado... A carroça, sempre comum no interior, também entrou como um elemento a mais que ajudou a localizar os personagens e a contextualizar o ambiente onde eles vivem.

Num dado momento, percebemos a necessidade de fazer novas entrevistas com as mulheres de Coronel Xavier Chaves a fim de trazer mais informações que fossem próximas à realidade vivida por elas, contribuindo para a construção de uma dramaturgia que ora coloca as histórias lado a lado, ora funde uma com a outra, ora as atravessa. Isso além, é claro, dos já citados dados autobiográficos que cada envolvido no processo foi trazendo para a dramaturgia e que analisarei mais à frente.

Toda a construção da história de cada personagem foi feita pelo ator e pelas atrizes envolvidas na montagem do espetáculo, em diálogo com o diretor dramaturgo Juliano Pereira. Após termos as quatro histórias prontas, é que passamos a experimentar a forma de contá-las em uma única obra.

“Partidas” estreou no formato seresta no mês de julho de 2021 e no formato espetáculo em outubro do mesmo ano. Até o presente momento, segue em circulação por diversas cidades de Minas, além de ter sido apresentado nos estados da Bahia e de São Paulo. Algumas sessões especiais já foram realizadas, as quais são voltadas para a

população de Coronel Xavier Chaves. A respeito disso, posso asseverar que foi um encontro memorável.

É uma peça que envolve a gente. A gente se sente representado em várias passagens porque a gente está vivenciando essa história ali no interior, né. A nossa comunidade tem muito daqueles aspectos, então a gente se sente representado no que eles estão fazendo e com essa cultura muito popular que é tão gostosa e agradável, assim. (...) Tenho muitos parentes que fizeram esse processo de ir para cidade grande, construíram família e depois retornaram para cidade. E muitos conhecidos... eu percebi ali as histórias de parentes dos meus amigos, da época que eu estudava. Eu percebi que era deles que estava se tratando (...) reconhecendo até algumas falas que ficaram muito bem representadas aqui. (...) As músicas me lembravam de cara as questões da cidade, do Zé Carrero lá, o pessoal de Coronel, do congado. Só de convidar pra vir já dada essa sensação. (...) O momento mais legal que eu percebi foi o momento da dor que está presente no espetáculo. O momento da dor, da perda, que fica colocada ali e é uma dor muito comum nas famílias que vivenciam essas histórias. Então, apesar de toda alegria do espetáculo, o que mais me tocou foi exatamente aquele momento mais forte, de tristeza. (Fabio Vieira Pinto, professor de história em Coronel Xavier Chaves)³.

Para analisar o processo de construção do espetáculo “Partidas”, inicialmente trilhei o caminho de investigação do material ao qual tinha acesso imediato: os depoimentos realizados com nove mulheres integrantes do grupo GAATI, gravados em vídeo por mim e pela equipe de comunicação do Teatro da Pedra, quando a pesquisa do espetáculo necessitava de mais informações a respeito do êxodo de cada uma delas e selecionamos essas mulheres para recontarem suas histórias. Recontarem, porque durante a realização do projeto ‘Histórias e receitas’, em 2020, eu já havia ouvido todas as mulheres do grupo GAATI. Nessa ocasião, gravei os áudios das conversas para a escrita dos pequenos textos, que foram publicados em redes sociais, mas que descartei após a finalização do projeto. Tenho muita memória das narrativas desse momento, mas não a fonte com os áudios para acoplar a este trabalho. Já as entrevistas com as nove mulheres, realizadas durante o processo de montagem do espetáculo, foram transcritas e estão anexadas a essa dissertação, pois julgo que muitas das informações contidas nelas trarão ao leitor a ambiência de vida das depoentes e dados pertinentes ao conteúdo aqui estudado.

Outro material investigativo foi o texto da obra “Partidas” na íntegra, também disponibilizado anexo a esta dissertação, que apresenta o “trabalho final” da pesquisa

³ Trecho de um dos depoimentos do público do espetáculo.

artística realizada pelo Teatro da Pedra em torno dessa temática. A partir desse texto, consegui mergulhar nos detalhes e nas minúcias da construção de cada cena.

Para cardar todas as referências contidas nas construções das cenas e da dramaturgia final do espetáculo, entrevistei cada artista envolvido no processo de levantamento da obra, a fim de que compartilhassem suas referências para a confecção da história de cada personagem. Essas entrevistas não foram transcritas e anexadas a este trabalho na íntegra, somente alguns trechos que vão compondo o compartilhamento dos caminhos percorridos pelos artistas criadores. Os arquivos de áudio na íntegra se encontram na Biblioteca do Teatro da Pedra.

Para análise neste trabalho, acessei também alguns vídeos de depoimentos do público, após assistir ao espetáculo, gravados pela equipe de comunicação do grupo. Os áudios que contêm este material também estão disponibilizados nos arquivos do Teatro da Pedra.

Com essas informações, organizei esta dissertação da seguinte forma: na primeira parte, apresento a descrição da peça junto às referências usadas por cada artista para a confecção das cenas. Neste ponto, também são apresentadas as características do processo relacionadas à música, à dramaturgia, à encenação e ao texto. Na segunda parte, apresento textos com assuntos que dialogam de forma argumentativa com temas transversais à obra tais como: histórias de vida, ficção, memória, identidade social, reflexões em torno do trabalho doméstico no Brasil e recepção do público.

Longe de encontrar verdades absolutas, proponho-me a investigar as conexões possíveis, encontrar os pares e os ímpares e corroborar com a escrituração da análise do processo de construção do espetáculo “Partidas”, do Teatro da Pedra, bem como ampliar a discussão com temas transversais à obra. Friso a importância do registro no que diz respeito a gerar documentação em torno das produções do grupo que ocupa o interior mineiro.

Primeira parte

A narrativa

Figura 1 – Foto do espetáculo “Partidas”, em Coronel Xavier Chaves.



Fonte: Thaís Andressa, 2022.

O artista, em conexão com o mundo ao seu redor, afeta e se deixa afetar. Logo, o resultado desse encontro, muitas vezes, é o que o move a iniciar uma criação.

No caso do espetáculo “Partidas”, conforme mencionado anteriormente, por meio de um projeto pedagógico realizado pelo Teatro da Pedra em que fomos conhecendo as histórias de várias mulheres da pequena cidade de Coronel Xavier Chaves, fomos nos sensibilizando em torno da temática da migração, principalmente feminina, do interior para a capital. Em pouco tempo, o reconhecimento de que adentramos num lugar muito familiar foi nos envolvendo e, a todo momento, era possível fazer conexões com nossas próprias trajetórias de vida ou com as trajetórias de nossos familiares.

Além dessa conexão, que posso afirmar ser de cunho biográfico e autobiográfico, também nos conectamos a outras referências da literatura e da música, as quais nos traziam a ideia de aproximação com a temática trabalhada. A escolha desse material foi feita sempre de forma individual dentro do processo e, em sala de ensaio, tudo ia se misturando com ingredientes diversos que, no fim, iriam compor a peça de teatro.

Como atriz que compõe o elenco, via-me fortemente envolvida e atenta à minha trajetória dentro do trabalho, mas com noção de apenas uma parte dele, já que tantos outros criavam junto comigo, mas não compartilhavam todas as suas referências. Ao adentrar na pesquisa para esta dissertação, percebi a necessidade de entender mais o todo da construção da obra, os percursos trilhados por cada atriz, ator e músico e como estávamos sozinhos e juntos nessa criação.

Minha escolha foi entrevistar meus colegas de jornada, um a um, para que eu pudesse entender, desmistificar e conhecer os percursos e os percalços percorridos por eles, como o que ficou, o que foi jogado fora e qual era o pensamento de cada um em relação aos personagens e a dramaturgia que vinha sendo construída. Esse encontro, posterior à criação, informou-me muito a respeito de detalhes que, certamente, eu não tinha tido acesso num primeiro momento e que são de suma importância quando pensamos na análise do espetáculo.

Então, para compor o início do trabalho e localizar os leitores em relação à obra e às referências, apresentarei a seguir a descrição das cenas do espetáculo “Partidas”. Também compartilharei os caminhos percorridos por cada artista envolvido na construção do espetáculo.

Os três toques do berrante - a abertura

O berrante dá o primeiro toque. As atrizes, o ator e o músico se posicionam em roda para juntos “rezarem” antes do início do espetáculo.

Eu uno a minha mão à sua e o meu coração ao seu para que juntos possamos
fazer aquilo que eu não posso fazer sozinho. Merda! (Autor desconhecido)

Dois toques do berrante e, aliada a isso, a ambientação sonora de uma boiada que passa guiada por vaqueiros. O elenco, ainda fora do palco, declama versos rimados em tom enfático.

Atriz 1: Minha gente tão distinta
que nessa plateia está
O Teatro da Pedra, com muita alegria,
uma história vai te contar

Atriz 2: Somos artistas nascidos e criados
Nessas terras tão gerais
Em nossa alma trazemos

A arte do teatro que tão feliz nos faz

Atriz 3: Viemos falar do nosso povo
Que nasceu no interior
Mas depois partiu pra longe
Pra mostrar o seu valor

Ator 4: Essa é a história de uma gente
Que procês que tá aqui deve ser familiar
Gente que nasce, cresce e trabalha
E passa a vida lutando pra poder continuar

Atriz 5: Entre chegadas e partidas
Digo sem medo de errar
É no repicado da viola
Que o teatro vai começar

(Teatro da Pedra, 2021)⁴

Para a construção desses versos, inspiramo-nos nas locuções de rodeio que estão presentes nas festas de exposição agropecuária de Minas Gerais e nos versos típicos cantados por violeiros e contadores de causos. O conteúdo visa chamar a atenção do público, identificar os personagens interioranos de Minas Gerais e introduzir a temática do êxodo rural.

Em seguida, o elenco toca e canta a música “Ribeirão encheu”, de Pena Branca e Xavantinho, seguindo em cortejo rumo ao palco, onde canta e dança animando o público. No fim da música, os três toques do berrante. O espetáculo vai começar!

⁴ Trecho do espetáculo “Partidas”.

A história de Carmem Lúcia

Figura 2 – Foto da apresentação do espetáculo “Partidas”, no Largo do Rosário em São João del-Rei – MG.



Fonte: J. Viegas, 2022.

A primeira personagem apresentada para o público é Carmem Lúcia, criada pela atriz Fernanda Nascimento. Sua história aparece na dramaturgia em uma trajetória fora da ordem cronológica, seguindo a ideia de que as passagens de sua vida são apresentadas como *flashes* de memória, além de alguns momentos de sonho.

No instante inicial, após o término do cortejo, Carmem Lúcia, que inicia o espetáculo em idade avançada, fica sozinha em cena e começa uma conversa direta com alguém da plateia. Nesse momento, a atriz improvisa casos acontecidos com ela em sua infância na roça e apresenta para o público sua forte relação com o rádio e com a música, grandes paixões de sua vida. Enquanto ela conta como foi o seu primeiro contato com um rádio, objeto pelo qual seu tio relata ter brigado em uma venda chamada Bar do Seu Alcendino, a cena acontece no palco executada pelos atores que haviam saído e retornaram como outros personagens. Essa dinâmica de atuação acontecerá durante todo o espetáculo, quando apenas a mudança de um elemento da indumentária sinalizará a troca de personagem.

Em seguida, tudo se transforma em um estúdio de rádio, onde está sendo tocada a música “Menino da porteira”, de Teddy Vieira, como vinheta. Então, a radialista anuncia a próxima grande atração, a mais nova revelação da música brasileira. Carmem Lúcia aparece feito uma cantora famosa e canta “Violeiro Triste”, de Alvarenga e Ranchinho, junto a assistentes de palco e uma iluminação voltada para ela. Da mesma forma que a rádio surge e a apresenta como uma estrela, ela desaparece desfazendo-se na frente do público para mostrar Carmem em sua infância, sempre com o rádio nas mãos a ouvir toda a programação disponível.

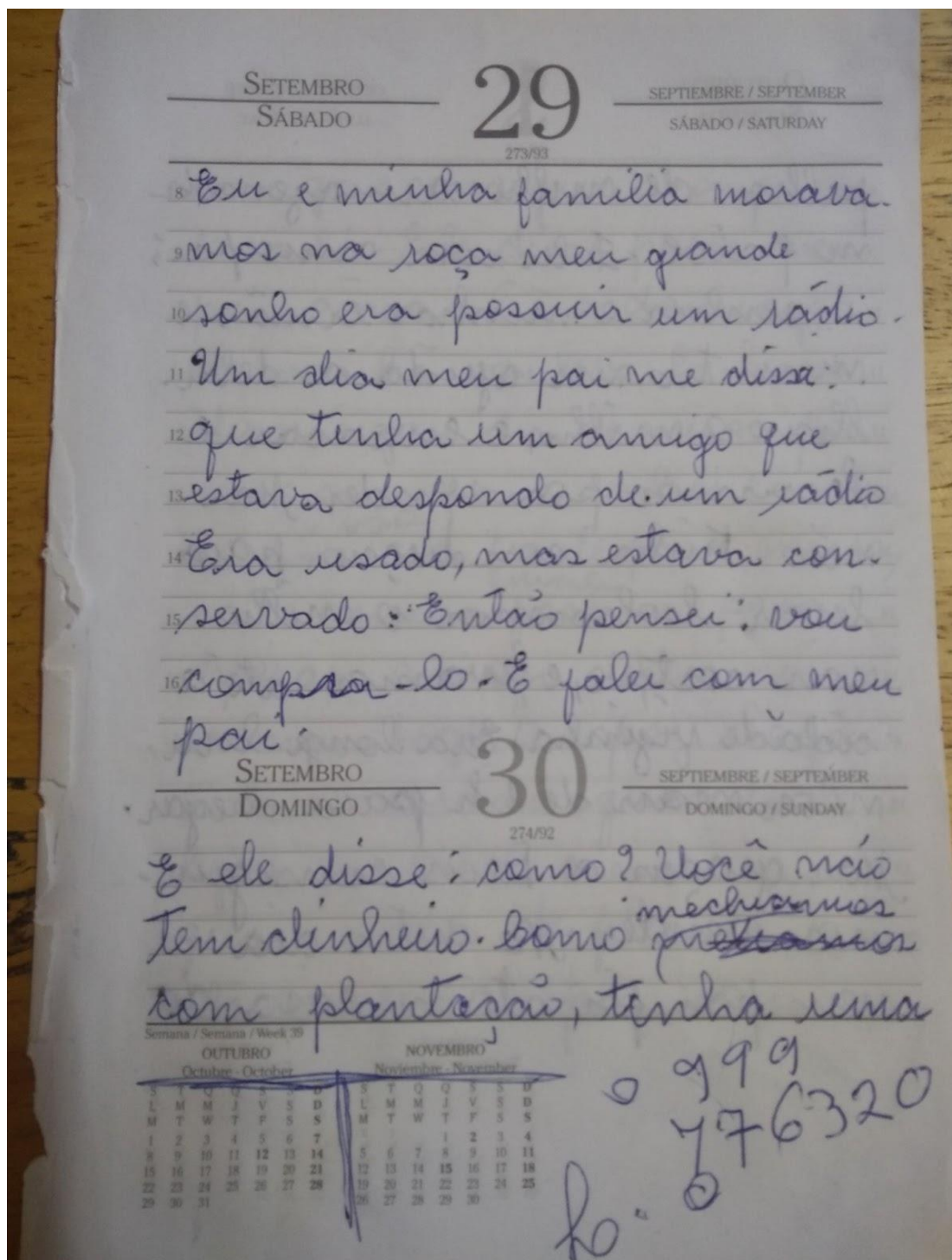
Para a construção da personagem e das cenas que contam a história de Carmem, Fernanda buscou muitas referências em sua própria família, nascida e criada em Emboabas, distrito de São João del-Rei - MG.

Uma coisa que me trouxe muita referência de mulher e do interior foi olhar para a história da minha família. Fui na casa de uma tia e ela gosta muito de contar histórias. Depois de me contar várias, eu pedi que ela escrevesse as histórias. Ela escreveu três. A do nascimento dela e da irmã gêmea, uma vez que ela foi pra igreja e perdeu um sapato e a história de como o rádio chegou na casa dela. (...) A história do rádio me dava possibilidade dentro da criação, então começamos a improvisar. (...) Eu criei um texto com a história do rádio junto. (Fernanda Nascimento)⁵.

A seguir, a carta que Fernanda recebeu de sua tia e uma foto dela jovem em Emboabas.

⁵ Trecho da entrevista com a artista Fernanda Nascimento.

Figuras 3, 4, 5 6 e 7 – Carta enviada à artista Fernanda por sua tia.



OUTUBRO
SEGUNDA

1

OCTUBRE / OCTOBER
LUNES / MONDAY

275/91

8 pilha de milho armazenada
9 no paiol. Falei com meu pai,
10 o senhor e minhas irmãs e
11 meu tio me ajuda a debri-
12 lhar o milho, e ensacar e
13 levamos pra vender. Mas
14 não tinha condução para
15 levar, colocamos o milho
16 nas costas, e levamos até a
17 cidade vizinha. Era longe leva-
18 mos mais de 1 h para chegar.
19 Mas graças a Deus consegui-
20 mos vender. No outro dia
meu pai foi até a casa do

Semana / Semana / Week 40

SETEMBRO Septiembre - September							OUTUBRO October - October						
S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D
L	M	M	J	V	S	D	L	M	M	J	V	S	D
M	T	W	T	F	S	S	M	T	W	T	F	S	S
				1	2		1	2	3	4	5	6	7
3	4	5	6	7	8	9	8	9	10	11	12	13	14
10	11	12	13	14	15	16	15	16	17	18	19	20	21
17	18	19	20	21	22	23	22	23	24	25	26	27	28

OUTUBRO
TERÇA

2

276/90

OCTUBRE / OCTOBER
MARTES / TUESDAY

8 Amigo e conseguiu comprar
9 o rádio. Ele disse, para meu
10 pai, amanhã e domingo,
11 de manhã vou leva-lo. Bem
12 domingo é dia de missa, falei
13 com meu pai, o senhor e minhas
14 ^{vai} mães ^{na} frente para missa,
15 eu e minha ficaram para
16 esperar o moço depois nós
17 vamos. Logo, o rapaz chegou.
18 Estalou o rádio, quando ele
19 ligou que ouvi a música,
20 quase morri de felicidade.
S Assim que o rapaz saiu

Semana / Semana / Week 40

NOVEMBRO
Noviembre - November

S	T	Q	Q	S	S	D
L	M	M	J	V	S	D
M	T	W	T	F	S	S
			1	2	3	4

DEZEMBRO
Diciembre - December

S	T	Q	Q	S	S	D
L	M	M	J	V	S	D
M	T	W	T	F	S	S
					1	2
			6	7	8	9

999422852
 OUTUBRO
 QUARTA

3 *Restante*
 OCTUBRE / OCTOBER
 MIÉRCOLES / WEDNESDAY
 277/89

8 minha disse, vamos, senão
 9 vamos chegar atrasadas.
 10 chegando na igreja disse para
 11 minhas amigas, façam o jôco
 12 eu ouvi a música primeiro que
 13 vocês. Quando chegamos em casa,
 14 a primeira coisa que fiz foi
 15 legal lo.

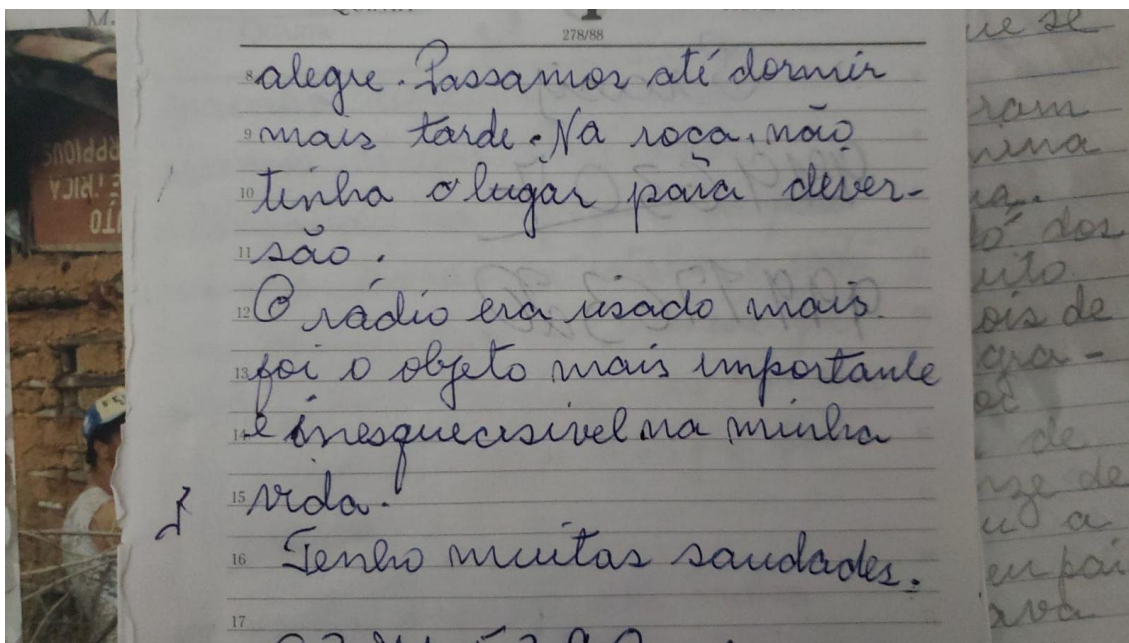
16 A partir daquele dia nossa
 17 vida ficou muito mais alegre
 18 ouviamos músicas, ouvia
 19 novela, até dançarmos
 20 quando tocava uma música

R L 1000
 280

 720

Semana / Semana / Week 40

SETEMBRO							OUTUBRO						
Septiembre - September							Octubre - October						
S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D
L	M	M	J	V	S	D	L	M	M	J	V	S	D
M	T	W	T	F	S	S	M	T	W	T	F	S	S
					1	2	1	2	3	4	5	6	7
3	4	5	6	7	8	9	8	9	10	11	12	13	14
10	11	12	13	14	15	16	15	16	17	18	19	20	21
17	18	19	20	21	22	23	22	23	24	25	26	27	28
24	25	26	27	28	29	30	29	30	31				



Fonte: acervo pessoal.

Figura 8 - Maria de Lourdes Souza Silva (tia de Fernanda Nascimento) em sua juventude em Emboabas .



Fonte: Foto do arquivo pessoal de Maria Perpétua de Souza Nascimento.

Além da história ouvida, Fernanda também disse ter se conectado com o universo musical de seus tios. Tio Amado, pertencente à Folia de Reis, e tio Januário, que tinha uma dupla sertaneja que tocava na rádio.

Eu juntei tudo numa pessoa só para trazer as referências para o personagem Tio Amado que acompanha a Carmem e possui forte ligação com ela através da música. (Fernanda Nascimento)⁶.

Apresentada sua relação com o rádio, a cena a seguir é a de Carmem jovem, despedindo-se do pai e da mãe quando decide ir embora para a cidade grande. Mais uma vez, ela canta, como se a expressão de seus sentimentos estivesse sempre através da música. Para esse momento, a música escolhida foi “Adeus meu pai”, de Rolando Boldrin.

O pai e a mãe de Carmem são personagens bem caricatos. O primeiro, um grande contador de histórias que confunde a verdade com a mentira; a segunda, uma mulher extremamente preocupada e religiosa, que se comunica, prioritariamente, por ditados.

(...) a mentira e o causo estão muito ligados à minha família. Minha tia parece que não esquece, tem a memória muito boa, a tia Lourdinha. Ela conta muita história com muito detalhe. Ela lembra, ela repete. (...) E tem um tio mais velho que conta umas histórias que eu sempre pensei que era mentira. (Fernanda Nascimento).

Para a construção do personagem do pai de Carmem, papel feito por mim, mergulhei em uma pesquisa em torno dos contadores de causos que estão tão próximos de nós. Por estar sempre em contato com pessoas da zona rural devido ao trabalho pedagógico do Teatro da Pedra, passei a observar homens com essa característica, a ouvir os seus casos e a anotar histórias que poderiam ser usadas no personagem. Através da internet, tive contato também com um grande contador de história de Goiás, chamado Geraldinho, que possui diversos vídeos disponíveis no *youtube* nos quais narra situações peculiares da zona rural. Foi também nessa mesma plataforma que passei a acompanhar um mineiro contador, chamado Seu Deigo.

A personagem da mãe de Carmem foi construída pela atriz Priscila Mathilde, que optou por usar em todas as suas falas ditados populares muito comuns no universo do interior. Em busca do repertório, ela acessou o que guardava na memória de uma infância em zona rural na cidade de Nossa Senhora dos Remédios, sua cidade natal, fez buscas na internet e também em seu núcleo familiar.

Devagar se vai ao longe. Ih, minha vó falava isso demais! O céu covado é chão moiado, nossa, meu avô falava demais da conta. Cara de um, fucinho do outro, direto minha família falava. É a mais! (Priscila Matilde)⁷.

⁶ Trecho da entrevista com a artista Fernanda Nascimento.

⁷ Trecho da entrevista com a artista Priscila Matilde.

Seguindo a dinâmica de fatos não cronológicos, a cena seguinte mostra Carmem na cidade grande trabalhando em uma fábrica. Muito barulho, correria e conversas durante o trabalho nas máquinas. A agitação da cidade apresentada difere-se bastante da calma e sutileza anteriormente vista quando Carmem ainda morava em sua cidade no interior.

Ao fim do expediente na fábrica, toca a sirene e o corte é feito para uma cena em que Carmem é uma vendedora de diversos utensílios, no caminhão da economia. Aqui a referência veio através de histórias ouvidas em uma conversa trivial em São João del-Rei entre a atriz Fernanda Nascimento e os jovens meninos que chegam nos caminhões de mercadorias. Muitos deles são menores de idade e saem de outros estados para se tornarem vendedores pelo país, dormem nos caminhões onde trabalham ou em casas coletivas, não têm férias e visitam seu lar somente duas vezes ao ano, caso tenham vendido o suficiente. Esse encontro ocorreu durante o processo de montagem do espetáculo, em que estávamos atentos a essa temática.

Um dia eu tava passando no centro [de São João del-Rei], tinha um rapazinho vendendo meia, inclusive eu vi ele esses dias fumando, de novo ele tá aqui em São João (...) e eu fui comprar. Eu vi um menino muito novo aí eu falei: moço, quantos anos cê tem? Aí ele falou: quatorze. Eu falei: quatorze? Ah tá cê mora aqui em São João? Ele falou não, eu venho para cá e eu fico aqui quatro meses. Aí eu falei: você vem com a sua mãe, com seu pai? Ele falou: não, vem um monte de homem junto pra poder fazer essas... vender meia, vender cobertor, vender tudo (...) Aí eu falei: você estuda? E ele falou: não, eu não estudo porque eu tô seis meses lá, seis meses aqui, sabe. E aí eles ficam... quando é assim eles vêm pra ficar numa casa é... alugam uma casa e eles ficam juntos fazendo esse trabalho de... de ambulantes, né, ali no centro de São João. Aí eu achei muito... assustou porque é isso, né, imagina, quatorze anos, vem pra cá com outros homens, sem mãe, sem pai, sem ninguém, pra trabalhar. (...) Aí pra criar a cena a gente lembrou disso, mas é... e aí a gente partiu pra outras coisas, isso foi uma das coisas que fez a gente trazer o caminhão da economia mesmo. (Fernanda Nascimento).

Esse tipo de comércio era muito comum também nas cidades grandes e era uma forma de sustento de muitas pessoas que vieram do interior para tentar ganhar a vida. Na cena, mostramos a prosperidade e a queda nesse trabalho de Carmem. O momento em que ela tem muitos produtos a serem ofertados a diversos clientes se transforma naquele em que ela é lentamente engolida por outros comércios (feiras e *megastores*) que vão surgindo com mais variedades e menor preço. Trata-se de uma referência às grandes redes, que cada vez mais absorvem os pequenos comércios. Ao fim da cena, com o cansaço daquela mulher que luta para se manter na cidade grande, aparece novamente a

música que, de certa forma, a faz lembrar quem ela é. Baixinho, Carmem canta “Violeiro Triste” de Alvarenga e Ranchinho.

Canta, canta bem te vi
 Pra mim ouvir
 Canta, canta sabiá
 Pra me consolá
 Que a tristeza e a sode
 Tão me fazendo chorar
 Que a tristeza e a sode
 Tão me fazendo chorar.
 (...)

(ALVARENGA E RANCHINHO, 1937).

A história de Carmem continua mostrando diversos trabalhos, formações e atividades que ela realizou durante o tempo em que esteve na cidade grande: aula de datilografia, curso de enfermagem e de “Como subir na vida em sete passos”, trabalho no hospital, etc.

Nas entrevistas com as mulheres de Coronel Xavier Chaves, ouvimos a história de Dona Luisa que, em sua trajetória, retomou os estudos e mudou de profissão, tendo alcançado uma situação de vida mais confortável.

Eu frequentei a escola aqui em Coroas até a quinta série. Só que eu não prestei as provas finais e aí ficou assim. Eu voltei a estudar já depois de casada e de ter os meus filhos. Eu fui fazer o supletivo. Aí depois eu tava em Belo Horizonte e fiz o curso de enfermagem. Trabalhava em casa de família durante o dia e depois de noite ia pra escola pra fazer enfermagem. Em 78 eu me formei e fui trabalhar em São Paulo já em hospital. (Luisa Bernarda Lara)⁸.

Além dela, outras mulheres com quem tivemos contato também participaram de cursos, frequentaram universidades e formaram suas próprias famílias. Queríamos também retratar esse lado da história, um lado de uma ascendência no que diz respeito à trajetória escolar e de trabalho dessas mulheres.

No último emprego mostrado na cena, o trabalho em um hospital, aparece um dos pacientes da enfermagem perguntando o nome da enfermeira. Carmem, ao responder a ele, lembra-se do seu nascimento e o vê acontecer em sua frente. Um parto realizado em cima de um cavalo, no espetáculo representado por um baú de rodas, enquanto o pai e a mãe de Carmem buscavam por uma parteira para ajudá-los. Para que a criança nascesse, a imagem é de seu tio Amado, tocando “A noite do meu bem”, de Dolores Duran. O nome

⁸ Trecho da entrevista com Luisa Bernarda Lara, uma das mulheres entrevistadas.

da criança é escolhido pelo tio, que batiza a menina com o homônimo de uma grande cantora dos tempos do rádio.

A ideia do cavalo é baseada na referência trazida por Marta Maria, Dona Zizica, que em seu depoimento disse que Joana Rosa, parteira muito conhecida na região de Coronel Xavier Chaves e que realizou todos os seus partos, ia a cavalo atender as mulheres que precisavam de sua ajuda.

Depois chegou um fazendeiro lá “oh, Joana Rosa, eu vim buscar você que a minha esposa tá passando mal, vai ganhar agora”. “Eu não posso porque eu torrei café hoje, eu não posso não. Eu não posso tomar friagem, não”. Aí “não, enrola, agasalha bem”. E o cavalo dela também, né!? O homem trazia um cavalo pra ela montar também. Ele montava num cavalo e trazia outro pra ela. (Marta Maria)⁹.

Após a cena de nascimento, o espetáculo mostra o cotidiano da família de Carmem na roça, momento em que sua mãe cozinhava no fogão à lenha, seu pai contava seus causos na rede que ficava pendurada na varanda e seu tio Amado tocava canções para todos ouvirem. Outros detalhes da casa e dos cheiros sentidos estão presentes na narração, ajudando na ambientação daquela lembrança. Uma vassoura de alecrim do mato e rosmarinho, cujo cheiro pode ser sentido pelo público, varre o palco.

Quando estávamos no processo de montagem, três imagens foram muito importantes para que eu criasse o lugar de onde eu estava falando. Eu peguei essas fotos com a minha tia. (...) Um dia eu estava estudando e comecei a pensar as coisas que eram muito presentes no interior, palavras, o jeito que a minha mãe falava, aviso da igreja, folia de reis... (Fernanda Nascimento)¹⁰.

As fotos citadas por Fernanda são as seguintes:

⁹ Trecho da entrevista com Maria Marta, uma das mulheres ouvidas.

¹⁰ Trecho da entrevista com a artista Fernanda Nascimento.

Figura 9 – Amado José de Oliveira (tio de Fernanda Nascimento).



Fonte: Foto do arquivo pessoal de Maria Perpétua de Souza Nascimento.

Figura 10 – O rancho, Maria Perpétua de Souza Nascimento (mãe de Fernanda Nascimento) e Oracina Maria de Souza (avó de Fernanda Nascimento).



Fonte: Foto do arquivo pessoal de Maria Perpétua de Souza Nascimento.

Figura 11 – Da direita para esquerda: José Rita do Nascimento (avô paterno de Fernanda Nascimento), Maria Perpétua de Souza Nascimento (mãe de Fernanda Nascimento), Maria Nazaré de Souza (tia de Fernanda Nascimento) e uma prima sem identificação de nome.



Fonte: Foto do arquivo pessoal de Maria Perpétua de Souza Nascimento.

O caso contado pelo pai de Carmem vem do nosso contato constante com a lenda da bola de fogo ou Mãe do ouro, que é muito conhecida e comentada em nossa região aqui em Minas Gerais. Trata-se de uma bola de fogo que é vista nas zonas rurais e que age de várias formas, dependendo do contador do “causo”. Algumas versões são as seguintes: que a bola de fogo aparece e corre atrás das pessoas até chamuscá-las; que a bola dá um coro em quem se atreve a sair de casa para ir a festas durante o período da quaresma e semana santa; que é a mãe do ouro, a qual sabe onde existem tesouros escondidos e protegia os escravos. Conta-se até mesmo que se trata de uma menina virgem, que fazia parte da Irmandade Filhas de Maria e vaga com uma fita vermelha no pescoço pedindo para que as pessoas a tirem depois de ela ter cometido um pecado grave e ter sido enterrada com o adereço. Por se tratar de um caso extremamente conhecido na região, a escolha dele traz para a obra uma maior localização sobre qual região de Minas estamos abordando.

Nessa mesma cena, ocorre também a visita de um pretendente de Carmem, Antonio da Bília.

Os nomes que a gente foi colocando, quase todos, eram de referências da minha infância na zona rural. Bília é a prima da minha mãe, nem casada ela é, mas colocamos o nome dela na peça casada com o Antonio. Tiburço era o dono de um terreno. Bar do Seu Alcendino existia. (Fernanda Nascimento)¹¹.

Antonio tem interesse em se casar com a jovem e pede autorização ao pai dela. Como resposta, Geraldinho diz que a filha que tem que decidir por si, pois ela já está grande. Carmem opta por não se casar, pois ainda tem muita coisa para viver.

Para a construção dessa cena, há duas inspirações: o próprio pai de Fernanda, que, segundo ela, constantemente afirma: “é ela que sabe, pergunta pra ela porque ela já tá grande”, e o relacionamento de Vera Lúcia Silva com o seu pai.

Na entrevista, ela conta muito sobre essa relação e de como ele ficou triste quando ela e as irmãs partiram para a cidade grande. O pai de Vera não via o casamento das filhas como uma opção para que elas “tivessem suas próprias coisas” (Vera Lúcia¹²). Mesmo sofrendo com a distância, ele queria que cada uma optasse e seguisse seu próprio caminho.

(...) eu saí pra trabalhar e meu pai não morava aqui, morava em Mangaratiba. Quando a gente voltou em dezembro ele disse: Minhas filhas, eu não queria

¹¹ Trecho da entrevista com a artista.

¹² Palavras de Vera Lúcia, uma das mulheres entrevistadas.

que vocês saíssem pra trabalhar, mas vocês fazendo pra sustentar vocês, pras coisas de vocês, já tá muito bom. (...) meu pai, ele até sumia quando a gente ia embora. A gente não via ele... para não despedir. Mas a gente tinha que trabalhar e aqui não tinha trabalho. (Vera Lúcia)¹³.

Continuando a encenação da história de Carmem, mais uma vez aparece a radialista como se estivesse narrando alguns pontos de sua vida. Carmem canta “Serra da Boa Esperança”, de Lamartine Babo, música com o mesmo nome de sua terra e o clima é de saudade de suas origens.

A próxima cena acontece em uma rodoviária e apresenta quatro novos personagens: Maria da Graça, Chiquinho, Rosarinha e Maria de Lourdes. Todos estão esperando na plataforma com malas nas mãos. Maria da Graça está sozinha, não consegue ler o letreiro dos ônibus e acaba recebendo ajuda de Rosarinha, que está indo embora e se despede de Chiquinho. Maria de Lourdes está esperando uma condução em silêncio.

Nesse momento, os personagens se encontram na rodoviária, mas não sabemos em que tempo cada um está, com que idade, quem está indo ou quem está voltando. É como se, através desse instante, ampliássemos essas histórias como sendo possíveis de acontecer com milhares de mulheres.

Na ocasião seguinte, a cena é a de Carmem colocando seus três filhos para dormirem. Ela conta uma história e, ao parar de contá-la, passa a ver e a ouvir seu pai contando. A realidade se mistura com a lembrança e já não sabemos que tempo está sendo encenado. Fernanda, em sua entrevista, revelou que a história dessa cena foi ouvida por ela inúmeras vezes quando criança. Era um caso de um familiar dela, que tinha caído do cavalo.

A seguir, um após outro, os atores começam a ler cartas como se estivessem falando com seus familiares, dando notícias de suas vidas na cidade grande e demonstrando a saudade que sentiam.

Em todos os depoimentos recolhidos para a montagem do espetáculo, as entrevistadas disseram-nos que se comunicavam com seus parentes via cartas. umas mais, outras menos, mas esse era o meio de comunicação mais usado. Pedimos que elas nos emprestassem algumas dessas correspondências, mas nenhuma as tinha guardado. A decisão então foi a de criar trechos de cartas baseados nos depoimentos e que são lidas no espetáculo.

¹³ Trecho da entrevista com Vera Lúcia, uma das mulheres ouvidas.

Mãe: Pai, mãe, meu coração tá que é moendo de saudade de vocês dois, da roça, principalmente da comida... o povo aqui num come bem não, viu, e tem muita gente que morre de fome, que num tem um pedacim de terra pra plantar nada. Mas eu tô firme aqui, tô bem, pra tudo na vida dá-se um jeito, como a senhora diz né mãe, quem não arrisca não petisca e bora pra frente que atrás vem gente!

Carmem: ...eu encontrei com a Marta, filha da Vera, aquela que veio na mesma época que eu pra cá. Ela continua trabalhando de doméstica. Eu chamei ela pra fazer o curso comigo, mas o horário dela não dá. Fim do ano eu levo meu convite de formatura procês.

Mulher: ... meu filho nasceu prematuro, deu muitos problemas. Então meu tempo ficou pouco, ainda mais que eu sou sozinha pra cuidar dos três. Agora já tá tudo bem, mês que vem a gente vai pra nossa casa e vai sair do aluguel.

Homem: ... igualzinho ocê, quando põe uma coisa na cabeça não tira. Diz que quando acabar o colégio vai aí morar com o vô e a vó. Cês aceita ele aí? Já a Claudia, tá terminando a faculdade no exterior. Ô menina estudiosa!

Pai: Eu tô aprendendo muita coisa, pai, conhecendo muito lugar... Mas eu queria mesmo era poder um dia trazer ocê e a mãe pra ver as coisas diferente que tem aqui na cidade grande. Assinado, Carmem.

(TP, 2021)¹⁴.

Por fim, o espetáculo mostra a cena de trabalho e a festa na comunidade onde Carmem vivia. Ela e sua família cantam e dançam ao estender lençóis nos varais montados no palco. Esse movimento causa uma mudança estética no cenário que fará parte da próxima cena. Carmem está novamente sozinha no palco e conversa de forma direta com a plateia. O ator que fará o personagem Chiquinho entra em cena e a atriz que fez o papel de Carmem se transforma em outro personagem.

Carmem: E eu vou contar uma coisa procês tudo que tá aqui, na nossa vida acontece muita coisa. Se a gente olhar pra trás vai ver que aconteceu muita coisa boa! Nós não pode é bobiá, porque se nós bobeia, nossa vida vira é um programa de rádio. (TP, 2021).

¹⁴ Trecho do espetáculo “Partidas”.

A história de Chiquinho

Figura 12 – Foto da apresentação do espetáculo “Partidas”, em Coronel Xavier Chaves - MG. Em cena, em cima da carroça, o ator Gustavo Rosário representando Chiquinho. À direita, a atriz Elis Ferreira representando Terezinha. À esquerda fundo, a atriz Fernanda Nascimento representando Sinhá Maria. À esquerda frente, a atriz Ana Malta representando Rosarinha.



Fonte: Thaís Andressa, 2022.

É a segunda história apresentada ao público, que vai trazer, principalmente, a versão de Chiquinho sobre sua relação de amor com Rosarinha, além de outros acontecimentos de sua vida antes e depois de conhecê-la.

Chiquinho é um contraponto comparado às outras personagens, pois ele nunca vai embora de sua terra natal. Ao contrário disso, ele pensa em ir, é convidado a sair, vê muitas mulheres indo embora, mas sempre fica, pois não tem a coragem para seguir numa outra direção.

O personagem foi criado pelo ator Gustavo Rosário, que, em seu depoimento sobre o processo de construção do espetáculo, afirmou que

desde o início tinha essa ideia de trazer coisas sobre amores, sobre ter perdido um amor. É claro que na construção da peça as coisas vão mudando, por exemplo, quando comecei eu pensei que o Chiquinho estava no comando dentro da história. Ele quer ter mulheres, quer se relacionar com todas, é um cara boêmio... Depois eu tive uma percepção fazendo um trabalho de corpo, Laban, escolhendo o verbo do personagem, que as mulheres estavam muito mais no comando e ele era levado por elas. A Terezinha fala e ele vai, a mãe

fala e ele vai. O incômodo que o personagem tem no ombro, eu criei pensando nesse lado estranho dele que demonstra falta de coragem. (Gustavo Rosário)¹⁵.

A transição entre a história de Carmem Lúcia e a de Chiquinho ocorre com o auxílio da música “Disparada” de Jair Rodrigues, momento em que ele aparece em cena velho e conversa com a plateia de forma direta, anunciando que contará a sua história. Tão logo ele começa, sua mãe Sinhá Maria interrompe a narração, chamando-o para a hora do banho. Em seguida, é apresentada uma sequência de situações do personagem criança em companhia da mãe: ela o benzendo, preparando chás para curar suas lombrigas, visitando suas tias e caminhando juntos pelo campo, em que Chiquinho já demonstra interesse em saber o que tem por de trás das montanhas e sua mãe diz não saber.

Sinhá Maria é uma mulher extremamente forte e presente. Cria Chiquinho sozinha e nunca sente falta da figura masculina ao seu lado para seguir nessa missão, visto que o pai do menino é falecido. Segundo a atriz Fernanda Nascimento, que interpreta a personagem,

ela foi inspirada nas mulheres mais velhas que tem um sagrado, uma superstição na mão, que conhecem da terra, pisam no chão, ficam na horta, mexem com as mãos... Elas têm uma relação com a espiritualidade, mas muito ligada à terra. É uma reverência à minha bisavó materna que conhecia muitos chás e benzimentos, caminhava longos percursos a pé para levar chá para as pessoas. (Fernanda Nascimento)¹⁶.

Chiquinho é, de certa forma, mimado por essa mulher e, desde novo até a vida adulta, será conduzido por ela em suas decisões.

Na cena seguinte, surge Terezinha, menina jovem, quase da idade de Chiquinho, que parece estar interessada por ele. A personagem interpretada por mim é agitada e invasiva e tenta de todas as formas ter um relacionamento com ele. O menino, inicialmente, foge das investidas de Terezinha, mas depois acabará sendo laçado por ela.

Na fazenda onde Chiquinho mora com a mãe, chega Rosarina, menina de aproximadamente treze anos, que foi destinada a lecionar para as crianças dali. O personagem, ao vê-la pela primeira vez, apaixona-se e todo esse amor é demonstrado juntamente com a música “Arruda com alecrim”, de Pena Branca e Xavantinho.

¹⁵ Trecho da entrevista com o artista Gustavo Rosário.

¹⁶ Trecho da entrevista com a artista Fernanda Nascimento.

É amor à primeira vista. Para o Chiquinho, Rosarinha é o novo, a pessoa que chega de fora, quem já viu tudo que está atrás da montanha. Ela tem todas as respostas, é professora. Vai ensinar ele a ler e escrever. (Gustavo Rosário).

Para a construção de Rosarinha, personagem criada pela atriz Ana Malta, foram trazidas histórias de seu núcleo familiar, oriundo da cidade de Nossa Senhora dos Remédios.

A personagem Rosarinha logo a princípio foi baseada na história da minha avó paterna chamada Isméria. Ela foi criada em um convento de freiras em Barbacena e aos doze anos de idade foi chamada para a Fazenda da Mutuca em Senhora dos Remédios para ensinar a ler e a escrever as crianças e adolescentes moradores da comunidade rural por volta dos anos de 1930. Naquela época o ensino era feito em um dos cômodos da Fazenda da Mutuca. Era ensinado apenas o básico de português e matemática. Os alunos precisavam saber ler, escrever e fazer contas. Esses dados mais históricos eu consegui através de uma conversa pela internet com minha tia paterna, filha mais velha de D. Isméria. (Ana Malta)¹⁷.

Dando sequência ao espetáculo, Chiquinho aparece no quarto de Terezinha após ter sido chamado por ela para estar ali e é pego pelo pai da menina. Nada aconteceu de fato entre os dois, mas a situação de estarem sozinhos, sem a companhia de um adulto é explorada por Terezinha, de modo que um casamento entre os dois é tratado. Chiquinho, nesse momento, tem treze anos e ficará noivo até os dezoito, quando o casamento acontecerá.

Chiquinho e Rosarinha se encontram na próxima cena e trocam palavras gentis, mostrando que a relação de amor entre os dois existe e é recíproca. Quando estão prestes a se beijar pela primeira vez, aparece Sinhá Maria e Terezinha, que flagram os dois. Com isso, Rosarinha é expulsa da fazenda. Junto à tristeza de Chiquinho, é executada a música “Meu primeiro amor” de Cascatinha & Inhana.

Nessa cena, inicialmente, aparecem somente Chiquinho e Rosarinha, despedindo-se. Contudo, após alguns instantes, entram no palco três mulheres, também indo embora com suas malas e objetos de saudade. A ideia é ampliar o sentido das despedidas, levando a história para a sugestão de que existem muitos desencontros amorosos como o de Rosarinha e Chiquinho.

Por meio de uma transição relativamente brusca entre as músicas, o elenco feminino passa a cantar “Aquela flor”, de Alvarenga e Ranchinho, e uma nova dinâmica na qual Chiquinho tem relação com várias mulheres é apresentada. Favores e gentilezas

¹⁷ Trecho da entrevista com a artista Ana Malta.

são trocados, demonstrando que o personagem vai para outro lugar dentro da dramaturgia, um lugar mais poroso em relação a diversas mulheres. No fim dessa cena, Chiquinho se abala ao saber que uma delas vai embora para a cidade grande e estranha quando duas decidem ficar juntas, sem estarem ligadas a ele. O personagem começa a perceber que todas partem e ele sempre fica.

A gente viu nas entrevistas que umas mulheres queriam ir e ficavam deslumbradas e outras não. (...) Eu fiquei pensando nas mulheres da minha família, é um ponto que acontece até hoje. Eu acho que elas vão embora porque talvez seja o fato de só verem isso como possibilidade. Ou eu vou e tenho minhas coisas ou eu fico e caso, tenho filhos... (Gustavo Rosário).

Chega o dia do casamento entre Terezinha e Chiquinho. Sinhá Maria, sua mãe, o obriga a entrar na igreja, e a união é selada com muita empolgação da noiva. Durante a celebração, é tocada e dançada a música “Laranja Madura”, de Ataulfo Alves. Nesse momento, começamos a perceber a tristeza cada vez mais presente no rapaz.

Por fim, Chiquinho volta à situação inicial, instante em que está sentado em um bar contando sua história. Ele narra a partida de sua mãe e a de Terezinha, reforçando que toda sua trajetória envolveu partidas de pessoas ao seu redor.

Chiquinho: (...) Minha mãe ia lá em casa todo santo dia, via se tinha comida, se eu tinha tomado banho e até arrumava as coisa que ela achava que tava fora do lugar e quando eu fiz 40 anos ela descansou. (...) Não demorou muito a Terezinha também foi embora. O médico falou que ela morreu engasgada de tanto falar. Tô pra te dizer que eu não sabia que eu gostava tanto de silêncio. Mas a casa foi ficando vazia. Eu vi muita gente indo embora e eu sempre ficando...ficando sozinho feito caçamba sem corda. (TP, 2021)¹⁸.

Mais uma vez é cantada a música “Disparada”, de Geraldo Vandré e Théo Barros, agora um trecho diferente do apresentado no início do espetáculo. Ocorre ainda uma mudança dos baús que compõem o cenário, favorecendo a visualidade para a apresentação da próxima história.

Vou pegar minha viola
Vou deixar você de lado
Vou cantar noutra lugar

(BARROS, VANDRÉ, 1966).

¹⁸ Trecho do espetáculo “Partidas”.

A história de Maria da Graça e Maria de Lourdes

A tua saudade corta
 Como aço de naváia
 O coração fica aflito
 Bate uma e a outra faia
 E os zóio se enche d'água
 Que até a vista se atrapáia, ai ai
 (VANZOLINI, 1974)

Figura 13 – Foto da apresentação do espetáculo “Partidas”, no Largo do Rosário em São João del-Rei - MG. Em cena, à esquerda, Elis Ferreira representando Maria da Graça. À direita, a atriz Priscila Matilde representando Maria de Lourdes.



Fonte: J. Viegas.

A cena começa com a música “Cuitelinho”, de Paulo Vanzolini, e apresenta a terceira história do espetáculo, que gira em torno da relação entre as irmãs Maria da Graça e Maria de Lourdes, interpretadas por mim e pela atriz Priscila Mathilde, respectivamente. As duas cresceram na roça, em uma família muito pobre, e são separadas na pré-adolescência quando uma delas é mandada para a cidade grande para trabalhar na casa de uma prima e a outra fica na zona rural para ajudar os pais.

Acho injusto que entre nós duas, Juliana e eu, a necessidade constante de salvação tenha encontrado meu coração e não o dela. Acho injusto porque, ao contrário do que se fala por aí sobre duas irmãs com idades próximas, nunca fomos rivais, nunca disputamos atenção de nossos pais, nunca tivemos inveja uma da outra. Sempre fomos parceiras, amigas e cúmplices do crime que era

ser menina num mundo todo feito para nos dobrar, dobrar e dobrar até que a coluna não aguentasse. (ARRAES, 2019, p.39).

Como mote inicial para criação dessa história, usei o conto “Telhado quebrado com gente morando dentro”, de Jarrid Arraes, obra que apresenta a relação entre duas irmãs que são muito próximas, estão vivendo as descobertas da adolescência e dos relacionamentos, mas que em um dado momento são separadas. No conto, são narradas brincadeiras da infância e a chegada dos interesses por meninos na puberdade. Esse desenho de narrativa guiou-me.

A gente juntava todo mundo da rua e fazia bolas com sacolas plásticas. Colocava uma dentro da outra até que a bola ficasse do tamanho ideal para jogar futebol, vôlei, carimba, marcando as traves com as chinelas, fazendo a rede com corda de prenderjegue. A bola caía no esgoto, mas tudo bem, porque a gente também brincava com aquela água; sabia que quando saía do cano vinha mais limpa, depois que misturava com o diabo a quatro é que ficava preta. Ela servia pra juntar com barro vermelho e moldar bolinhos ou fazer sopa dentro de latas catadas nos terrenos. Depois a gente sentava na calçada e tirava os carrapatinhos das pernas. [...] Depois o tempo foi passando, mesmo que aos poucos e as brincadeiras foram sendo substituídas pelos meninos. Não os meninos que catavam lata com a gente, mas os meninos maiores. (ARRAES, 2019, p.40)

O conto vai para um caminho no qual uma das irmãs sofre um abuso sexual que transforma sua vida, trazendo um clima de muita tristeza e de desconexão com o mundo. Apesar de não seguir essa dinâmica específica, eu sabia que queria falar de alguma dor dentro da trajetória entre as irmãs. Ouvindo os depoimentos das mulheres de Coronel Xavier Chaves, descobri que seria a dor da separação, pois eram recorrentes os relatos em torno dessa temática. A ideia então foi juntar o universo trazido no conto da Jarrid Arraes aos depoimentos para criar uma história que trouxesse a beleza desta relação fraternal, mas também o sofrimento de uma vida inteira alterada pela distância.

Abaixo, alguns trechos de depoimentos recolhidos, os quais expressam sobre irmãos e irmãs.

São sete irmãos e a gente começou a trabalhar cedo. Em casa de família, né? A minha irmã mais velha já trabalhava em São Paulo, um senhor aqui de São João del-Rei levou ela pra trabalhar em São Paulo em casa de família. Aí tava precisando de alguém para ajudar ela no trabalho, aí eu fui. (...) Alguns irmãos ficaram com meus pais. Eu tinha uma outra irmã que já trabalhava no Rio em casa de família também. Aí espalhou, né? Quem saiu mais foi eu e minhas

outras irmãs, a mais velha que é a Conceição, a Vicentina e eu. A Natalina, ela saiu pra trabalhar mas ficou pouco tempo fora. (Luisa Bernarda Lara)¹⁹.

Meus irmãos que foram ficaram lá [São Paulo], já aposentaram e estão morando lá até hoje. (Elis Regina)²⁰.

A minha irmã ficou aqui e depois ela foi pra São Paulo, inclusive eu tenho três irmãs lá em São Paulo. Eu tive um irmão também que morou aqui, em Mato Grosso, morou em Goiás um tempo, depois foi pra Itabirito. (...). (Vera Lúcia da Silva)²¹.

(...) eu já trabalhei em São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, eu trabalhei. (...) Essa época foi triste, né, porque a minha mãe é... foi perdendo uma por uma, primeiro foi eu, eu sou a mais velha, fui trabalhar em Belo Horizonte. Aí a segunda, a Leni, a mãe da Marlene, da Marli, foi também trabalhar em Belo Horizonte. E... aí a terceira foi as gêmeas Terezinha com a Tereza foi trabalhar em Belo Horizonte também, sabe, tudo Belo Horizonte. Aí eu vinha passear, vinha aqui em Coroa e saí de lá do meu serviço. Aí a minha madrinha, ela trabalhava em São Paulo, ela arrumou serviço pra mim trabalhar de babá no serviço lá em São Paulo e eu fui pra lá, sabe. (Marta Maria dos Santos)²².

Após a música “Cuitelinho”, deitada sobre um dos baús que compõem o cenário do espetáculo, Maria da Graça começa uma conversa direta com a plateia. Ali, ela conta como, ao ficar fechada em um quarto de empregada na cidade grande, lembrava-se de sua amada irmã e da roça onde vivia.

A seguir, a cena muda para o tempo presente e passa a acontecer a encenação de um episódio das duas juntas. Elas estão acordadas na madrugada, porque Maria da Graça comeu manga e tomou leite, por isso, está passando mal, com dor na barriga.

Durante toda a história da Maria da Graça e da Maria de Lourdes, serão apresentadas crendices populares, principalmente mineiras, que foram introduzidas na dramaturgia fundamentadas em referências pessoais das atrizes que, por terem nascido e crescido no interior, conheciam esse universo. Algumas delas são: não se pode misturar manga com leite, pois você pode morrer de congestão; quando você quer que alguém vá embora logo da sua casa, pendure uma vassoura atrás da porta; chinelo virado faz a mãe morrer; se passar embaixo da escada, não cresce mais; não se deve tomar friagem e nem lavar o cabelo quando se está menstruada, porque senão o sangue sobe para a cabeça; beijar os dedos e cruzá-los na frente da boca é sinal de que o segredo será guardado; bater três vezes na madeira afasta algo ruim de acontecer; apontar o dedo para a estrela cadente

¹⁹ Trecho da entrevista com Luisa Bernarda Lara, uma das mulheres ouvidas.

²⁰ Trecho da entrevista com Elis Regina, uma das mulheres ouvidas.

²¹ Trecho da entrevista com Vera Lúcia da Silva, uma das mulheres ouvidas.

²² Trecho da entrevista com Marta Maria dos Santos, uma das mulheres ouvidas.

faz nascer uma verruga; e durante o pós-parto a mulher deve comer canja de galinha gorda e cerveja preta para produzir mais leite para o bebê.

A história continua, mesclando narração e encenação, e a cena seguinte é a em que as duas irmãs vão passear de carro de boi com o pai para fazer a entrega de queijos. Junto aos diálogos, a paisagem sonora vai se modificando, indicando os lugares por onde eles estão passando. As experimentações em torno das paisagens sonoras têm sido uma pesquisa de alguns anos dentro do Teatro da Pedra. Introduzidas pelo músico e arte-educador Pablo Araújo, buscamos cada vez mais trazer essa linguagem para nossos espetáculos.

Para construção do personagem do pai, o ator Gustavo Rosário contou:

Eu fiquei pensando em corpo. Meu tio trabalhou muito, carregava muita lenha. Ele tem o corpo pra baixo. Tinha uma maneira seca de falar, fala quase nada. Você sempre acha um cara desses na roça. Ele não demonstra sentimento pelas filhas, trabalha muito e não tem tempo para levar as filhas na cachoeira. (Gustavo Rosário)²³.

Em seguida, as duas irmãs iniciam uma conversa sobre possíveis namorados, apresentando de forma sutil uma idade próxima à puberdade, mas a prosa é duramente cortada pelo pai, que as manda ir ajudar a mãe nos afazeres domésticos. Uma sequência de funções ensinadas às duas mostra que as meninas, mesmo ainda sem força nos braços para lavarem a roupa, por exemplo, já exercem ofícios duros, a fim de ajudarem a manter a organização da casa. Na cena, esses trabalhos são misturados às brincadeiras rústicas de uma infância vivida quase sem brinquedos. Todas essas referências de trabalhos e brincadeiras estavam presentes nos depoimentos de várias mulheres.

Aqui era um quilombo mesmo, né?! Não tinha estrada, não tinha carro na rua. Era um local, assim, onde a gente brincava muito na rua, a gente não tinha brinquedo de boneca, de bola, não tinha nada. Não tinha televisão, não tinha luz, né?! Era um quilombo mesmo, uma vila sem luz. E a gente brincava muito de pega-pega, a gente tinha... e era todo mundo era parente, era os primos todos moravam um perto do outro, né?! Então a gente tava sempre junto e as nossas brincadeiras eram essas. Era comidinha, brincar de ser pai e mãe e era esse tipo de brincadeira que a gente tinha nessa época. (Marli Costa Sá)²⁴.

Brinquei muito na casa da Vera, sabe uma infância muito boa mesmo, não faltou nada pra mim, sabe, quando criança. Tive uma infância bem legal. Irmã

²³ Trecho da entrevista com o artista Gustavo Rosário.

²⁴ Trecho da entrevista com Marli Costa Sá, uma das mulheres ouvidas.

de nove irmãos, sabe, tive minha mãe, meu pai, morei com a minha avó, foi muito bom, não tenho o que reclamar da minha infância, não. (...) Nós brincava de caiu no poço, de brincadeira de roda, fazia muita comidinha na casa da Vera, sabe. Todo domingo a gente fazia, matava passarinho pra gente comer. Era muito bom! Ela tinha uma horta muito grande, sabe? (...) Comecei a trabalhar com quatorze. Trabalhar aqui em Coroas. Aí trabalhar assim numa casa pra ajudar a arrumar cozinha, uma hora pra ajudar a passar roupa, era aqueles ferro de brasa, né? Nossa, eu penava, né? Mas eu tinha que fazer. Ajudava minha mãe a lavar roupa, cuidar da casa... mas eu agradeço tudo ela porque o que eu sei hoje que eu aprendi foi com ela. (Maria Aparecida Silva Costa)²⁵.

Minha infância foi muito... não foi boa, né porque desde a idade de oito anos nós trabalhava, né, pajeando aí em Coroas, pajeando aí... eu fui trabalhar na casa da minha madrinha, madrinha Quiquita então... ela tinha muitos filhos, né, aí eu... minha mãe pediu que eu fosse ajudara olha ela, as criança dela, ela aceitou, aí eu fui, né... (Marta Maria dos Santos)²⁶.

Ao fim desta cena, quando todas as crianças interpretadas pelo elenco entram na brincadeira de pique-esconde, as irmãs se posicionam atrás de um dos baús que constituem o cenário. Volta a narração de Maria da Graça e, dentro deste baú, as meninas revelam uma maquete composta pela rua e por casas de suas infâncias. É como se convidássemos o público a nos acompanhar por um outro ângulo, trazendo a ideia que dentro da mala de Maria da Graça, ela levava a sua roça, o seu mundo. Neste cenário, será contada a história da menina Sandrinha, que morre de tétano após cortar sua mão em uma lata ao tentar roubar carne de uma vizinha.

Para a construção da maquete feita por mim, pensei muito na reutilização de objetos que fossem acessíveis a invenção de brincadeiras em uma zona rural. As crianças faziam bonecas com espiga de milho e carrinhos com restos de madeira, então montei as casas com madeira velha, usei galhos de árvore para simular os personagens e joguei terra fina, a fim de que a poeira fosse um elemento presente.

Figura 14 – Foto da apresentação de estreia do espetáculo “Partidas”, no Teatro da Pedra.

²⁵ Trecho da entrevista com Maria Aparecida Silva Costa, uma das mulheres ouvidas.

²⁶ Trecho da entrevista com Marta Maria dos Santos, uma das mulheres ouvidas.



Fonte: Alicia Antonioli, 2021.

A escolha de criar a história de Sandrinha foi baseada em casos que sempre ouvi quando criança em torno dos perigos do tétano quando a vacina não era acessível a qualquer pessoa, e também pela fala de algumas mulheres nos depoimentos sobre a comum alta mortalidade infantil na zona rural. Inclusive, elas narraram que quando as crianças adoeciam, caso não tivessem sido batizadas, eram levadas rapidamente à igreja para não morrerem pagãs.

Eu tava doente, aquele negócio de... aquela época morria muita criança de... agora graças a Deus a medicina tá adiantada, né, mas morria muita criança, muitas crianças de... daquela é... febre alta, nariz entupido... não tinha como. Aí minha madrinha me levou pra batizar lá, ela pegou muito com Deus, medo deu morrer no caminho. Aí graças a Deus eu tô viva e sã. (Marta Maria dos Santos)²⁷.

Eu nasci em São João del-Rei, fui batizada lá porque acho... bom, meus tio conta, minhas prima conta que eu nasci meia doente e tive que batizar as pressas, né, lá em São João e eu... batizei em São João. (...) Diz que eu nasci muito miudinha, muito... aí falou que não, teve que batizar as pressas por causa disso, porque não sabia se eu ia sobreviver não mas graças a Deus... é isso aí, né. (Vania Lúcia da Silva)²⁸.

²⁷ Trecho da entrevista com Marta Maria dos Santos.

²⁸ Trecho da entrevista com Vania Lúcia da Silva.

Lembrei-me também do livro *Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa, e da dura morte do menino Dito depois de cortar o pé e cair de cama por dias até morrer de tétano. Trazendo esse elemento para a narrativa, estamos falando também da precariedade e da falta de recurso vividas na zona rural.

Após a cena na maquete, a história volta a narrar lembranças de brincadeiras na roça em dia de chuva e de como as irmãs se divertiam experimentando as roupas da amiga Cândida, menina de uma classe social superior à delas. Nesse instante, Maria da Graça percebe que ficou menstruada pela primeira vez e é orientada sobre os cuidados higiênicos pela sua irmã, já que ela tem vergonha de perguntar para a sua mãe e para seu pai. As duas seguem trocando segredos e fazendo planos de viverem juntas pela vida toda. Elas sonhavam um dia poder ir à escola para aprender a ler e escrever tal como Marta Maria, conhecida como Zizica, que, em seu depoimento, contou-nos que sua vontade era tão grande, que ela aprendeu a ler sozinha ao folhear os livros que encontrava.

Eu nem fui na escola, não, de... Nem tempo de ir na aula eu não tive. Eu aprendi a ler assim por milagre, né, que eu sei ler direitinho. (...) Eu nunca fui na escola. É, eu pegava... eu gosto muito de ler aí eu vou lendo, ia lendo, soletrando e graças a Deus hoje eu leio direitinho. Mas só escrever eu não sei não. Mas ler eu sei. Escrever eu sei o meu nome, escrever meu nome, né...
(Marta Maria dos Santos)²⁹.

Quando as irmãs deitam uma no colo da outra, sonhando com o futuro delas juntas, são interrompidas pela mãe, que anuncia que Maria da Graça irá embora para São Paulo para ajudar a prima a cuidar do bebê. Em contrapartida, Maria de Lourdes ficará na roça fazendo companhia para a mãe até arrumar marido.

As duas são invadidas por uma tristeza imensa e, percebendo que a decisão já foi tomada pelos pais e que não há nenhuma chance de eles voltarem atrás, Maria da Graça chora copiosamente. A despedida ocorre juntamente com a música “Cantiga Caicó”, de Pena Branca e Xavantinho, que é cantada pelo elenco a várias vozes que se somam em uma sonoridade polifônica.

A ideia de polifonia na música e nos sons do espetáculo também é estudada há algum tempo dentro do Teatro da Pedra. Baseamo-nos nos conceitos de Ernani Malleta e nas experimentações de exercícios práticos dele e de Francesca Della Monica.

Para a construção da partida da menina, pensei muito na narrativa da Marli ao descrever a primeira vez que ela saiu de Coronel Xavier Chaves e nas várias vezes em

²⁹ Trecho do depoimento de Marta Maria dos Santos, uma das mulheres entrevistadas.

que ela diz no depoimento que queria mesmo ter vivido em sua terra natal e nunca ter ido embora. Apesar de ela não ter falado que chorou pelo caminho como a personagem faz, no seu depoimento eu acredito conter toda a inocência também contida na Maria da Graça.

É, na primeira vez que eu saí, pra mim, foi um impacto muito grande, porque eu nunca tinha visto luz elétrica (risos). Pra mim ser mais, assim, exata eu não sabia o que era entrar dentro de um carro. E eu lembro que quando eu saí daqui a primeira vez, eu saí numa variante, era num carro variante. O patrão veio, ele morava... eles tinham família aqui. E eu fui num carro variante. Quando eu entrei no carro eu comecei a olhar, eu nunca me esqueço. O carro, quando começou a andar ali naquela praça lá, não era aquela praça, né, Elis, mas quando ele começou a andar a impressão que eu tinha é que tudo andava junto, as casas, os postes, né?! (risos) Aí eu olhando “nossa, que coisa estranha”. É lógico que foi um impacto quando chegou na cidade grande, né!? (Marli Aparecida Costa de Sá)³⁰.

A cena seguinte à partida trata-se de uma longa narração na qual Maria da Graça conta seus dias, meses e anos vivendo na cidade grande em situação análoga à escravidão e impedida de manter contato com sua família. Vários depoimentos recolhidos das mulheres de Coronel Xavier Chaves apresentaram características de relações trabalhistas exploratórias vividas e típicas de uma cultura da época que devem sim ser olhadas como problemáticas. No entanto, é necessário cautela para que não sejamos nós as pessoas que nomeiam o que elas viveram. A única que, de fato, confirma ter vivido algo semelhante à escravidão é Marli; as outras, muitas vezes, até defendem seus patrões como pessoas muito boas e generosas.

Tudo era em casa de família, era morar na casa. Era cuidar do serviço da casa e morava na casa, né?! A gente não tinha folga, muitas das vezes você não tinha sábado, você não tinha domingo, você não tinha horário livre, você tinha que trabalhar. Era trabalho escravo mesmo, sabe?! Você tinha que trabalhar e você... eu... assim, passei por muitos momentos de, assim, de ter sido... hoje eu sei que era discriminado, né?! Hoje eu sei que era... era algo, assim, que as pessoas faziam mesmo porque a gente não tinha voz ativa, né?! Então tudo que eles faziam você tinha que aceitar. Ou você aceitava ou você ia embora, né?! E a gente precisava de ajudar a família. O que a gente recebia lá, teve momentos na minha vida que eu não sabia nem quanto eu ganhava por mês. O meu dinheiro, ele vinha direto pra minha mãe, a patroa mesmo já mandava pra minha mãe. Eu não sabia nem quanto eu ganhava. Quando precisava de um vestido ela ia lá, comprava o vestido, ou fazia, ou alguma coisa dela mesmo que já não servia, arrumava e dava pra mim. E então a gente não tinha esse negócio de passear, não tinha. Vinha aqui quando dava pra vir, entendeu?! Pedia assim “preciso ir ver a minha mãe. Quero ver meu pai”, né?! Aí a gente vinha. Mas, assim, dizer que tinha férias, que tinha folga, isso não existia, tá!?

³⁰ Trecho do depoimento de Marli Aparecida Costa de Sá, uma das mulheres entrevistadas.

(Marli Aparecida Costa de Sá)³¹.

Antes o pagamento não era salário mínimo. A gente ganhava o tanto lá que cada patroa resolvia pagar. Não era, realmente, o salário mínimo. Depois que eu voltei, que eu fui pra Juiz de Fora, é que eu comecei a receber salário mínimo. (Vera Lúcia da Silva)³².

A gente trabalhava durante a semana, né, eu eu minha irmã numa casa que tinha quatro pessoas, aliás cinco, eram três filhos, o patrão, o pai e a mãe. Não, aos domingos... eles foram uns patrões muito bons, aos domingos eles davam folga pra gente, assim, eles davam folga mas como a gente não sabia andar em São Paulo, eles colocavam a gente no carro e ia passear com a gente. Levava a missa, no Ibirapuera... naquela época tava surgindo o... aquele... o hambúrguer... então ele levava a gente pra comer hambúrguer... eles foram uns patrões muito bons. (Luisa Bernarda Lara)³³.

Como é crescente o número de casos relatados em redes televisivas e em jornais acerca desse tipo de relação em que empregadas não têm direitos trabalhistas e são exploradas por pessoas e famílias muitas vezes instruídas, achamos pertinente levar a trajetória da personagem Maria da Graça por tal caminho. Além de mostrarmos uma dura realidade vivida por muitas mulheres do interior vivendo na capital, provocamos reflexões a respeito das relações trabalhistas que vivenciamos até hoje.

Para finalizar a história, Maria da Graça retorna à sua terra natal após quase quarenta anos para, enfim, reencontrar sua irmã. Mas, ao chegar a sua antiga casa, descobre, pelo sobrinho, que Maria de Lourdes faleceu há três anos. Maria da Graça chora vendo novamente a dureza de sua trajetória, mas se consola ao saber que sua irmã lembrou dela a vida toda e conversava com seus filhos, contando casos das duas na infância. O rapaz agora cuidará da tia, que pretende ainda aprender a ler e a escrever. Alguns elementos do filme “A vida invisível”, dirigido por Karim Aïnouz, foram usados para construção desse final.

Eu vou pegar seu retratinho e colocar numa medalha
Com seu vestidinho branco
E um laço de cambraia
Vou botá-la no meu peito
Onde o coração trabalha ai ai
(VANZOLINI, 1974)

A história da Rosarinha

³¹ Trecho do depoimento de Marli Aparecida Costa de Sá, uma das mulheres entrevistadas.

³² Trecho do depoimento de Vera Lúcia da Silva, uma das mulheres entrevistadas.

³³ Trecho do depoimento de Luisa Bernarda Lara, uma das mulheres entrevistadas.

Figura 15 – Foto da apresentação do espetáculo “Partidas”, no Largo do Rosário, em São João del Rei - MG. Em cena, ao fundo, a atriz Ana Malta representando Rosarinha. De costas, à frente, o ator Gustavo Rosário representando Chiquinho.



Fonte: J. Viegas.

A última história a ser contada no espetáculo é a de Rosarinha, personagem que, através do olhar de Chiquinho, já foi apresentada ao público. Conheceremos a versão dela agora, como foi seu encontro e relacionamento com Chiquinho, o caminho que ela seguiu após ser expulsa da fazenda, indo trabalhar e morar em diversas cidades e estados do Brasil, e o reencontro entre os dois.

O que é apresentado na história de Rosarinha difere, em vários momentos, da história de Chiquinho, como se a lembrança de cada um tivesse guardado as vivências da forma como lhes convinha. Não existe apenas uma verdade em relação a alguma história, podemos contar com múltiplas verdades ou com verdade nenhuma, visto que cada fato vivido está ligado a uma série de fatores externos e internos inerentes a todos nós.

A cena de transição entre uma história e outra acontece quando Maria da Graça sai de cena acompanhada de seu sobrinho. Então, Rosarinha entra em cena com sua chegada à Fazenda da Mutuca, local onde lecionará para as crianças e conhecerá Chiquinho.

A menina é recebida por Sinhá Maria, mãe de Chiquinho, que lhe faz uma série de benzimentos e de limpezas para que ela possa entrar na casa sem trazer “coisas ruins”

da rua. Como apontado anteriormente, Sinhá Maria é uma mulher ligada à terra e conectada aos poderes vinculados às ervas e às plantas. Para essa cena, a atriz Fernanda Nascimento, além de trazer a música “As plantinhas do mato”, de Renato Teixeira, também contou com suas lembranças familiares e com material pesquisado na internet.

Primeiro foi olhando as curandeiras de Minas pensando nessa coisa que é muito do interior, né, enfim... e aí eu vi um documentário sobre as benzedadeiras de Minas, não vou lembrar, não sei te falar qual foi, eu lembro que eu vi, é... no youtube, assim, eram dois vídeos falando dessas mulheres que benzem é... então... e essa coisa da minha vó, minha bisavó que é... mãe da minha mãe... mãe da minha vó... que ela benzia e aí uma das filhas dela, que é a minha tia, benzia também, então... quebranto...é, vento virado, essas coisas. (Fernanda Nascimento)³⁴.

O próximo momento já é na escola (um dos cômodos da fazenda), quando Rosarinha vê Chiquinho pela primeira vez e sente interesse por ele. Na versão de Chiquinho, esse momento acontece quando ela está chegando na fazenda e ele a vê passando com sua mãe. Rosarinha dá aulas para o menino e para Terezinha, que mais uma vez se apresenta como uma menina invasiva. A cena sugere passagem de tempo, apresentando a ideia de que esse romance entre eles acontece ao longo de um período maior em vários dias de aula.

Segundo Ana Malta, era muito comum na roça meninas serem chamadas para lecionar em fazendas, principalmente para as crianças filhas dos funcionários que moravam em “casinhas” próximas à casa principal do fazendeiro. Marileia da Boa Morte, uma das entrevistadas de Coronel Xavier Chaves, que nasceu e viveu muito tempo em uma dessas casinhas, contou-nos como funcionava e ajudou a ilustrar esse universo para o elenco.

Meu pai foi nascido e criado nessa fazenda. O pai dele era funcionário da fazenda, ele nasceu e criou lá. Então quando a minha mãe casou...quando eles se casaram, minha mãe mudou pra essa fazenda e a família ficou lá... minha mãe criou a família lá, nessa fazenda. (...) A princípio a gente morava era na casinha do meu pai, né, da minha vó, morávamos lá alguns anos e com sete anos nós mudamos, ficamos alguns anos na Cachoeira na casa da minha outra vó, minha avó materna, e aí retornamos pra uma dessas casinhas. Aí é, o dono dessa fazenda fez uma dessas casinhas, era uma casinha bem pequenininha mesmo, mas foi feita pro meu pai mesmo, bem mais próxima da fazenda. Por que a da minha vó era um pouquinho distante. Aí é, nessa casa que eu vivi depois, a partir dos 11 anos, até agora recente. (...) Tinha outras casinhas, cada funcionário tinha uma casinha. (...) Não chegava a dez casas não, tinham umas oito ou nove casas, no máximo. (Marileia da Boa Morte Assunção)³⁵.

³⁴ Trecho da entrevista com a artista Fernanda Nascimento.

³⁵ Trecho do depoimento de Marileia da Boa Morte Assunção, uma das mulheres entrevistadas.

Dando continuidade à história, Rosarinha conta, em uma linguagem direta com a plateia, do tempo em que, na quaresma, as pessoas saíam em procissão para fazer rezas nas casas e de como gostavam de contar casos de assombração no caminho de volta. Sinhá Maria canta “Romance das caveiras”, de Alvarenga e Ranchinho, enquanto todos prestam bastante atenção e morrem de medo.

É muito comum no interior, principalmente nas zonas rurais, a cultura de que não se pode sair de casa na quaresma e deve-se manter um certo resguardo em relação às festividades. Várias são as histórias contadas a respeito de castigos e lições dentro desse universo; como exemplo, segue o depoimento da Inácia.

Aqui tinha antigamente reza nas casas, sabe, nem tinha luz na rua, era tudo escuro. Mas tinha as reza, levava a santa na casa, rezava... (...) olha eu vou falar a verdade, eu tenho medo até hoje das coisas que a minha avó... minha vó... a gente dormia eu e essa minha prima aí com umas irmãs dela. Nós dormia mais na casa da minha vó do que na casa da nossa mãe, quando era mais nova. E minha vó contava história de assombração a noite (risos) todo mundo tinha medo. (...) Aquitem uma lenda, tinha, né, que agora acabou isso, de um homem que morava aqui pra baixo, aqui ó, que virava porco do mato. (Risos) A Vera sabe, falava que ele virava porco do mato e assim ó, acabava a semana senta, ninguémsaía na rua. Assim, o último dia de semana santa é hoje, amanhã não sai na rua porque tem porco do mato, mula sem cabeça, (...) lobisomem... Aqui história aqui, ainda mais que não tinha luz na cidade, o medo da gente era esse, de encontrar com algum bicho na rua. (Risos). (Inácia das Dores Santos)³⁶.

No fim do causo de assombração, todos saem correndo assustados e ocorre uma quebra dramaturgica, um pulo para um outro lugar: a cidade grande, a capital e todo o barulho e agressividade que a ambienta. Nessa atmosfera, aparece Maria de Lourdes jovem em uma busca incessante por sua irmã Maria da Graça em casas, prédios, bares e locais públicos. Os textos desse momento do espetáculo procuram denotar a identificação e a desidentificação, deixando ainda mais aflitiva a busca por informações que sejam, efetivamente, sobre a Maria da Graça. Todos que ela busca, encontra e pede informações, conhecem ou já ouviram falar de uma pessoa com a história semelhante à da sua irmã, fazendo-a acreditar que está no rumo certo, mas, na verdade, o que se percebe é que moças iguais à Maria da Graça, são muitas vindas dos mais diversos estados do Brasil.

Além dessa cena, no meio da história de Rosarinha, que termina com Maria de Lourdes indo embora de volta para o interior sem ter encontrado sua irmã, ocorre uma rápida passagem em que Chiquinho está na rodoviária, já dentro do ônibus, prestes a

³⁶ Trecho do depoimento de Inácia das Dores Santos, uma das mulheres entrevistadas.

partir, mas é impedido de viajar devido a uma pressão psicológica feita por sua mãe, que simula um ataque do coração. Essa cena reforça a falta de atitude do personagem que, por mais que sonhasse em saber o que há por detrás da montanha, nunca saía de sua terra para enfrentar sua mãe e seus medos.

No fim desse momento que chamei de quebra, é retomada a história de Rosarina, que se encontra a sós com Chiquinho. Ele a leva para o seu lugar preferido, a plantação de café, para ver sua florada. Os dois se declaram um para o outro ao som da música “Flor do cafezal”, de Cascatinha & Inhana, contudo, antes que se beijem pela primeira vez, são flagrados por Sinhá Maria e Terezinha. Rosarina é expulsa da fazenda. Saliento que o momento de expulsão na versão de Rosarina é diferente do momento de expulsão apontado por Chiquinho na versão dele. Estamos nos referindo a uma história ocorrida há quarenta, cinquenta anos atrás... ficam na lembrança de cada personagem suas impressões mais fortes e elas podem ser e são divergentes.

A personagem, em conversa direta com a plateia, passa a narrar todas as suas andanças pelo Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e algumas cidades de Minas, sempre em busca de trabalho digno e de um salário que pagasse um pouco melhor. Essa parte da trajetória de Rosarina também teve inspiração nos depoimentos de Coronel, nos quais constantemente aparecem falas sobre diversos lugares percorridos durante a vida das entrevistadas, seus ônus e bônus.

Eu fiz treze anos em outubro, em novembro eu fui embora trabalhar em São João del-Rei. Aí fiquei lá e depois que eu fui pra Juiz de Fora. (...) Fiquei oito anos na mesma casa. Antes a gente já trabalhava aqui, com onze anos a gente já fazia muita coisa pro pessoal daqui, sabe, mas era um trabalho assim, mais fraco. (...) Eu fui pra Juiz de Fora, eu ia trabalhar com uma família que era lá de Juiz de Fora, eu queria ir embora porque eu não conhecia Juiz de Fora, mas eu gostava de lá, sem conhecer. Então eu tinha conversado com uma família que eu ia pra lá com eles. Aí houve um acidente com eles, eles faleceram, uma outra senhora que era vizinha deles, do mesmo prédio lá em São João e ele falou assim, vamos com o gente, aí eu fui embora com eles, fui ficando lá, fiquei lá também com ela seis anos. Aí depois eu fui embora porque eu tive meu filho mais velho, aí eu vim embora pra cá, trabalhei aqui mais dois anos e depois essa mesma senhora me chamou pra mim ir pra Juiz de Fora que tinha um serviço bom pra mim. E naquele tempo a gente não ganhava salário mínimo e essa senhora pagava salário mínimo. Aí eu fui embora pra lá onde eu fiquei com ela até agora pra aposentar. (Vera Lúcia da Silva)³⁷.

Cheguei a trabalhar fora. Eu já trabalhei em São Paulo, em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, trabalhei... (...) Aí eu vinha passear... de Belo Horizonte eu vinha aqui passear aqui em Coroas eu saía do meu serviço. Aí a minha madrinha, né, trabalhava em São Paulo. Ela arrumou serviço pra mim trabalhar

³⁷ Trecho do depoimento de Vera Lúcia da Silva, uma das mulheres entrevistadas.

de babá lá no São Paulo, eu fui pra lá, sabe. Morei lá em São Paulo. Já morei lá. Aí depois eu me casei. Me casei lá em São Paulo. Aí fui morar num sítio, num sítio, até chama Boa Esperança do Sul, o sítio onde eu morava, né. Então o administrador, ele implicava muito com meu marido, implicava demais. (...) Aí nós teve que ir embora porque senão ele tinha morrido lá, né, (...) o administrador era muito ruim. Aí depois nós viemos embora pra Coroa. Nós saímos de lá e veio pra cá. (Marta Maria dos Santos)³⁸.

Ao fim da narração, Rosarinha conta o quanto passou sua vida lembrando da roça e de seu amor. Enquanto ela canta a música “Rancho fundo”, de Lamartine Babo e Ary Barroso, o personagem Chiquinho aparece ao fundo e vai lentamente envelhecendo. Idosos, os dois se reencontram. Rosarinha narra a ele suas andanças e seus relacionamentos durante a vida e eles se beijam pela primeira vez.

Finalizando o espetáculo, entram no palco os personagens principais de cada história e cantam a música “Desenredo”, de Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro.

A música

*Prepare o seu coração
Pras coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
E posso não lhe agradar*

*Aprendi a dizer não
Ver a morte sem chorar
E a morte, o destino, tudo
E a morte, o destino, tudo
Estava fora do lugar
E eu vivo pra consertar
(...)
(BARROS. VANDRÉ, 1966)*

³⁸ Trecho do depoimento de Marta Maria dos Santos, uma das mulheres entrevistadas.

Figura 16 – Da esquerda para a direita, Priscila Matilde, Ana Malta, Guilherme Teixeira, Gustavo Rosário e Fernanda Nascimento.



Fonte: Camila Campos.

“Partidas” escolhe mergulhar no campo da música caipira de raiz, no universo da cultura sertaneja, a qual entende como sendo aquela apresentada tanto através das canções da rádio quanto fora dela, tocada nas rodas de viola, nas festas populares e nas celebrações religiosas típicas de Minas Gerais. Uma música que se apresenta como trilha sonora de uma atmosfera de vida no campo, que compactua com as relações afetivas e que narra vivências e experiências dessa vida sertaneja.

No início dos ensaios, foi proposto ao elenco que compartilhasse músicas sertanejas ligadas às suas próprias trajetórias de vida, músicas que já fossem conhecidas pela pessoa que a traria, algo que lembrávamos de ter ouvido na infância ou de termos visto algum familiar mais velho ouvindo. Esse foi o primeiro estímulo proposto pelo diretor para o elenco e ressaltou essa informação, pois ela carrega uma vontade inicial clara de que a música estivesse extremamente presente na obra.

Assim, logo de antemão, percebemos que alguns integrantes tinham mais conhecimento em torno desse universo musical. Outros, encontravam-se dentro de um lugar comum, trazendo referências de cunho popular e acessível a uma maioria, músicas que facilmente são ouvidas em rádios ou na televisão, por exemplo.

Alguns exemplos de obras trazidas inicialmente são “Telefone mudo”, do Trio Parada Dura; “Rancho fundo”, de Ary Barroso; “Cabecinha do ombro”, de Paulo Borges; “A loira do carro branco”, de Jesus Belmiro e Paraíso; “Cuitelinho”, de Paulo Vanzolini; “Chico Mineiro”, de Tonico e Francisco Ribeiro; “Beijinho Doce”, das Irmãs Galvão e “Majestade, o sabiá”, de Roberta Miranda.

Posteriormente a esse momento inicial do processo, sentimos um imenso incômodo com o fato de diversas músicas desse universo terem cunho machista, além de a maioria dos artistas serem homens. Estávamos criando um espetáculo sobre mulheres e com um elenco composto por uma maioria feminina e nosso mergulho musical nos levava a outro lugar que, com certeza, é real no interior do mundo que escolhemos adentrar, mas ao qual definitivamente não queríamos jogar luz.

Lembro-me de iniciar uma pesquisa em torno das mulheres cantoras de música caipira, pois eu era uma das pessoas que não carregava muitas referências desse gênero musical, e de encontrar As irmãs Galvão, Roberta Miranda e Inezita Barroso. Além delas, tiveram também as duplas Teixeirinha e Mary Terezinha, assim como Cascatinha & Inhana, que traziam um certo equilíbrio, então também me interessavam.

Foi importante descobrir essas vozes e suas criações para a construção e a escolha das músicas do espetáculo, mesmo que elas não tenham sido maioria no repertório musical final, que acompanha a dramaturgia. Algumas dessas mulheres marcaram suas épocas com interpretações ousadas e abriram caminhos para compositoras e intérpretes que surgiram no futuro. Conquistar espaço em um terreno tão fortemente ocupado por homens é certamente digno de grande importância. Abaixo, um trecho de “Marvada pinga”, sucesso composto por Ochelsis Laureano, teve grande visibilidade na interpretação de Inezita Barroso e foi proposto em uma das cenas do espetáculo. Posteriormente, com a dramaturgia mais definida, a música não permaneceu na obra, mas representa uma grande artista tão presente nesse universo musical, que nos inspirou com sua força e talento.

Com a marvada pinga
É que eu me atrapaio
Eu entro na venda e já dou meu taio
Pego no copo e dali num saio
Ali memo eu bebo, ali memo eu caio
Só pra carregar é que eu dô trabaio
(...)

O marido me disse, ele me falo: Largue de beber, peço por favô
Prosa de homem nunca dei valô
Bebo com o sor quente pra esfriar o calô
E bebo de noite é pá fazê suadô
(...)

(LAUREANO, 1937)

Percebida essa questão em torno da voz feminina no universo caipira, fomos direcionando a escolha das músicas do espetáculo para a atmosfera do ambiente e da

paisagem sonora trazida por elas. Descartamos muitas canções que contavam histórias literais ou que apresentavam relações nas quais a mulher estava em situação constante de passividade ou de inferioridade. A pesquisa foi tomando uma profundidade interessante e saiu do lugar comum, facilmente acessado, e nos mostrou um universo musical escondido muito rico em imagens e sonoridades.

Rafael Wolbert, primeiro músico do espetáculo que participou da criação, mas, pouco antes da estreia, foi substituído pelo músico Guilherme Teixeira, em seu depoimento diz o seguinte:

Então a partir dessas duas duplas, Pena Branca e Xavantino e Cascatinha & Inhana eu acho que a gente extraiu, assim, é... o essencial, foi o divisor de águas pra gente ali, é... de fato são as canções que trazem mesmo esse ambiente, essa paisagem sonora que a gente tava querendo construir, né, as temáticas, os arranjos, tanto de vozes, quanto de instrumentos, né, aquela coisa que a gente fala, ranchão, né, no caso do Cascatinha... e Pena Branca tem a viola também, caipira, presente. (...) Ranchão é aquela coisa, como eu posso dizer, ele pode denominar uma música que é feita é... que acaba te conduzindo para aquele canto de roça, aquela coisa mais é... rústica, minimal, digamos assim... que é uma viola, um violão, um violão até com um som bem desbotado, às vezes, com som de taquara rachada e o canto... o canto caipira com aquelas colocações de primeira voz e segunda, nessa ambiência assim... o ranchão. (Rafael Wolbert)³⁹.

Para a execução das músicas da peça, Rafael optou pelo instrumento craviola, devido à sua facilidade técnica de se tocar, quando comparada à viola caipira. Segundo ele, a craviola era um instrumento que traria as características da viola, possibilitaria uma boa tocabilidade e era melhor em relação ao acompanhamento das vozes. Mais tarde colocamos também uma sanfona, que é tocada pelo ator Gustavo Rosário.

Perguntado a Wolbert se ele se referenciou nos depoimentos das mulheres de Coronel Xavier Chaves para escolha de canções durante o processo de montagem da peça, visto que ele esteve presente em todas as entrevistas, ele afirmou o seguinte:

Diretamente elas não me trouxeram músicas, elas não conseguiram, talvez uma coisa assim que foi pra outro lado, né, parece que uma música de carnaval ou uma música de roda, mas ... o que eu acho que os depoimentos possibilitaram essa, como eu posso dizer, essa localização temporal, esse período que ela viveram, aí a gente faz um esforço pra tentar entender esse contexto... que tipo de música poderia estar naquela década, dessa forma... na medida que elas iam contando aquelas histórias. E também na medida que a gente se depara com aquela pessoa e identifica assim, a idade dela, é... a gente também faz um dimensionamento assim, a gente inconscientemente faz comparações com pessoas da mesma idade que talvez expressem mais esse tipo de música do que elas, mas que a gente também aposta que, sem dúvida, elas escutavam música

³⁹ Trecho da entrevista com o artista Rafael Wolbert.

sertaneja apesar de não lembrarem assim... Conta aquele lugar ali também, a cidade de Coroas, cidade do interior, por causa do rádio, né, esse veículo (...) então a gente fica seguro que de fato um Cascatinha & Inhana, um Tonico e Tinoco, com certeza (...) (Rafael Wolbert).

O espetáculo “Partidas” tem uma relação direta com a música no sentido de colocá-la em um lugar até mesmo de prioridade em algumas cenas. A música, em determinados momentos, é a voz do personagem, é a forma que ele escolhe para se comunicar com a plateia.

Ilustrando a citação acima, menciono dois momentos como exemplo. O primeiro, quando Chiquinho conhece Rosarinha e se apaixona à primeira vista por ela. Suas palavras para a personagem foram extraídas da canção “Arruda com Alecrim”, de Pena Branca & Xavantinho:

Senhora dos meus encantos
 Que belos olhos eu vejo
 E meus desejos são tantos
 Mas cabem todos num beijo
 Mas cabem todos num beijo
 Senhora do meu destino
 Então me faça um desejo
 Num coração de menino
 (BRANCA, Pena & XAVANTINHO, 1993)

O segundo momento está na despedida entre as duas irmãs, Maria da Graça e Maria de Lourdes, em que, entre lágrimas de muita emoção e tristeza, a irmã mais velha canta para a mais nova, a Cantiga “Caicó”, de Teca Calazans, Villa Lobos e Milton Nascimento.

Ô mana deixa eu ir
 Ô mana, eu vou só
 Ô mana deixa eu ir
 Para o sertão do Caicó
 (CALAZANS, Teca; LOBOS, Villa; NASCIMENTO, Milton, 1980)

Essas escolhas feitas pela equipe artística do Teatro da Pedra proporcionam ao espectador um emaranhamento entre as histórias e as músicas, como se não fosse possível uma coisa se desvencilhar da outra. Acredito que esse caminho faz com que o convite ao espectador para assistir ao espetáculo seja também um convite a experienciá-lo sonoramente, ressaltando todas as sensações que essa sonoridade pode adicionar às narrativas.

A dramaturgia

Para abordar a dramaturgia do espetáculo “Partidas”, esbarrarei no processo de criação, pois uma coisa está diretamente atrelada à outra. Como exposto anteriormente, a equipe envolvida no espetáculo iniciou um mergulho em um ambiente em torno das histórias contadas pelas mulheres de Coronel Xavier Chaves, o interior, a zona rural e a música caipira. A partir disso, não havia um direcionamento para um tipo de dramaturgia específica, e sim um estado de atenção a esse mergulho para ir descobrindo as possibilidades de caminhos. Na entrevista com o diretor e dramaturgo Juliano Pereira, podemos perceber algumas características do processo vivenciado pertinente a essa construção.

Gosto muito de pensarnesse mergulho mesmo do platô e na coisa rizomática que é nesse processo que você vai mergulhando mesmo assim, você não faz escolhas olhando à distância esse platô. Você faz escolhas dentro de novo, você mergulha de novo nisso e você faz escolhas a partir do que está ali. Então não são escolhas assim, nossa, o nosso processo precisa ter uma cena de abertura, precisa ter um não sei o que... (...) você vai criando a forma a partir daquela vivência ali, aquele mergulho (...) é um processo de muita confiança entre a gente, da gente não criar um espetáculo que seja assim, tem uma fórmula de feitura disso. Não tem uma fórmula de feitura. (...) A gente chega nisso porque a gente topa ficar experimentando... e sempre dobrando nossa aposta, assinando esse cheque sem fundo toda hora. Falando, então vamos mais um mês de ensaio, vamos mais um tempo (...) Porque eu acho que existe uma parte muito intuitiva disso, lógico que tem, essa ideia do Deleuze de você escolher... que também tem a ver com Espinosa (...) essa coisa da potência. Você tem que achar onde está uma potência que traz vida. Não é que você vai falar assim, olha que ideia boa. Não é uma ideia boa, é uma potência de vida que você vê. Uma criação mesmo... e você vai descobrindo isso nesse mergulho. Não é um processo que vai funcionar isso com isso, não sei o que vai funcionar, vamos experimentar. (...) Mas aí você está nesse processo você fala, olha isso aqui, vamos ver isso aqui... acha, encontra, não é ir para qualquer lugar, é nunca ir para qualquer lugar... é você conseguir fazer escolhas de ir para lugares que tenham um puta significado, um puta sentido. Que vibre! (...) Vem, traz referência, pula, mergulha, descobre... ah, mas aí eu não vou saber nada? Exatamente, a gente precisa se permitir não saber nada junto, né, pra gente chegar numa outra coisa que a gente vai descobrir juntos nesse processo. (Juliano Pereira).

Para Gilles Deleuze e Félix Guattari, citados por Juliano, o processo rizomático apresenta algumas características específicas, que julgo importantes de serem enumeradas para melhor entendimento.

1º e 2º - Princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. A árvore linguística à maneira de Chomsky começa ainda num ponto S e procede por dicotomia.

Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regime de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas.(...)

3° - Princípio de multiplicidade: é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Inexistência, pois, de unidade que sirva de pivô no objeto ou que se divida no sujeito. Inexistência de unidade ainda que fosse para abortar no objeto e para “voltar” no sujeito. Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade). (...)

4° - Princípio de ruptura assignificante: contra os cortes demasiado significantes que separam as estruturas, ou que atravessam uma estrutura. Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. (...) Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Essas linhas não param de se remeter umas às outras. É por isso que não se pode contar com um dualismo ou com uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. (DELEUZE & GUATTARI, 1995, pp. 22-6).

Os quatro princípios apresentados trazem características inerentes ao processo do “Partidas”, mas que precisam ser transpostas para o universo do teatro. Isso decorre do fato de que envolvem não só o momento de construção das cenas e dramaturgia, como também o da apresentação do espetáculo, do encontro com o público.

Isso posto, o primeiro experimento dramaturgico emergido nesse processo indicava a criação de quatro cenas que contam a história de quatro personagens, as quais apresentavam características bem semelhantes, tais quais os depoimentos que serviram de inspiração inicial para a pesquisa do espetáculo. A necessidade de criar diferenciações e nuances entre as histórias tornou-se algo relevante quando pensávamos no todo do espetáculo. Individualmente (cada um sendo mais autor de sua cena do que da cena do companheiro) e em sala de ensaio, mas baseados em um combinado coletivo que eu poderia chamar de territorialização, começamos a fazer escolhas de quais linhas cada personagem percorreria para fazer novas conexões. Obviamente, linhas essas oriundas do processo de mergulho nesse rizoma de criação.

Carmem Lúcia era a mulher mais “bem-sucedida”, no sentido de conquistar mais coisas em sua vida, de representar uma certa ascensão social e econômica e de se apresentar como alguém muito forte e determinada. Além disso, sua vida era permeada pelo universo do rádio, elemento fortemente presente desde seu nascimento. Sua história

não era contada em uma ordem cronológica. Era sim apresentada de forma desalinhada, trazendo a ideia de que as cenas apareciam com características de como funciona nossa memória... aos pulos, sem sentido, com ideias misturadas, sobrepostas...

Chiquinho mostrava o contraponto entre as partidas, sendo um personagem que nunca saía de sua terra natal, mesmo sonhando em saber o que tem por trás das montanhas. Junto a isso, o menino possuía uma genuína ligação com o poético de forma muito simples e singela, enxergando o mundo de maneira peculiar e usando, principalmente, as metáforas ligadas à natureza para se expressar em diversas situações. Em relação ao contar de sua história, um claro recorte, Chiquinho contava sobre os momentos de sua vida nos quais existia a presença de Rosarinha, seu grande amor, seja no físico ou na lembrança.

Na história das irmãs Maria da Graça e Maria de Lourdes, a ambiência dava-se pelos versos e pelas superstições típicas do interior. Em um dado momento durante a montagem, toda a história era narrada através de versos rimados, ainda é assim na versão da seresta. Quando trouxemos o olhar para o todo e foram necessários cortes de cenas, esse elemento passou a estar menos presente. A dramaturgia girava, desde muito cedo, em torno de contar a infância das meninas na roça e de como a relação entre as duas era forte e bonita, até chegar no momento da quebra, da separação e da transformação das vidas. Após ir embora da roça para a cidade grande, Maria da Graça apenas narra o que lhe aconteceu. Era como se a sua vida, a partir daquele momento, tivesse se transformado em algo estático. Todo o movimento ligado à sua infância, sua vivência e sua alegria em companhia de sua irmã foram substituídos por uma tristeza que a paralisa. Após quase quarenta anos longe de sua terra natal, quando ela volta e encontra seu sobrinho, as cenas com diálogos voltam a acontecer.

Já Rosarinha apresentava constantemente elementos fantásticos na sua trajetória. Era como se sua fala fosse carregada por um encantamento que possibilitava que os momentos vivenciados por ela fossem carregados por componentes mágicos. Ela fala da lua, a lua aparece; ela encontra com Chiquinho e parece que tudo gira ao seu redor; o casal vai até o cafezal e, de repente, os dois parecem estar em um musical no qual, apaixonados, cantam e dançam enquanto as flores do café voam entre eles. Rosarinha também narra muitas experiências vividas por ela e vai trazendo uma outra versão de sua história de amor com Chiquinho. O fato de a personagem contar uma outra versão da “mesma história” é proposital. Nessa cena, pretendemos brincar com as diferenciações da memória, que nos engana diante dos fatos, partindo do pressuposto de que cada indivíduo

guarda o que lhe é conveniente ou o que ele julga importante, consciente ou inconscientemente.

Após termos criado esses personagens e suas vivências, iniciamos uma experimentação para que todas as histórias coubessem em um mesmo espetáculo. Em um momento de compartilhamento com a equipe interna do Teatro da Pedra, fizemos um ensaio aberto no qual as cenas foram apresentadas uma após a outra, ainda sem conexão entre elas. Então, optamos por manter esse formato posteriormente, evidentemente “aparando as bordas”, no sentido de cortarmos as cenas que estavam alongando demais o espetáculo. Nessa versão experimental, a duração da obra era de duas horas e quinze minutos.

Em alguns momentos da dramaturgia acontecem cenas coletivas em que podemos ver mais de um personagem (desses quatro principais) no palco ao mesmo tempo, sugerindo de fato os encontros, mas em um contexto que pode não ser exatamente aquilo que se vê. Como exemplo, podemos pensar em uma indefinição temporal, em que os personagens estão em um mesmo lugar – uma rodoviária – mas em tempos diferentes, seja a definição desse tempo minutos, horas ou anos.

Outro recurso presente na dramaturgia é o uso de dados documentais, tanto para a construção das histórias de cada personagem quanto para a composição dos textos escritos por cada atriz e ator envolvidos. Não podemos afirmar que uma história específica está sendo retratada, porém existem trechos de cenas nos quais as falas são exatamente ou muito próximas às que ouvimos nos depoimentos com as mulheres de Coronel Xavier Chaves. É um emaranhamento de informações, que vai compondo novas histórias a partir de histórias reais e de componentes ficcionais.

Segundo Marcelo Soler, o teatro documental trata-se de um campo, e “quando se pensa em um campo de conhecimento, pressupõe que não se trate de uma área com rígidos contornos, permeada de definições, mas de uma possibilidade de lugar destinado à reflexão” (SOLER, 2013, p. 130). Nesse contexto, que abarca inúmeras possibilidades de feitura e tessitura de uma obra, creio que o espetáculo “Partidas” adentre esse campo, não conscientemente no sentido de ter se pensado em criar uma obra documental, mas naturalmente, percorrendo as veredas de uma proposta estética interessada em dialogar com as histórias de vida. Escolhemos mostrar um ponto de vista fundamentado no documento com que tivemos contato, no caso, as entrevistas, e propusemos uma experiência estética a partir dele, que contém também elementos ficcionais.

Entretanto, é importante salientar que não é o caso de somente informar através da obra, e sim de atingir sensorialmente o outro, de provocar uma experiência que se dá por meio do teatro. O apuro artístico concomitante a uma linguagem clara e poética nos interessou desde o início do processo.

Estetizar em torno das relações pessoais e histórias de vida é algo desafiador e que deve ser feito com extremo cuidado. Apesar de todas as entrevistadas obviamente terem aceitado contar sobre suas trajetórias nas conversas, existem construções e conceituações que nós (entrevistadores, atores, músicos e outros envolvidos no processo) fazemos e levamos à obra que podem interferir diretamente na vida atual das entrevistadas. Desse modo, é possível que a presença da ficção, aliada ao documental, ajude-nos a percorrer os caminhos delicados de forma mais segura.

Por fim, acredito que a dramaturgia do espetáculo, pela temática tratada, apresente uma microssituação, no sentido de serem histórias recolhidas de um grupo específico de mulheres de uma cidade pequena do interior de Minas Gerais. Mesmo assim, proporciona um olhar de identificação e reflexão relacionado à uma situação maior vivida por milhares de mulheres no nosso país: a exploração do trabalho e o êxodo rural.

A encenação

Em “Partidas”, a teatralidade está exposta. Os personagens vão surgindo e se transformando por intermédio de figurinos e de indumentárias, na frente do espectador. Os atores dão vida e corpo a diversos papéis dentro da dramaturgia e essas mudanças, em sua maioria, são apresentadas frente ao público convidando-o a acreditar, junto aos artistas, no fenômeno teatral que ali acontecerá.

Para o elenco e para a direção do espetáculo, Ariane Mnouchkine, diretora do Théâtre du Soleil, sempre foi uma grande referência. No decurso de escolha da linguagem para a montagem, constantemente citamos as encenações criadas pelo Théâtre du Soleil como grandes inspirações.

A narrativa acontece no palco, na instantaneidade do momento, diante do espectador, em colaboração com outros atores, e o ator deve saber inscrever-se nessa instantaneidade e estar presente. Para isso, é preciso que se concentre não no que vai acontecer no palco ou no que aconteceu, mas no que acontece naquele instante. Mnouchkine exige que o ator esteja inteiramente, absolutamente, no presente (FÉRAL, 2010, p. 45).

O cenário, em constantes mudanças e ressignificações, é rearrumado de cena para cena, de modo a contribuir para uma nova ambiência, que servirá à história contada, tudo feito de forma muito simples e revelada. Poderia afirmar que a simplicidade é o ponto mais forte da encenação que ora mostra que, quando os personagens falam, as coisas simplesmente aparecem na frente do público. A exemplo disso, cito a descrição da casa da personagem Carmem Lúcia e sua aparição, composta por um fogão à lenha feito com um baú aberto com panelas, bucha vegetal, cabeças de alho e um pilão; a rede do pai pendurada na carroça e o banquinho de seu Tio Amado representado por uma mala. Ou os papéis picados, que representam a florada do café vista pelo casal Chiquinho e Rosarinha. Ora sugere, com algum elemento, que ele pode representar aquilo que se vê e que ele realmente é, ou, em determinados momentos, mais do que aquilo que se vê. A exemplo, pensemos na utilização da carroça, que aparece em cena com essa finalidade de uso original, quando a personagem Maria da Graça está indo embora da roça para a cidade, mas também aparece sendo sugerida como um ônibus na cena em que Maria de Lourdes está indo embora da capital após não encontrar sua irmã. Aparece, ainda, na tentativa de Chiquinho de ir embora, em que é impedido pela sua mãe.

A escolha por utilizar paisagens sonoras também compõe essa encenação, que propõe ao público uma aproximação com a história e com os ambientes por onde se passam as cenas do espetáculo. Assim, as cenas se desenvolvem visualmente e também de modo sonoro.

A conversa direta com o público o convida a estar junto em alguns momentos do espetáculo, até mesmo interagindo com as atrizes e com o ator envolvido. Em outros instantes, o convite é espiar de perto a história que se materializa à sua frente.

Finalmente, gostaria de citar as quebras da encenação como propostas de uma dinâmica que busca envolver e sacudir a lógica do espectador, trocar de “ondas” com velocidade, sugerir versões múltiplas de uma mesma cena e ampliar os caminhos de interpretação de um determinado conteúdo, de uma determinada história.

O texto

O texto escrito

(...) E porque alguém escreveria, poderíamos nos perguntar? Para intervir em si mesmo, para se infligir ideias, quase sempre improváveis, para se usar de vários modos, para se contrair e distender, para que os insights insistam e que com ele você possa compor algumas ações perceptíveis. (PRECIOSA, 2010, p. 21).

O texto do espetáculo “Partidas” foi escrito pelas atrizes e pelo ator envolvido no processo de montagem da obra, com direcionamento do diretor dramaturgo. É assim na maioria das construções do Teatro da Pedra, mas referente a esse caso gostaria de apontar algumas peculiaridades.

Como mencionado anteriormente, o processo teve início em meio à pandemia de Covid-19 e, sendo assim, os artistas envolvidos tiveram que trabalhar em suas criações de forma individual. Era difícil a disciplina de ir a uma sala de ensaio sozinha para improvisar, improvisar, improvisar e só depois, quando algumas escolhas já tivessem sido feitas pelo diretor-dramaturgo, escrever, por exemplo. Tal forma se aproxima muito do jeito que costumamos criar em outras peças: improvisação (no caso, coletiva) e, depois de um tempo de estudo das possibilidades e de escolhas de caminhos a serem trilhados, a escrita do texto. Acreditamos que a partir das experimentações do corpo e da voz no exercício do improviso, surjam potências possíveis de serem exploradas. É evidente que muita coisa é jogada fora, não funciona, não é potente. No entanto, quando acontece algo “mágico” na improvisação, algo que pulsa no palco e que reverbera para o público, esse momento deve ser perseguido, explorado e desenvolvido. Pode ser num drama, numa cena cômica, o que for, o teatro funcionou, apareceu ali. Logo, depois de feitas as devidas escolhas dentro de uma dramaturgia, entra nossa busca enquanto artistas por acessarmos novamente essa “magia”, esse jogo, em cada apresentação, para criarmos mecanismos a fim de chegarmos nela inúmeras vezes, em todos os dias de espetáculo.

Isso é possível porque colocamos nossos corpos em exercício de experimentação e criação que, pouco a pouco, vai gerando um conteúdo também textual. Tal constatação, leva a uma reflexão acerca do que pontua Rosane Preciosa, segundo a qual:

Um corpo, uma engrenagem de sensações que intrigam textos o tempo todo. E esses textos que vão sendo produzidos são muito ruidosos, exatamente por que operam vozes que discordam entre si. São elas que preparam em sua complexidade a modelagem desse corpo único e coerente, mas de uma coerência estranha, que adere ao espaço em que pousa, e por isso devem com ele um sítio de estados experimentais (PRECIOSA, 2010, p. 25).

Penso na necessidade, no caso do teatro, de que essa conexão corpo-escrita seja lapidada em algum momento a ponto de eliminar “ruídos” que possivelmente não caberiam àquela dramaturgia.

O processo de criação de monólogos inicialmente nos encaminhou a outros lugares dentro da escrita, lugares estes que mais se aproximam da compreensão do todo de uma dramaturgia. Era necessário, ainda que como exercício, que aquele monólogo funcionasse como uma história completa, que apresenta início, meio e fim, não necessariamente nesta ordem. Por conseguinte, creio que mergulhamos em algo novo no sentido de, a princípio, construirmos sozinhos as trajetórias de nossos personagens. Mais adiante no processo, passamos a ter mais diálogo entre nós no que diz respeito a essas narrativas, mas o momento inicial foi de um grande mergulho na escrita, no texto e na compreensão de como esse texto seria transposto para a cena.

Considero que o fato de o espetáculo trazer também elementos autobiográficos das atrizes e do ator esteja diretamente ligado a esse momento. Estávamos abordando uma temática que nos atravessava em vários âmbitos, alguns mais distantes, outros muito próximos. À parte o diretor dramaturgo Juliano Pereira, todos os artistas envolvidos na produção também nasceram no interior de Minas Gerais. Estávamos tratando de nossos costumes, de nossas crenças, de nossas avós, tias, vizinhas, de nossa gente. E isso nos colocou em um lugar de muita propriedade no que se refere a alguns conteúdos abordados.

o que vem primeiro é a capacidade de se deixar violentar pelas marcas, o que nada têm de subjetivo ou individual pois ao contrário, as marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro (ROLNIK, 1993, p. 5).

É essa nossa escrita. Carregada de nossas marcas, tanto em relação ao que colocamos de autobiográfico quanto em relação ao que mencionamos a respeito do território onde se passa uma parte da história e o qual ocupamos.

O texto falado

A construção da musicalidade textual apresentada em “Partidas” está diretamente atrelada ao universo regional do interior de Minas Gerais. É assim que falamos, assim que ouvimos, assim que nos entendemos. Ao assistir ao espetáculo, será percebido o

sotaque mineiro carregado, a diminuição do volume no fim das palavras, a junção destas, formando uma outra e demais peculiaridades ligadas à linguística mineira.

Mas a escolha por essa forma de dizer o texto não foi determinada desde o início do processo. Por se tratar de um espetáculo em que usaríamos bastante o recurso da narração, vimo-nos diante da necessidade de estudarmos para tal. Sendo assim, optamos por fazer uma oficina de leitura dramatizada com José Walter Albinati, ator e pesquisador da voz e componente do grupo Luna Lunera de Belo Horizonte, que se pautava nas ideias de Constantin Stanislavski.

A fala é música. O texto de um papel ou uma peça é uma melodia, uma ópera ou uma sinfonia. A pronúncia no palco é uma arte tão difícil como cantar, exige treino e uma técnica raiando pela virtuosidade. Quando um ator de voz bem trabalhada e magnífica técnica vocal diz as palavras de seu papel, sou completamente transportado por sua suprema arte. Se ele for rítmico, sou involuntariamente envolvido pelo ritmo e tom de sua fala, ela me comove. Se ele próprio penetra fundo na alma das palavras do seu papel, carrega-me com ele aos lugares secretos da composição do dramaturgo, bem como aos da sua própria alma. Quando um ator acrescenta o vívido ornamento do som àquele conteúdo vivo das palavras, faz-me vislumbrar com uma visão interior as imagens que amoldou com sua própria imaginação criadora (STANISLAVSKI, 2012, p. 128).

Como proposta de treino e experimento, foram sugeridos exercícios com alguns verbos que traziam variadas intenções para o texto. Nessa ocasião, não havia preocupação com o conteúdo ou com características já escolhidas para os personagens, e sim um compromisso em falarmos todo o texto com a intenção do verbo. Experimentação. Recebemos uma lista de verbos previamente feita por José Walter em seus estudos e fomos convidados a continuá-la a partir do que descobriríamos em nossas falas cotidianas, em filmes a que assistimos, ao observar pessoas na rua ou em cena. Os verbos estudados foram:

Afirmar / Confirmar / Assegurar
 Acusar / Afirmar com veemência
 Atacar / Intimidar / Constranger / Ameaçar / Amedrontar
 Enfurecer-se / Exaltar-se (alterar-se) / Exceder-se / Esbravejar
 Atarantar-se / Aturdir-se / cair em espanto / Desacreditar (ficar atônito)
 Hesitar / Titubear / Oscilar (estar inseguro, confuso)
 Conformar-se / Resignar-se / Aceitar / Desapegar-se
 Estranhar / Ressabiar / Desconfiar / Intrigar-se
 Preocupar-se / Cismar / Incomodar-se
 Ironizar / Debochar / Zoar (usar de cinismo, sarcasmo)
 Acalmar / Serenar / Tranquilizar / Apaziguar / Consolar
 Explicar / Esclarecer / Justificar
 Exemplificar / Pontuar / Enumerar
 Enfatizar / Destacar / Sublinhar / Evidenciar

Desabafar / Aliviar-se
 “Defender” / Defender-se / Opor-se / “Discordar”
 Contemporizar / Mediar / Relativizar (pôr panos quentes)
 Releva / Desculpabilizar / Amenizar (“deixa disso”)
 Encorajar / Estimular / Conclamar / Entusiasmar
 Enaltecer / Elogiar / Reconhecer
 Extasiar-se / Entusiasmar-se / Rejubilar-se
 Descontrair / Suavizar / Zoar (divertidamente)
 Entediar-se / Aborrecer-se / Chatear-se
 Impacientar-se / Irritar-se / Inquietar-se / Afobar-se / Ansiar
 Desdenhar / Desqualificar / Menosprezar / Desinteressar-se
 Apelar / Desistir (chutar o balde)
 Resmungar / Reclamar / Queixar / Lamentar / “Muxoxar”
 Lamuriar / Lamentar (soluçante, choroso)
 Lembrar (recordar-se de algo mais imediato)
 Evocar (do fundo na memória, reconstituir algo)
 Dissimular / Despistar / “Ambiguizar” / “Escorregar”
 Advertir / Avisar / Alertar / Admoestar
 Segredar / Confidenciar
 Fofocar / Futricar
 Provocar / Desafiar / Insuflar
 Apiedar-se / Condoer-se
 Indignar-se / Revoltar-se / Inconformar-se
 “Sensualizar” / Enlanguescer / “Derreter” / Excitar(-se)
 Ansiar / Afobar-se / Urgir
 Assustar-se / Espantar-se / Atemorizar-se /
 Aterrorizar-se / Apavorar-se / Desesperar-se
 Angustiar-se / “Abafar-se”
 Pregar / Proclamar / Conclamar / “Panfletar” / “Manifestar” (discursar
 veementemente / dizer palavras de ordem)
 Orar / Rezar / Clamar / Interceder / Rogar / Invocar
 Deduzir / Concluir
 Cogitar / Ponderar / Refletir
 Ostentar-se / Gabar
 Admirar-se / Surpreender-se / Impressionar-se
 Considerar / Concordar / Anuir / Endossar
 Relatar / Narrar / Descrever / Constatar
 Deleitar-se / Comprazer-se
 Frustrar-se / Decepcionar-se / Desencantar-se
 Desanimar / Descontentar-se
 Enojar-se / Repulsar (rejeitar com asco)
 Prostrar-se / Abater-se (estar cansado, extenuado)
 (Arquivo de José Walter Abinatti)

Esse exercício nos revelou muitas possibilidades que, na maioria das vezes, não aventávamos diante do estudo de um texto. Fomos descobrindo novas intenções, novas vozes e dinâmicas possíveis de serem realizadas que ampliavam a qualidade do texto dito, fazendo-o estar extremamente mais interessante para o ouvinte.

Essa voz capaz de metamorfose pode se materializar nas nuances dos recursos vocais trabalhados para aquele personagem. As palavras na ação vocal são como estratégias para se alcançar um determinado objetivo, uma intenção, para transmitir um subtexto, para estar em uma situação (GAYOTTO, 2002, p. 35).

Seguinte a esse estudo, começamos a interseccionar a dinâmica de pesquisa em torno dos verbos e das *ações vocais* (STANISLAVSKI, 2012) feitas na oficina com os textos já definidos no espetáculo. O resultado ora nos levava a lugares interessantes, ora nos afastava da linguagem rural mineira que, para nós, surgia de maneira fluida e arraigada à nossa trajetória de vida. Nesse momento, também pensamos em adentrar no universo linguístico de Guimarães Rosa que, ainda que fale de um sertão mineiro, possui características que, para nós, eram diferentes daquelas percebidas nos depoimentos das mulheres de Coronel Xavier Chaves.

Após conversas e experimentos, a escolha foi pela linguagem trazida nos depoimentos e nas nossas experiências de contato com pessoas nas zonas rurais de Minas pelas quais percorremos com constância devido à realização de trabalhos vinculados ao Teatro da Pedra. Além disso, para parte do elenco nascida e criada em zona rural, trazer essa linguagem para o palco era rememorar a sua própria trajetória, sua própria linguagem.

Carmem: E eu vou contar uma coisa procês tudo que tá aqui, na nossa vida acontece muita coisa. Se a gente olhar pra trás vai ver que aconteceu muita coisa boa! Nós não pode é bobiá, porque se nós bobeia, nossa vida vira é um programa de rádio. (TP, 2021)⁴⁰.

Aliada a essa escolha, foi realizada a pesquisa em torno das ações vocais propostas na oficina para encontrarmos a “forma” final de cada personagem.

Ainda dentro das descobertas em sala de ensaio, acrescento à pesquisa do texto falado as opções de dinâmicas corporais em torno dos estudos de dinâmicas de movimento, especificamente a parte relacionada aos verbos, propostas por Rudolf Laban (LABAN, 1978) e feita por cada atriz e ator envolvidos no processo. A opção desse “verbo” para trabalhar o corpo da personagem trouxe também as nuances e preferências relacionadas à fala que, junto ao contato com os depoimentos e aos estudos das ações vocais, deram origem ao resultado final apresentado no palco.

Para a realização da pesquisa corporal à volta dos “verbos” indicados por Laban, o diretor dramaturgo Juliano Pereira propôs ao elenco que fosse pesquisado por cada atriz e ator, prioritariamente, dois de seus personagens, aqueles mais relevantes na história. As preferências foram as seguintes:

⁴⁰ Trecho do espetáculo “Partidas”.

- Ana Maria Malta
 - * Rosarinha: verbo deslizar [leve - sustentado - direto] (LABAN, 1978)
 - * Mãe da Maria da Graça e Maria de Lourdes: verbo sacudir [forte - repentino - indireto] (LABAN, 1978)

- Fernanda Nascimento
 - * Carmem Lúcia: verbo flutuar [leve - sustentado - indireto] (LABAN, 1978)
 - * Sinhá Maria: verbo socar [forte - repentino - direto] (LABAN, 1978)

Priscila Matilde

- * Maria de Lourdes: [leve – repentino – direto] (LABAN, 1978)
- * Mãe de Carmem Lúcia: [forte – repentino – direto] (LABAN, 1978)

- Elis Ferreira
 - * Maria da Graça: verbo flutuar [leve - sustentado - indireto] (LABAN, 1978)
 - * Terezinha: verbo sacudir [forte - repentino - indireto] (LABAN, 1978)

- Gustavo Rosário
 - * Chiquinho: [leve – sustentado – indireto] (LABAN, 1978)
 - * Pai da Maria da Graça e Maria de Lourdes: [forte – repentino – direto] (LABAN, 1978)

Acredito que o caminho percorrido para construção da forma do texto falado em “Partidas” trouxe às atrizes e ao ator um ganho consciente do trabalho. Mais do que habitar o lugar comum do sotaque mineiro em que estamos inseridos cotidianamente, percorremos trajetórias de estudos, pesquisas e escolhas e assim chegamos a um novo lugar. Nesse lugar, nos afastamos um pouco de uma fala cotidiana, focada no trejeito pessoal das atrizes e do ator, e apresentamos uma versão de fala que abarcava um coletivo maior que habita o interior mineiro.

Segunda parte

O interesse por histórias de vida atrelado ao jogo do teatro

Quando eu tinha uns oito ou nove anos, ouvi esta história pela primeira vez, contada pela minha avó materna. Ela, uma jovem mãe de três filhos, percebeu que o mais novo apresentava algumas dificuldades de aprendizado. A partir dessa constatação e vivendo em São João del-Rei, interior de Minas Gerais, minha avó decidiu que iria viajar para a capital com meu tio para investigar o seu diagnóstico. Soube que as viagens foram inúmeras e que, após ser avaliado com atraso mental devido a complicações no parto relacionadas à falta de oxigenação, ela seguiu fazendo testes para descobrir quais habilidades ele tinha, o que poderia fazer na vida, enfim, testes vocacionais. Contam que em um desses testes foi apontada aptidão para a música e para atividades repetitivas. Junto ao meu avô, meu tio passou a frequentar a banda e a orquestra da cidade e se tornou músico da Lira Sanjoanense e da Banda Teodoro de Faria. Além disso, trabalhou por anos em uma fábrica de isqueiros, onde realizava as tarefas em série mais rapidamente que todos os outros funcionários.

Como escrevi acima, esta história me foi contada há muito tempo. Na verdade, não tenho certeza da idade que tinha quando a ouvi. Não sei se meu avô acompanhou minha avó em alguma viagem ou se ela realmente ia sempre sozinha. Não lhe foi avisado desde o parto que seu filho teria alguma deficiência? Ao ouvir essa história, eu sempre criei em minha mente a imagem dela, com meu tio no colo, com aproximadamente cinco anos. Mas eu não sei que idade ele tinha quando as viagens começaram a acontecer. Eu me lembro dele tocando na orquestra e na banda, mas nunca o vi na fábrica de isqueiros. Nunca soube que em São João del-Rei tinha uma fábrica de isqueiros e nunca me mostraram, ao andar pelas ruas: “olha, ali era a fábrica de isqueiros que seu tio trabalhou”. Carrego essa história como demonstração de força e luta na trajetória de minha avó, no entanto, me faltam muitas informações a esse respeito, informações essas que nunca me impediram de contá-la.

É a primeira vez que escrevo essa história, todas as outras vezes a contei de forma oral, o que me fez, provavelmente, escolher outras maneiras de atrair o interlocutor. Aqui, busquei escrevê-la em formato sucinto, omitindo alguns fatos que conheço e “inventando” outros de que não tenho certeza da veracidade, mas que se adequaram bem à pequena descrição. Eu busquei escrevê-la de uma forma que atraísse o leitor neste contexto e espero ter funcionado, mesmo que brevemente.

Minha crença é de quando artistas escolhem criar obras com base em histórias de vida, sejam elas peças de teatro, filmes ou textos literários, esta questão está sempre presente: como posso contar essa história com potência, com eficiência, causando interesse no espectador? Do que eu não posso abrir mão nessa história e o que posso deixar de lado... omitir? Vou seguir à risca o que me foi apresentado como verdade ou posso “conversar” com aquele conteúdo? Se a opção for essa última, o que posso trazer para dialogar com a temática daquela história de vida que potencializa o que estou contando e, sendo assim, torna o relato ainda mais interessante? Qual o meu compromisso com a “verdade”? Ele existe ou não?

No caso do espetáculo em questão, partimos dos depoimentos das mulheres de Coronel Xavier Chaves, que nos inspiraram ao mergulho naquela temática, trazendo para nós uma vontade de retratar o universo apresentado por elas. Mas depois adicionamos novas narrativas que dialogavam com o primeiro conteúdo e com nossas intenções de busca por uma dramaturgia cenicamente interessante e eficiente.

Nesse jogo de construção e tessitura da obra, acredito que nos aproximamos de conceitos ligados à história oral, biografias, autobiografias e ficção.

Atualmente, a história oral vem se tornando cada vez mais um objeto de estudo e se legitimando como fonte passível de ser estudada como documento. Segundo Etienne François no artigo “A fecundidade da história oral”,

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais etc.), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferências a uma “história vista de baixo” (*Geschichte von unten, Geschichte von innen*), atenta às maneiras de ver e de sentir, e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-histórica” (FRANÇOIS, 2006, p. 4).

O que inicialmente nos move em “Partidas” está diretamente ligado à citação acima, pois traz luz e legitimação à história de migração feminina pela ótica de quem a viveu e vive até hoje, e não pela visão de estudiosos renomados. Estes, certamente, conhecem dados reais (ou supostamente reais) e impressionantes sobre o tema, mas que, muitas vezes, não acessam a essência de como foi a vida dessas protagonistas da migração.

Isso é possível, pois tratamos a fala, a conversa, a entrevista, como um documento tão importante quanto algo registrado de forma escrita. Não há terceiros que vão contar aquela minha história. As próprias mulheres, a partir de seus pontos de vista, com os seus conhecimentos de mundo e da forma como acham que deve ser, vão contá-la.

Mas como falamos da história de nossa própria vida? Segundo Pierre Bourdieu em seu artigo “A ilusão biográfica”,

Falar de história de vida é pelo menos pressupor - e isso não é pouco - que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, *Uma vida*, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma experiência individual concebida como uma história e o relato dessa história. É exatamente o que diz o senso comum, isto é, a linguagem simples, que descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira com suas encruzilhadas (Hércules entre o vício e a virtude), seus ardis, até mesmo suas emboscadas (Jules Romains fala das “sucessivas emboscadas dos concursos e dos exames”), ou como um encaminhamento, isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um *cursus*, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a “mobilidade”), que tem um começo (“uma estreia na vida”), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade (“ele fará seu caminho” significa ele terá êxito, fará uma bela carreira), um fim da história. Isto é aceitar tacitamente a filosofia da história no sentido de sucessão de acontecimentos históricos, *Geschichte*, que está implícita numa filosofia da história no sentido de relato histórico, *Historie*, em suma, numa teoria do relato, relato de historiador ou romancista, indiscerníveis sob esse aspecto, notadamente biografia ou autobiografia (BOURDIEU, 2006, p. 183).

Acontece que, ao contar nossa própria história, muitas vezes apresentamos versões dela. Versões essas que se adaptam ao contexto vivenciado no momento exato do contar dessa narrativa. Por exemplo, quando sou entrevistada por uma pessoa que não conheço, em um ambiente pouco familiar, certamente isso influencia na forma como vou narrar minha história. Mas quando a conto em um bar com amigos, outros elementos podem aparecer contribuindo para o que eu chamo de uma outra versão dos fatos. Além desse ponto, existem os enganos de nossa memória, que fazem com que criemos visões diferenciadas de um mesmo fato.

Em “Partidas”, “brincamos” com esses enganos da memória ao apresentarmos duas versões para uma mesma história: a versão de Chiquinho e a versão de Rosarinha. Na versão de Chiquinho, a primeira vez em que ele viu Rosarinha, foi no primeiro dia em que ela chegou na fazenda e estava em companhia de sua mãe, Sinhá Maria, que lhe apresentava o local. Foi amor à primeira vista. Na versão de Rosarinha, o momento em que ela vivenciou uma paixão súbita pelo rapaz foi no primeiro dia de aula, quando ele

chegou atrasado, visto que ele havia ajudado um trabalhador da fazenda a desatolar um boi do mata burro.

Ainda jogando com essas versões, na história de Chiquinho, Rosarinha é mandada embora da fazenda no dia em que sua mãe os pega tentando dar o primeiro beijo. Mas na história de Rosarinha, ela é expulsa no dia que o menino a pediu em namoro e bradou aos quatro cantos da roça que a amava.

Qual a versão verdadeira? Creio serem as duas, pois é como cada um se lembra e conta o que aconteceu. Nossa memória flutua com o passar dos anos, com o contexto no qual estamos inseridos, com a versão com que queremos nos lembrar de nós...

Contar a própria história é um exercício de autoconsciência, de distanciamento que faz com que o narrador, numa espécie de reflexão interna, seja expectador de si mesmo: um eu que deseja contar sua história pessoal, que cria e ao mesmo tempo observa, dialoga intervém no processo de criação (VASCONCELOS & CARDOSO, 2009, p. 654).

Adentrando no universo da conexão que os artistas do Teatro da Pedra envolvidos no espetáculo tiveram com as biografias de seus familiares e, em alguns momentos, com suas autobiografias, alguns elementos são interessantes de serem pontuados.

Primeiramente, a pesquisa os conectou com as histórias de seus familiares. Ana Malta, por exemplo, conta em sua entrevista que conversou pelo telefone com uma tia com quem não falava há tempos, para saber detalhes da história de sua avó Isméria, que foi professora em uma fazenda. Fernanda Nascimento pediu que sua tia escrevesse a história de como o rádio chegou à família, para que ela tivesse detalhes do ocorrido. E em ambos os casos, no momento em que essas histórias foram para sala de ensaio, as retratações nas cenas começaram bem próximas à história literal e depois foram se afastando da veracidade dos fatos em prol da construção da obra. O real se misturava ao ficcional, criando uma versão que se baseia em fatos reais, mas que se trata de uma outra história, não mais aquela original, dita literalmente biográfica.

No caso do trabalho que apresentamos, esse ficcional entra em vários momentos, descomprometendo a obra de um caráter cem por cento biográfico, que retrata a vida das entrevistadas tal e qual elas narraram e aproximando-a de um lugar a que tenho dificuldade para nomear, mas que está entre a biografia e a ficção.

É importante salientar que essa ficção criada por nós em sala de ensaio não foi, em nenhum momento, aleatória, e sim, sempre em consonância com a ambiência dos dados apresentados nas biografias. Um lugar que foi habitado para a criação e que se

tornou um solo fértil a partir das entrevistas, dos dados biográficos e do fato de conhecermos bem o interior de Minas Gerais, pois estamos localizados nele.

Concluindo essa explanação, gostaria de retornar à questão da história oral e de ressaltar sua importância na proposta de reflexão em torno da temática da migração feminina da zona rural para as grandes cidades. Quem são essas mulheres, que foram trabalhar como empregadas domésticas nos grandes centros? Quem fala por elas? Quem conta suas histórias? A resposta aqui e neste momento é: são elas mesmas, da forma como se sentem confortáveis para isso e entregando a sua versão de suas vidas.

E se é verdade que ainda hoje a história oral, apesar dos “desencantos” dos últimos anos, conserva nos países germânicos (Alemanha, Áustria e, até mesmo, Suíça alemã) e também na Itália um caráter militante muito mais pronunciado do que na França, isso se deve seguramente ao fato de que nesses países, cuja história recente permanece marcada de maneira indelével pelo nazismo e pelo fascismo, ela tem mais condições de contribuir para que se libere o que está reprimido e se exprima o inexprimível. Por isso mesmo a história oral tem uma função propriamente política de purgação da memória, de “luto” ou, como se diz em alemão, de *Vergangenheitsbewältigung*⁴¹. (FRANÇOIS, 2006, p. 12).

Os caminhos da memória e sua relação com a identidade social

Um grupo de mulheres da pequena cidade de Coronel Xavier Chaves, interior de Minas Gerais, encontra-se semanalmente em um projeto desenvolvido pela Secretaria de Assistência Social da prefeitura local. Juntas elas bordam, crochêtam, conversam, cantam, compartilham delícias culinárias feitas por elas mesmas e contam suas histórias. A maioria delas, já é aposentada e compõe o grupo, chamado pelo município de GAATI - Grupo de Amparo e Apoio à Terceira Idade.

Essas mulheres, negras, pardas e brancas, sendo as últimas, minoria, dedicaram suas vidas ao cuidar. Cuidar de seus filhos, de seus maridos, de seus familiares e também dos filhos dos outros, de suas patroas e patrões, das famílias de outras pessoas.

A maioria delas relata com muito orgulho a sua trajetória de vida, mesmo tendo vivenciado momentos de muita dor, dificuldades e distância de seus familiares e de suas origens. São guerreiras de um Brasil que lhes ofereceu pouquíssimas oportunidades, raras

⁴¹ O termo alemão refere-se, de modo mais generalizado, ao processo de se lidar com o passado, implicando por vezes em uma (re)conciliação.

escolhas e que, mesmo assim, elas existiram, resistiram e hoje são donas de suas próprias trajetórias.

Não pretendo romantizar situações graves vivenciadas por elas, porém também acredito que não cabe a mim ser a pessoa que apresenta uma versão de suas trajetórias diferente daquela contada por elas próprias. Não cabe a mim trazer luz somente à exploração trabalhista, aos abusos e situações indignantes que, em alguns momentos, são relatadas nas entrevistas, às vezes de forma consciente, às vezes sem dimensionar o que realmente estava acontecendo. Não é a minha escolha e não é a escolha do Teatro da Pedra. Criamos a obra “Partidas” a fim de olhar também para outros tantos elementos ricos e interessantes que essas mulheres carregam em suas histórias e que são ligados à sua cultura e sua forma de viver. Vamos celebrá-las e honrá-las, ainda que seja difícil não se sensibilizar com seus percursos ao ter noção do que viveram.

Nas próximas linhas, vou refletir acerca de alguns apontamentos teóricos de Michael Pollak em torno da memória e da identidade social. Proponho refletir sobre os caminhos que a memória faz e suas conjecturas para construção de um ser social.

O dicionário comum define memória como “a faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado a esses fatos” (definição retirada da internet no dicionário online www.dicio.com.br). Realmente, é uma maneira genérica de tratar a memória, entretanto, gostaria de ampliar as possibilidades de alcance, ação e desdobramento do que chamamos de memória a partir das ideias trazidas por Michael Pollak.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido à flutuações, transformações, mudanças constantes. Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual, quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis (POLLAK, 1992, p. 201).

Em seu texto “Memória e identidade social”, Pollak aponta como é comum em entrevistas sobre histórias de vida que os participantes, fora de uma ordem cronológica, voltem várias vezes aos mesmos acontecimentos com pequenas variações das lembranças, mas também com elementos irredutíveis que se arraigaram à memória daquela pessoa de uma determinada forma.

Com fundamento nessa ideia, supõe-se que os elementos constitutivos da memória, seja ela individual ou coletiva, são os acontecimentos vividos pessoalmente ou vividos nos coletivos nos quais as pessoas estão inseridas. Algo que, de tão fortemente vivenciado em um coletivo de que determinada pessoa participe, fá-la tomar para si um acontecimento em que não necessariamente ela esteve presente e guardá-lo em sua memória. Pollak ainda usa o termo “memória herdada” quando, por meio de uma socialização política ou histórica, ocorre um fenômeno de projeção e de identificação tão grande, que a memória ocupa esse lugar nublado no sentido de borrar as bordas do que realmente foi vivenciado e é lembrado e o que eu tomo para mim como lembrança não necessariamente vivenciada de forma ativa.

Um dos pontos é a memória relacionada às pessoas e às personagens, que podem fazer parte direta das redes de relações do indivíduo envolvido ou não. Isso porque um personagem contemporâneo do sujeito pode ocupar determinado lugar em sua memória sem ter, de fato, uma lembrança de ação conjunta constituída em relação àquela pessoa. O outro refere-se à memória dos lugares, que tem apoio no tempo cronológico e está relacionada, por exemplo, a uma localidade onde a pessoa sempre ia com sua família, um monumento de sua cidade, uma casa, etc.

O espetáculo “Partidas” foi criado, principalmente, pelas memórias das mulheres de Coronel Xavier Chaves entrevistadas, inicialmente com a finalidade do projeto Histórias e Receitas e, posteriormente, durante o processo de montagem do espetáculo, como apontado anteriormente. Algo que, de fato, aconteceu com algumas mulheres entre uma entrevista e outra foi a variação de pequenos dados e datas, elementos que guardei em minha mente e que, quando tentei retomar na segunda entrevista, percebi-os como ligeiramente diferentes.

Como fato marcante, gostaria de citar a entrevista de Marli Aparecida Costa de Sá. Em minha primeira conversa com ela, realizada pelo telefone, ainda sem a finalidade do espetáculo (não há registro de áudio ou transcrição desta entrevista, pois foi apagada após a realização do projeto), atentei-me à relação que Marli tinha com sua terra natal: muita vontade de voltar e um sofrimento recorrente quando, após finais de semana, feriados ou férias, ela tinha que retornar a São Paulo. Marli contou-me que ao estar prestes a se aposentar, passou a contar os dias e, quando a documentação para a aposentadoria saiu, ela foi embora o mais rápido que pôde para Coronel Xavier Chaves. Sua fala mais notável no dia da primeira entrevista foi algo próximo a: “Eu vivi fora trinta e nove anos, seis meses e cinco dias.” Em busca de gravar esse dado para usar no espetáculo, até

mesmo para conferir se era mesmo essa a quantidade certa de dias que ela havia dito, na segunda entrevista, eu a fiz a seguinte pergunta: “Marli, quanto tempo você viveu fora?” E ela respondeu: “Eu fiquei mais de quarenta anos lá.”

Em contextos diferentes de entrevista, não só o dado se modificou como também a forma de Marli se expressar. Na primeira entrevista, quando ela detalha os anos, meses e dias, trouxe-se a forte ideia de uma contagem que a fazia sofrer dia a dia pela espera da volta à sua terra natal. Na segunda, essa passagem foi tão natural e com menos intensidade de emoções que, para mim, enquanto atriz pesquisadora naquele momento, foi quase decepcionante.

Baseada esse fato, penso que, em entrevistas com finalidades distintas, exista um certo direcionamento da memória, que vai sendo construída por meio das perguntas direcionadas ao entrevistado. É como um farol que ilumina um imenso oceano, mostrando apenas algumas partes dele. Em momentos distintos, serão vistas águas distintas, até mesmo porque elas também estão em movimento. Essas águas são as memórias.

A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. (...) a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLAK, 1992, p. 203).

Se a memória é construção, ela está diretamente ligada ao sentimento de identidade, o que eu estou construindo em relação a mim para comigo mesma e em relação aos outros para comigo mesma. Ao serem entrevistadas, as mulheres têm uma imagem de si que gostariam de passar e passam conscientemente. Mas também existe uma identidade sendo apresentada inconscientemente e que encontra as impressões e as análises do entrevistador, que construirá supostas outras “verdades” a partir de sua perspectiva.

É nesse contexto que surge a dramaturgia de “Partidas” que, como expresso várias vezes no correr deste trabalho, vai beber nas águas das histórias reais trazidas pelas entrevistadas, mas que criará outras histórias ficcionais, as quais fazem parte do universo apresentado nas entrevistas e nas vivências das mulheres, mas que não necessariamente aconteceu com elas. É como se as entrevistas nos possibilitassem acesso às memórias

coletivas de uma determinada parcela da sociedade, as mulheres que nasceram no interior e foram viver em cidade maiores, e, com isso, pudéssemos supor, lembrar e acessar novos casos que seriam extremamente possíveis de também terem sido vividos por elas, mas não necessariamente foram.

Esse conjunto de informações, vivências e memórias de um determinado contexto e universo contribuem para o que poderíamos chamar de identidade coletiva com características típicas e vivências parecidas por fazerem parte de uma mesma conjuntura.

Pensando que as entrevistadas, além de viverem na mesma cidade, várias delas no mesmo bairro da cidade de Coronel Xavier Chaves, encontram-se semanalmente em um mesmo grupo, creio que muitas memórias são compartilhadas de forma casual, no dia a dia e que, aos poucos, essas memórias vão se entrelaçando e criando um emaranhado de histórias que fazem parte de uma narrativa que envolve todo aquele coletivo. Essas memórias não são mais aquelas primeiras, que compactuam com a trajetória de cada uma delas individualmente, são outra coisa, que se constitui por um contexto coletivo e de interação.

Reflexões sobre o trabalho doméstico no Brasil⁴²

Eu cheguei no clube com os patrões e eu nunca tive na piscina, eu não sabia o que era piscina, eu sabia o que era riacho, rio aqui que a gente ia, que a gente entrava na água aqui, nadava naquelas águas sujas. Aí cheguei lá, em Volta Redonda, e tinha... aí a gente foi pro clube e quando chegou no clube eu... aí tinha a piscina grande e tinha aquela beirinha, só a beirinha assim que as crianças ficavam sentadinhas lá. Aí os meus patrões estavam na água e eu tava com a Adriana, a menininha que eu cuidava, e eu sentei na borda, com o corpo pra fora, e botei os pés na água. Aí veio uma moça e falou comigo que eu não podia pôr o pé na água, porque eu era preta. (...) Ela falou pra mim “você não pode pôr o pé na água, você é preta”. Aí eu... Aí eu ainda fiz assim em mim pra ver se saía a tinta. Aí eu fui e tirei os pés da água, a minha patroa veio e falou comigo “nunca mais você põe os pés na água, você não pode pôr o pé na água”. Falei “eu não sabia, ninguém falou nada”, mas pra mim era uma coisa muito natural isso. Eu não achava que aquilo ali tava errado, sabe?! Eu achava que era normal. Eu era preta, eu era empregada, não podia pôr o pé na água. E, assim, são coisas que a gente grava, só que não desceu pro coração, não, graças a Deus. (Marli Costa Sá)⁴³.

Em 13 de maio de 1888, a Lei Áurea foi assinada pela princesa Isabel, regente do Brasil, e foi abolida a escravidão. O Brasil foi o último país das Américas a por fim à

⁴² Esse tópico tem grande inspiração no podcast “Projeto Querino”, episódio “Os piores patrões”, idealizado por Tiago Rogero e disponível no Spotify.

⁴³ Trecho do depoimento de Marli Costa Sá, uma das mulheres entrevistadas.

escravatura. O fato relatado por Marli na citação acima aconteceu quando ela tinha aproximadamente 17 anos, sendo assim, em meados dos anos de 1975. Ainda em um outro momento de sua entrevista, Marli diz:

Tudo era em casa de família, era morar na casa. Era cuidar do serviço da casa e morava na casa, né?! A gente não tinha folga, muitas das vezes você não tinha sábado, você não tinha domingo, você não tinha horário livre, você tinha que trabalhar. Era trabalho escravo mesmo, sabe?! Você tinha que trabalhar e você... eu... assim, passei por muitos momentos de, assim, de ter sido... hoje eu sei que era discriminado, né?! (...) Ou você aceitava ou você ia embora, né?! E a gente precisava de ajudar a família. O que a gente recebia lá, teve momentos na minha vida que eu não sabia nem quanto eu ganhava por mês. (Marli Costa Sá).

Os resquícios da escravidão perduraram na história do Brasil por muitos e muitos anos e até hoje vivenciamos situações em que o povo negro é agredido, perseguido e humilhado. Todos os dias, nos mais diversos espaços sociais, chegam notícias de casos de racismo. Ora é o tratamento diferenciado (no sentido negativo) que a polícia dá ao povo preto, confundindo guarda-chuva com metralhadora, alvejando seus carros com tiros e os revistando em mercados e shoppings; ora é por agressões verbais, com denominações como “macacos” e outras também revoltantes.

O Brasil é um país racista e que não lida bem com sua própria história no sentido de minimamente repará-la, promovendo uma vida digna e normal ao povo negro. É claro que algumas medidas e programas sociais já foram apresentados nesse sentido, cotas nas universidades e programas governamentais de ajuda financeira, criminalização do racismo, dentre outros, mas sempre, sempre, envolvidos em muita polêmica por uma parcela da sociedade acreditar que essas políticas não são necessárias.

Em uma conversa de Sueli Carneiro com Mano Brown, no podcast Mano a mano, original do Spotify, a filósofa e fundadora do Geledés - Instituto da Mulher Negra - apresenta uma interessante reflexão sobre as cotas, ampliando o entendimento das mesmas para outros contextos. Em uma passagem, ela afirma que o Brasil sempre foi a favor de cotas. Quando os italianos vieram para cá, receberam terras e apoio para construir seus lares e abrigarem suas famílias; da mesma forma, foram feitas políticas repletas de benefícios para receber os japoneses e, até hoje, temos filhas de militares que escondem seus casamentos para continuarem a receber as famosas pensões dos militares pela vida toda. Estamos falando de cotas, não? Parece-me que o problema é a cota ser ao povo negro, pois como apontado anteriormente, o Brasil é um país racista e não lida bem com sua própria história.

Toda essa reflexão está aqui, pois, em sua imensa maioria, as empregadas domésticas são negras e pardas e vivem, dia a dia, nesse contexto de racismo direcionado não só a elas, mas também a seus filhos e companheiros. Segundo Tiago Rogero, pesquisador do podcast Projeto Querino, promovido pela Rádio Novelo, “a sociedade brasileira tem muitos resquícios da escravidão, muitos, mas é difícil pensar numa relação profissional em que os patrões assumam tanto a postura de senhor e de senhá quanto no trabalho doméstico.”

A profissão de trabalhadora doméstica, por muito tempo, foi vista como algo menor, que não é valorizado e, por mais incrível que pareça, algo no lugar do não trabalho.

Empregada doméstica no dia ela faz vários trabalhos, né, ela vai tratar um serviço numa casa, ela faz um trabalho de lavadeira, de arrumadeira, de cozinheira, de passadeira... e tudo, né. E ainda não tem uma profissão, ela não tá considerada ainda como profissional, mas ela é uma profissional. Ela é profissional dentro da cozinha, ela é profissional lavando roupa, ela é profissional fazendo doce, ela é profissional arrumando uma casa, ela é profissional tomando conta dos filhos, ela é uma babá, por conta da casa tomando conta das coisas do patrão, ela é uma dona de casa. Eles só consideram profissional aqueles que tem um diploma na mão, aqueles que trabalham numa indústria, aqueles que tem nome numa profissão, mas a empregada doméstica não é considerada. Vai pra segunda categoria porque foi escrava de vocês. Não tinham profissão pra vocês mas ela nasceu já na profissão. Eu com sete anos já cozinava, já tomava conta de uma cozinha. (Fala de Laudelina, PROJETO QUERINO, 2022)

A fala acima é de Dona Laudelina de Campos Melo, mineira nascida em Poços de Caldas, em 12 de outubro de 1904, menos de 20 anos depois do fim da escravidão no Brasil. Trata-se de uma figura importantíssima na luta dos direitos das mulheres e das trabalhadoras domésticas, tendo sido fundadora do primeiro sindicato da categoria na cidade de Santos - SP. Laudelina também era filiada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), no qual militou pela Frente Negra Brasileira.

Vale a pena ouvir a sua voz e perceber a força de suas palavras na defesa das trabalhadoras. Através da pesquisa feita pela estudiosa Elisabete Pinto, é possível acessar o material na íntegra via internet. Neste trabalho, abaixo, compartilho um trecho transcrito de parte de uma entrevista dela utilizada no podcast “Projeto Querino”. O material demonstra como suas reflexões orientavam as trabalhadoras domésticas na sua época e como essa tomada de consciência foi essencial para que seus direitos fossem estabelecidos mais tarde.

As empregadas domésticas tinham sido destituídas das leis trabalhistas porque eles achavam, até hoje eles acham, que empregada doméstica não contribui pra nação. E que a empregada doméstica não traz dentro do bojo da nação, a economia. Ela não traz economia pra própria, não, mas traz pro patrão dela. Porque é ela quem dá a cobertura para riqueza do patrão. É ela que cria os filhos do patrão. É ela que cuida da casa. É ela que fica tomando conta dos filhos. Toma conta do patrimônio do patrão e sem direito a nada. Por que a maioria, daquelas antigas que trabalhou vinte, trinta anos, morreram na rua pedindo esmola. Várias delas a gente cuidou e tratou até a morte, por que elas não tinham condição, não tinham família, não tinham ninguém por elas. Então, um resíduo de escravidão, né, porque era tudo descendente de escravo. (Fala de Laudelina, PROJETO QUERINO, 2022).

Para maior compreensão de como essa luta foi necessária, convém ver os dados. Em 1943, configurou-se a CLT – Consolidação das leis do trabalho – que regulamentou as leis trabalhistas no Brasil. Nessa época, o trabalho doméstico não foi incluído e ficou assim por mais de setenta anos. Somente em 2013, com a aprovação da PEC das domésticas, é que as trabalhadoras dessa classe passaram a ter os seus direitos equiparados aos de trabalhadores de outras profissões. Isso sem mencionar o quanto, ainda hoje, encontramos casos nos quais esses direitos são burlados.

Existe uma cultura em nosso país de que alguns devem servir e outros serem servidos. Essa mentalidade, aliada ao não reconhecimento de que os serviços domésticos são e dão trabalho, torna-se perigosa e disseminadora de situações exploratórias recorrentes.

Parece-me bem delicado tratar desse tema em um trabalho artístico, visto que ele pode gerar gatilhos no público que, naturalmente, fogem ao controle dos artistas. Dessa forma, é a arte em todas as suas modalidades. Mas ainda assim, acredito ser necessário que apresentemos essas temáticas aos espectadores diversos e que elas promovam reflexões para além do lugar comum no qual aquele público está inserido. O depoimento abaixo é de Laura Sign, uma cantora americana que assistiu ao espetáculo com sua filha de nove anos, quando ele foi apresentado para uma escola da rede pública de São João del-Rei.

(...) as peças são profundas e toda vez que eu venho aqui eu choro, eu rio, eu... sei lá, eu descubro uma coisa muito profunda, uma coisa de verdade dentro de mim que eu não achei antes. É como o teatro deve ser. Eu gostaria que tivesse um teatro assim em toda cidade do mundo porque é preciso, é uma coisa que é preciso nesse momento da história do mundo. (Laura Sign - 42 anos)⁴⁴.

⁴⁴ Trecho do depoimento de Laura Sign, público do espetáculo.

Em um outro depoimento, percebemos que uma estudante de 16 anos reconheceu e lembrou a história de sua família, que se conectava com a temática apresentada.

Eu não tava lembrando, agora que eu lembrei. Quase todas as minhas tias fizeram isso. (...) Elas saíram de Coroas bem novas e foram trabalhar, lá no internato. E a minha mãe foi mais tarde. Ela foi quando ela já era maior de idade. Foi cuidar da sobrinha. (Isabel Campos - 16 anos)⁴⁵.

A partir desses depoimentos, podemos perceber como a plateia faz novas conexões, que advêm do que foi oferecido a ela na obra.

Voltando à temática de contextualização da situação das empregadas domésticas no Brasil, gostaria de trazer uma outra importante reflexão que está para além das lutas e conquistas trabalhistas vivenciadas pelas mesmas no decorrer dos tempos, pois apresenta e questiona outros lugares problemáticos em que as mulheres são colocadas dentro da sociedade. Há alguns anos e ainda atualmente, vivenciamos um verdadeiro “bum” de teorias feministas, nas quais as mulheres lutam, falando bem genérico e superficialmente, por igualdade de direitos políticos, direitos de fala, de estarem em determinados ambientes, de direitos sobre seus corpos, de igualdade salarial, entre outros. Acontece que muitas dessas falas remetem a situações vivenciadas por mulheres brancas e que são imensamente diferentes das vivências das mulheres negras. Sueli Carneiro pontua bem quando, em seu texto “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”, expressa

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhozinhos e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação (CARNEIRO, 2019, p. 1).

Longe de desmerecer a luta feminista que encontra em mim forte apoio, avalio ser justo que se amplie o entendimento de que, mesmo entre as mulheres, existem lutas diferentes e que essas lutas são extremamente onerosas às mulheres negras, que estão na

⁴⁵ Trecho do depoimento de Isabel Campos, público do espetáculo.

base de construção de nossa noção, mas que não tem o mínimo reconhecimento advindo de sua dedicação tão árdua.

E se, para que se mude alguma coisa, precisamos, primeiramente, tomar consciência dos fatos, acredito que a obra “Partidas” se propõe a isso quando busca apresentar conteúdos tão relevantes à reflexão atual de forma acessível ao público diverso (que está acostumado com o teatro e que não está). Sem ter certeza dos acertos e dos erros, todavia buscando proporcionar, para além do entretenimento, uma reflexão em torno da trajetória das trabalhadoras domésticas, seguimos emocionados e inspirados pelas palavras de Conceição Evaristo em seu poema “Vozes-mulheres”, no qual a autora apresenta a condição das mulheres negras brasileiras.

A voz de minha bisavó
 ecoou criança
 nos porões do navio.
 Ecoou lamentos
 de uma infância perdida.
 A voz de minha avó
 ecoou obediência
 aos brancos-donos de tudo.
 A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela
 A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 E fome.
 A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.
 (EVARISTO, 2021, pp. 24-5)

Observações em relação ao espectador e à recepção do espetáculo

Figura 17 – Foto do espetáculo “Partidas”, em São João del-Rei.



Fonte: J. Viegas.

Quem é o espectador, o público de teatro? Que lugar ele ocupa no momento de construção do espetáculo? Que lugar ele ocupa na trajetória do espetáculo, após a estreia? O que varia dentro da obra com essa participação tão necessária ao fenômeno teatral? Pois sem o espectador não há teatro. Ou há?

Essas perguntas me vêm ao iniciar esta parte do trabalho, e tenho certeza de que não conseguirei respondê-las nas próximas páginas. Furto-me disso conscientemente, mas acho honesto que seja avisado aqui, para que não sejam criadas expectativas nesse sentido.

E se não vou respondê-las, por que levantar essas perguntas? Para iniciar uma reflexão possível ao redor dessa temática e observar alguns pontos relacionados ao espectador e ao espetáculo “Partidas”.

Algumas vezes, os artistas tendem a fazer espetáculos voltados para um público específico ou para alguma faixa etária particular e, dependendo dos caminhos que a obra toma, principalmente se for uma montagem em que a história está sendo construída pela equipe artística no decorrer do processo, por exemplo, e não uma obra em que um texto pronto está sendo encenado, esse recorte inicial pode ser modificado. A ideia inicial se transforma durante o processo e o recorte de público pensado anteriormente precisa ser

alterado. Uma censura por uma cena de violência ou de sexo que possa ter aparecido, uma faixa etária indicativa para sinalizar aos pais que o espetáculo é melhor compreendido por crianças a partir de uma certa idade, apontamentos relacionados a problemas de saúde do possível espectador, quando o espetáculo apresenta jogos de luzes que podem causar reações em pessoas com epilepsia ou problemas de coração, dentre outros.

Então, de certa forma, na maioria das vezes, o público está ligado, eu diria, quase que intimamente à criação do espetáculo, pois existe uma preocupação no que se refere ao seu entendimento da obra ou – se não forem essas as melhores palavras, pois há processos em que essa questão não é primordial, muito menos cogitada pela equipe criadora – uma preocupação com a necessidade de que se comunique algo, seja através de uma identificação, estranhamento, conexão ou outras variadas possibilidades ou pela falta disso, por exemplo.

Se olharmos para a trajetória do teatro ao longo dos anos, perceberemos que existem muitas mudanças referentes à relação com o espectador. Na verdade, o mundo, as relações e o teatro vêm se transformando ao longo dos séculos e, conseqüentemente, as formas de se chegar ao espectador, “pois a relação do espectador com o teatro está intimamente relacionada com a maneira, própria a cada época, de ver-sentir-pensar o mundo” (DESGRANGES, 2008, p. 11).

Atualmente, vivemos uma profusão de conteúdos, temáticas, demandas e linguagens que se nutrem em prol das criações artísticas trazendo um caráter, muitas vezes, de aproximação com o espectador em vários âmbitos. As histórias de vida, da mulher e do homem comum, retratadas no palco, interessam-nos mais do que nunca, pois o espectador é frequentemente convidado a vivenciar e a experienciar um espetáculo teatral, e não só a admirá-lo com distanciamento físico, de identificação e de temática. Esse movimento, em algumas perspectivas teóricas, pode ser chamado de "drama moderno".

Segundo Flávio Desgranges,

O drama moderno, por sua vez, se vale de variados recursos cênicos narrativos, que se caracterizam pela assunção da teatralidade, e visam a ruptura com a ilusão do palco dramático. O princípio dramático se mostra interrompido, problematizado, cada vez que um elemento cênico se revela, cada vez que o teatro se apresenta enquanto tal, quebrando com a lógica do drama fechado. As brechas no mecanismo dramático rompem com a ficcionalidade irrestrita e expulsam o espectador da vivência interior da obra, lançando-o de volta à própria consciência, convidando-o a desempenhar um ato propriamente estético, reflexivo.(...) Esses movimentos de ir e vir do espectador - que, por empatia com o protagonista, adentra no interior da obra ficcional e, ante as

interrupções da lógica dramática, e retorna à própria consciência para empreender um ato propriamente autoral e analítico - caracterizam o efeito estético proposto pelo drama moderno. Ao contrário daquela teatralidade surgida em consonância com os princípios burgueses, na cena moderna o autor se faz presente, revela as soluções artísticas, expõe os recursos cênicos que utiliza em sua montagem, mostra a sua concepção de teatro, assume posicionamentos críticos, e estimula o espectador a fazer o mesmo. (DESGRANGES, 2008, p. 14)

Parece-me, então, que na era do chamado “drama moderno” em que estamos vivendo, existe uma participação muito mais ativa do espectador que traz para si a reflexão em torno da obra, fazendo múltiplas conexões que o tiram da inércia de uma recepção completamente passiva. Trata-se de uma “recepção tátil” (BENJAMIN, 1993, citado por DESGRANGES, 2008) que, segundo Walter Benjamin, em seu artigo “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”,

se efetiva de modo inverso a recepção contemplativa, pois ao invés de convidar o espectador a mergulhar na estrutura interna da obra, faz imergir o objeto artístico no espectador atingindo-o organicamente - daí a noção de tátil. O objeto como que avança sobre o indivíduo, toca-lhe o íntimo e, de maneira inesperada, faz surgir conteúdos esquecidos, relacionados com a memória involuntária. O retorno do esquecido, ou do recalado - em uma acepção psicanalítica que marca também os estudos de Benjamin -, possibilita que restos da história pessoal, associados à história coletiva, venham à tona, prontos para serem elaborados pelo espectador. (DESGRANGES, 2008, p. 16).

No caso do espetáculo “Partidas”, desde o início do processo de montagem, idealizamos fazer uma peça de rua, que fosse acessível a vários públicos e que retratasse elementos de nossa região, interior de Minas Gerais. O encontro com as senhoras entrevistadas no decurso das aulas de teatro e, posteriormente, no Projeto Histórias e Receitas, foi um componente que complementou essa vontade. Esse ingrediente, além de nos interessar enquanto artistas pesquisadores, apresentava histórias potentes e interessantes.

Mas como tratar desse tema sem que a obra se tornasse algo doloroso e que, ao invés de valorar a trajetória dessas mulheres, apresentasse suas vidas de forma somente negativa? Parece-me justo apresentar situações que denunciam vivências exploratórias, mas será essa a melhor forma de lhes apresentar o que encontramos ao ter contato com elas? Não foi somente isso que elas nos entregaram e sim, também, muitas histórias de uma vida simples e repleta de carinho e cuidados, detalhes de lendas, costumes, ditados e uma cultura popular riquíssima.

Então, quando decidimos que quatro histórias seriam contadas, começamos a pensar que cada uma delas iria conter características que ampliariam as possibilidades de trajetórias dessas mulheres, mostrando variação. Essa variação ajudaria na aproximação com o espectador, pois ampliava as possibilidades de conexão com ele.

Carmem Lúcia era a mais bem sucedida, iria passar por muita luta, mas teria ascensão na trama. Rosarinha e Chiquinho estariam voltados a contar suas trajetórias amorosas, trazendo poesia e encantamento. E Maria da Graça mostraria a dor, o abuso trabalhista e uma vida extremamente difícil. Além disso, todas as histórias estariam recheadas de outras relações e de personagens que fazem parte do repertório trazido pelas entrevistadas, tais como: histórias de infância, costumes, lendas, causos... enfim, a vida real que não se resume à situação trabalhista.

Acredito que, diante dessa escolha, o espetáculo pretendeu trazer ao público a experiência do riso, da dor e da poesia, direcionando o espectador a esses lugares por meio das narrativas e dos personagens. Ademais, a escolha da madeira disponível no cenário e presente nos baús, nas malas e na carroça; dos tecidos feitos em tear; das roupas em tons terrosos, com estampas florais, xadrez etc., tudo isso contribuiu para que o convite ao espectador, principalmente com alguma vivência no interior, fosse envolvido pela trama e pela ambiência apresentada.

Ao serem gravadas, após assistirem ao espetáculo pela segunda vez na sede do Teatro da Pedra, algumas senhoras que participaram do processo compartilharam seus momentos de identificação com a obra. Seguem alguns trechos de relatos.

Um dos momentos que mexeu bastante comigo foi quando ela falou que a avó tinha morrido, né. [Aqui ela se refere à cena das irmãs Maria da Graça e Maria de Lourdes, provavelmente, ela fala da morte dos pais ou da irmã de Maria da Graça que é narrada no espetáculo] ... já há algum tempo e ela se emocionou, ficou triste também. Porque quando a minha avó morreu, (...) eu tinha vindo, vi ela e fui embora pra São Paulo. Passei na Santa Casa, no hospital onde ela tava e vim, fui embora. E depois que eu cheguei em São Paulo, veio a notícia que ela tinha falecido, né, e isso acontecia muito, né, da gente não poder ver o ente querido, não poder enterrar o ente querido, não poder chorar junto com a família. Então aquela parte ali me deixou muito... bastante emocionada. (Marli Aparecida Costa de Sá)⁴⁶.

Uma das partes que eu fiquei muito emocionada também foi o que aconteceu comigo. Porque logo que eu cheguei em São Paulo, porque antes eu trabalhei em Belo Horizonte e tal, né, São Paulo eu fui com 17 anos. Aí eu tive que usar óculos. Aí eu custei a me adaptar. Então aquela parte de perguntar “que ônibus que é aquele, né, que tá vindo ali?” Mesmo de óculos eu não conseguia

⁴⁶ Trecho do depoimento de Marli Aparecida Costa de Sá, uma das mulheres entrevistadas e também público do espetáculo.

enxergar o ônibus que tava passando e tudo. O das cartas também, aquilo ali, nossa senhora, eu me emocionei demais da conta porque a gente tava sempre escrevendo. Uma vez eu escrevi pro meu pai falando que eu ia chegar meio dia e meio, mas a gente meio leigo, meio bobo, eu coloquei meio dia e seis. Aí meu pai achava que eu ia chegar meio dia e seis e disse, você demorou, filha. quando eu cheguei no ônibus de meio dia e meio ali, sabe. Então foi assim, muito a vida da gente mesmo aquela peça.

A parte da benzeção também. Quantas e quantas vezes... eu sou uma das mais velhas dos meus irmãos, né, que a minha mãe pedia pra levar a criança pra Sá Dulcilina benzer, a Tuti, né, Aparecida, pra benzer... (...) A gente recorda a vida da gente. (Marlene de Fátima Gomes de Almeida)⁴⁷.

O que eu achei muito bonito é a recordação do violão, né, eles tocando violão, sanfona... A mãe do rapaz, ela chamava a atenção dele, né, eu lembrava... (risos) eu recordei muito eu quando eu chamava atenção do Ricardo, meu filho. Eu pensei, olha, meu Deus, mesma coisa. (Marta Maria dos Santos)⁴⁸.

Eu também me emocionei muito (...) quase todas as partes da peça, alguma lembrava a gente. E eu lembro que eu voltei de lá de Juiz de Fora, quando eu vim pra cá e uma senhora que eu tinha trabalhado com ela falou “volta, Vera, vem trabalhar, você precisa trabalhar. Volta que eu conheci um pessoal aqui que paga um salário mínimo.” [A fala de Vera sobre o salário mínimo foi dita no espetáculo pela personagem Rosarinha de forma quase literal à fala da entrevista antes da confecção do espetáculo] Foi onde que me marcou bastante. (...) Quase todas as partes lembram a gente alguma coisa. Volta a gente pro passado. (Vera Lúcia da Silva)⁴⁹.

Outro público interessante de ser citado neste trabalho são os jovens das escolas públicas de São João del-Rei e região, que assistiram ao espetáculo “Partidas” no ano de 2022 em razão da realização dos projetos vinculados ao Teatro da Pedra. Na ocasião, algumas turmas vieram até a sede do grupo, e outras receberam o espetáculo em sua escola.

Enquanto atriz observadora da recepção do espetáculo, ao estabelecer uma comparação entre os espectadores dentro desse recorte de faixa etária – adultos/idosos e alunos das escolas públicas –, e não através de uma pesquisa mais elaborada que propõe um levantamento de dados em torno dessa temática, aventurei-me a afirmar que a identificação com a obra ocorre de maneira muito diferente.

Para o espectador adulto e de idade avançada, a peça apresenta uma narrativa que resgata a memória de um tempo passado que pode estar ligado tanto a uma vivência daquela própria pessoa ou à vivência de um familiar. Ela resgata elementos vivenciados

⁴⁷ Trecho do depoimento de Marlene de Fátima Gomes de Almeida, uma das mulheres entrevistadas e também público do espetáculo.

⁴⁸ Trecho do depoimento de Marta Maria dos Santos, uma das mulheres entrevistadas e também público do espetáculo.

⁴⁹ Trecho do depoimento de Vera Lúcia da Silva, uma das mulheres entrevistadas e também público do espetáculo.

na infância, credences do interior e lembranças de um dia a dia muito próximo ao vivido pelo espectador.

Eu achei muito interessante, eu nunca tinha visto. É tão bonito que vale a pena! É um espetáculo que quem vê fala... é realmente uma vida real. O que eu vi aqui hoje é o viver, é vida real, é o que acontece realmente. Então isso toca lá no fundo da gente, nas raízes... quem gosta, quem tem família que mora na roça. (...) As pessoas as vezes não sabem, não conhecem as raízes, o pessoal novo de agora não sabe os valores... isso é muito gratificante, eu fiquei emocionada.

(Pergunta do entrevistador: Eu vi que você cantou algumas músicas... você lembra)

Sim, a gente até emocionada, né, porque a gente lembra do pai da gente. Meu pai cantava essas músicas... então ela toca realmente no fundo do coração da gente. (Vilma - professora de escola pública)⁵⁰.

Esse reconhecimento não ocorre com os adolescentes, pois eles não carregam essas memórias. Para o público jovem, a conexão com o espetáculo se dá de outra forma, gerando identificação com outros elementos apresentados, como por exemplo a relação de amor entre Rosarinha e Chiquinho que, em quase todas as apresentações para jovens, era acompanhada de forma intensa e frenética. Por diversas vezes, o beijo final do casal foi ovacionado pelos jovens, que se sentiam aliviados, pois torceram para que isso acontecesse durante todo o espetáculo.

A parte que eu mais gostei foi a do beijo final e eu shipo muito. (Iasmim Alves Feitosa - 13 anos)⁵¹.

Eu acho que foi a cena do beijo por causa que eles se encontraram depois de um tempão e eu gosto muito desses clichês de amor verdadeiro e coisas relativas. (Luana Maria de Moura Silva - 16 anos)⁵².

Ainda nesse contexto, a personagem Terezinha era constantemente hostilizada pelo público jovem, pois eles a identificavam como uma menina fofoqueira e invasiva, além de ser quem atrapalhava constantemente o casal Rosarinha e Chiquinho.

Outros elementos de identificação com esse público jovem é a maior percepção do fenômeno teatral. Eles se atentavam não só ao conteúdo trazido na peça, mas também às trocas de roupas, às mudanças de atuação de personagem para personagem, ao cenário, ao figurino e às técnicas de canto, por exemplo.

⁵⁰ Trecho do depoimento de Vilma, espectadora do espetáculo.

⁵¹ Trecho do depoimento de Iasmim Alves Feitosa, público do espetáculo.

⁵² Trecho do depoimento de Luana Mari de Moura e Silva, público do espetáculo.

(...) Toda hora que trocava o personagem a gente via a diferença de verdade mostrando quão bom são os atores (...) Eu realmente me senti muito comovida assistindo. (Camile Resende Teixeira - 16 anos)⁵³.

Gostei das histórias e da rapidez que eles trocam de roupa, do cenário... da mudança de personalidade deles, do jeito deles atuarem diferenciado. (...) Na hora que mudou os personagens, eles foram mudando. Tinha hora que eles choravam e parecia que você mesmo tava vendo a história. (Vitória Aparecida de Almeida - 14 anos)⁵⁴.

Saliento que os depoimentos supracitados foram retirados de gravações feitas pela equipe de comunicação do grupo para registrar sensações após espetáculo. Sendo assim, não podem ser utilizados como um dado fechado de análise da recepção da obra pelo público.

O espetáculo “Partidas” segue no repertório do Teatro da Pedra e tem apresentações e circulações marcadas para o ano de 2023. Neste encontro com a plateia, muito ainda temos para apresentar e reverberar. Muito temos a descobrir sobre esse encontro com o espectador e sobre as inúmeras possibilidades de recepção e de diálogo com a obra. No momento, arrisco-me até aqui.

⁵³ Trecho do depoimento de Camile Resede Teixeira, público do espetáculo.

⁵⁴ Trecho do depoimento de Vitória Aparecida de Almeida, público do espetáculo.

Considerações finais

Termino este trabalho com a mesma indagação que me toma em seu início: “No território da escrita, qual o verbo do ator?” (COLLA,2019).

No decorrer destas páginas, tentei me constituir como pesquisadora. Vivenciei desconfortos, descobri caminhos bonitos, amargos, aerados, volúveis... Habitei lugares em que confiei estar de olhos fechados, tateando as paredes, ora tropeçando nos objetos que se entrepunham ao meu caminhar, ora desviando deles sorrateiramente, conscientemente..., ora pegando-os na mão e carregando-os comigo. Desvencilhar-me do meu eu atriz é um processo árduo e que me atravessa dolorosamente, pois não o quero fazer. Ainda assim, que seja por um instinto humano de vivenciar novas experiências e mergulhar em águas desconhecidas, estou aqui, a concluir uma dissertação de mestrado em artes cênicas e a encontrar novos lugares para morar minhas palavras, minha voz, minhas escritas. Que bom!

Algumas das certezas que eu carregava se foram com o passar das páginas digitadas, outras se transformaram e seguem me acompanhando até os próximos passos deste ser pesquisadora. O que apresentei são compartilhamentos de uma perspectiva que se mostra a partir do meu olhar, mas que não se solidifica como única. Espero que ela seja um portal para que o leitor possa acessar uma versão das coisas e imaginar ou inventar as outras tantas possíveis.

A primeira parte do trabalho se apresentou como um relato bem de dentro do processo, seja pela minha voz, seja pela voz dos outros artistas envolvidos na construção do espetáculo “Partidas” e que caminham ao meu lado diariamente no Teatro da Pedra. Um compartilhamento de caminhos percorridos para constituição da obra, referências usadas e descartadas, impressões e conexões.

Revedo este momento, acredito ter sido um enorme privilégio entrevistar, conversar, aprofundar e escrever sobre como cada atriz e ator construiu seu percurso de criação. Como cada um foi recebendo os estímulos e respondendo com conteúdos pessoais e recolhidos no mundo baseados em suas idiossincrasias. Como o real e o ficcional foram alimento de uma teia que estava sendo constituída, que dá origem à obra e que se solidifica dando razão às palavras de Erika Fischer – Lichte, quando ela afirma que

Quaisquer que sejam os lugares e os momentos nos quais o teatro acontece, ele sempre se caracteriza por uma tensão entre realidade de ficção, entre o real e o fictício. Pois é sempre em espaços reais e num tempo real que se passam as representações e são sempre corpos reais que se deslocam nesses espaços reais. (FISCHER – LICHTER & BORJA, 2013, p.1)

Apresentar neste trabalho a trilha percorrida pela equipe artística relacionada à criação da narrativa, música, dramaturgia, encenação e texto pretendeu, inicialmente, contextualizar para o leitor desta dissertação sobre o que estava sendo abordado na obra teatral analisada e aproximá-lo desta, mesmo sem que se tenha assistido à peça.

Depois disso, na segunda parte do trabalho, arrisquei-me nas conexões, nos atravessamentos e nos encontros com algumas temáticas possíveis que se desdobram a partir do espetáculo.

Nesse lugar, o teatro e as histórias de vida abrem o caminho. Tudo vai se misturando e formando um caldo que carrega conexão, representatividade e celebração. E nossas histórias cotidianas, comuns e, porque não dizer, impressionantes, são alimento para criações. E que bom que as identificações possíveis do público ultrapassam o meu olhar, impedindo-me de citá-las todas aqui.

Aí vêm as memórias e como nos constituímos a partir delas. Quem nos tornamos... quem queremos nos tornar... quem mostramos que nos tornamos e quando mostramos... Nossa identidade carrega tanta coisa, que somos incapazes de perceber tudo que transcorre dela. Pensando na análise da identidade de um outro ser então, nem se fala. E apoiada nisso, já sei que tudo o que foi escrito aqui em torno desse aspecto é apenas uma minúscula ideia ou possibilidade do que as coisas podem ser ou não ser.

Tomada por um misto de consciência e revolta, na sequência, arrisquei-me a refletir sobre um Brasil que carrega consigo uma herança escravagista, principalmente relacionada aos trabalhos domésticos, e que age diretamente na vida das pessoas até os dias atuais. Percebi que os caminhos da tomada de consciência a esse respeito são longos e que a delicada situação está distante de ser percebida em todas as camadas da sociedade.

Por fim, aventurei-me em pontuar algum conteúdo ligado ao espectador e à recepção do espetáculo. Nesse lugar, revejo a potência do teatro, que vem se transformando com o passar do tempo, assim como a sociedade, e se mostra como um reflexo das questões por ela apresentadas.

Para terminar este trabalho, acredito que, prioritariamente, apresento inconclusões, camadas da superfície de algo que pode se desdobrar em novas pesquisas. Se tento encontrar alguma resposta para pergunta de Ana Cristina Colla, neste momento,

arrisco declarar que o verbo dessa atriz que vos escreve é pesquisar, entendendo que tão efêmeras quanto o teatro são as minhas certezas.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarrid. **Redemoinho em dia quente**. 1ªed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

A VOZ DO ROUCO. **Teatro Documentário**. Entrevistado: Marcelo Soler. Soptfy, out de 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5SBPOPq4ZEruD5BY5JHdUA?si=70f037abcab042f1>. Acesso em: 14 de outubro de 2021.

BBC NEWS BRASIL. Quem foi Laudelina de Campos Melo, pioneira na luta por direitos de trabalhadores domésticos no Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54507024> Acesso em: 11 jan 2023.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Portal Geledés**, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> Acesso em: 11 jan 2023.

COLLA, Ana Cristina. **Caminhante, não há caminho. Só rastros**. Campinas, SP: s/ed., 2010.

COLLA, Ana Cristina. O corpo da palavra ou a palavra do corpo: A escrita como criação. **Rascunhos**, Uberlândia – MG, v.6, n.2, p.8-22, agosto/2019.

CONCEIÇÃO, Evaristo. **Poemas de recordação e outros momentos**. Rio de Janeiro: Malê, 6ª edição, 2021.

DELEUZE, Gilles & FÉLIX, Guattari. **Mil platôs**. Vol.1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

DESGRANGES, Flávio. **Quando teatro e educação ocupam o mesmo lugar no espaço**. s/d. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/inerte/sites/default/files/media/paper/quando_teatro_e_educacao_occupam_o_mesmo_lugar_no_espaco.pdf . Acesso em: 13 de jan 2023.

DESGRANGES, Flávio. Teatralidade tátil: alterações no ato do espectador. **Sala Preta**, 8, 11-19, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v8i0p11-19>. Acesso em: 18 de jan 2023.

DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/risco/>. Acesso em: 27/07/2020.

FÉRAL, Josette. **Encontros com Ariane Mnouchkine - Erguendo um monumento ao efêmero**. Trad. Marcelo Gomes. São Paulo: Editora Senac/Edições SESC-SP, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da história oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006.

FISCHER-LICHTE, Erika & BORJA, Marcus. Realidade e ficção no teatro contemporâneo. **Sala Preta**, 13(2), 14-32, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v13i2p14-32>. Acesso em: 20 out 2021.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da história oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006, pp.3-13.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. Org. Lisa Ullmann. Trad. Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto. 5ª edição. São Paulo: Summos Editorial, 1978.

GAYOTTO, Lúcia Helena. **Voz, partitura da ação**. 4ª ed. São Paulo: Plexus. 2002.

MANO A MANO. Entrevista com Sueli Carneiro. Entrevistada: Sueli Craneiro. Entrevistador: Mano Brown. Spotify, maio de 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nnjmogo0RkUnCPr?si=cfc2733a2b0c45e6>. Acesso em: 3 de janeiro de 2023

PEREIRA, Juliano. **Implicações entre teatro e educação na criação do espetáculo teatral Fado**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São João del-Rei, UFSJ, Programa de Pós-Graduação em Educação. São João del-Rei, 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, vol. 5, n. 10, Rio de Janeiro, 1992, pp. 200-12.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade – Sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2010.

PROJETO QUERINO PODCAST. **Os piores padrões**. Locutor: Tiago Rogero. Rio de Janeiro: Rádio Novelo, 2022. Podcast Disponível em: https://projetoquerino.com.br/wp-content/uploads/2022/07/Ep-05_Os-piores-patroes_Querino-1.pdf. Acesso em: 14 jan 2023.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2ªed. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2016.

SOLER, M. (2013). O campo do teatro documentário. **Sala Preta**, 13(2), 130-143, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v13i2p130-143>. Acesso em: 9 out 2021.

STANISLAVSKI, Constantin. **A construção da personagem**. Trad. Pontes de Paula Lima. 21ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v24i2p137-152>. Acesso em: 10 out 2021.

Músicas

- ALVES, Ataulfo. Laranja madura. São Paulo: Polydor, 1967. LP.
- BABO, Lamartine. Serra do Boa Esperança. Rio de Janeiro, RCA, 1937. Disco 78RPM.
- BOLDRIN, Rolando. Adeus meu pai. Rio de Janeiro: RGE, 1994. CD.
- BOLDRIN, Rolando. Aquela flor. São Paulo: Warner Music, 1994. CD.
- BOLDRIN, Rolando. Violeiro triste. Rio de Janeiro: RGE, 1994. CD.
- BRANCA, Pena. XAVANTINHO. Arruda com alecrim. São Paulo: Velas, 1993. CD.
- CALAZANS, Teca. VILLA LOBOS, Heitor. NASCIMENTO, Milton. Cantiga Caicó. Rio de Janeiro: Ariola/Polygram, 1980. LP.
- CARREIRO, Pedro. Telefone mudo. Rio de Janeiro: Copacana Records, 1983. LP/K7.
- CASQUINHA. Mestre. Mandei caia meu sobrado. 2012.
- CAYMMI, Dorival. Desenredo. São Paulo: EMI, 1980. LP.
- Com minha mãe estarei. Cano tradicional religioso.
- DURAN, Dolores. A noite do meu bem. Rio de Janeiro: Copacabana Records, 1959. LP.
- INHANA & CASCATINHA. Meu primeiro amor. Rio de Janeiro: Todamérica, 1955. LP.
- MOURA. Tavinho. Ribeirão encheu. CD Ribeirão encheu de Pena Branca & Xavantinho, São Paulo: Sony Music, 1995. CD.
- PARANÁ, Luiz Carlos. Flor do cafezal. Rio de Janeiro: RCA, 1967. LP.
- RANCHINHO, Alvarenga &. Romance das caveiras. Rio de Janeiro: Columbia, 1961. LP.
- TEIXEIRA, Renato. As plantinhas do mato. São Paulo: Kuarup Music, 2005. CD.
- VANDRÉ, Geraldo. Disparada. Rio de Janeiro: Audio Fidelity, 1966. LP.
- VANZOLINI, Paulo. Cuitelinho. São Paulo: Discos Marcus Pereira, 1974. LP.
- VIEIRA, Teddy. O menino da porteira. Rio de Janeiro: RCA Vitor gravadora. 1955
- XORORÓ, Chitãozinho e. Rancho fundo. Rio de Janeiro: Polygram, 1989. CD/LP/K7.
- LAUREANO. Ochelsis. Marvada pinga. Intérprete Inezita Barroso, Rio de Janeiro: RCA, 1954.

Entrevistas mulheres de Coronel Xavier Chaves

BERNARDA LARA, Luisa. Entrevista 1 de junho de 2021. Entrevistadoras: Elis Ferreira e Fernanda Nascimento. A entrevista na íntegra se encontra no anexo I desta dissertação.

LÚCIA DA SILVA, Vânia. Entrevista 1 de junho de 2021. Entrevistadoras: Elis Ferreira e Fernanda Nascimento. A entrevista na íntegra se encontra no anexo I desta dissertação.

REGINA DOS SANTOS, Elis. Entrevista 1 de junho de 2021. Entrevistadoras: Elis Ferreira e Fernanda Nascimento. A entrevista na íntegra se encontra no anexo I desta dissertação.

LÚCIA DA SILVA, Vera. Entrevista 1 de junho de 2021. Entrevistadoras: Elis Ferreira e Fernanda Nascimento. A entrevista na íntegra se encontra no anexo I desta dissertação.

DORES SANTOS, Inácia das. Entrevista 1 de junho de 2021. Entrevistadoras: Elis Ferreira e Fernanda Nascimento. A entrevista na íntegra se encontra no anexo I desta dissertação.

SILVA COSTA, Maria Aparecida. Entrevista 1 de junho de 2021. Entrevistadoras: Elis Ferreira e Fernanda Nascimento. A entrevista na íntegra se encontra no anexo I desta dissertação.

COSTA DE SÁ, Marli Aparecida. Entrevista 22 de junho de 2021. Entrevistadoras: Elis Ferreira e Ana Maria Malta. A entrevista na íntegra se encontra no anexo I desta dissertação.

SANTOS, Marta Maria dos. Entrevista 22 de junho de 2021. Entrevistadoras: Elis Ferreira e Ana Maria Malta. A entrevista na íntegra se encontra no anexo I desta dissertação.

BOA MORTE ASSUNÇÃO, Marileia da. Entrevista 22 de junho de 2021. Entrevistadoras: Elis Ferreira e Ana Maria Malta. A entrevista na íntegra se encontra no anexo I desta dissertação.

Entrevistas equipe de “Partidas”

FERNANDA, Nascimento. Entrevista 6 de janeiro de 2022. Entrevistadora Elis Ferreira. A entrevista na íntegra se encontra nos arquivos do Teatro da Pedra.

ROSARIO, Gustavo. Entrevista 3 de janeiro de 2022. Entrevistadora Elis Ferreira. A entrevista na íntegra se encontra nos arquivos do Teatro da Pedra.

PEREIRA, Juliano. Entrevista 16 de janeiro de 2022. Entrevistadora Elis Ferreira. A entrevista na íntegra se encontra nos arquivos do Teatro da Pedra.

WOLBERT, Rafael. Entrevista 4 de janeiro de 2022. Entrevistadora Elis Ferreira. A entrevista na íntegra se encontra nos arquivos do Teatro da Pedra.

MALTA, Ana Maria. Entrevista 10 de janeiro de 2022. Entrevistadora Elis Ferreira. A entrevista na íntegra se encontra nos arquivos do Teatro da Pedra.

MATHILDE, Priscila. Entrevista 9 de janeiro de 2022. Entrevistadora Elis Ferreira. A entrevista na íntegra se encontra nos arquivos do Teatro da Pedra.

ANEXO I

Entrevistas com as mulheres de Coronel Xavier Chaves transcritas na íntegra

Entrevistas com as mulheres de Coronel Xavier Chaves**Entrevista de Marli Aparecida Costa Sá**

Data de realização: 22 de junho de 2021

Transcrito por: Graciana Regina da Silva

Entrevistadora: Vamos lá! Então primeiro fala seu nome completo.

Marli: Minha idade.

Entrevistadora: Nome completo e a idade.

Marli: Meu nome é Marli Aparecida Costa de Sá, tô com 63 anos.

Entrevistadora: E sua data de nascimento.

Marli: Eu sou de 30 de agosto de 58, tô com 63 anos. 62, né!? Faço 63 daqui há alguns dias.

Entrevistadora: Marli, você nasceu aqui em Coronel Xavier Chaves?

Marli: Nasci e me criei aqui em Coronel Xavier Chaves.

Entrevistadora: E como que foi a sua infância aqui?

Marli: A minha infância era uma infância muito tranquila, porque aqui era um, na verdade, essa vila não era essa vila. Aqui era um quilombo mesmo, né?! Não tinha estrada, não tinha carro na rua. Era um local, assim, onde a gente brincava muito na rua, a gente não tinha brinquedo de boneca, de bola, não tinha nada. Não tinha televisão, não tinha luz, né?! Era um quilombo mesmo, uma vila sem luz. E a gente brincava muito de pega-pega, a gente tinha... e era todo mundo era parente, era os primos todos moravam um perto do outro, né?! Então a gente tava sempre junto e as nossas brincadeiras eram essas. Era comidinha, brincar de ser pai e mãe e era esse tipo de brincadeira que a gente tinha nessa época. E os pais da gente... e a gente ficava nas noites nossas era na rua, a gente ficava na rua. E a nossa felicidade era quando tinha lua, porque a lua clareava, não tinha luz nem nas casas e nem na rua, né?! E a lua que clareava, quando era época de lua cheia a gente ficava muito feliz, a gente podia ficar na rua até um pouco mais tarde, porque clareava. Mas era muito tranquilo, foi uma infância, assim, muito feliz mesmo, sabe? E a gente só ia pra dentro mesmo na hora de dormir, ia pra dentro das casas, do contrário era na rua.

Entrevistadora: E tinha essa coisa do escuro, né, Marli?! Tinha muita história de assombração ou de esses casos assim que o povo conta?

Marli: Tinha. Geralmente, quando a gente se encontrava com os mais velhos, né?! Nós, mais novos, a gente não tinha esse conhecimento de assombração, mula sem cabeça, lobisomem, né?! Era tudo essas coisas eles falavam. Mas quando a gente encontrava com os avós, principalmente quando estava chovendo. Porque aí... mesmo porque como os

nossos... meus pais, meus avós, todos eles trabalhavam na roça, então quando estava chovendo eles não tinham como ir trabalhar. Se chovesse uma semana eles ficavam uma semana dentro de casa, então era o momento da gente ficar em casa e escutar as histórias deles. E eu falo as pessoas dá risada, mas vocês não têm noção como eu ficava feliz quando chovia. Porque eu era apaixonada pelo meu pai, eu era muito apaixonada pelo meu pai. Assim, é que meu pai era muito... meu pai era um lorde. Eu queria que todos os homens fossem igual o meu pai. E meu pai contava muita história, ele era muito detalhista com as coisas e então quando chovia a gente ficava junto com os avós, com os mais velhos, né?! Então eles contavam muita história de... eu não sei se é de pescador, não. (risos) Eles contavam história de lobisomem, né?! E a gente ficava com medo naquele momento, depois que passava não tinha mais medo. Mas eu gostava muito quando chovia, gente. Nossa, não tem noção de como eu ficava feliz.

Entrevistadora: *Ah, que bom.*

Marli: *Porque meu pai ficava em casa, aí meu pai fazia umas comida gostosa pra gente, ele gostava muito de cozinhar. (risos) Ele inventava as comida, né?! Comida simples, comidas muito simples da época, porque a gente não comprava nada, tudo é que a gente colhia. Alimento que a gente consumia era alimento que era plantado. Era arroz era plantado, feijão, era verdura, a carne que a gente comia geralmente era carne que eles criavam porco e galinha, e a gente comia. A carne que a gente comia era que eles tinham em casa, a gente não tinha esse hábito de comprar, as coisas eram muito difícil pra comprar. Pão, a gente não comia pão, era muito difícil comer um pão, sal, sabe?! Era quando eles iam na cidade, porque na cidade é São João del-Rei, né?! Aí eles falavam “a gente vai na cidade”, então a gente já ficava, assim, ansiosos pra que eles chegassem porque a gente sabia que ia ter pão, mas do contrário a gente não comia pão. Nosso... nosso comer de café da manhã geralmente era batata doce, era mandioca, era angu doce que eles faziam angu com coalhada, com açúcar, né?! E era o angu doce. Era farinha, eles torravam fubá e a gente tomava com café. Então era essa nossa merenda, né?! Então, assim...*

Entrevistadora: *E como que ia pra São João nessa época?*

Marli: *Então, geralmente eles tinham, assim, na época, quando eu era criança, nessa época aí era muito difícil, porque não tinha condução pra ir pra São João. Geralmente, muitas das vezes, eles iam a pé pra São João. Eles iam a pé e quando eles chegavam lá no trevo, lá eles conseguiam tomar uma condução pra ir pra São João. E a volta era a mesma coisa. Aí depois começou a ter um ônibus por dia, sabe?! Aí eles vinham, que era uma... eles nem falavam ônibus, era uma jardineira. (risos) Era um ônibus que tinha um bicão na frente, sabe?! Era muito engraçado, era uma jardineira e aquilo ali era uma festa pra gente, né!? Quando a gente via aquela jardineira chegando aqui em Coroas, sabe?! E era assim.*

Entrevistadora: *Oh, Marli, e aí você... com quantos anos que você foi pra trabalhar fora, né?! Que você foi embora aqui de Coronel Xavier Chaves?*

Marli: *Na verdade, eu quando saí daqui pra trabalhar fora, eu tinha dez anos, eu tinha dez anos de idade. Eu fui pra Volta Redonda, foi minha primeira saída daqui. Eu fui pra Volta Redonda com uma... era um pessoal que minha mãe tinha amizade e ela precisava de alguém pra brincar com as crianças. Aí minha mãe me tira... porque era assim, a gente ia pra escola e se aparecesse alguma coisa pra gente fazer, eles tiravam a gente da escola, porque escola não era... não era importante escola. Então a minha mãe me tirou*

e eu fui pra Volta Redonda. Aí dali nunca mais eu fixei aqui em Coroas. Eu fui pra Volta Redonda, depois eu fui pra Niterói, depois eu fui pra Belo Horizonte. Quando eu fui pra Belo Horizonte eu tinha... eu tinha 13 anos, 12 anos que eu fui pra Belo Horizonte. Tudo isso pra trabalhar em casa de família já, né?! E eu fui pra trabalhar em casa de família, minha irmã trabalhava lá também. A minha mãe havia trabalhado quando solteira, aí essa família era uma família que a mamãe conhecia e ela precisava de pessoas pra trabalhar. Minha mãe colocou eu e a minha irmã. A minha irmã ficava cozinha e eu ficava na... cuidando, ajudando a cuidar da casa, né?! Eu tinha 12 pra 13 anos. Aí eu fiquei em Belo Horizonte até os 14, aí fui pra São Paulo. Em São Paulo eu fiz a minha vida lá, minha vida toda foi em São Paulo. E aí, assim, no decorrer deste tempo a gente não estudava. Aí eu voltei a estudar novamente, já eu tinha uns 17, 18 anos.

Entrevistadora: *Quando você tava em São Paulo.*

Marli: *Em São Paulo.*

Entrevistadora: *Em São Paulo você foi pra trabalhar em casa...*

Marli: *Fui pra trabalhar em casa de família, quando eu saí daqui pra ir pra São Paulo.*

Entrevistadora: *E quando você começou a estudar você trabalhava e estudava?*

Marli: *Trabalhava e estudava. A gente... na verdade, a gente não tinha casa em São Paulo, a gente morava na casa da família. A gente não tinha residência lá, a gente ia já pra morar na casa, né?! Ali você dormia, você comia, era a sua casa ali. E eu fiquei assim até quando eu tinha uns 22 anos, 23 anos. Até aí eu morei em casa de família mesmo.*

Entrevistadora: *Quando você foi pra Volta Redonda e Belo Horizonte também era assim.*

Marli: *Tudo era em casa de família, era morar na casa. Era cuidar do serviço da casa e morava na casa, né?! A gente não tinha folga, muitas das vezes você não tinha sábado, você não tinha domingo, você não tinha horário livre, você tinha que trabalhar. Era trabalho escravo mesmo, sabe?! Você tinha que trabalhar e você... eu... assim, passei por muitos momentos de, assim, de ter sido... hoje eu sei que era discriminado, né?! Hoje eu sei que era... era algo, assim, que as pessoas faziam mesmo porque a gente não tinha voz ativa, né?! Então tudo que eles faziam você tinha que aceitar. Ou você aceitava ou você ia embora, né?! E a gente precisava de ajudar a família. O que a gente recebia lá, teve momentos na minha vida que eu não sabia nem quanto eu ganhava por mês. O meu dinheiro, ele vinha direto pra minha mãe, a patroa mesmo já mandava pra minha mãe. Eu não sabia nem quanto eu ganhava. Quando precisava de um vestido ela ia lá, comprava o vestido, ou fazia, ou alguma coisa dela mesmo que já não servia, arrumava e dava pra mim. E então a gente não tinha esse negócio de passear, não tinha. Vinha aqui quando dava pra vir, entendeu!? Pedia assim “preciso pra ver a minha mãe. Quero ver meu pai”, né?! Aí a gente vinha. Mas, assim, dizer que tinha férias, que tinha folga, isso não existia, tá!?*

Entrevistadora: *Você comunicava com o seu pai e com a sua mãe?*

Marli: *A gente comunicava porque naquela época não tinha telefone, lógico. A gente escrevia carta.*

Entrevistadora: *Não tinha WhatsApp? (risos)*

Marli: *Aí a gente mandava carta, né?! Mandava carta pra minha mãe hoje, aí daqui um mês a carta vinha de volta a resposta. Aí minha mãe falava se morria alguém, se ficava alguém doente, se nascia nenê, tudo aquilo ali era só na carta quando vinha. A gente...*

Entrevistadora: *Você tem alguma dessas cartas?*

Marli: *Ah, não tenho. Eu posso até ser que eu tenha. Eu acho que eu... da mamãe, não. Eu acho que eu tenho um cartão, algum cartão de aniversário, assim, e tenho... eles passavam muito telegrama, sabe?! Um telegrama também, era um meio de comunicação mais rápido, porque, assim, se morresse alguém, ou aniversário, a forma deles cumprimentarem a gente quando fazia... então você já ficava ansiosa, porque ia vir um telegrama “feliz aniversário” só, porque era muito caro, gente. Era muito caro um telegrama. Então um telegrama era só em caso de emergência mesmo. E quando, assim, e as cartas que a gente mandava, quando eu já comecei a ter controle sobre a minha vida, entre aspas, que eu mandava o dinheiro pra minha mãe, a gente também não colocava no banco, não colocava... a gente colocava numa carta que chamava-se carta registrada, era uma carta também mais cara, de valor mais alto, mas a gente tinha certeza que essa carta chegava. Porque a minha mãe tinha que assinar, acho que tinha que assinar. Eu não sei como que era, mas eu sei que ela era uma carta que ela tinha... era mais segura, né?! Aí a gente botava o dinheiro lá dentro da carta, fechava e mandava. Aí ela pegava e mandava pra gente dizendo que tinha recebido o dinheiro. Era assim que funcionava.*

Entrevistadora: *Oh, Marli, quando você foi pra... você me falou que não saía muito, né?! ficava mais com as famílias e tal. Mas em algum momento você saiu, assim, consegue lembrar como que era o impacto, assim, de você... morava aqui num lugar sem luz, num lugar com uma vila, um quilombo e tal, e, de repente, tá numa cidade que é completamente diferente, assim?*

Marli: *É, na primeira vez que eu saí, pra mim, foi um impacto muito grande, porque eu nunca tinha visto luz elétrica (risos). Pra mim ser mais, assim, exata eu não sabia o que era entrar dentro de um carro. E eu lembro que quando eu saí daqui a primeira vez, eu saí numa variante, era num carro variante. O patrão veio, ele morava... eles tinham família aqui. E eu fui num carro variante. Quando eu entrei no carro eu comecei a olhar, eu nunca me esqueço. O carro, quando começou a andar ali naquela praça lá, não era aquela praça, né, Elis, mas quando ele começou a andar a impressão que eu tinha é que tudo andava junto, as casas, os postes, né?! (risos) Aí eu olhando “nossa, que coisa estranha”. E lógico que foi um impacto quando chegou na cidade grande, né!? As pessoas, muita gente, a gente via, porque, assim, andar eu andava, mas a gente saía de carro, né?! Quando eu saía com eles, eu só saía com eles, os patrões. Mas a gente via, ia em parque, ia em praça, ia em... como que fala, onde tem água? Clube. Fui muito em clube com eles. Mas, assim, era assim a gente ia, mas a gente não tinha... a gente não participava de nada. a gente ia porque a gente tinha que ir junto. Você ficava num canto ali enquanto eles se divertiam, enquanto eles nadavam, né?! Eu, inclusive, eu tenho... quando eu cuidava de uma menina, ela chamava Adriana, eram duas crianças, era Adriana e Frederico, e eu era uma menina, eu era uma criança, e quando eu cheguei no clube... acho que eu já até te contei essa história, Elis. Você não lembra, né?!*

Entrevistadora: *Continua pra eu ver se eu lembro.*

Marli: *Eu cheguei no clube e... olha como eu guardo as coisas na minha mente. (risos)*

Entrevistadora: *Eu tô achando ótimo.*

Marli: *Eu cheguei no clube com os patrões e eu nunca tive na piscina, eu não sabia o que era piscina, eu sabia o que era riacho, rio aqui que a gente ia, que a gente entrava na água aqui, nadava naquelas águas sujas. Aí cheguei lá, em volta redonda, e tinha... aí a gente foi pro clube e quando chegou no clube eu... aí tinha a piscina grande e tinha aquela beirinha, só a beirinha assim que as crianças ficavam sentadinhas lá. Aí os meus patrões estavam na água e eu tava com a Adriana, a menininha que eu cuidava, e eu sentei na borda, com o corpo pra fora, e botei os pés na água. Aí veio uma moça e falou comigo que eu não podia pôr o pé na água, porque eu era preta.*

Entrevistadora: *Nossa!*

Marli: *Ela falou pra mim “você não pode pôr o pé na água, você é preta”. Aí eu... Aí eu ainda fiz assim em mim pra ver se saía a tinta. Aí eu fui e tirei os pés da água, a minha patroa veio e falou comigo “nunca mais você põe os pés na água, você não pode pôr o pé na água”. Falei “eu não sabia, ninguém falou nada”, mas pra mim era uma coisa muito natural isso. Eu não achava que aquilo ali tava errado, sabe?! Eu achava que era normal. Eu era preta, eu era empregada, não podia pôr o pé na água. E, assim, são coisas que a gente grava, só que não desceu pro coração, não, graças a Deus. Mas, assim, aí eu vivi muitas dessas coisas. Pra comer também, comer a gente não podia comer junto deles, perto deles, a gente tinha que comer depois. E a gente não tinha essa liberdade de pôr comida, de comer o que quisesse. Tinha que comer o que eles davam. Se eles dessem pra você comer, você comia. Se eles não dessem pra comer você não podia comer. Não sabia o que que era comer uma fruta, não podia comer uma... ou tomar um doce, né?! Era aquilo que eles davam. Então tinha as coisas que as crianças comiam, mas a gente mesmo não podia comer. Então umas coisas assim. E eu ficava feliz porque quando eu tava em Volta Redonda eles vinham pra cá, que eles tinham família aqui então eles vinham, e quando eles vinham eu podia vim pra casa da minha mãe. Então eu ficava muito feliz quando eu vinha, porque aí eu tinha liberdade dentro da minha casa. Aí falava assim “tem que voltar de novo”. Aí às vezes eu falava “mamãe, não quero ir mais não”, “você tem que ir, você precisa de ir. Tem que ir, ela precisa de você”. Então eu voltava de novo.*

Entrevistadora: *Como que era com o seu pai? Assim, quando você foi pela primeira vez, como que era? Você falou que adorava o seu pai, tinha essa relação, como é que ele...?*

Marli: *Nossa, ele, assim, a gente sentia muita falta, né?! Porque meu pai sempre foi um lorde, então a gente sentia muita falta. Então quando a gente chegava ele contava tudo que tinha acontecido durante... se fosse um mês, dois meses, ele contava que ele tinha ido pra roça, que ele plantou isso, que ele plantou, que ele colheu, ele levava a gente pra ver, sabe?! Que a gente tinha a nossa casa e tinha um quarto que chamava paiol, era onde eles guardavam as comidas, arroz. Aí “vem aqui, filha, quero te mostrar o que o pai colheu”. Mostrava arroz, mostrava feijão, mostrava as coisas e contava as coisas. E ele aconselhava muito, meu pai era muito... Ele não tinha estudo, mas ele era muito conselheiro, sabe?! Ele era uma pessoa assim, ele ouvia muito a gente. Minha mãe não ouvia, não. Minha mãe já era, sabe?! Ela não tinha muita paciência. Mas meu pai era muito... ele explicava, aconselhava, falava com a gente pra gente não fazer coisa errada, né?! Falava das consequências se a gente fizesse coisa errada. E meu pai era sempre assim. Agora tem mais uma coisa, quando eu vinha aqui às vezes tinha alguma festinha, era festinha sempre na casa de uns parentes, que aqui era um quilombo mesmo, tinha nada aqui, gente, vocês não tem noção o que era isso aqui. E quando a gente ia... porque*

a discriminação, Elis, não era só do branco com o negro, era do negro com o branco também, tá?! Porque quando eu ia, eu era menina, moleca, mas a gente ia nos bailinhos, e a gente dançava, a gente era moleca de 12, 13, 14 anos, mas a gente dançava com os moços, né?! E quando eu ia eu falava “pai, posso ir?”, “ah, na casa de quem? Pode ir”. Só que ele falava “não dança com branco”, sabe?! Então por isso que eu tô falando. Então a discriminação era dos dois lados. Mas era assim, mas o meu pai era uma pessoa de coração muito bom que ele era. Aí fazia as comidas que a gente gostava. As comidas que a gente gostava era... fazia... era farinha torrada, e ele fazia isso, fazia aquilo, sabe, pra gente. Ele matava porco, ele chamava a gente pra gente ir ver ele matar o porco. Ele matava galinha, queria que a gente visse, que a gente participasse, porque era o que tinha pra gente fazer, era isso, né!? Mas era muito gostoso. A nossa infância... a minha infância foi uma infância muito gostosa. Apesar que foi uma infância que a gente teve que interromper ela mais cedo por causa da responsabilidade de sair pra trabalhar, mas...

Entrevistadora: E quando você vinha aqui você levava coisas daqui pra...

Marli: Não, comida não. Não. Agora, quando vinha alguém que vinha aqui em Coroas, eu vinha, comia aqui, então a gente não tinha esse costume de levar as coisas aqui, como leva hoje o queijo, um doce, nada. A gente não tinha esse costume, não. Agora, quando a... e, por exemplo, eu vinha e a minha irmã não vinha, aí a minha mãe fazia o almoço, eu comia no domingo, a minha mãe colocava uma marmitta e falava pra mim levar pra ela, e vice-versa. A comida chegava lá azeda já, mas a gente comia, porque era a mamãe que fez, né!? Mas mandava comida pra gente.

Entrevistadora: Oh, Marli, lá em São Paulo, voltando lá pra quando você foi pra São Paulo, né?! Foi com 17 anos que você falou?

Marli: Não, pra São Paulo eu cheguei lá com 14 anos. 14 anos.

Entrevistadora: E aí com 17 que você começou a estudar.

Marli: Sim. Aí comecei a estudar.

Entrevistadora: Eu lembro que você tem a trajetória em São Paulo, né?! Começou em casa de família, mas depois...

Marli: Sim.

Entrevistadora: ...conta um pouquinho pra mim.

Marli: Aí eu fui pra São Paulo. Em São Paulo também, quando eu cheguei em São Paulo comecei a trabalhar em casa de família, né?! Porque a gente... o Brasil, a gente não tinha onde morar, então você tinha que morar em casa de família. Você tinha que pôr referência de alguém, arranjar um emprego pra você chegar e morar lá. E se você saísse de lá você já tinha que ter um outro pra você morar, porque senão não tinha casa, não tinha moradia. E aí eu comecei a estudar, comecei a estudar à noite, com muita dificuldade, comecei a estudar à noite porque os patrões, na verdade, eles não aceitavam... [telefone toca] Se ela me ligar de novo eu não atendo mais. E, assim, porque os patrões, na verdade, eles não gostavam que a gente estudava. Naquela época lá eles não gostavam, porque aí começa a abrir o entendimento, né?! Começava a abrir o entendimento, aí você começa a reivindicar algumas coisas, né?! Então eu tive, assim, muito problema de estudar em São Paulo. Eu trabalhava numa casa, aí eu falava que

estudava e ela perguntava muitas vezes “pra que você quer estudar? Estudar pra que?”. Então era muito difícil pra estudar, porque tinha que estudar à noite. E aí tinha aquele problema de comida, tinha que deixar a janta, aquela coisa toda. Então foram várias tentativas que eu fiz, muitas tentativas pra estudar, e consegui pouco. Aí eu fiz muita eliminação de matéria, porque eu tinha desejo de ter um ensino médio na mão, né!? Aí eu comecei a fazer muitas eliminações de matéria, porque pra ir pra escola mesmo era muito difícil, pra essas dificuldades. Mas mesmo assim eu consegui.

Entrevistadora: *Como era eliminação de matéria?*

Marli: *Eliminação de matéria você estuda, você... você estuda, depois você vai lá na escola e faz as provas, né!? Aí se você for bem você eliminou uma matéria. Aí se não você continua batendo, fazendo, tentando pra você eliminar. Aí você vai eliminando matéria por matéria até você terminar. Quer dizer, você aprende muito pouco, mas é uma forma de você... porque eu precisava ter o diploma na mão, de ter o certificado na mão, né?! Eu tinha esse desejo de ter o certificado de ensino médio na mão e eu falei “vou cair” e fui lutando pra isso até conseguir. Fiz o ensino fundamental e depois eu fiz o ensino médio também dentro dessa forma, pra mim conseguir alguma coisa. E conseguir um emprego melhor também, né?! Aí foi onde eu consegui.*

Entrevistadora: *E aí você... com quantos anos você conseguiu formar e passar...*

Marli: *Então, quando eu consegui... aí depois eu fiquei grávida da Darlene, que é minha filha mais velha, minha filha tá com 41 anos, eu tô com 63. Então quando eu tive a Darlene, a Darlene foi... então, voltando um pouquinho, quando eu tive a Darlene eu tava com 19 anos, eu trabalhava em casa de família, morava em casa de família. Aí eu vim pra cá, meus pais me chamaram que eu viesse pra cá, pra mim ter minha filha aqui. Eu vim pra cá porque eu não... foi namoro, não era casada, não tinha, né?! Aí eu vim pra cá, fiquei com meus pais até minha filha nascer, eu aqui, e eu fiquei aqui um pouquinho com os meus pais. E aí eu deixei a Darlene aqui e voltei pra São Paulo, pra casa de família. Aí voltei a trabalhar, continuei trabalhando em casa de família, morando em casa de família, até quando a Darlene tava com sete, oito anos. Mas a Darlene foi pra lá, minha filha foi pra lá. Ela morou em casa de família comigo, ela morava em casa de família comigo. E foi um momento, assim, de muita humilhação. Porque aí eu já tava... já tinha um conhecimento, já tinha um certo conhecimento. E o fato dela morar em casa de família... porque minha filha, ela fez balé desde quando ela tinha dois anos de idade ela começou a fazer balé. Ela fez sapateado, ela dançou, ela fez muitas apresentações em palco, e pra mim era uma realização, porque eu não podia dar pra ela, mas em casa de família ela podia ter isso. Então eu via minha filha, minha filha crescendo no balé, crescendo no sapateado, se apresentava nos teatros lá em São Paulo, né?! Então, pra mim, isso era muito importante. E com isso eu era muito humilhada dentro da casa de família do... que morava com ela, porque quando eu falava qualquer coisa que eu não tava satisfeita, por exemplo, de querer sair, querer passear, querer estar com uma amiga, aí a patroa jogava na minha cara “tua filha mora aqui com você. Se você não tá satisfeita, vai embora e leva tua filha”. Como é que eu ia embora com a minha filha pra rua? Porque enquanto você tá sozinha é uma coisa, quando você tem um filho é diferente, né?! Mas aí foi, foi, quando ela tava com uns oito anos, aí foi onde eu tive a minha primeira casa, saí da casa, aí comecei a trabalhar em casa de família rica, mas eu ia e voltava pra minha casa. Já era diferente, já trabalhava segunda a sexta e aí você vinha pra casa, né?! Aí eu fui, fui, aí eu fiz um curso pra educadora social. Quando eu fiz o curso de educadora eu trabalhei acho que uns 18 pra 20 anos trabalhei como educadora social.*

Educador social é aquele que cuida de... eu trabalhei em abrigo, trabalhei em creche, cuidava de crianças que são... do conselho tutelar que são tiradas dos pais, né?! Então aí já começou, aí minha vida já começou a ter uma... um outro foco. Aí consegui comprar uma casa, um apartamento, consegui comprar. Eu me casei, tive um esposo, aí tive meus filhos, os gêmeos. E aí minha vida começou a tomar um novo rumo, uma nova dimensão. E... mas, assim, foi tudo muito difícil, mas foi muito gratificante. Se eu tivesse que começar tudo de novo, eu começaria. Porque valeu a pena tudo isso que eu fiz, sabe?! Hoje eu vejo meus filhos, meus filhos... foi muito difícil com meus filhos, porque meus filhos que são atleta, eu tenho meu filho que é atleta, a Renata com o Renato, que são gêmeos, quando eles nasceram a minha filha mais velha tinha 14 anos, já tava uma moça, então comecei tudo de novo. Mas, assim, foi benção, porque eu... eles já moravam comigo, a gente já tinha uma casa, a gente tinha uma residência. Então tinha casa, eles iam, eles voltavam, eles tinham a casa deles, tinha a liberdade de estar dentro de casa, né?! Aí eles então já era diferente. E, assim, foi muito difícil? Foi muito difícil com os meninos também, porque eu tinha que trabalhar e o meu esposo também tinha que trabalhar. E a Darlene, como já tava maior, a Darlene tinha as coisas dela. Darlene já tava trabalhando, já ia pra escola, trabalhando, e os meninos não tinham. Então eu tive que colocar os meninos no tipo Ozem, que eles falam lá em São Paulo, um tipo de recreação. Então eles tinham que ficar na escola o dia todo, pra não ficar na rua. Porque eu morava lá em São Paulo, eu morava na Zona Leste. E, assim, e é periferia. Então tinha tudo pros meninos darem errado, tinha tudo pros meus filhos ir pras drogas, pra bagunça. E eu tinha muito medo porque eu cresci meu pai falando isso pra mim “cuidado com droga, cuidado com bebida, cuidado com isso, cuidado com aquilo”. Então eu não conheci. Se falar pra mim o que é droga, o que é maconha eu não sei. Se me der eu como, porque eu não sei até hoje. Verdade, Elis. Eu tenho 62 anos, mas eu não sei, porque eu nunca peguei, nunca vi nem na minha frente, assim, sabe?! Então se me der na mão e falar “come que é doce”, eu vou comer. E eu tinha muito medo. Então foi muito difícil com os meninos, porque eu queria que os meninos crescessem nesse mesmo foco, né. E era muito fácil no bairro onde eu morava, era muito fácil, a molecada toda tava nas drogas. Eu morava num prédio onde tinha droga à vontade, a criançada tudo... a molecada tudo nas drogas, e os meus filhos estavam nesse período na escola. Aí meus filhos foram pro esporte, eles mesmos se encaminharam, através da Ozem eles começaram a ir. Aí eles foram e eu já comecei a ficar mais sossegada, porque eles saíram daquele foco mesmo, já não era mais a periferia. Eles vinha pra escola, já tirei da escola da periferia também, já levei pra uma escola longe da periferia. Pra ter uma outra visão das coisas, sabe?! Que eu tinha muito medo, você não tem noção do medo que eu tinha dos meus filhos ir pra droga, pra essas coisas, né?! E eu via muito a molecada com 13, 14 anos tudo nas drogas, sendo morto por polícia, sendo, sabe?! Uns indo pra Febem. Falei “eu não quero isso pros meus filhos”. E, graças a Deus, eles foram crescendo, meus filhos crescendo, e meu filho hoje é um paralímpico, graças a Deus. É mérito dele mas, assim, eu sempre fui uma pessoa muito incentivadora, eu sempre fiquei muito ali do lado dele, muito incentivando pra tudo, quando ele não podia eu falava “não, tem que ir sim”. “Ah, mãe, mas eu não tenho tênis”, “mas vamos comprar, vamos fazer”. E eu fui fazendo isso. E assim também foi com a Darlene, né!? A minha filha Darlene, a mais velha, ela também quando ela tava com 19 anos, ela teve uma filha, ela é mãe solteira. A filha dela hoje tá com 21 anos e ela também lutou, quando ela tava com 19... o dia que ela fez 21 anos ela foi morar sozinha com a filha dela e comprou o apartamento dela também. Tudo eu incentivando ali “vai comprar, vamos lá, vamos fazer”. E ela foi, comprou, e aí é onde ela começou a faculdade dela. Hoje ela é uma advogada também. Incentivei, fiquei ali junto. Então, assim, eu sempre fui muito incentivadora pros meus

filhos. Porque eu tinha muito medo dos meus filhos dar pra coisa ruim e eles não terem um trabalho digno, eles passarem pelas mesmas humilhações que eu passei, sabe?! Porque foram muitas humilhações, foram muitas noites que eu deitava na rua e falava “ai, meu Deus, eu queria tanto tá com a minha mãe, eu queria tanto tá perto da minha mãe, do meu pai”, mas eu sabia que eu não podia, porque eu tinha que trabalhar, eu tinha que ajudar eles, né?! E, graças a Deus, meus filhos não passaram por isso, né?! Nem Renato, nem a Renata, nem a Darlene, nem a minha neta. E hoje eu tenho meu filho que é um paraolímpico, tenho a Renata que é... fez também RH, ela também formada, tem a Darlene que é doutora, tenho minha neta que é uma futura psicóloga, tá terminando. Então, assim, isso é... o mérito é deles, mas o orgulho é meu, porque os meus filhos hoje, eles abrem a boca e falam, eles não têm vergonha do meu passado. Porque eu exponho pra eles, eu falo quem foi eu, quem foi a mamãe, como foi a minha luta, como foi pra mim chegar até aqui, como foi pra eles chegarem até aqui, né?! E assim...

Entrevistadora: *Oh, Marli, eu lembro que ano passado você me falou muito que o tempo todo que você tava fora você quis voltar. Você contava até que quando você vinha aqui às vezes perdia ônibus pra poder ficar. Conta um pouquinho pra gente.*

Marli: *E, assim, e aqui foi melhorando, a cidade foi melhorando, foi deixando de ser quilombo, veio luz elétrica, foi as coisas melhorando. E sempre quando eu vinha aqui porque, assim, geralmente quando as pessoas vão embora elas falam “ah, esse lugar feio, você vai lá pra cidade grande” e eu ao contrário, toda vez que eu vinha eu falava “meu Deus, um dia eu vou voltar pra cá, um dia eu vou voltar pra cá”. E as pessoas falavam “voltar pra cá pra fazer o que? Aqui não tem nada”, mas o meu sonho sempre foi. Tanto é que quando eu cresci, eu digo cresci que foi quando eu já respondia por mim, né?! Eu vinha aqui, quantas vezes eu chegava aqui, a passagem tava comprada pra ir embora, porque a gente vinha de ônibus, a passagem tava comprada pra ir embora e eu perdia a passagem e ficava, e comprava a passagem no outro dia pra ficar mais uma noite, mais um dia com a família aqui. E eu ia e falava “um dia eu vou voltar pra Minas, um dia eu vou voltar pra Minas” aí eu comprei o terreno aqui, porque onde... a gente só vinha, passeava, visitava os parentes e ia embora, porque aí meus pais morreram, né?! Aí eu vinha e quando eu falava sempre. Eu me divorciei, mas eu já tinha construído a minha casa aqui quando eu me divorciei e vinha eu e o meu marido. A gente falava “deixa as crianças crescerem, as crianças pegarem os 18 anos deles, a gente deixa eles aqui e a gente vai embora”. Mas eu divorciei antes, né!? E meus filhos falavam pra mim “vai embora, mãe”, eu falava “não, preciso de aposentar, preciso me aposentar. Vou viver do que lá em Minas? Vou pra Minas viver do que?”. E assim que eu me aposentei, gente, eu me aposentei dia 03 de julho, agora faz seis anos. Só que quando eu fiquei sabendo era 03 de outubro, que eu fiquei sabendo que eu tava aposentada. E nessa época eu trabalhava numa creche, e eu fiquei desorientada. E eu vinha, já tinha minha casa aqui montada, já tinha minhas coisas. Eu fiquei endoidecida quando eu fiquei sabendo que eu tava aposentada. Falei “meu pai”, eu chorava muito, vocês não têm noção a alegria. Porque eu falei “eu aposentei, vou botar minhas coisas que eu tiver no carro e vou embora”. E foi outubro, eu cheguei na creche no dia, foi num sábado, eu recebi a carta falando que eu tava aposentada. Na segunda-feira eu cheguei na creche e falei “estou indo embora”. “Não, pelo amor de Deus”, “vou embora”. “Não, você tem que esperar o ano letivo terminar, fica com o salário e”... “não, mas nunca, não quero mais”. Eu falei “esse é o meu lema. Falei que o dia que eu aposentasse eu não ia trabalhar pra mais ninguém pra mim ganhar, pra mim me sustentar, não”. O que eu tinha que fazer pra mim eu já tinha feito. Meus filhos já tavam tudo crescido, tinha minha casa lá, tinha minha casa aqui, falei “pra que que eu tenho que ficar aqui? Vou embora”. Aí eu vim*

embora, aí eu trabalhei até o dia 18 de dezembro, fechou a creche, no dia 22 eu vim embora pra cá. Então tá com cinco anos e meio, graças a Deus. Tenho minha casa lá, vou lá, vejo meus filhos que ficaram lá, mas a minha vida, hoje, é aqui. Minha vida, hoje, é aqui em Coroas.

Entrevistadora: Quanto tempo que você ficou fora, Marli?

Marli: Eu fiquei mais de 40 anos lá. Só em São Paulo eu fiquei mais, foram muitos anos. Eu saí com... quando eu saí a primeira vez eu tinha nove pra dez anos, ia fazer dez anos. Eu voltei eu tava com 55, 56, foi muitos anos fora. E eu nunca deixei, nunca perdi essa essência daqui, sabe?! Eu olhava pra terra, olhava pra isso, olhava pra aquilo e a gente sempre vinha e eu falava “eu vou voltar, eu vou voltar” e, graças a Deus, hoje eu tô aqui, né?! Vivendo uma vida bem tranquila, sossegada, a gente não corre pra mais nada. E quando eu cheguei aqui porque São Paulo, assim, é tudo muito intenso, e eu vivi a maior parte minha eu vivi em São Paulo, boa parte da minha vida. E quando eu cheguei aqui eu cheguei querendo fazer as coisas tudo correndo, tudo rápido, e a minha irmã já estava aqui já tava com uns quatro anos, a minha irmã “calma, calma, você não tem mais que correr. Agora é você sozinha. Se você fizer bem, se não fizer amém”. Falei “é verdade”. Calma, às vezes eu saía “por que você tá correndo?”, falava “ah, é verdade”. Até o andar na rua era rápido. O ônibus parava você queria correr, porque era assim a minha vida lá em São Paulo. Agora aqui, não. Aqui o ônibus para e as pessoas ficam esperando, sabe?! É muito tranquilo. Eu demorei muito pra mim me adaptar, sabe?! Eu chegava pra receber aqui, que pagava... eles recebiam que era... as pessoas davam a senha pra moça e a moça lá que ia fazer o pagamento “quanto a senhora vai levar?”. A pessoa falava em voz alta “vou levar 300 reais”. Ah, tá. Onde que a gente podia fazer isso em São Paulo? “Vou levar 300 reais”. Eu olhava assim e falava “meu Deus, que maluca”. Aí a moça lá do caixa pegava o dinheiro, enrolava, botava “oh, tá aqui a senha, tá aqui o cartão da senhora. Vai com Deus”. A pessoa saía, ia embora “meu pai”. (risos) É muito... foi muito difícil começar a... e, assim, e eu não carregava na minha bolsa, não carregava cartão, não carregava carteira, não carregava nada, porque eu, até hoje, pra mim sair daqui, eu vou viajar, eu viajo muito, eu vou pra São Paulo. Hoje eu viajo muito também, esqueci de falar. Depois que eu me aposentei eu ando de avião pra lá, pra cá, viajo muito. E eu tenho uma pochetezinha que põe por dentro aqui da calça, né?! E é aqui que eu ponho a minha carteira com o cartão de crédito, com RG, com dinheiro. Eu não ando com dinheiro quando eu saio daqui. Então aquilo ali vai aqui dentro de mim. Se eu tô em São Paulo, se eu tô no Rio. E aqui a gente anda com isso. Eu, qualquer lugar que eu vou, essa aqui é minha bolsa, tá tudo aqui. Aqui tem RG, CPF dos meus filhos, tem uma carteira com os documentos deles. Se eu tô na rua, eles me ligam “mãe, faz um pix pra mim”, tá ali. “Mãe, manda o número do seu cartão de crédito”, tá ali. Tá tudo aqui, eu ando com tudo pra lá e pra cá, aqui você não tem perigo, sabe?! Então foi muito difícil pra mim me adaptar com esse tipo de coisa. Foi muito difícil. E, assim, de ver dinheiro, o povo pegando dinheiro. Ah, Jesus. Mas tudo é uma questão de... a gente vai se adaptando, né?! E eu vejo a tranquilidade que é, o sossego que é, a qualidade de vida, né?! A minha vida mudou, assim, sabe?! Uma qualidade de vida 80% eu mudei, mudei mesmo. Meus filhos hoje vêm, eles falam “nossa, mãe, outra vida”. Tranquilidade, a saúde aqui, as pessoas em si, muito hospitaleiras, né?! E a gente precisa disso, né?!

Entrevistadora: Oh Marli, muito obrigada. Muito bom conversar com você, ouvir as histórias, conhecer mais um pouquinho.

Marli: Obrigada, Elis.

Entrevistadora: Ótimo você ter todos os detalhezinhos. Muito bom.

Marli: Espero que tenha alcançado alguma coisa pra vocês.

Entrevistadora: Com certeza. Dos seus filhos, você teve em hospital? Só porque... é uma cidade.

Marli: Não, a Darlene eu tive na Santa Casa aqui de São João del-Rei, né?! Que eu vim, como eu falei, a minha filha mais velha. Agora o Renato com a Renata, os gêmeos, os meus gêmeos, inclusive, eu tenho uma história, que os meus gêmeos nasceram de seis meses e meio. Meus gêmeos foram tirados de mim, viu?! A minha vida é um livro, porque quando eu fiquei grávida dos gêmeos, na verdade, eu fiquei grávida só três meses e meio, porque quando eu descobri que eu estava grávida, eu estava de três meses, né?! E aí eu... minha gravidez era uma gravidez de risco, então foi muito difícil a gravidez, esses três meses, mas eu trabalhando em casa de família, aquela luta toda. Aí quando eu fui pro hospital eu tava de seis meses, eu tive um problema de hemorragia, aí eu... não, minto. Eu tava com... entrei em trabalho de parto prematuro. Aí eu fui pro hospital, cheguei no hospital eles tentaram segurar as crianças, tentaram segurar de todas as maneiras pra ver se não perdia os bebês. E eu... aí quando foi no final de 15 dias que eu tava no hospital, fiquei no hospital um tempo, aí no final dos 15 dias eles me deram alta “a senhora vai pra casa, vai fazer repouso agora até o final da gestação”. Só que quando eu desci da cama pra ir pra minha casa eu tive uma hemorragia muito grande. A hemorragia ficou das sete da manhã até às dez e pouca da manhã. E eles tentando segurar, tentando segurar, porque as crianças tavam muito pequenininhas. Mas eles falou “a gente vai fazer tudo pra não fazer o parto antes”. Aí quando foi no final eles viram que não dava mais pra me salvar, a minha vida, eles falaram “nós vamos tirar as crianças”. Eles fizeram... foi, eu consciente, tirou primeiro o Renato. Renato era enorme. Eu consciente, eu nunca vou esquecer, tinha uma sala que tinha umas 20 pessoas da equipe lá. Isso lá em São Paulo. Aí tirou o Renato, Renato tinha 1,150 Kg. “Ah, é um menino e tal”, “ah, tá bom. Que maravilha, que benção. Que maravilha!”. Aí tirou a Renata, Renata tinha 800 gramas. Aí eu peguei, me fecharam e eu continuei sangrando. Não tinha pai junto, não tinha nada. O pai das crianças não tava junto, nada. Aí o médico falou “nós vamos ter que tirar o útero da senhora, porque senão a senhora vai”, não tinha como, né?! Me deram uma anestesia, eu fiquei em coma cinco dias. Fui pro coma, fiquei cinco dias em coma, as crianças lá também muito ruim os dois. Mas graças a Deus sobrevivi, entre mortos e feridos sobreviveu todo mundo. Tudo forte, meus filhos são uns touros, nunca foram pra médico.

Entrevistadora: Eu acho que eu já vi foi pelas fotos. Eu tô falando e confundido porque você já me mostrou no celular. Eu sei que o seu filho é grandão.

Marli: O Renato. Eles nunca foram pra médico, sabe, quando pequenos. Lógico, teve o período de... a gente teve que ter um cuidado muito grande, eles eram crianças prematuras e... mas são umas benções. Nunca foram de ficar doentes, ter que ficar internado, nada disso. Nunca, nunca, nunca.

Entrevistadora: Ai, que bom!

Marli: E assim foi meu parto dos gêmeos. (risos) Aí eles nasceram no hospital. Então os dois filhos, eu tive a Darlene de parto normal e o Renato com a Renata foi cesária. Aí, assim, mas graças a Deus são benção, meus filhos são benção na minha vida. Maior orgulho da minha vida.

Entrevistadora: Obrigada, Marli. Muito obrigada.

Marli: Obrigada vocês.

Entrevistadora: Valeu demais.

Entrevista de Maria Aparecida Silva Costa

Data de realização: 1 de junho de 2021

Transcrito por: Graciana Regina da Silva

Entrevistadora: Fala seu nome completo.

Maria Aparecida: Meu nome é Maria Aparecida Silva Costa, presidente do Cosnec.

Entrevistadora: E sua data de nascimento.

Maria Aparecida: 17 de abril de 61.

Entrevistadora: Você nasceu aqui mesmo?

Maria Aparecida: Coronel Xavier Chaves.

Entrevistadora: E conta um pouquinho pra gente como que foi a sua infância aqui em Coronel Xavier Chaves até o momento que você começou a trabalhar.

Maria Aparecida: Então, até os 14 anos, assim, eu ajudava a minha mãe, né?! Estudei até a quarta porque não tinha como pagar a quinta série, né?! Aí quando meu pai ia começar a pagar a quinta série, aí acabou. A admissão que eles falavam nessa época. Aí depois comecei a trabalhar com 14, mas antes disso, nossa, foi muito boa a minha infância, brinquei muito na casa da Vera, sabe?! Uma infância muito boa mesmo. Não faltou nada pra mim, sabe, como criança. Tive uma infância bem legal. Irmã de nove irmãos, tive minha mãe, meu pai, morei com a minha vó, mas foi muito bom. Não tenho o que reclamar da minha infância, não.

Entrevistadora: Tem alguma brincadeira que você lembra que você mais gostava de brincar?

Maria Aparecida: Ah, nós brincava de caiu no poço, brincava de roda, fazia muita comidinha na casa da Vera, todos os domingos a gente fazia, matava passarinho pra gente comer, era muito bom. Ela tinha uma horta muito grande, era muito bom mesmo. Eu tive uma infância muito...

Entrevistadora: E com quantos anos você começou a trabalhar?

Maria Aparecida: 14. Aí trabalhei aqui mesmo em Coroas. Trabalhava assim numa casa pra ajudar com a cozinha, uma hora pra ajudar a passar roupa. Eram aqueles ferros de brasa, né?! Nossa, aí eu penava, mas eu tinha que fazer. Ajudava minha mãe a passar roupa, cuidar da casa, mas eu agradeço tudo ela, porque o que eu sei hoje, que eu aprendi, foi com ela. Não me arrependo de nada. Aí trabalhei de 14 até os 17, eu trabalhei numa casa só. Aí comecei a namorar, tudo, mas eu saí de lá porque eu queria ir pra São Paulo, queria ter uma vida... sei lá. Conhecer gente, né, diferente. Aí falou assim “não, fica aí que eu te dou a festa do seu casamento”, eu falei “não, eu prefiro ir pra São Paulo”. Aí fui, fiquei um ano e nove meses. Voltei porque minha mãe adoeceu, aí não tinha como eu trabalhar. Aí fiquei trabalhando por aqui de novo, voltei pra casa deles

de novo, fiquei. Depois minha mãe acabou falecendo, não sei de que, se foi infarto, se foi câncer, não sei.

Entrevistadora: *Que foi até quando você meio que assumiu a casa.*

Maria Aparecida: *Foi, tava com 17 anos na época, 20 anos na época. Aí nesse tempo eu casei com 18, minha irmã morreu quando eu tinha 20, aí tinha nove irmãos, tudo pequenininho. A Paula tinha cinco meses, ela nasceu em dezembro e minha mãe morreu em junho. Aí nisso eu falei assim “que que eu faço?”, e minha vó doente. Meu pai bebia muita pinga. Aí eu falei assim “que que eu faço? Ou eu dou a Paula pros outros ou eu assumo”. Aí o Tiquinho falou assim “não, a gente casa e assume ela”. Aí levei ela pra morar comigo, casei, levei ela pra morar comigo. Tá comigo, assim, saiu da minha companhia tem uns dez anos, agora ela casou, né?! Tem sua vida, tem sua casa, mas chama de mãe. Os meus irmãos também, graças a Deus, nenhum foi pro mau caminho, nenhum mexe com droga, sabe?! E eu morria de medo porque sem mãe, sem pai pra apoiar, só eu. Mas foi muito, graças a Deus...*

Entrevistadora: *Você foi a mãe dos seus irmãos, né?!*

Maria Aparecida: *Fui. Aí depois, com quatro anos de casada, arrumei meu primeiro filho, depois passou mais dois anos arrumei o segundo. Voltei a trabalhar de novo, voltei a estudar, fiz a oitava série, aí depois... agora eles casaram, tenho três netos. A vida foi difícil numa parte, que é cuidar deles, mas foi uma parte boa porque eu aprendi muita coisa, sabe?!*

Entrevistadora: *Oh, Cida, nesse momento que você falou assim que você tava aqui e sentia vontade de ir pra fora, pra conhecer e tal, essa sua vontade era porque tinha muita gente que ia?*

Maria Aparecida: *Tinha, porque, assim, as minhas cunhadas já moravam lá, tinha muita gente lá, tinha tia, mas eu fui com a irmã da Vânia, pra trabalhar com ela.*

Entrevistadora: *Da Diga, com a mãe da Diga.*

Maria Aparecida: *É, da Diga, pra trabalhar com (ininteligível em 04:47). Aí cuidei de uma criança lá um ano e nove meses. Mas era muito bom, eu tenho contato com eles até hoje, sabe?! Foi muito bom. Mas eu tive que vir por causa da...*

Entrevistadora: *Por causa da sua mãe.*

Maria Aparecida: *Da minha mãe.*

Entrevistadora: *Então você voltou por conta dela estar doente, pra assumir aqui.*

Maria Aparecida: *É.*

Entrevistadora: *Você pensa, às vezes, como que teria sido se você tivesse ficado lá, passado mais tempo lá? Ou você sentia saudades daqui? Como que era?*

Maria Aparecida: *Eu nunca parei pra pensar, acho que de todo jeito eu teria vindo embora. Acho que não teria ficado, não. Acho que teria vindo embora.*

Entrevistadora: *É muito diferente, né?!*

Maria Aparecida: Nossa, muito, muito diferente. Não me arrependo não, sabe?! Mas acho que teria vindo embora.

Entrevistadora: Você lembra como que foi quando você chegou? Essa diferença de estar numa cidade grande? Às vezes andar mesmo nessa cidade, estar ali, como que era?

Maria Aparecida: Assim, não deu pra sentir muita diferença porque eu cheguei logo e já fui na luta, né?! Minha mãe já tava doente, aí fui assumir uma casa, meus irmãos. Acho que não deu nem tempo de pensar o que... a diferença. Mas não me arrependo hora nenhuma. Aí eu lembro que no dia que ela morreu eu já tava trabalhando de novo, eu saí pra trabalhar de manhã, tipo sete. Aí fui, cheguei lá, duas horas da tarde ela falou assim, mandou me chamar “Cida, sua mãe tá passando mal”, quando cheguei ela já tava morta. Foi muito rápido. Muito rapidinho.

Entrevistadora: Os seus irmãos, as suas irmãs estavam ali juntos, eram pequenininhos?

Maria Aparecida: Tavam tudo em casa, tudo em casa. Ela tava com a bebezinha, a Paula no colo. Ela só entregou “toma”, aí caiu e morreu.

Entrevistadora: Imagino assim, essa... como deve ter sido forte pra você e também depois assumir ali os seus irmãos, né, Cida?! Que guerreira, que força, que...

Maria Aparecida: Aí não deu nem tempo de chorar, sabe?! Nunca chorei por ela, nunca.

Entrevistadora: Você cuidou dos seus irmãos e teve filhos também, né!?

Maria Aparecida: Tive.

Entrevistadora: E seus filhos, eles moram com você hoje ou eles já são...?

Maria Aparecida: Tem um casado que mora comigo e outro em São João.

Entrevistadora: E eles nasceram aqui em Coronel?

Maria Aparecida: Não, em São João.

Entrevistadora: Em São João.

Maria Aparecida: Em São João, porque aí já foi no hospital, né?! Aí nasceu lá. Mas esse intervalo que eu... aí depois... papai adoeceu, tive que cuidar dele também. A Paula adoeceu, tive que cuidar dela também, sabe?! Foi assim, tudo... muito junto. Eu lembro que papai adoeceu, foi lá pra casa, ficou comigo, porque eu não podia ficar, ele morava aqui em cima. Aí a Paula ficava deitada num quarto e meu pai no outro.

Entrevistadora: A Paula era mais novinha.

Maria Aparecida: Não, tinha... isso ela já tava adulta. Porque teve Depressão, tomava remédio pra se matar. Nossa, foi uma luta. E papai com aquelas coisas de coração, já tava com câncer. Aí passou. Aí nesse intervalo me deu paralisia no rosto, tudo junto. Depois eu descobri que tava com câncer, foi muito...

Entrevistadora: Muita coisa, né?!?

Maria Aparecida: Sei lá, aprendizado, né!? Que a gente...

Entrevistadora: E seu marido, né?! Desde que você tinha 17 anos vocês se conheceram.

Maria Aparecida: É, nós começou a namorar com 14.

Entrevistadora: Com 14.

Maria Aparecida: Até hoje, que aí eu trabalhava em São Paulo e tava namorando ele. Aí cheguei lá, comecei a namorar outro, pensou que eu ia... sei lá, aquela coisa de adolescente, né?! De coisa... aí voltei, continuei com ele e tô casada até hoje.

Entrevistadora: Como é que foi seu casamento, assim?

Maria Aparecida: Foi muito bom, meu pai fez o que não pôde pra fazer pra mim. Aquele casamento de roça, aí tinha muito... era biscoito e café, tinha muita coisa. Aí ele arrumou uma casa ali pra gente morar, essa parte foi muito...

Entrevistadora: E foi aqui mesmo?

Maria Aparecida: Foi.

Entrevistadora: Na igreja aqui?

Maria Aparecida: A primeira casa que eu morei foi nessa rua subindo aqui, que tem uma casa ali. Aí nós moramos lá por volta de seis anos, até meu outro filho nascer. Aí depois desci lá pra baixo, não tinha nem acabamento na casa, uma casa bem simplesinha, sabe?! Não tinha nada, aí nós descemos. Falamos “não, vamos descer pra nossa casa senão nunca termina a casa”. Aí nós desceu. A minha vó continuou morando do meu lado e eu casada, morando do outro lado. Aí eu ajudava. Depois ela também morreu, ficou um mês em coma, na Santa Casa. Aí depois foi assim, até hoje, sabe?! A gente não tem briga na família, não tem nada. Tem um irmão que mora do meu lado, tem minha irmã do outro, tem minha filha na frente, tem dois em Belo Horizonte, um em São Paulo. Mas tudo, assim, se fala todo dia, minhas cunhadas muito boas, não tem do que reclamar. Tudo assim, família mesmo.

Entrevistadora: Uma coisa que eu fiquei pensando, você falou que voltou a estudar depois, né?!

Maria Aparecida: Eu formei eu acho que tava com 42 anos. Que eu formei a oitava série. Eu só não estudei mais porque a matemática começou a me apertar eu falei assim “não quero saber de esquentar a cabeça”, pelo menos até a oitava, né?! Aí fiz a oitava série.

Entrevistadora: Entendi.

Maria Aparecida: Mas me orgulho de ter... pelo menos ter feito a oitava. Aí deixava as crianças dentro de casa e ia pra estudar. Chegava do serviço. Por isso que eu acho que tem umas partes boas e tem umas partes, né!? Mas acho que mais boa do que ruim.

Entrevistadora: Tem uma... eu sei que tem o sofrimento, né?!

Maria Aparecida: Tem.

Entrevistadora: Mas tem uma beleza muito grande pensar no tanto de pessoa que você cuidou na sua vida. Que passaram pela sua mão, pelos seus cuidados e hoje estão aí bem, estão encaminhados na vida.

Maria Aparecida: *Graças a Deus.*

Entrevistadora: *Isso é muito bacana.*

Maria Aparecida: *Eu lembro que eu falei assim, no dia que eu descobri meu câncer aí eu fui sozinha no médico, o médico assim “traz o seu marido pra poder falar com ele”, pra falar comigo que eu tava com câncer. Mas eu já sabia porque tinha entrado na internet, a gente vê tudo os exames. Aí eu falei assim “não, pode falar comigo. Eu tô com câncer. Eu só quero saber o grau, né, que tá”. Aí ele pegou e falou assim “não, você tá no grau quatro, você vai ter que fazer uma cirurgia”. Aí cheguei em casa assim, oh “vou falar uma vez só com vocês, eu tô com câncer”. Aí morreu o assunto, comecei a me tratar, ia fazer a quimioterapia sozinha, sabe?! Nunca chorei por causa do câncer. Foi uma coisa assim que, sabe?! Aí falou assim “então, vamos tirar um pedaço ou vamos tirar tudo?”, “não, tira tudo. Porque se tiver um pedaço volta, eu sei que volta rápido. Então vamos tirar tudo porque eu não vou dar mamá mais, eu não preciso do meu peito”. Aí tirei, já tem oito anos, graças a Deus. Fiz a quimio, fiz rádio, nunca...*

Entrevistadora: *Já passou esse tempo também, já tá...*

Maria Aparecida: *Já, já. Só tô tomando remédio, que é dez anos, né?! Aí falta mais dois anos pra tomar o remédio. O câncer não me abalou, não. A pandemia tá abalando mais que o câncer, né?! Porque o câncer não pega. Mas é isso.*

Entrevistadora: *Oh, Cida. Você lembra de alguma música que você escutava quando era criança ou quando era jovem, que te marcou assim, ou que sua família cantava?*

Maria Aparecida: *Oh, Elis, música eu não lembro, não mesmo. Tem umas coisas que apagou da minha... sabe uma coisa que apaga da sua cabeça, da sua memória, né?!*

Entrevistadora: *Às vezes lembra só na hora...*

(falavam juntas)

Maria Aparecida: *Eu lembro mas puxando assim... era mais aquelas brincadeiras de roda mesmo, que a gente brincava muito, ainda fica. Mas cantar assim não... acho que não tinha nem tempo naquela época, porque trabalhava, chegava em casa cuidava dos irmãos, ajudar a mãe, fazer janta, cuidar de tudo. Não dava nem tempo de você ficar assim. Televisão não tinha ainda naquele tempo, depois de muito tempo que veio televisão, né?! Mais era rádio, mas rádio de noite era hora de você dormir, porque não tinha luz, não tinha nada, aí você dormir. Mas não tinha tempo do pai e nem mãe cantar pra gente, né?! Que ela também trabalhava. Buscava lenha, lavava roupa pros outros, sabe?! Assim, era difícil. Eu lembro que eu tinha uns nove anos aí eu ia lá no Centro buscar roupa pra lavar aí vinha aquele monte de saco na frente, de roupa, pra lavar, sabe?! Lembro até hoje, ia buscar na segunda, na quarta e na sexta. Aí minha vó lavava, minha mãe lavava, era muito assim. Mas eu gostava dessa vida. Sei lá, a gente tinha mais amizade, a gente brincava mais. Agora você não vê, as crianças não brincam, é só televisão, internet, né!? Aquela época era muito bom, não tem nem comparação. De jeito nenhum. Eu sinto falta. Às vezes eu mando as crianças brincar “vamos brincar de panelinha, fazer coisa”. Elas quer internet. Nem boneca mais elas brincam, né?! Lá em casa ficava aquele monte de brinquedo espalhado no terreiro, elas não querem é só televisão e celular. Naquela época você não tinha nada, nem boneca você tinha, né?! Porque a gente brincava com sabugo de milho, que a gente brincava. Agora mudou muito, né!?*

Entrevistadora: Você quer perguntar mais alguma coisa, Fernanda?

Maria Aparecida: Não, acho que é isso.

Entrevistadora: Eu acho que é isso, Cida. Obrigada.

Maria Aparecida: Deu pra render alguma coisa?

Entrevistadora: Deu.

Maria Aparecida: Desculpa a emoção.

Entrevistadora: Imagina, super normal. Ainda mais nesse momento que a gente tá vivendo, aí vai lembrar de coisas da vida, né?!

Maria Aparecida: Mas foi muito bom.

Entrevistadora: Mas foi ótimo, Cida. Obrigada tanto pela entrevista quanto pelo movimento também de ajudar a trazer as pessoas aqui.

Maria Aparecida: Então...

Entrevistadora: Ceder o espaço do Cosnec pra gente fazer.

Maria Aparecida: Não, que isso. Isso aqui é pra usar mesmo, poder...

Entrevistadora: E que a gente possa estar juntas de novo daqui a pouco.

Maria Aparecida: É, qualquer plano que você tiver lá você agenda aqui. Você vai ficar por aqui?

Entrevistadora: Não, agora a gente já vai voltar.

Maria Aparecida: Ah, tá.

Entrevistadora: Cida, muito obrigada pela sua disponibilidade.

Maria Aparecida: Não, que isso.

Entrevista de Vânia Lúcia da Silva

Data de realização: 1 de junho de 2021

Transcrito por: Graciana Regina da Silva

Entrevistadora: Fala seu nome completo.

Vânia: Meu nome é Vânia Lúcia da Silva.

Entrevistadora: E a data de nascimento.

Vânia: Eu nasci no dia 24 de abril de 59.

Entrevistadora: E você nasceu onde? Em qual cidade?

Vânia: Eu nasci em São João del-Rei. Fui batizada lá porque, bom, meus tios contam, minha prima conta que eu nasci meio doente, aí tive que batizar às pressas lá em São João, mas batizei em São João. Fui batizada lá em São João, os padrinhos é uma prima minha que mora em Belo Horizonte, agora o padrinho eu não conheço. Ela falou que nem lembra, que eles arrumaram lá no hospital. Então é isso, eu nasci em São João del-Rei.

Entrevistadora: E eu lembro de você contando essa história mesmo de que tinha nascido doente e aí correram pra batizar.

Vânia: É.

Entrevistadora: Você sabe o que que foi? O que você tinha?

Vânia: Não.

Entrevistadora: Que era muito pequenininha, né?!

Vânia: É, diz que eu nasci muito miudinha, muito. Aí falou que não, teve que batizar às pressas por causa disso. Porque não sabia se eu ia sobreviver, não. Mas graças a Deus isso...

Entrevistadora: E aí você viveu em São João?

Vânia: Não.

Entrevistadora: A sua infância, veio pra cá, como que foi?

Vânia: Não, aí a infância toda foi aqui. E depois de... com minha mãe, eu perdi minha mãe, a minha mãe biológica eu não conheci, porque eu perdi ela com quatro anos. Quer dizer, não lembro dela. Quem me criou foi a minha tia, que era irmã da minha vó. Que a minha vó... era 12 irmãos. Então aí ela que me criou. Eu, minhas outras irmãs e o Beto, sabe?! Então criou a gente.

Entrevistadora: E qual que é o nome dela?

Vânia: *É Perpétua dos Anjos. Então a minha mãe eu não conheci, então acabou de criar a gente, depois eu fui pra Belo Horizonte, comecei a trabalhar lá de babá.*

Entrevistadora: *Com quantos anos você foi pra Belo Horizonte?*

Vânia: *Eu creio que deve ser uns 15, por aí. Que aí eu fiquei morando lá cinco anos sem vir aqui.*

Entrevistadora: *Sem vir aqui.*

Vânia: *Sem vir, cinco anos, ficava quietinha em Belo Horizonte.*

Entrevistadora: *Como que foi essa decisão de ir pra Belo Horizonte?*

Vânia: *Não, eu fui com uma prima que foi pra lá e eu peguei e fui pra lá com ela. Mas aí eu comecei a trabalhar de babá e foi aí, foi o que tinha por lá. Passeava, rodava aquele lado todo de Belo Horizonte todo mas não vinha. Nem falar em vim aqui eu não gostava. Aí, graças a Deus, depois voltei.*

Entrevistadora: *Nesse tempo que a senhora tava lá em Belo Horizonte, que a senhora tava lá com a sua prima, foi trabalhar em casa de família.*

Vânia: *Isso.*

Entrevistadora: *E aí como que era, assim, a sua rotina? O que que você fazia? Você tinha um momento de folga, não tinha? Como era?*

Vânia: *É, tinha, tinha um dia de sábado, às vezes eu ia lá na casa da minha prima, voltava, ficava lá. Às vezes eu ia mais cedo, depois à tarde eu voltava, mais à noitinha eu voltava outra vez pro serviço. Aí ficava um pouquinho fora, sim. Não era muita coisa não, mas tinha uma folga.*

Entrevistadora: *E você andava pela cidade lá ou era difícil? Porque é uma cidade grande, né?! Belo Horizonte...*

Vânia: *É, eu andava, sim.*

Entrevistadora: *Sair novinha assim.*

Vânia: *É. Depois, com tempo, eu aprendi a andar em Belo Horizonte, graças a Deus. Aprendi a andar em Belo Horizonte com o tempo, fui e aprendi. Pegava lotação tranquilo, sabe?! Eu ia pra casa. Inclusive, eu tinha uma vizinha que trabalhava comigo, ela era muito antiga, trabalhava lá há muito tempo, então ela pegava... ela foi me explicando, explicando tudo, a saída de lá pra pegar lotação e foi me explicando, aí fui aprendendo. Aprendi e comecei a andar em Belo Horizonte.*

Entrevistadora: *E você morava nessa casa.*

Vânia: *Morava lá com eles, com a patroa.*

Entrevistadora: *E o que você fazia nessa casa? Você era babá?*

Vânia: *Era babá, era só a babá. Só ficava tomando conta da menina lá, só tomando conta da menina.*

Entrevistadora: *Você lembra, nesse tempo que você ficou fora e não voltava aqui, você sentiu saudades? Como é que era?*

Vânia: *Ah, acho que eu nem sentia saudade, porque eu passeava muito. Eu saía muito com eles. Eu ia pra Sabará, ia pra... qual o nome da outra cidade que tinha lá, gente? Eu esqueci. É... ah, esqueci o nome da cidade. Eu só sei que eu não parava, sabe?! Porque o motorista saía muito com a gente, passeava muito. Eu nem lembrava muito daqui. Sei que tinha parente aqui, mas eu não preocupava de vim. Com o tempo eu resolvi vir embora.*

Entrevistadora: *E ficou gente da sua família aqui.*

Vânia: *Ficou com a minha tia que criou a gente, a minha irmã, sabe?! Os outros ficou tudo aqui.*

Entrevistadora: *E vocês se falavam de alguma forma?*

Vânia: *Não, às vezes quando vinha gente aqui que mandava lá notícia, às vezes mandava uns bilhetinhos, né?! E pronto, mas do contrário não. Porque era também a carta, era mais a carta, né!? Mas eu não tinha muito... era difícil eu sentar pra mim escrever carta. Mas não... sabe!? Eles que davam notícia.*

Entrevistadora: *E aí a senhora ficou lá esse tempo em Belo Horizonte e depois foi pra outros lugares, não?*

Vânia: *Não, depois eu vim pra cá. Aí eu trabalhei aqui numa casa ali no rumo da igreja ali, mais ou menos. Comecei a trabalhar, trabalhar, depois saí de lá. Aí eu comecei a trabalhar lá no Lalado. Só no Lalado que eu fiquei trabalhando muito tempo. De lá que eu saí de lá já aposentada. Trabalhei lá até aposentar. Hoje ele não funciona o bar mais, porque eles mexiam muito com tudo quanto é tipo de salgado. Aí aprendi a fazer.*

Entrevistadora: *O pastelzinho que eu já conheço.*

Vânia: *O pudim, né?! O pudim. Aí o pudim, o pastel. Ah, o pastel.*

Entrevistadora: *É, o pastel, porque na festa você fez pastel aqui. Eu vim na festa de fim de ano.*

Vânia: *Ah, é, teve pastelzinho, sim.*

Entrevistadora: *Né?! Eu lembro.*

Vânia: *Então, aí eu trabalhei lá até... também fiquei babá lá também. Trabalhava, fazia de tudo, sabe?! Um pouco de tudo. Aí lá eles faziam salgado, né, que os meninos deles era pequeno, estudava em São João, né!? Então... não dá renda, né?! Além do bar tinha que ter... Aí vendia salgado pra fora também, fazia... o pessoal fazia muita encomenda, sabe?! E a gente ficava lá e ajudava a fazer.*

Entrevistadora: *Você chegou a casar?*

Vânia: *Não. Como diz, eu namorei muito. (risos) Ah, não. (risos)*

Entrevistadora: *Chegou a ter filho?*

Vânia: Não, não. Como diz o outro: acho que eu não tive nem tempo. (risos) A intenção até que era boa, mas... não teve tempo. Aiai.

Entrevistadora: Você tava falando, quando você tava contando pra gente da sua estadia lá em BH, eu já fiquei pensando antes. Você falou que foi criada pela sua tia, né!?

Vânia: Uhum.

Entrevistadora: Que você saiu daqui com mais ou menos uns 15 anos. Antes de você sair, tem alguma coisa que você... como é que era aqui, sabe? O que que você lembra da sua infância? Conta pra nós.

Vânia: Bom, eu me lembro que aqui não tinha água lá perto da minha casa, aí a gente tinha que buscar água lá na rua daquela rua do... lá perto do... tinha uma caixa d'água ali que agora nem tem mais. Aí então a gente pegava, saía daqui dessa rua São Vicente, ia lá pra rua pra buscar água. Aí ficava aquela fila de lata, assim, muita gente esperando pra pegar água, porque era pouca torneira que tinha água. Então eu buscava água, ajudava em casa, né, buscava lenha, tinha que ir na lenha porque nós tinha fogão a lenha, então a gente buscava lenha. E tinha um córrego lá embaixo também que a gente tinha que ir lá lavar vasilha, lavar roupa, que a água que a gente pegava era só pra cozinhar, então...

Entrevistadora: Brincava? Você brincava muito?

Vânia: Ah, brincava muito. Nós jogava bola, futebol na rua, bolinha de gude. Era muito divertido, brinquei muito graças a Deus. Brinquei muito.

Entrevistadora: O Dica, tem alguma música que você lembra dessa época a sua infância, ou da sua juventude, que era uma música que você gostava, ou que gostava de cantar? Ou que seu pai ou sua mãe cantavam? Seu pai e sua mãe, não, no caso sua madrinha, né!?

Vânia: Minha tia.

Entrevistadora: Sua tia, é.

Vânia: Ah, nem sei. Música? Deixa eu ver. Aquelas músicas do Odair José, né?! “O tempo vai, vem”, acho que já ouvi essa música, mais ou menos assim, que era do Odair José. “O tempo passa, o tempo vai” acho que eu me lembro assim, mas... a gente brincava, mais brincava do que ouvia rádio, sabe?! Porque na rua lá, era rua assim, as ruas eram tudo estreitas, sabe?! Aquelas ruas estreitas. A gente fazia aquele pulador assim, barranco, e pulava lá embaixo. Era muito divertido, e aproveitei muito a minha infância, graças a Deus.

Entrevistadora: E aqui tinha barraquinha? Barraquinha, festas?

Vânia: Oh, aqui tinha assim, era um mobral. O pessoal que não tinha escola, assim, então tinha aquele negócio do mobral. Aí o mobral a gente pegava, fazia barraquinha pra fazer renda. Fazia, era... tinha dia que era um pouco pastel, às vezes era cachorro-quente. Essas coisas assim que a gente fazia pra ajudar. E a gente cantava também... tinha um coral aqui da Vila Fátima que a gente cantava nas missas aqui. (fala baixinho)

Entrevistadora: Outra coisa também, dessas... sabe essas crendice, assim, popular que às vezes você “ah, não pode tomar leite, comer manga”. Qual que você lembra da sua época de infância, ou até hoje, né?!

Vânia: Essa tradição tá até hoje. (risos) É, eu lembro disso mesmo. Às vezes, se a gente comia um pêssego, aí tomava um “ah, não toma leite não porque você comeu pêssego”. Manga também era a mesma coisa, né?! Porque manga toda vida foi isso, chupar manga não podia tomar leite, né?! Então isso aí a gente ouvia muito. Comer mandioca, se comer mandioca não pode comer isso que faz mal, misturar. Ai, meu Deus do céu! Agora hoje não tem nada (risos), não faz mal nenhum. E não faz mal nenhum, era divertido, né?!

Entrevistadora: Deixa eu ver aqui. Quanto tempo que você ficou fora, Vânia?

Vânia: Pois é, eu fiquei cinco anos, né?!

Entrevistadora: Cinco anos.

Vânia: É, morando lá. Depois que eu vim embora pra cá. Depois trabalhando com esse pessoal aí eu fui pra... depois de, de vez em quando ia pra São José dos Campos ajudar a menina, a filha da patroa lá. E era assim, mas eu ficava mais em BH.

Entrevistadora: E em algum momento você pensa, assim, que você preferia ter ficado aqui, não ter ido morar fora?

Vânia: Ah, não. Não. Lá fora ou aqui pra mim tava... pra mim tava ótimo. Eu gostava muito de ficar fora, trabalhar fora, não tinha jeito, né!? Tinha que... aí eu fiquei quietinha por aqui mesmo e tô aí. De vez em quando, por causa assim... eu, depois que eu trabalhei, eu fiz até uma viagem, sabe?! Viajei de cruzeiro, fiz cruzeiro. Fiquei cinco dias no mar. Aí eu ganhei a passagem com eles na rifa. E do contrário tô quietinha aqui mesmo.

Entrevistadora: Você gosta de morar aqui?

Vânia: Gosto, aqui é um lugar muito tranquilo, sabe?! Só que não tem, assim, uma indústria pro povo trabalhar, né, pra coisa. Mas do contrário aqui é muito bom, gente. Tirou disso, aqui é muito bom.

Entrevistadora: Eu já cheguei querendo morar aqui, né?!

Vânia: Pois é, aqui é muito tranquilo.

Entrevistadora: Toda vez que eu venho em Coronel eu falo “eu vou morar em Coronel”.

Vânia: Aqui é tranquilo, né?! Muito bom. Eu também gosto.

Entrevistadora: E bonito também.

Vânia: É muito bonito, sabe?! De verdade. Olha que aqui antes (não compreendo em 00:14:09), a gente não via nenhuma casa assim... agora hoje olha como que evoluiu muito, né?! Graças a Deus.

Entrevistadora: E você falou que aprendeu muita coisa lá quando trabalhou lá no bar do Lalado, né?! Quais são as receitas que são as suas especialidades?

Vânia: Não, assim, pastel, tinha coxinha, cigarrete, risole, né?! Tinha o enroladinho de presunto e queijo, o pão de queijo, sabe? Eles faziam também o bolo de cenoura. Então era essas que a gente... que eu aprendi a fazer.

Entrevistadora: Alguém quer... vocês querem perguntar? Bom, Dica. Então muito obrigada pela entrevista.

Vânia: Desculpa alguma coisa, alguma falha aí. (riso)

Entrevistadora: Imagina! Foi ótimo.

Vânia: Desculpa a minha falha. Porque às vezes tem coisas que a gente já nem, né?! Não lembra muito. Mas eu fiz... (risos)

Entrevistadora: Não, mas foi ótimo. Foi ótimo.

Vânia: Então tá bom.

Entrevistadora: As histórias de vocês nos alimentam muito, é muito bom conversar. E foi bom que a gente pôde se ver um pouquinho também.

Vânia: É que a gente... já tem um ano, né!?

Entrevistadora: É, então!

Vânia: Ou mais, né?! Que a gente não...

Entrevistadora: Se vê.

Vânia: É.

Entrevistadora: Mas obrigada.

Vânia: De nada.

Entrevistadora: Obrigada.

Vânia: De nada. É só isso?

Entrevistadora: É.

Entrevista de Marilea da Boa Morte Assunção

Data de realização: 22 de junho de 2021

Transcrito por: Graciana Regina da Silva

Entrevistadora: Então conta pra nós o seu nome completo e sua data de nascimento.

Marileia: É Marilea da Boa Morte Assunção. 19 de novembro de 1966. Eu tô com 20 na cabeça é que tem uma curiosidade tanto no nome quanto na data de nascimento.

Entrevistadora: Conta pra nós.

Marileia: Meu pai foi me registrar, né?! E, normalmente, a minha mãe tinha escolhido meu nome, na verdade era Marilea mesmo, Marilea das Mercês Assunção. E eu nasci no dia 19 de novembro, como meu pai foi me registrar no dia 20 ele registrou... ele tinha esquecido o nome, né?! Aí pôs, na hora lá inventou esse Boa Morte, e pôs dia 20. Então o meu documento é dia 20, mas eu nasci no dia 19.

Entrevistadora: Olha só. É bom que tem festa dois dias.

Marileia: É. Isso mesmo. Aí eu... por isso que eu tava com esse 20 na cabeça, 2020.

Entrevistadora: Oh, Lea, conta pra gente onde você nasceu.

Marileia: Então, eu nasci, na verdade, em São João, na Santa Casa de São João. Eu fui uma das... uma família de oito irmãos, oito filhos, eu fui uma das pouquíssimas, acho que três ou quatro só, que nasceram em hospital. E eu fui uma delas. Mas eu, nessa época, minha mãe morava numa fazenda, meu pai era funcionário da fazenda, então fui nascida e criada nessa fazenda. Nem na Cachoeira não era, nem povoado não era. Era fazenda mesmo. Ele era sitiante lá, retireiro lá.

Entrevistadora: Como que chamava a fazenda?

Marileia: Fazenda Esperança. Ela fica próximo da Cachoeira, indo ali pra Resende Costa.

Entrevistadora: E os seus outros irmãos ou irmãs, eles nasceram na fazenda, com parteira?

Marileia: Isso, eles nasceram em casa, com parteira. E eu e mais três irmãos que nascemos em Santa Casa, mas os mais velhos e... é, os mais velhos nasceram em casa. Depois eu nasci em hospital e depois mais dois nasceram em casa de novo.

Entrevistadora: E vocês moravam na fazenda, Lea? É porque, assim, seu pai trabalhava lá e sua mãe também? Como que era, assim?

Marileia: A mãe, na verdade, nasceu na Cachoeira. A minha mãe nasceu na Cachoeira, e meu pai sempre... foi nascido e criado nessa fazenda. O pai dele era funcionário da fazenda, aí ele nasceu e criou lá. Então quando minha mãe casou... quando eles se casaram minha mãe mudou pra essa fazenda. E a família foi toda pra lá. Assim, minha mãe criou a família lá, nessa fazenda.

Entrevistadora: *Tinha muito isso, né?! Você que falou até outro dia, né, Aninha?! Às vezes tinha a fazenda que tinha a casa grande da fazenda e tinha umas casinhas menores que cada funcionário, pessoal tem as suas famílias ali.*

Marileia: *A princípio a gente morava, era uma casinha do meu pai, né?! Da minha vó. Moramos lá alguns anos e com sete anos nós mudamos, ficamos alguns anos na Cachoeira, na casa da minha outra vó, minha vó materna, e aí retornamos pra uma dessas casinhas. Aí o dono dessa fazenda fez uma dessas casinhas. Era uma casinha bem pequenininha mesmo, mas foi feita pro meu pai mesmo, bem mais próxima da fazenda, que a da minha vó era um pouquinho distante. Aí é nessa casa que eu vivi depois, a partir dos 11 anos de idade, até agora recente.*

Entrevistadora: *E tinha outras casinhas ou era só a casa do seu pai?*

Marileia: *Não, tinha outras casinhas. Aí cada funcionário tinha uma casinha. Tinha os funcionários antigos, tipo do meu avô, e depois os mais recentes. Tinha casas antigas e tinha casas... não chegava a dez casas, não. Um ou dois ou três no máximo, de funcionários. Bem distante uma da outra.*

Entrevistadora: *E como é que foi a sua infância lá na...?*

Marileia: *Então, eu fui criada muito, assim, entre os irmãos, né?! Por incrível que pareça, essa... de todas as famílias, a única que tinha criança era a minha mãe. Então, assim, as outras eram adolescentes, né, na verdade. Tinha poucas crianças. Então tinha um... duas ou três meninos, né, que eram amigos dos meus irmãos e eu fui criada nesse ambiente com os meus irmãos. Que eu tenho uma irmã que é a mais velha da casa, já logo com sete anos já era responsável pelos afazeres da casa também. E depois, bem anos depois, nasceu a caçula. E eu tenho irmãos mais velhos e irmãos mais novos. Eu fui mais no meio, fui criada com irmãos. Então era brincando na fazenda, no campo, lá mesmo com as vacas. Mas era sempre assim, no rio, sempre brincadeiras com os meus irmãos. E os amigos deles.*

Entrevistadora: *E pra estudar, como que era?*

Marileia: *Pra estudar a gente vinha aqui pra Coroas. A gente, era uma caminhada de uma hora e meia. Eu me lembro que a gente saía cinco e meia da manhã, a gente saía de casa pra começar a estudar aqui às sete horas da manhã. E à noite era a mesma coisa, à noite, não, terminava às quatro horas da tarde, quatro e meia, e a gente chegava em casa bem de noitinha. Então e era andando a pé mesmo, era caminhando mesmo. Com chuva, sol, tudo que tinha a gente tava lá. Era várias crianças, eu sempre tinha os irmãos e os vizinhos lá e a gente sempre tava junto.*

Entrevistadora: *E na escola já tinha toda a estrutura de merenda, de (não compreendo em 09:06)?*

Marileia: *Não, era... tinha merenda era, assim, era muito... não era igual hoje, refeição, né?! Era um mingauzinho, era uma sopa, muito fraco. Não era... eu me lembro que eu não gostava muito da merenda, não. Mas comia porque tava com fome. Eu lembro até hoje do sabor da sopa, mas não gostava muito, não. Não tinha muito tempero. Era... na época até as escolas tinham dificuldade, mas a gente... eu tenho essa lembrança da merenda. Não era muito boa.*

Entrevistadora: *E vinha gente da sua família e os outros que moravam mais perto, tudo... deve que era muita gente que vinha pra escola, né!?*

Marileia: *Então, da fazenda não, até que não. Mas da Cachoeira, o período que eu morei na Cachoeira, que foram quatro anos que eu morei em Cachoeira, né?! Aí esse período tinha. Era várias crianças mesmo, assim. E apesar da gente ter aquele grupinho, né, que sempre formava os grupinho, né!? Tinha muita briga no caminho de escola, então tinha umas rivalidades lá. Então a gente... mas tinha sempre muita criança, mas eu lembro que eu tinha um grupo bem fechado, assim, de menina e meninos. Era os grupos mais fechados.*

Entrevistadora: *Oh, Lea, peraí. Me ajuda aqui. Não sei se eu tô entendendo. A Cachoeira é onde ficava a fazenda, não?*

Marileia: *Não, Cachoeira é um povoado, né?! E há uns três quilômetros fica essa fazenda.*

Entrevistadora: *Entendi.*

Marileia: *Então, assim, o caminho da fazenda onde eu fui criada aqui pra Coroas é um percurso e teria como passar pela Cachoeira e vim com essa turminha da...*

Entrevistadora: *Entendi.*

Marileia: *...que era os primos, os amigos, tinha como vir também. Mas foi mais ou menos esse período assim que eu cheguei de escola foi isso assim. São dois caminhos.*

Entrevistadora: *Tem uma coisa que você percebe, assim, de como era a escola, né!? Assim que a escola era muito diferente. Igual você tá falando, que a merenda era diferente, o jeito de ensinar alguma coisa que era... como que era que se ensinava? Como era essa escola antigamente, assim?*

Marileia: *Eu... eu tenho uma lembrança, assim, eu gostava muito de escola, sempre gostei, desde o primeiro. Eu particularmente, eu gostava do jeito, assim, as professoras, no caso era uma professora só. Não era igual agora uma professora por matéria. O primário, na verdade, ainda é assim, né?! O maternal ainda é assim. Algumas... eu, na verdade, estudei quatro anos só no primário. Eu tenho lembrança de uma que era muito boa, né?! Duas delas boas e duas muito más, muito rígidas, né?! Cobravam muito. E duas delas, as primeiras, eu tive sorte logo no primeiro ano, eu tive sorte de pegar uma muito atenciosa que eu até hoje ela tem um jeitinho muito calmo, né?! Ela me ensinava muito bem. Então eu lembro muito de desenhos, de caderno com desenho, de colorir. A lembrança que eu tenho mais de escola é mais assim. Do primeiro ano, né!? E depois tinha assim... eu acho que a escola era muito diferente, era... era o básico mesmo, o básico de tudo. Eu, pelo menos, estudei foi só esse primário, os quatro anos primários. Então era o básico mesmo de tudo. Tinha algumas matérias que eu gostava mais, outras gostava menos. E era assim. E de criança também. Eu me lembro que pra brincar na escola a gente tinha aquela divisão, sabe?! O pessoal que era da roça não brincava com os da cidade. Então tinha os grupinhos, então por isso que a gente já vinha com esse... na escola a gente vinha com isso, assim. Já tinha... eu não brincava muito não, a gente sempre ficava mais isolados, eu com essa turminha da Cachoeira.*

Entrevistadora: *E com quantos anos que você começou a trabalhar, Lea?*

Marileia: *Eu comecei com 13 anos, 13 anos. Porque aí eu estudei até de sete até 11 anos, só os quatro anos primários, aí quando foi 13 anos eu já comecei, eu já fui pra São João. Fui primeiro pra São João del-Rei. E era... eu cuidava de criança, eu trabalhei cuidando de criança. Eu lembro que eu fui cuidar de uma menininha, né?! Então, assim, foi minha primeira saída de casa mesmo, a primeira vez que eu saí de casa.*

Entrevistadora: *E você ficava em São João ou vinha e voltava?*

Marileia: *Não, eu ficava lá. Ficava lá.*

Entrevistadora: *Morava na casa.*

Marileia: *Morava na casa, é, dormia mesmo lá na casa. E eu tive a sorte que quando eu fui a minha irmã já era, já trabalhava lá. E a minha irmã trabalhava numa casa e eu fui trabalhar pra filha dessa patroa da minha irmã. Então, assim, na hora de dormir eu já ficava com a minha irmã, não ficava totalmente sozinha, não. Mas eu... eu lembro que não foi fácil pra ela. Pra ela não foi fácil e nem pra mim, porque era a dificuldade, né!? O contraste de sair do interior, bem da roça mesmo, a gente morava no interior mesmo, nem, como eu tô dizendo, a minha adolescência mesmo foi nessa fazenda, sem amigos, né?! A gente encontrava vez ou outra lá na Cachoeira com os primos, as primas. Aí quando a gente foi pra trabalhar foi bem difícil ficar isolado lá da família e de amizades também.*

Entrevistadora: *Vocês não costumavam vir muito pra cá, não?*

Marileia: *Não, era muito raro. A gente chegava a ficar até um mês sem vir, isso no início, a gente ficava até um mês sem vim em casa.*

Entrevistadora: *Vocês chegavam a se comunicar com a família aqui?*

Marileia: *Não tinha como. Naquela época não tinha como, não. Às vezes, a gente sabia assim porque o dono do... esses que a gente trabalhava pra eles, eram os donos da fazenda, né!? Eles falavam “hoje eu vi seu pai, hoje eu vi seu irmão”, mas a gente mesmo, a gente não sabia, não. A gente não tinha esse contato com eles, não. Aí era só quando vinha mesmo. Vinha num dia, voltava no outro e ficava mais um mês lá. E depois passou alguns anos e aí que a gente foi pra outros empregos. Mas no início foi assim, meus primeiros anos foi assim.*

Entrevistadora: *E aí você trabalhou com o que? Idoso?*

Marileia: *Não, depois foi doméstica mesmo. Aí eu... foi só os primeiros anos que eu trabalhei de babá, cuidando de criança, brincando, mas eu lavava roupa, passeava com ela na pracinha, essas coisas. E tinha muito medo de sair na rua, mas eu saía. Aí tinha que ir com ela pras pracinhas. E depois, com o passar do tempo, uns quatro, cinco anos depois, eu só fui trabalhar de doméstica mesmo. Eu trabalhava cozinhando, arrumando assim. Mas os primeiros quatro anos foi cuidando de criança mesmo.*

Entrevistadora: *Isso você trabalhou em São João mesmo.*

Marileia: *Isso, é, em São João. Aí com essa família que eu fui trabalhar depois eles viajavam muito e eu sempre ia com eles. E ficavam as férias de... sempre quando era nas férias do meio do ano eles viajavam, aí eu ia junto. Ou então final do ano, ia também pro Rio, Belo Horizonte. Viajava muito, eles tinham casa lá e a gente ia e ficava. Mais de um mês também sem ir em casa. Aí o tempo já foi melhorando, né, assim. A gente já foi, essa*

época já tinha orelhão, a gente já conseguia ligar, né?! A gente já conseguia falar com a família. Mas isso foi na década de 80, que eu já conseguia comunicar com a família. Mas a princípio era muito difícil porque sair de casa já não é fácil, e não tem o contato, né?! Não tem notícia.

Entrevistadora: *Como que era pra sua mãe e pro seu pai, assim, essa saída?*

Marileia: *Pra eles, o meu pai não gos... não gostava muito que a gente fosse, tanto eu quanto a minha irmã, mas como era, assim, era pros patrões dele, ele acabou cedendo, né?! A minha mãe não gostava muito, ela preferia que a gente ficasse em casa. Mas como era uma época muito difícil, muitos filhos e só o salário do meu pai, aí a minha mãe foi e achava, assim, que o ideal seria isso, né!? O ideal seria que nós saíssemos pra conseguir um pouquinho mais de... ela até recentemente ela falou “ah, quando as meninas saíram”, porque logo depois meus irmãos também foram, “foi bom porque era menos gente pra comer”. (risos) Ela falava que era muito difícil, né, tem esse pensamento assim. Mas, nossa, tinha dia que não tinha como mesmo fazer comida pra aquele monte de criança e não tinha. Aí ela falou assim “ah, pelo menos quando vocês saíam pra trabalhar era bom.*

Entrevistadora: *Diminuía.*

Marileia: *É, era menos gente pra comer. Mas, assim, na ideia dela o ideal seria que a gente ficasse em casa, né?! E ela falava mesmo que foi um período bem difícil pra ela, porque quando meus irmãos começaram a crescer um pouquinho, os mais novos, que ela precisava de gente pra ajudar, aí nós saímos, todas duas. Aí, assim, era difícil tanto pra ela quanto pra gente, né, a separação. Mas a necessidade falava mais alto na época.*

Entrevistadora: *Seus irmãos, depois, também foram pra outros lugares?*

Marileia: *Foram, foram... todos, na verdade, foram, assim, há medida que ia completando idade, né, 18, 20 anos, iam saindo de casa. E chegou num... eu me lembro que em 96 eu... em 96 que eu retornei pra casa, porque aí tava minha mãe e meu pai doentes e sozinhos, não tinha. Essa hora já tinha saído todo mundo. Isso 16 anos, né, foi um período, assim, de 16 anos que eu saí e a cada ano saía um dos meus irmãos. Foram crescendo e foram, e eles foram mesmo pro Rio, eles não ficaram aqui em São João, não. E eu tinha, assim, essa necessidade. Eu costumo falar isso. Que da mesma forma que eu tive a necessidade de sair eu tive de voltar, porque foi um período, assim, bem difícil, que o meu pai tava muito doente, a mãe também. E internação, sabe?! E eles ficavam muito sozinhos, né!? Aí eu fui, escolheram eu pra voltar pra casa.*

Entrevistadora: *E eles ainda moravam na casinha no alto da fazenda?*

Marileia: *Não, eles... foi em 90, no ano de 90 já tinha seis anos que eles tinham mudado pra Cachoeira. Nós mudamos pra Cachoeira em 90, 92 assim. Um períodozinho entre lá e cá. Mas aí ele já era aposentado, ele já não trabalhava mais na fazenda, e aconteceu foi isso, que meus irmãos adolescentes eles já trabalhavam na fazenda ajudando meu pai, né!? Já era... trabalhavam na fazenda. Aí quando eles completaram a idade que eu te falei, aí eles foram embora. Aí chegou um ponto que ninguém trabalhava. Meu pai tinha aposentado, que meu pai aposentou por invalidez. Ele era muito novo mas ele tinha um problema na perna e aposentou. Então, assim, mas a gente continuava naquela casinha lá, não pagava aluguel nem nada, mas morava lá. Aí teve um período que tava muito difícil pra minha irmã caçula estudar e morando lá totalmente isolada, né?! E na*

Cachoeira essa época já era mais fácil. Aí já tinha estrada, tinha acesso lá, né!? Até aquela história que eu te contei da minha mãe, que a minha mãe, ela ficou um período entre a fazenda e lá na Cachoeira. E ela começou a mexer com associação de bairro, essas coisas. Então ela foi... ela falou “não, o jeito agora é eu morar na Cachoeira, porque agora não tem como eu ficar lá mais não”. E aí foi... todo mundo foi pra Cachoeira. Mas aí quando eu tive que retornar foi por isso, porque não tinha mais ninguém. Já tinha saído todo mundo, meus irmãos todos, meu pai doente, minha mãe não tava conseguindo também cuidar dele. Aí eu tive que voltar. Larguei... foi meio que, assim, a minha irmã mais velha tava com muitos anos de serviço, não podia largar pra lá, né?! Por causa da aposentadoria, essas coisas todas. E ela ia perder. E a minha irmã mais nova, ela saiu de casa mesmo porque não tinha mesmo... ela não tinha aquela vocação pra cuidar dos idosos, ela queria mais é sair. Ela era mais jovem, então eles preferiram. Então eu saí do serviço e voltei pra casa. E foi aí, foi outra dificuldade pra mim, porque esse tempo eu já tava habituada com a cidade, com o ritmo da cidade. Eu tinha... já tinha adaptado, né, levava uma vida totalmente... porque eu sempre gostei muito de interagir com as coisas, gostava de cinema, gostava de tá sempre atuante em alguma coisa, né?! Então quando eu tive que voltar pra Cachoeira, que Cachoeira era aquele povoadozinho, aí eu acho que foi nessa necessidade que eu fui infiltrando em tudo. Eu entrava em associação de bairro, igreja, aí virei uma pessoa assim, bem ... inxirida.

Entrevistadora: *E hoje em dia vocês têm casa tanto aqui quanto em Cachoeira.*

Marileia: *É. Aí... passou mais uma década. A minha vida é sempre assim, sabe?! Uns acontecimentos muito inesperados. Eu aí, quando eu tava muito envolvida na comunidade, aí começou o programa de saúde da família, o PSF, aí o médico que tava lá, ele... tudo que precisava ele ia lá em casa, ele ia comigo, eu que ia nas casas acompanhar e tal. Aí quando começou o processo de PSF ele foi e falou assim “ah, você tem que ser uma agente de saúde daqui. Vai ter o processo de agente de saúde, você vai ter que fazer”. Aí eu fiz o processo seletivo e eu fui contratada, né?! Pra ser agente de saúde lá na comunidade de Cachoeira e outras comunidades. No início foi muito difícil também, eu comecei com São Caetano, Planalto de Fátima e Cachoeira. E aí eu comecei, não parei mais. Eu fui... tudo que acontecia era eu, era eu que virei... na associação de bairro eu que tava envolvida. E aí me desliguei de novo da Cachoeira, da família, né?! Que aí a família já começou a retornar pra cá. Aí logo meu pai tinha morrido já. E foi um período muito difícil pra mim. Eu, principalmente, era muito ligada com o meu pai. Então eu tava num processo de depressão muito profundo, sabe?! Assim, eu tava mal mesmo. Talvez até pela mudança, né, que eu tinha saído da cidade, assim. Eu acho que... agora eu analiso melhor, assim. Mas logo... juntou tudo, volta pra Cachoeira e a morte do meu pai. Aí eu... quando apareceu o PSF aí foi ótimo pra mim, porque eu me ocupava com alguma coisa. E aí não parei mais. Aí logo eu comecei a trabalhar e como eu não tinha, eu não tinha estudo, eu só tinha o primário, eu não consegui fazer o processo de... o concurso público, né!? Aí eu falei assim “não, então”... e como o PSF era contrato eu falei assim “eu vou... eu não vou arriscar muito não. Vou fazer algum concurso”. Aí eu fiz o concurso pro posto de saúde, pra ser faxineira lá no posto de saúde. Aí... mas aí tinha um problema que eu tinha que começar muito cedo e acabar muito tarde, e pra ir pra Cachoeira era difícil, porque era à noite e voltar de manhã tava muito difícil. E meu irmão tinha um terreno aqui, um lote ali no bairro. Aí foi, juntou a família toda, vamos construir um comodozinho pra você ficar. Aí fizemos quarto, sala, banheiro e tá até hoje eu lá. Não aumentou e, assim, já serviu pra mim. Minha outra irmã logo passou na escola, no concurso da escola. E a minha outra irmã também quando voltou de São João, do serviço, ela conseguiu um emprego aqui antes de se aposentar. E, assim, aí por isso que*

nós ficamos com uma casa. Agora a gente tem essa casinha que fica aqui. Que a minha mãe, a gente ri muito que a gente fala que a mãe falou que era um cômodo “vamos construir um cômodo pra você”, o cômodo tá lá até hoje. E aí a gente fica entre aqui e lá. E aí com esse período da pandemia a gente fica mais é lá. Na casa dela é mais sozinha, né?!

Entrevistadora: *E ela tá bem, Lea?*

Marileia: *Tá, assim, o problema dela é mesmo coluna, né?! Essas coisas todas.*

Entrevistadora: *Porque ela fazia fisioterapia, né?!*

Marileia: *É, é a coluna. Então parou.*

Entrevistadora: *Tá conseguindo fazer? Não, né?!*

Marileia: *Não tá conseguindo fazer, não. A gente tá tentando. Hoje mesmo ela fez um exame, deu a glicose muito alta. Então, assim, é... e essa luta a gente continua, essa divisão. Acaba fica nos compromissos que a gente tem, né, que eu assumi ao longo dos anos. E essa responsabilidade de estar com ela, né!? Pra não deixar ela totalmente só, né?! Mas, assim, eu falo que a minha vida, ela não foi uma rotina, não. Sempre era mudança, mudança, e mudança muito brusca, sabe!? Assim, era uma coisa, assim, pra outra totalmente... muito diferente, muito. Que eu tinha que me adaptar, sempre, assim, a coisas muito diferentes. Mas eu gostei do desafio porque eu agora, olhando pra trás, eu vejo que consegui muita coisa, assim. Passar por muita coisa e aprendizado também, apesar de... aí depois, quando foi nesse período que eu achei interessante também, porque quando eu comecei, vim morar aqui, aí tinha o EJA, né!? Educação de adulto. Aí eu “ah, já que eu tô dormindo aqui, eu vou estudar. Aí estudei à noite, fiz o supletivo de jovens e adultos e concluí o ensino médio. Agora já com... depois de adulta já, porque na época não tinha como, né, estudar. Ou a gente trabalhava ou a gente estudava, os dois não tinha como. Aí eu só fui estudar mesmo agora, recente.*

Entrevistadora: *Ah, que bacana. Obrigada, Lea. Tem mais alguma coisa que você lembra, que você queira contar que nós não perguntamos?*

Marileia: *Assim, eu não sei se eu aprofundi muito, mas é, assim, mas é isso. Eu costumo dizer que eu me envolvi em muita coisa por necessidade, mas também, assim... e hoje é bom que tudo quanto é grupo eu tô envolvida, né?! Eu consigo me adaptar a várias coisas.*

Entrevistadora: *Você ainda tá lá na Cultura?*

Marileia: *Tô, continuo lá, apesar do período.*

Entrevistadora: *Hoje eu ainda lembrei de você lá em casa, porque... aquela muda que você me deu. Aí hoje eu tava aguando ela, porque na verdade ela tava meio sequinha, aí eu falei “ah, meu Deus, a muda. Não pode deixar”, mas ela... ela vai alastrando, que ela subiu pra cima dos outros vasos.*

Marileia: *Olha só!*

Entrevistadora: *(não compreendo em 33:21) na hora que eu fui ver foi subindo.*

Marileia: *Ela floriu? Ela tem uma flor bonita, né?!*

Entrevistadora: *Sim, sim.*

Marileia: *Eu gosto. Ontem mesmo eu fiquei o dia todo cuidando de flores. Que uma das minhas paixões é flores. Aí eu gosto de mexer com flor, assim. Apesar de não ter muito tempo, né!? Porque flor, às vezes, requer tempo, né?! Tem que ter muito tempo pra mexer. Mas eu gosto. Como eu tô lá na Cachoeira eu gosto muito de mexer com flor.*

Entrevistadora: *Oh, Lea, obrigada!*

Marileia: *Por nada, gente.*

Entrevistadora: *Valeu demais.*

Marileia: *É sempre bom a gente... tá podendo contribuir com alguma coisa.*

Entrevistadora: *Isso mesmo. Obrigada.*

Marileia: *Espero que tenha sido proveitoso.*

Entrevistadora: *Foi ótimo.*

Entrevista de Marta Maria dos Santos

Data de realização: 22 de junho de 2021

Transcrito por: Graciana Regina da Silva

Entrevistadora: Fala pra gente o seu nome inteiro, por favor.

Marta Maria: Marta Maria dos Santos.

Entrevistadora: Mas todo mundo conhece como Zizica.

Marta Maria: Por Zizica, isso.

Entrevistadora: E a senhora sabe o porquê desse apelido ou não?

Marta Maria: Oi?

Entrevistadora: Sabe o porquê desse apelido ou não?

Marta Maria: Zizica porque minha mãe, ela trabalhou na casa paroquial aqui em Coroas, nesse tempo era São Francisco Xavier. Aí minha mãe... o padre tinha uma irmã, a irmã dele chamava Zizica. E a Zizica era muito boa, muito boa. Quando a minha mãe casou e pensou de por Marta Maria dos Santos e apelido Zizica, pra não ficar esquecida.

Entrevistadora: Ah, e a senhora nasceu que dia?

Marta Maria: Nasci dia 25 de fevereiro de 1933.

Entrevistadora: Conta... como que era a infância da senhora?

Marta Maria: Minha infância foi muito... não foi bom. Porque desde a idade de oito anos que eu trabalhava, né?! (não compreendo em 01:34) lá em Coroas, pra ajudar na... fui trabalhar na casa da minha madrinha, madrinha Quiquita, então ela tinha muitos filhos, tudo... então minha mãe pediu que eu fosse ajudar a olhar elas, as crianças dela, ela aceitou. Aí eu fui, né?! Eu nem fui na escola, não. Não tive nem tempo de ir na aula, não tinha. Aprendi a ler, assim, por milagre, que eu sei ler direitinho.

Entrevistadora: Ah, eu lembro da Elis me contando isso mesmo, né!? Que a senhora foi pegando livro.

Marta Maria: Nunca fui na escola. É, eu pegava, gosto muito de ler. Aí eu roler a ler no soletrando e, graças a Deus, hoje eu leio direitinho, mas só escrever eu não sei, não. Mas ler... escrever eu sei meu nome, escrever meu nome, né?!

Entrevistadora: E a senhora nasceu aqui?

Marta Maria: Nasci aqui, nascida e criada aqui. Só que eu fui batizar em São João del-Rei, que não tinha padre naquela época, só o padre tinha viajado e minha mãe falava, né?! O padre viajou, ela me ganhou e então eu tava doente. Aí precisei de ir às pressas pra São João. Aí me levaram às pressas pra São João, até foi no meio do araçá, no mês de fevereiro é tempo de araçá. Aí quando chegou lá na ponte nova a minha madrinha foi e distraiu comendo araçá, deixou a touca cair no meio do pasto, né!? Até chegar em São

João del-Rei e chegando em São João del-Rei eu batizei lá na Matriz, sabe?! Batizei lá na Matriz. E tava doente, negócio de... naquela época morria muita criança de... agora, graças a Deus, a medicina tá adiantada, né?! Morria muitas crianças de.. daquela... febre alta, nariz entupido, né!? Não tinha como, não. Aí minha madrinha levou pra batizar lá. Ela pegou muito com Deus, medo de eu morrer no meio do caminho, aí graças a Deus eu tô viva.

Entrevistadora: *Graças a Deus.*

Marta Maria: *Graças a Deus.*

Entrevistadora: *Isso. E a senhora chegou a trabalhar fora aqui de...*

Marta Maria: *Cheguei, cheguei a trabalhar fora. Trabalhei em São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, eu trabalhei.*

Entrevistadora: *E como que foi essa época que a senhora foi embora?*

Marta Maria: *Essa época foi triste, né!? Que a minha mãe... foi perdendo uma por uma. Que a minha mãe... primeiro fui eu, que eu sou a mais velha, fui trabalhar em Belo Horizonte. Aí a segunda, a Lenir, mãe da Marlene e da Marli, foi também trabalhar em Belo Horizonte. E aí a terceira é a Jorgina Teresinha, a Teresa, foi trabalhar em Belo Horizonte também, sabe?! Lá em Belo Horizonte. Aí eu vim passear, de Belo Horizonte vim aqui em Coroas, e saí lá do meu serviço. Aí a minha madrinha trabalhava em São Paulo, aí ela arrumou serviço pra mim trabalhar de babá lá em São Paulo, eu fui pra lá, sabe?!*

Entrevistadora: *E a senhora morava na casa?*

Marta Maria: *Morei lá em São Paulo, já morei lá. Aí depois eu me casei, me casei lá em São Paulo. Aí fui morar no sítio, no sítio, né, até chama Boa Esperança do Sul o sítio onde eu morava, né!? Então o administrador, ele implicava muito com o meu marido, implicava demais. Aí o meu marido perguntou ele o motivo dele estar implicando com ele. Ele passou a mão numa cavadeira e ia meter na cabeça dele a cavadeira. Aí nós teve de ir embora, vir embora senão ele tinha morrido lá, né!? Ele fechou a porta do barraco, né?! Nós ficamos lá dentro. O administrador era muito ruim. Aí depois nós viemos embora pra Coroas, nós saímos de lá e veio pra cá. Aí tamo morando até hoje. Até hoje eu moro aí, graças a Deus, na minha terra natal.*

Entrevistadora: *Então depois que a senhora casou a senhora voltou pra cá e ficou aqui.*

Marta Maria: *Voltei pra cá.*

Entrevistadora: *Então a senhora teve seus filhos aqui.*

Marta Maria: *Aqui, eu só tive uma menina lá, a Maria Aparecida. Hoje ela é falecida, hoje. Diabetes, essas coisas acabou com ela. Ela morreu com 40 anos, né?!*

Entrevistadora: *E a senhora... pode falar.*

Marta Maria: *Aí veio a Martinha, né!? Depois da Aparecida a Martinha, a Sônia, Denise, e Elisa, de homem é o Paulo Márcio, Luís Carlos, Ricardo. Tudo mora fora.*

Entrevistadora: *Tudo mora fora.*

Marta Maria: *Só a Elisa que tá comigo. Que paixão que eu tinha quando eles foram embora.*

Entrevistadora: *É?*

Marta Maria: *Até hoje não...*

Entrevistadora: *Conta pra gente um pouquinho como que foi, assim, a decisão tanto deles irem quanto as despedidas.*

Marta Maria: *Foi a... aqui tinha... as meninas tavam aqui, a Sônia, a Denise, a Martinha. Aí foi uma por uma. Foi a Martinha trabalhava na (não compreendo em 08:40), aí ela teve um filho com um rapaz aí que trabalhava de fora. Quando, depois ela engravidou e eu fiquei tomando conta do menino dela. Com seis meses ela foi pra São Paulo. Aí fiquei tomando conta dele, até hoje ele me chama de mãe. Me chama de mãe, tem muito carinho comigo, né!? E hoje mora em... morava aqui, uma casa muito boa aqui na Rua João de Deus. Aí ele alugou e foi morar em São João, porque ele trabalha na Damae, né!? Trabalha na Damae. E o Paulo Márcio foi embora também, trabalha lá na empresa da... na empresa de... como é que chama? Na empresa de São Paulo, essa rodoviária lá, a rodoviária. Ele trabalha lá na rodoviária, né?! E o Ricardo trabalha na roça aqui, trabalhou muito aqui na roça, muito bonzinho, o caçula dos homens, né!?*

Entrevistadora: *A senhora lembra, assim, o dia que o primeiro deles foi embora? Como que foi?*

Marta Maria: *Ah, eu me lembro. A última vez agora foi duas meninas, as filhas da Elisa, eu tinha muito carinho com elas, com as gêmeas, né?! Ela foi... ela morava com a gente e tudo. Aí ela, como é mãe solteira, aí uma delas começou a dar trabalho pra Elisa. Começou a dar trabalho com negócio de bebida, menina novinha tá com uns 15 anos, mais ou menos. Aí o pai dela levou ela pra Belo Horizonte, moral lá em Ibirité todas as duas. A minha paixão, menina. Nossa, gente. Até hoje não conformo. A mais... a Natali, vou falar o nome delas, a Natali que tava dando trabalho aqui. E a Natália, aí o pai dela levou elas, levou uma e ficou a outra. Ficou a Natália. Aí a Natali veio passear, o pai dela trouxe ela pra passear, e falou com a outra “vambora, Natália! Vamos pra lá”. Aí a Natália arrumou a bolsa dela e deixou encostada na parede do quarto dela. Deixou “que negócio é esse? Onde é que a Natália vai com essa bolsa?”, nem sabia que ela ia embora. Aí quando foi de manhã, ali por volta de sete horas, ela foi no meu quarto e falou assim “vó, eu tô indo, vó. Vou morar com meu pai”. Ah, minha filha, Nossa Senhora. Não prestou não, mas como eu chorei. Aí só ficou nós duas, só eu e a Elisa.*

Entrevistadora: *E isso foi por agora, então.*

Marta Maria: *Tudo agora, eles ficaram agora.*

Entrevistadora: *Porque quando eu dava aula pra Elisa elas ainda tavam aqui.*

Marta Maria: *Ainda tavam, justamente. Foram embora, foi todas as duas embora. E agora a Elisa tem um rapaz Moisés, Moisés também foi embora, mora em São Paulo o Moisés.*

Entrevistadora: *E eu lembro que a senhora o ano passado, quando eu entrevistei a senhora, a senhora me contou um pouco da Joana Rosa, né!? Que é a parteira.*

Marta Maria: *É. É a parteira daqui de Coroas, né!? Os ricos, fazendeiro, todo mundo chamava ela pra... porque ela fazia o parto das donas. Aí o que acontece? A Joana Rosa... que não existia café assim comprado não, né!? Não se existia. Ela comprava sempre o café em grão pra poder torrar e socar no pilão. E porque é muito gostoso, né!? Aí ela socou, ela torrou o café e socou, fez o café no frio. Depois chegou um fazendeiro lá “oh, Joana Rosa, eu vim buscar você que a minha esposa tá passando mal, vai ganhar agora”. “Eu não posso porque eu torrei café hoje, eu não posso não. Eu não posso tomar friagem, não”. Aí “não, enrola, agasalha bem”. E o cavalo dela também, né!? O homem trazia um cavalo pra ela montar também. Ele montava num cavalo e trazia outro pra ela. Aí ela ia, sabe?! Aí graças a Deus não aconteceu dela... aqui apareceu uma dona, ela foi fazer... foi pilar acho que pro marido, ela torrou café e socou na chuva. E café é quente, né!? Torrou café e foi pra chuva fazer mal... fez mal pra ela. Aí no outro dia ela já amanheceu com o rosto assim, oh.*

Entrevistadora: *Tudo virado.*

Marta Maria: *Não desentortou mais. É, não desentortou mais. Pirraça, né, que ela fez. Pirraça dela. (risos) Não desentortou. E a Joana Rosa, que graças a Deus ela tava fazendo caridade, ela ficou perfeita, morreu perfeita. E a Joana fazia pilagem pro marido dela, ela morreu tortinha, com o pescoço do lado assim.*

Entrevistadora: *E a senhora teve seus filhos, suas filhas com a Joana Rosa ou teve no...*

Marta Maria: *Não, tive tudo com a Joana Rosa.*

Entrevistadora: *Tudo com a Joana.*

Marta Maria: *Tudo, tudo os oito, os oito com a tia Joana.*

Entrevistadora: *E como que era, assim?*

Marta Maria: *Não tinha, não tinha... ninguém ia pra Santa Casa não, né?! Ela já ficava prevenida. Olha, minha filha, o meu marido trabalhava fora, aí me deu... comecei a passar mal, eu mesma fui lá chamar ela, fui chamar ela. Eu mesma fui lá chamar ela pra me olhar, né?! E graças a Deus deu tudo certo, os filhos tudo criado, graças a Deus, e até a filha muito boa também, que é as minhas filhas, né!? Me olha muito bem a Elisa, então, nossa... paixão comigo, coitada, a Elisa. Daqui a pouco ela tá chegando aí.*

Entrevistadora: *Daqui a pouco tá chegando.*

Marta Maria: *Vai vim aqui, que ela foi lá pegar um fubá pra mim, no Centro. Aí então, graças a Deus...*

Entrevistadora: *Tem um caso que a senhora tinha contado também, uma coisa dos biscoitos da Joana Rosa, não tinha? Foi que a senhora contou.*

Marta Maria: *Biscoito?*

Entrevistadora: *É. Que tinha uma coisa do batizado, será que foi a senhora? Eu posso estar confundindo.*

Marta Maria: *Foi, foi, foi eu mesmo. Foi... a Joana Rosa ficou apertado. Ela não sabia se me olhava, eu já tava ganhando o menino, que é o Paulo Márcio, e a dona... a Maria também já tava em cima da hora pra ganhar a menina. Aí depois a Joana Rosa foi lá em*

casa, ela tava lá em casa pro parto, né!? Aí chegou o pai do garoto que ia nascer. Não, a mãe dele, a mãe, não, a vó dele “Joana, vamo, a Maria tá passando mal, Joana”, não sabia como é. Aí ela foi, aí quando fez 18 dias foi o batizado do Paulo Márcio e dessa menina que nasceu, da Fátima. Aí o marido... o marido da Maria, a mãe da menina, foi lá em casa “oh, gente, lá em casa tem uma fartura, biscoito pra todo lado. Biscoito, tem muita coisa boa lá em casa”. Aí foi lá em casa pra falar. Foi lá em casa.

Entrevistadora: *Foi lá pra falar que tinha coisa no batizado deles.*

Marta Maria: *É, foi batizado.*

Entrevistadora: *Que eu acho que a senhora falou que o padre vinha aqui de tempos em tempos, né!?*

Marta Maria: *É.*

Entrevistadora: *Então os batismos aconteciam.*

Marta Maria: *O padre, não tinha padre aqui não, né!? Aí depois que eles... tinha a marcação direitinho pro padre vim. Quem tiver que batizar a criança... batizar, batizava. Primeira comunhão também a mesma coisa, né!? Agora melhorou por causa do padre agora já trabalha aí, já mora aí, já tem a casa paroquial, né?!?*

Entrevistadora: *A senhora lembra de alguma música da sua infância?*

Marta Maria: *Música, deixa eu ver, per aí. A música, assim, de carnaval, né!? De carnaval que eu lembro. “Tem boi na linha”. “Tem boi na linha, tem, tem, tem. Tem boi na linha, Catarina, vai no trem”. Que eu sei essa música só.*

Entrevistadora: *Essa música. Você quer perguntar alguma coisa também?*

Marta Maria: *Eu queria perguntar sobre os tipos de festa que fazia, acontecia aqui.*

Entrevistadora: *Festa?*

Marta Maria: *É.*

Entrevistadora: *Era muito boa.*

Marta Maria: *Que tipo de festa?*

Entrevistadora: *Festa de Nossa Senhora do Rosário. Muito boa a festa de Nossa Senhora do Rosário. Festa dia 8 de dezembro, da Imaculada Conceição. Era animadíssima. Vou te falar, festa da Nossa Senhora do Rosário vinha caminhão, ônibus cheio de gente pra festa de Nossa Senhora do Rosário. Porque a última festa que teve aqui aconteceu... o ônibus veio cheio lá da Colônia, né!? De... a Colônia é gente mais... os italianos, né!? Os italianos vinha pra participar da festa, muita criança. Aí quando foi oito horas, acabou a festa, acabou tudo, aí o ônibus tava encostado pro pessoal retornar, ir embora, né?! Aí a única tristeza que teve foi o menino foi passar na frente do ônibus, o ônibus já ligado pra sair, aí a rua assim, oh. Aí o motorista não viu o menino, matou o menino. É, matou.*

Entrevistadora: *Nossa.*

Marta Maria: *Aí depois acabou a festa. Agora já não é conforme era mais, acabou a festa, né!? Italiano o menino.*

Entrevistadora: *E como que... o que que acontecia nessas festas, assim? Como que era? O que que tinha?*

Marta Maria: *Acontecia assim, tinha muita barraca, tinha cada bebida tinha um nome, né, cada bebida tinha um nome. E tinha... tudo quanto é tipo de bebida tinha. Aqui no salão, aquele salão paroquial já. Agora não é mais social, não. E tinha quadrilha, né, quadrilha. Tinha bate pau, é muito bonito mesmo bate pau, quadrilha. Rodas... as crianças adoram, gostam de brincar de roda até hoje, até hoje elas brincam. Quando tem uma festa assim igual aqui, eles brincam de roda, né?! Fico lembrando dos tempos, esses tempos que era ótimo.*

Entrevistadora: *Nessa festa de Nossa Senhora do Rosário também tinha congada?*

Marta Maria: *Congada? Tinha, até inclusive o... o filho da Joana Rosa era capitão, sabe?! O... ele chamava Antônio, Antônio Carioca.*

Entrevistadora: *Que é o pai do Beto, né!?*

Marta Maria: *Isto! É, o pai do Beto. Mas quando o congado saía daqui dançando, ali na esquina da padaria tava repleto de gente olhando pra encontrar com os congado, né?! Mas era, nossa, é fantástico.*

Entrevistadora: *E hoje em dia é o Zé Carreiro, né?!?*

Marta Maria: *É, o Zé Carreiro.*

Entrevistadora: *O Zé Carreiro é o capitão?*

Marta Maria: *É, ele é...*

Entrevistadora: *Eu acho que do Antônio Carioca passou pro Zé Carreiro. Eu conversei com ele também o ano passado, tudo pelo telefone, né?!?*

Marta Maria: *Ah, sei.*

Entrevistadora: *Mas conversei. E a estátua que tem na entrada ali é ele, né!? Na entrada da vila. É o Zé Carreiro.*

Marta Maria: *É.*

Entrevistadora: *Ele fez até um versinho no telefone, quando eu conversei com ele. Uns versos.*

Marta Maria: *Ah, sei. Pois é, ele depois que o Antônio morreu panhou a frente dele, né, o lugar dele. O Zé Carreiro é meu primo.*

Entrevistadora: *É?*

Marta Maria: *A mãe dele era irmã, a mãe do Zé Carreiro é a irmã do meu pai. É meu primo mesmo, chegou. Morou até lá perto um do outro.*

Entrevistadora: *E como que é pra senhora, assim, que acaba que a família da senhora ficou toda em São Paulo, Rio de Janeiro, os filhos...*

Marta Maria: *É.*

Entrevistadora: *Como que é pra senhora, assim, ter o pessoal mais espalhado? Tem algum momento do ano que vocês se reúnem? Como que é?*

Marta Maria: *Não, não tem mais, não. Quando vem um o outro não pode vir, né?! Inclusive, tem o... Paulo Márcio que trabalha lá na rodoviária de São Paulo. É difícil ele vim cá. Quando ele vem aqui os outros já veio, já voltou, já foi embora, tá sempre desencontrando. Não encontra mais não, não tem mais não. As meninas a mesma coisa, né?! Só duas que trabalham no Hospital das Clínicas lá em São Paulo, elas combinam e vêm, sabe?!*

Entrevistadora: *Ah, elas vêm.*

Marta Maria: *Elas vêm junto, as duas meninas, né!? A outra que já mora lá em Santo Amaro, ela já é mais difícil ela vim aqui. Ainda mais que apareceu essa Corona.*

Entrevistadora: *Coronavírus.*

Marta Maria: *Corona 20. Aí acabou. Ela vem, agora de vez em quando ela vem. Agora tá doida pra vim. E ela, quando ela vem, não vai correndo, não. Você ainda vai conhecer ela.*

Entrevistadora: *É.*

Marta Maria: *Ela não vai correndo, não. Ela fica aqui mês e mês, depois ela vai embora. A Martinha, a Martinha.*

Entrevistadora: *A Elisa é a que quando foi embora ficou um tempo mas quis logo voltar, né, Zizica?*

Marta Maria: *É, a Elisa já trabalhou muito lá fora também, depois passou a trabalhar em São João del-Rei e agora ela tá em casa, tá trabalhando, não. Mas sempre... ela não deixa, eu não fico sozinha, né!?*

Entrevistadora: *Aham.*

Marta Maria: *Ela... as meninas que moram lá em São Paulo arrumou pra mim, arrumou uma menina, uma dona que fica comigo. Ela vai lá pra casa 9h e 4h, mais ou menos, ela retorna pra casa dela.*

Entrevistadora: *Ah, quando a Elisa tá trabalhando?*

Marta Maria: *Quando a Elisa tá trabalhando, é.*

Entrevistadora: *Ah, entendi.*

Marta Maria: *Ela fica comigo. Arruma as coisas, faz mandado. É muito boa pra mim, muito cuidadosa. Cuidado mesmo pra mim. E quer dizer que não fiquei desamparada, né!? Tô sempre amparada. E a Dica... conhece a Dica, né!?*

Entrevistadora: *Conheço, a Dica veio dar entrevista pra gente.*

Marta Maria: A Dica, Marlene, Marli, Maria do Zé Coca, a Maria você deve conhecer também.

Entrevistadora: A Maria?

Marta Maria: Ela deu entrevista, parece que ela deu de... de culinária?

Entrevistadora: Ah, de receita. Será que é a Maria que eu chamo de Tia Maria?

Marta Maria: É.

Entrevistadora: Todo mundo chama ela de Tia Maria, falei “eu também vou chamar de Tia Maria”.

Marta Maria: É, ela também não sai lá de casa.

Entrevistadora: Ah, que bom.

Marta Maria: Sempre tem gente. Sempre tem gente lá, né!? Não fico sozinha, não.

Entrevistadora: Ah, que bom.

Marta Maria: Aí quando é seis horas a Elisa chega do serviço, né?! Agora não, tá desempregada mas... uns tempos depois aparece.

Entrevistadora: Depois aparece, é.

Marta Maria: Se Deus quiser.

Entrevistadora: Que bom. Dona Zizica, eu queria agradecer pela disponibilidade aí...

Marta Maria: Ah, obrigada.

Entrevistadora: ...de conversar com a gente.

Marta Maria: Você desculpa alguma coisa.

Entrevistadora: Imagina! Tá ótimo, tá ótimo.

Marta Maria: Desculpa.

Entrevistadora: Tá ótimo.

Marta Maria: Ficou bom?

Entrevistador: Ficou ótimo. (risos)

Entrevistadora: Se a senhora quiser pode pôr a máscara agora.

Marta Maria: Ah, tá.

Entrevistadora: E eu te levo lá. Pra senhora ficar protegidinha, né!?

Marta Maria: É.

Entrevista de Elis Regina dos Santos

Data de realização: 1 de junho de 2021

Transcrito por: Graciana Regina da Silva

Elis Regina: Elis Regina dos Santos.

Entrevistadora: E a sua data de nascimento.

Elis Regina: 15 de dezembro de 1968.

Entrevistadora: Você nasceu aqui em Coronel Xavier Chaves?

Elis Regina: Nasci. Em Coronel Xavier Chaves, nasci em casa.

Entrevistadora: Nasceu em casa?

Elis Regina: Com a parteira.

Entrevistadora: Ah, conta um pouquinho do seu nascimento pra nós, então. Como que foi?

Elis Regina: A minha mãe que conta, que ela fala que na época... que era só uma parteira, né?! A Maria Rosa. Aí os fazendeiros também vinham tudo atrás dela pra fazer o parto, né?! Eu nasci em casa, foi tranquilo, né?! Um parto tranquilo.

Entrevistadora: E você tem irmão, irmã?

Elis Regina: Eu tenho, nós éramos em oito, perdi uma irmã e agora somos em sete.

Entrevistadora: E, oh, Elis. Eliza ou Elis?

Elis Regina: Elis.

Entrevistadora: Elis. É. (ininteligível em 00:00:59)

Elis Regina: Elis. O meu padrinho colocou Elis, mas todo mundo me conhece como Eliza, se falar Elis aqui quase ninguém vai saber, né!?

Entrevistadora: Aham, isso mesmo. É igual ao meu. E aí você começou a... como é que foi a sua infância, assim? Até você começar a trabalhar, como que foi?

Elis Regina: Eu tive a infância muito boa, de muita brincadeira. Na época que não tinha luz, não tinha água, aí a gente brincava com a luz da lua, né!? Brincar de roda, de pique, rouba bandeira. Até na adolescência eu brinquei muito. Até com 17, 18 anos eu brincava na rua.

Entrevistadora: E quando que você começou a trabalhar?

Elis Regina: Com 17 anos eu fui pra São Paulo. Até... por sair daqui, cidade do interior, e chegar em São Paulo, aí foi novidade, porque a gente não tinha tanta maldade, né!?

Que a minha mãe não explicava as coisas pra gente direito. Aí a gente enfrentou muita dificuldade das coisas lá na cidade grande.

Entrevistadora: *E como que foi? Você foi pra São Paulo, assim, alguém te chamou? Como que foi essa decisão de ir pra São Paulo?*

Elis Regina: *É, de São Paulo é que minha irmã arrumou um serviço pra mim e eu fui. E a gente não sabia o que que era... nem ficha telefônica a gente não sabia, porque aqui na época não tinha, né?! Aí a ficha telefônica a gente achava que era outra coisa, que era comprimido, por causa da... por causa da embalagem, né?! Aí a gente não tinha tanta maldade. Às vezes a gente passava perto dos museu e a gente achava que era igreja, assim. Eu lembro, assim, que eu não tinha tanta maldade da cidade grande, né?! Mas eu fui desembaraçando, fui aprendendo a andar sozinha, pegar metrô, pegar ônibus, mas no início foi difícil.*

Entrevistadora: *E você foi trabalhar onde lá?*

Elis Regina: *Eu fui trabalhar em casa de família, né?!*

Entrevistadora: *Cuidava de criança ou mais da limpeza?*

Elis Regina: *Eu fazia de tudo, de tudo um pouco. Aí com isso foi até bom que eu aprendi muitas coisas, né?! Foi bem aproveitado, porque eu aperfeiçoei mais, né?! A fazer as coisas, né, do dia-a-dia pra fazer... pra arrumação de casa, pra cozinhar, pra lavar, né?! Isso foi um aprendizado até bom, né?!*

Entrevistadora: *E nesse tempo, oh Elis, que você tava trabalhando na casa de família, assim, como que as famílias pagavam vocês, assim? Como que...?*

Elis Regina: *Na época era salário e assinava carteira, né?! E também depois... depois eu saí de casa de família, fui trabalhar em lar de senhoras idosas, no Lar Nossa Senhora das Mercês. Era pensionato, aí tinha umas senhoras que pagavam, outras não. Eu gostava, porque eu sempre gostei de trabalhar com pessoa idosa. Me dei muito bem lá também.*

Entrevistadora: *Até hoje, né!? Até hoje, não, até pouco tempo que você tava trabalhando...*

Elis Regina: *É, é.*

Entrevistadora: *...com idosa em São João, né?!*

Elis Regina: *É, com idosa, sempre trabalhei com idosos, coisa que eu gosto muito.*

Entrevistadora: *Quanto tempo você ficou em São Paulo?*

Elis Regina: *São Paulo? Ah, fiquei uns cinco anos, depois eu cansei e vim embora. Falei “ah, não, não dá mais”, minha mãe também tava precisando de mim também. Que a minha mãe também é idosa também. Até então, antes, ela não era ainda, né?! Então eu falei “não, vou tá mais próxima da minha mãe, tenho muita afinidade com a minha mãe” desse jeito. Minha mãe tem 88 anos, né, aí eu tô perto dela. Que meus irmãos tudo mora fora e a única que mora por aqui sou eu.*

Entrevistadora: *Então a sua irmã que foi...*

Elis Regina: Ficaram lá.

Entrevistadora: Eles ficaram, então, lá até hoje.

Elis Regina: Ficaram lá, tão lá até hoje. Aposentaram e tão morando até hoje lá.

Entrevistadora: E nesse tempo que você ficou trabalhando lá você sentia saudade daqui?

Elis Regina: Ah, eu sentia muita, muita saudade da tranquilidade. Porque eu gosto muito de, assim, lugar tranquilo, né?! Eu sempre gostei. Fui mesmo porque... por causa que fui pra trabalhar, mas eu sempre senti falta daqui, da região, senti falta das pessoas, desse bate-papo na rua, né?! Fala com um, fala com outro, né?! Porque cidade grande é diferente, a gente, né?! Nem todo mundo dá atenção pra gente, né?! E a gente estranha muito isso.

Entrevistadora: Você tem algum caso que você lembra, assim, que aconteceu, marcante ou engraçado ou diferente, triste, não sei, que aconteceu com você enquanto você tava na cidade grande?

Elis Regina: É, foi engraçado a vez que eu com as minhas amigas, nós passamos perto do museu, aí eu achei que era igreja, eu peguei e fiz “em nome do pai” (risos). A minha irmã achou ruim comigo, falou “não, aqui não é igreja, não. Aqui é museu”. Falei “ah, tá”. A gente dava uns deslizeszinhos dessas coisas, né?! E foi isso. E também da ficha telefônica que a gente não tinha. Nem orelhão aqui não tinha, aí minha amiga achou que era comprimido, né?! A minha irmã pegou uma ficha telefônica pra fazer ligação, aí a minha amiga achou que fosse... que tava abrindo comprimido, né?! É umas coisa engraçada, né?!

Entrevistadora: E o tempo que você tava lá você tinha contato com as pessoas daqui, com a sua mãe.

Elis Regina: Tinha, principalmente com a minha mãe.

Entrevistadora: E como que vocês se comunicavam? Como que você sabia notícia?

Elis Regina: Olha, na época era carta, né!? A gente escrevia carta. Eu peguei a época de escrever carta, né?! Eu escrevia carta, mandava carta também. Aí depois também tinha... um lugar que a gente... uma cabine telefônica que a gente ia pra falar, pra ligar, pra falar. Só que era engraçado que, assim, às vezes era... um ficava escutando as coisas que os outros tavam falando. Isso incomodava um pouco, né?! Ainda mais a gente que às vezes costuma falar alto, aí ficava chato, né!? Mas a gente sempre achava um jeitinho da gente comunicar, né!?

Entrevistadora: Você lembra, oh Elis, o dia que você decidiu ir embora de São Paulo pra voltar pra cá? O que que você sentiu, como que foi?

Elis Regina: Ah, eu senti muita saudade daqui, da minha mãe principalmente, aí falei “gente, eu não quero isso mais pra mim. Eu quero voltar pro interior e viver a vida, assim né, do jeito que eu gosto. Falar com um, falar com outro e poder andar tranquila também pelas ruas”. Que cidade grande é muito complicado.

Entrevistadora: Você lembra de alguma música que era marcante na sua adolescência, na sua infância? Que você gostava de ouvir, sua família, sua mãe, ou que escutava sua mãe cantando?

Elis Regina: Ah, eu lembro muito... de várias, né!? Porque eu gosto muito de dançar, aí eu lembro do Raça Negra, adoro Raça Negra, e a gente gostava muito de dançar passinho do grupo Abba, essas coisas assim que eu gosto, gosto muito. Até hoje eu gosto de uma boa música.

Entrevistadora: E você falou que, né, que nasceu em casa, sua infância foi muito alegre, brincando muito aqui. Aí você lembra dessa época, né, que você falou que brincava de roda, alguma música que a sua mãe cantava nessa época? Que os mais velhos cantavam, assim, nessa época ou pra fazer dormir ou na brincadeira de roda? Tem alguma música desse tempo que você lembra?

Elis Regina: Assim, das brincadeiras?

Entrevistadora: É, dessa... quando você era criança mesmo, se você escutou ou um vizinho mais velho, uma vó, ou a sua própria mãe cantando alguma música nessa época, ou até que vocês cantavam mesmo.

Elis Regina: Ah, tá. Sim. A gente brincava de roda, a gente... porque tinha reza nas casa. O padre vinha, aí ele vinha rezando as casas, cada dia era numa casa. Aí a gente ficava brincando de roda. A gente gostava muito de brincar da... falava que era short. Não lembro se você lembra, Elis, não sei se você já viu a gente cantando a brincadeira de short.

Entrevistadora: Não. Qual que é? Canta aí. Conta pra gente como é que é.

Elis Regina: É que aí as pessoas mais velhas, criança, juntava tudo. Que às vezes ficava brincando e falava assim "ah, criança não podia brincar", porque a gente era maior, né?! Ficava "ah, não", porque não podia brincar. A gente fazia o círculo e cantava a música short.

Entrevistadora: Como que é essa música?

Elis Regina: Aiai... era assim "short, short, short, short, esse short não é meu. Esse short é da morena, filha dum compadre meu. Volta short, short, short, esse short não é meu. Esse short é da morena, filha dum compadre meu". Era assim, aí fazia várias vezes.

Entrevistadora: Que legal!

Elis Regina: Aí a gente fazia, ia e voltava, né?! Era muito bom. A gente... no momento quando não tinha as rezas todo dia a gente tinha essa brincadeira de short, e aí corria mesmo. Eu gostava, ficou gravado na memória que até hoje tem o grupo do pessoal que mede a pressão e tudo, pastoral da saúde, pessoal e eu resgatei, que eu falei "gente, vamos brincar de short?". Aí ficou a brincadeira do short, até pouco tempo nós brincava de short.

Entrevistadora: Oh, Elis, e mesmo depois que você voltou pra cá, você sempre trabalha em São João, não é isso?

Elis Regina: É, São João del-Rei, é verdade. Sempre trabalho em São João del-Rei.

Entrevistadora: E você continua trabalhando sempre em casa de família?

Elis Regina: É, sempre, é. Sempre lá em casa de família, cuidando das pessoas idosas. Aí me torno amiga das famílias que eu me apego às pessoas, né?! Isso... não sei se é bom

ou se é ruim, mas de maneira ou outra eles ficam ... se apegam à gente também, se apegam à gente. Mais com a gente que a família, né, às vezes, né!? A maioria das vezes.

Entrevistadora: *Você chegou a estudar, Elis?*

Elis Regina: *Estudei, fiz até o terceiro ano, ensino médio. Fiz o EJA.*

Entrevistadora: *Bom. Tem mais alguma coisa?*

Elis Regina: *Não. Pra mim tá ótimo.*

Entrevistadora: *Obrigada, Elis. Foi ótimo. Que bom que deu pra você vir.*

Elis Regina: *Nada.*

Entrevistadora: *Mesmo a gente falando em cima da hora.*

Elis Regina: *É, tava... foi bom. Tivesse marcado, às vezes, não ia dar, né!? Mas tá bom. Agradeço, eu que agradeço vocês direto.*

Entrevistadora: *Obrigada, viu!? Até mais.*

Elis Regina: *Nada.*

Entrevistadora: *Muito obrigada.*

Elis Regina: *Se der pra alguma coisa assim, né?! Espero que tenha contribuído pra alguma coisa.*

Entrevistadora: *Contribuiu, sim. Com certeza.*

Entrevista de Inácia das Dores Santos

Data de realização: 1 de junho de 2021

Transcrito por: Graciana Regina da Silva

Entrevistadora: Bom, fala seu nome completo, por favor.

Inácia: Inácia das Dores Santos.

Entrevistadora: E a sua data de nascimento.

Inácia: 01 de abril de 63. Primeiro de abril.

Entrevistadora: Você nasceu onde?

Inácia: Aqui mesmo.

Entrevistadora: Aqui mesmo, né?!

Inácia: É.

Entrevistadora: Você nasceu com parteira? Não, né?! Nasceu em casa?

Inácia: Acho que não. Eu acho que não, a minha tia era parteira, mas eu acho que não nasci. Nasci no hospital já mesmo. Já era outra época, já.

Entrevistadora: Quem que era sua tia?

Inácia: Joana Rosa.

Entrevistadora: Ah, Joana Rosa. Eu escutei muita história dela.

Inácia: A minha mãe é Dionísia, fazia teatro lá com você.

Entrevistadora: Sim, a Dionísia. Foi você que me ajudou? Não, Maria Lúcia que me ajudou, né?!

Inácia: Maria Lúcia, minha irmã. A minha irmã.

Entrevistadora: A pegar ali a sala de... fazer os vídeos da Dionísia.

Inácia: O vídeo eu que fiz, da água ela jogando. Eu que fiz.

Entrevistadora: Ah, você que fez. Então tá bom. Ela foi assistir a peça que a gente fez, Odisséia, e na Odisséia a gente faz um canto pra um deus que chama Dionísio. Então a gente gritava “Dionísio”, aí depois a gente foi tirar uma foto com ela e todo mundo “Dionísia”. Foi a última apresentação que a gente fez antes de fechar tudo, né?!

Inácia: A minha mãe tá com 94 anos, mas ela, nossa, minha mãe fica... ela agora tá sentindo muita falta de sair (ininteligível em 01:49).

Entrevistadora: Ah, imagino.

Inácia: ...lá sem saber.

Entrevistadora: Mas ela tá bem, né?!

Inácia: Tá bem.

Entrevistadora: Então, como que foi a sua infância até você... aqui em Coronel Xavier Chaves, até você começar a trabalhar?

Inácia: Minha infância foi de... até sete anos eu tive infância, brincava por aí tudo, aqui não era assim, nem pensava em ser desse jeito. Era tudo... quando chovia era só barro, não tinha luz, antigamente não tinha luz aqui, né?! E com oito anos eu estudava, e já fui ser babá, oito anos. Fui ser babá lá do outro lado. Eu aí pra escola e ia ficar lá ajudando a cuidar do menino da mulher lá. E assim. E aí por diante começou. Oito anos, fiquei trabalhando até hoje, por isso que eu não consigo, assim, ficar muito parada, porque depois com 13 já tava trabalhando mesmo nas casas, trabalhar. E já saí, depois dos 13, fui pra fora. E depois disso não fiquei mais aqui. Depois dos 13 anos eu fui trabalhar.

Entrevistadora: Então com 13 que você saiu pra trabalhar em outros lugares.

Inácia: Acho que uns 13, 14 eu já fui trabalhar lá em São João, fiquei trabalhando um tempo lá. Depois de lá fui pra... eu fui até pra Belo Horizonte trabalhei um mês, depois fui pra São Paulo com 17. Fiquei um tempo, voltei, aí fui trabalhar em São João de novo. Aí eu fui... aí quando eu fui pra São Paulo fiquei lá de acho que 83 até agora três anos atrás eu tava pra lá, foi 33 anos trabalhando lá.

Entrevistadora: Como que foi, assim, essa ida pra lá? Alguém que você conhecia te chamou?

Inácia: Sim.

Entrevistadora: Como que foi isso?

Inácia: A irmã da Elisa trabalha lá até hoje, né?! Aí elas arrumaram um serviço pra mim, me levou e eu fui pra lá, fiquei lá trabalhando.

Entrevistadora: Você lembra do dia que você saiu pra ir pra lá, assim? A despedida das pessoas, da sua família, sua mãe, seu pai?

Inácia: Sim, lembro. Acho que nem tinha meu pai mais. Meu pai quando faleceu eu tinha uns sete anos. Lembro de despedindo de todo mundo e fui. O pessoal falava “ah, não fica, não”. Vai e vai voltar.

Entrevistadora: Por quê?

Inácia: Acostumada na cidade assim, né?! E fiquei, fiquei muito tempo. Aí voltei agora pra morar aqui. Depois que aposentei agora, voltei.

Entrevistadora: Você trabalhou na mesma casa?

Inácia: Não, trabalhei em várias casas, casa de família, trabalhei em várias casas.

Entrevistadora: E aí esse tempo que você esteve lá em São Paulo, esse tempo menor em Belo Horizonte, você no momento do trabalho ali, durante a semana, tinha algum momento que você... você morava na casa das pessoas?

Inácia: *Morava, morava.*

Entrevistadora: *E aí tinha algum momento que você era livre pra andar pela cidade, assim, tava... ou ficava mais mesmo na casa trabalhando?*

Inácia: *Assim, eu tenho mais experiência com São Paulo, que Belo Horizonte foi pouco tempo, minha irmã até que me levou um mês, não gostei e vim embora, né?! Em São Paulo, sim. A gente trabalhava de segunda a sexta, sábado a gente tinha a folga e saía pela cidade, passeava, voltava pro serviço pra dormir lá, porque a gente não tinha onde morar lá, né!? Era assim.*

Entrevistadora: *Você lembra de como que você foi aprendendo a lidar com a cidade? Porque a gente vindo de uma cidade pequena indo pra uma cidade grande, num primeiro impacto.*

Inácia: *São Paulo, no começo, eu saía com o pessoal que me levou, saía comigo, me levava, e eu ia olhando as coisas pra aprender a andar, né?! Aí depois fui tomando independência, fui começando a sair sozinha. Aí no final, agora no final, eu trabalhava numa loja de sapato no final, assim. 16 anos eu trabalhei numa loja de sapato. Mas aí eu tinha minha casa, entendeu!? Antes disso eu e minhas primas alugamos uma casa pra gente, depois, no começo, pra ir trabalhar e ir pra casa, entendeu!? Fui melhorando um pouco.*

Entrevistadora: *Você chegou a casar, Inácia?*

Inácia: *Eu sim, eu sou casa.*

Entrevistadora: *Casou?*

Inácia: *Eu já fui casada duas vezes. Casada não, morar junto, né?! Aí agora eu sou, agora eu tenho meu marido. Acho que você até conhece o Vanderlei.*

Entrevistadora: *Ah, conheço! A gente vai... é muita gente, conheço.*

Inácia: *Não, tive filho, não.*

Entrevistadora: *Vanderlei tava concorrendo a vereador.*

Inácia: *Tava, tava.*

Entrevistadora: *Entrou ou não?*

Inácia: *Não.*

Entrevistadora: *Não entrou, não? E vocês se conheceram lá e vieram pra cá?*

Inácia: *Não, porque ele... a mãe dele é daqui, conheço ela. Eu fiquei muito tempo sem... quatro anos que eu separei do meu ex-marido, fiquei lá. E um certo dia que eu vim final do ano conheci ele aqui. Ele morava lá também, que ele também já foi casado. Conheci ele aqui, tá até hoje. Tem nove anos, dez anos.*

Entrevistadora: *E no tempo que você tava... você ficou, né, morou muito tempo fora.*

Inácia: *Foi.*

Entrevistadora: *Que que você lembra, assim, principalmente no início, você tinha saudade daqui? Como é que era? Suas lembranças, suas saudades aqui de Coronel.*

Inácia: *Ah, quando você vai acostumando pra fora você não quer nem vir mais. Eu acho que era... a cidade aqui é muito sossegada, né?! E lá aquela agitação. Então a gente, eu acho que não tem nem tempo de pensar de voltar, nossa. É uma correria. São Paulo é...*

Entrevistadora: *Você voltou quando aposentou, não é isso?*

Inácia: *Foi, foi. Uns três anos... eu aposentei e fiquei um tempo lá ainda trabalhando. Aí quando meu sogro faleceu que meu marido veio pra cá, eu fiquei lá e ele veio pra cá. Aí depois falou pra mim vir, né!? Aí vim. Deixei casa lá, deixei também as coisas lá e vim.*

Entrevistadora: *Nesse período que você esteve fora você tinha relação com o seu pai, com sua mãe, com seu irmão, irmã.*

Inácia: *Pai, pai...*

Entrevistadora: *Pai, não, né!? Com a sua mãe.*

Inácia: *Tinha.*

Entrevistadora: *Como que vocês se falavam?*

Inácia: *Todo final de ano... eu ligava muito. Falava por telefone. Vinha muito aqui também passear, final do ano. Um tempo aí que eu trabalhava nessa loja eu tirava férias duas vezes no ano. Julho 15 dias e dezembro 15. Aí sempre eu vinha pra cá ver o pessoal, né?! Minha mãe, família. Mas eu sempre vinha, tô, nossa, tinha saudade de vim ver. Sempre vinha.*

Entrevistadora: *Você lembra de músicas da sua época, assim, de infância, de adolescência?*

Inácia: *Eu lembro dessas músicas... nós brincava... aqui tinha, antigamente, reza nas casas, sabe?! Nem tinha luz na rua, era tudo escuro, mas tinha as reza. Levava a santa na casa, rezava. Aí depois tinha o leilão, pessoal dava prenda, né?! Tinha leilão e nós ficava brincando na rua dessas coisas de roda que ela tava falando aí. A gente brincava muito, essas coisas.*

Entrevistadora: *Nessas histórias de reza nas casas, sem luz, de noite, não tinha história de assombração?*

Inácia: *Nossa, minha filha. Até hoje, olha, vou falar a verdade, eu tenho medo até hoje das coisas com a minha vó. Minha vó, a gente dormia, eu, essa minha prima aí, turma das irmãs dela, nós dormia mais na casa da minha vó do que na casa da nossa mãe quando era mais nova. E minha vó contava história de assombração à noite, todo mundo tinha medo.*

Entrevistadora: *Tem alguma que você lembra aí ou você tem medo até hoje?*

Inácia: *Lembro, assim, assombração... lembrar, assim, de assombração? Ah, lembro. Aqui tem... tinha, né, agora acabou, uma lenda que tinha um homem que morava aí pra baixo aqui que virava porco do mato. (risos) A Vera sabe. Falava que ele virava porco*

do mato. E assim, acabava a semana santa ninguém saía na rua. Assim, o último dia da semana santa é hoje, amanhã não sai na rua porque tem porco do mato, mula sem cabeça, tudo isso. Aí eles falavam do homem que morava aí pra baixo. Essas meninas aí se falar elas sabem. Virava porco do mato, lobisomem, minha filha. História aqui, ainda mais que não tinha luz na cidade, o medo da gente era esse, encontrar com bicho na rua.

Entrevistadora: Uma vez me contaram um caso aqui de um homem que tomou um couro da luz andeja. Acho que foi o Tiquinho que me contou.

Inácia: Deve ser verdade, o Tiquinho sabe.

Entrevistadora: Que a luz andeja pegou o homem, deu um coro nele, que ele desafiou.

Inácia: Credo. Aqui teve uma vez que esse homem aí lá de baixo aí, oh, pessoal falava “oh, gente, não sai não”. Ele chamava... o apelido dele era Barriquinha. “Não sai na rua não que o Barriquinha tá aí, ele vira porco”. No outro dia o pessoal falou “gente, diz que o porco do mato invadiu aí uma casa e tomou uma foiçada”, aí no outro dia o pessoal falou assim “vamos ver se ele tá mancando”. (risos) Pessoal daqui, minha filha, era assim. Tipo assim essas coisas que tinha aqui. Ninguém, eu mesma, até hoje, sabe?! Essas histórias de antigamente, a gente saía de noite... agora não, tem luz, a gente sai. Mas ninguém saía na rua, quaresma aqui? Nossa! Medo de tudo. Minha vó contava muita história, nossa senhora.

Entrevistadora: Inácia, eu fiquei pensando lá atrás, na hora que a gente começou a conversar, você falou que a sua tia era parteira, né!? Era sua tia?

Inácia: Era... irmã a minha vó. Joana Rosa era irmã da minha vó.

Entrevistadora: Irmã da sua vó.

Inácia: É.

Entrevistadora: E aí ela contou alguma história pra você, que você lembra? Ou que o pessoal conta de algum parto, alguma coisa que ela fez, assim? Algum caso, né!? Porque a gente sempre... na minha família mesmo tem muito essas histórias de parto antigo que aconteceu. Tem alguma coisa?

Inácia: Não, ela não falou sobre isso, assim, acho que é porque a gente era criança, né?! Não falavam essas coisas, assim, pra gente. Porque nós fomos criadas muito, assim, sem saber nada. Aprender mesmo as coisas a gente aprende quando sai pra fora, porque a mãe não fala nada pra gente das coisas nem nada, a gente não podia saber nada. Se os mais velhos estivessem conversando e você fosse escutar a conversa ela só olhava, entendeu!? Então a gente ficava mais, assim, afastada. Não falava nada, não.

Entrevistadora: E acabava que ia embora e tinha que aprender as coisas sozinha na marra.

Inácia: É, mas é mesmo. Porque eu aprendi muita coisa nessas casas que eu trabalhava pra fora. Aprendi bastante coisa, né?! Porque a gente via as patroas... acaba que as patroas que ensinam, né?! Você vai na casa e elas ensinam a arrumar. Arrumar, não, porque com sete anos eu já fazia comida na casa da minha mãe. Era fogão de lenha. Aí tinha uma coisinha assim, tipo um banquinho bem baixinho, eu subia pra fazer as comidas lá. Ia aprendendo, olhando ela fazer e fui aprendendo fazendo. Lavar a minha roupa eu também lavava, então a gente vai aprendendo, né?!

Entrevistadora: *É. Você quer perguntar mais alguma coisa?*

Inácia: *Não.*

Entrevistadora: *Oh, Inácia, então muito obrigada.*

Inácia: *Por nada. Imagina.*

Entrevistadora: *Foi uma ótima conversa.*

Inácia: *Aham, foi.*

Entrevistadora: *Obrigada pela disponibilidade, manda um abraço pra sua mãe.*

Inácia: *Eu vou falar com a minha mãe que eu conversei com você aqui.*

Entrevistadora: *Fala com ela que eu tô com saudade do chazinho dela.*

Inácia: *E levava, né, direto. Então tá bom.*

Entrevistadora: *Eu já ri muito com sua mãe, porque lá no GAT ela falava assim, pessoal falava assim “nossa Senhora, mas o chá da Dionísia é doce toda vida”. Ela fala assim “eu ponho açúcar mesmo, depois o povo fala que não tem açúcar na casa da gente”. (risos) Aí ela punha docinho.*

Inácia: *Ah, ela gosta de coisa doce. Minha irmã faz café com menos açúcar, minha mãe vai e põe açúcar na caneca e põe o café.*

Entrevistadora: *Então.*

Inácia: *Ela gosta de coisa mais doce.*

Entrevistadora: *Chazinho de erva cidreira, docinho então, ficava molinha molinha.*

Inácia: *Quando eu chego lá minha irmã fala “quer tomar café?” “quero, menos açúcar”. Minha mãe falou “eu ponho na caneca pra tomar, ponho açúcar lá”. Adoça mais.*

Entrevistadora: *Mas obrigada.*

Inácia: *Obrigada vocês, gente.*

Entrevista de Luisa Bernarda Lara

Data de realização: 1 de junho de 2021

Transcrito por: Graciana Regina da Silva

Entrevistadora: Então o nome da senhora completo qual que é?

Luisa: É Luisa, com s, Bernarda Lara.

Entrevistadora: E a senhora nasceu quando?

Luisa: 20 de agosto de 1953

Entrevistadora: E a senhora nasceu em que cidade?

Luisa: Aqui mesmo no povoado de Coroas.

Entrevistadora: E aí a senhora viveu aqui em Coronel Xavier Chaves por quanto tempo antes de ir embora, né!? Que a senhora (falam juntas em 00:00:29).

Luisa: É, olha, até os 13 anos eu vivi aqui. Depois com 14 anos eu fui pra São Paulo, trabalhei em casa de família. Mas antes de ir pra São Paulo eu trabalhei aqui também. Com a idade de sete anos comecei a trabalhar em casa de família lavando louça, varrendo quintal, cuidando de criança depois que vinha da escola.

Entrevistadora: Então aqui mesmo a senhora já trabalhava ajudando...

Luisa: Em casa, é.

Entrevistadora: Olha só!

Luisa: Eu não sou a filha mais velha, eu sou a do meio. Tem... mais velha é... são sete irmãos, né!? Então a gente começou cedo, a trabalhar cedo em casa de família.

Entrevistadora: E como que foi essa decisão, com 14 anos que a senhora vai embora, como que foi? Quem que tomou a decisão? Como que foi?

Luisa: Não, é que a minha irmã mais velha já trabalhava em São Paulo, um senhor aqui de São João del-Rei levou ela pra trabalhar em casa de família, aí tava precisando de alguém pra ajudar ela no trabalho, aí eu fui pra trabalhar em São Paulo com ela, lá em casa de família também.

Entrevistadora: Aham. Aí então alguns irmãos ainda ficaram aqui.

Luisa: Ficaram, ficaram, sim. Ficaram, ficaram com meus pais, né?! E nessa época eu tinha uma irmã que já trabalhava no Rio, casa de família também. A gente espalhou, né?!

Entrevistadora: Foi espalhando todo mundo.

Luisa: É, só mais assim foi eu e minhas outras irmãs, que é a mais velha, Conceição, Vicentina e eu. A Natalina não... ela saiu pra trabalhar, mas ficou pouco tempo fora.

Entrevistadora: É a Natalina?

Luisa: Isso. Você é a mãe das menininhas, né?!

Entrevistadora: Isso. Porque de máscara hoje em dia...

Luisa: Não, mas eu reconheci você quando você chegou.

Entrevistadora: Isso mesmo. O Théo tá bom?

Luisa: Tá, tá. Tá levado cada vez mais. Muito esperto.

Entrevistadora: Você lembra como você foi embora, no dia que você foi embora?

Luisa: Ah, não lembro. Não me lembro.

Entrevistadora: Não lembra, né?!

Luisa: Não, não lembro. A gente quando era, assim, mais nova não éramos de ficar marcando as datas, né!? Aí não me lembro, não.

Entrevistadora: E quando você chegou lá em São Paulo, a senhora lembra, assim, pra trabalhar nessa casa de família, a senhora ficava... tinha momentos de folga, de sair pra conhecer a cidade ou ficava só trabalhando mesmo?

Luisa: Não, não, não. A gente trabalhava durante a semana eu e minha irmã, numa casa que tinha quatro pessoas, aliás cinco, eram três filhos e o patrão, o pai e a mãe. Não, aos domingos... eles foram patrões muito bons, eles no domingo davam folga pra gente. Eles davam folga, mas como a gente não sabia andar em São Paulo, eles colocavam a gente no carro e ia passear com a gente. Levava à missa, Ibirapuera, às vezes a gente fazia lanche com eles fora também, né?! Naquela época tava surgindo o... aquele... hambúrguer, então eles levavam a gente pra...

Entrevistadora: Pra comer hambúrguer.

Luisa: É, é, é. Floram patrões muito bons.

Entrevistadora: Se aventurar a sair sozinha pela cidade, assim...

Luisa: Não, não, não. Tinha, assim, bem perto de onde trabalhava tinha um parquinho muito famoso de muitos anos, eu nem sei se ele tá lá até hoje, mas ele alojou ali e não saiu mais, né?! Então como era perto a gente saía à noite. Aí ia no sábado, à noite voltava, e tinha eu e minha irmã, então uma fazia companhia pra outra. Mas, assim, quando a gente ia ao centro da cidade mesmo os patrões é que levavam a gente de carro, né!?

Entrevistadora: E aí a senhora ficou nesse trabalho quanto tempo?

Luisa: Eu devo ter ficado uns dois anos, porque a minha mãe era muito doente, aí eu voltei pra ficar com a minha mãe, pra tomar conta dela. Porque as duas irmãs tavam fora e a outra menor, que era a Natalina, não dava, assim, não tinha... aí eu voltei pra ficar com a minha mãe. Aí fiquei mais um bom tempo aqui, sabe? Aí que eu fui pra Belo Horizonte, trabalhar lá, sabe?! Em casa de família também. Mas primeiro a gente ia na escola, eu frequentei escola até a quinta série aqui em Coroas, né?! Porque só tinha... aqui só tinha, aliás, na época era quinta série, mas a gente falava... era... tinha um outro nome, sabe?! Deixa eu ver se consigo lembrar.

Entrevistadora: Era ginásio?

Luisa: Não, não era ginásio.

Entrevistadora: Ginásio eram os maiores, né?!

Luisa: Era, pra ir pra São João del-Rei tinha que ter dinheiro pra pagar ônibus, colégio e a gente não tinha, né?!

Entrevistadora: Primário?

Luisa: O primário eu fiz, até... era até depois da quarta série depois teve o outro que a gente estudava aqui, mas foi, assim, se precisasse fazer prova teria que ser em São João del-Rei, porque aqui não tinha colégio, não tinha professores, assim, pra aplicar, sabe?! Depois se eu lembrar, eu falo o nome de quem era. Aí eu fiz até esse... mas só que eu não prestei as provas finais, aí nisso ficou, né?! Aí depois eu voltei a estudar, mas já depois de casada, de ter os meus filhos já. Aí fui fazer o supletivo, né?! Aí foi assim.

Entrevistadora: Quando a senhora... então a senhora voltou aqui pra Coronel, aí depois foi pra Belo Horizonte pra trabalhar de novo, né?!

Luisa: É, pra trabalhar de novo. Aí lá eu fiz o curso de enfermagem. Trabalhava em casa de família durante o dia e à noite ia pra escola, pra fazer enfermagem, né?!

Entrevistadora: E aí a senhora formou, né!?

Luisa: Isso foi em... em 78 eu me formei, e aí eu fui... 79 eu me casei. 78 eu formei e fui trabalhar em São Paulo, já em hospital, né?! Aí 79 me casei, aí trabalhei lá. Primeiro hospital que eu trabalhei lá em São Paulo foi na Santa Casa de Misericórdia, no Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho, foi o primeiro trabalho meu em 78, né?!

Entrevistadora: E aí a senhora ficou quanto tempo lá em São Paulo?

Luisa: Fiquei bastante tempo. Fiquei lá... eu me casei lá em setembro, 01 de setembro de 79, no civil lá e depois eu casei aqui, dia 08 de setembro aqui em Coroas, na igreja. Aí depois eu tive meus filhos lá, meus dois filhos, um nasceu em 81 e outro nasceu em 83. E quando nasceu o segundo eu já não tava mais casada, já tava separada.

Entrevistadora: E quando que a senhora decidiu voltar pra cá?

Luisa: Ah, isso daí depois... como eu tive... sem ninguém pra ajudar, aí eu tive meu segundo filho e aí voltei pra cá porque tava muito difícil lá. Sozinha pra pagar aluguel, pagar pessoas pra tomar conta dos meus filhos. E naquela época as pessoas... a gente não ganhava vale transporte igual ganha hoje. Então, assim, ficou muito assim... eu não ganhava muito bem, aí eu fiquei lá um bom tempo lá. Depois eu voltei pra cá, meu filho mais novo tava com um ano e meio, porque aqui seria melhor pra cuidar dos filhos, que eu tava perto dos meus pais, né?! Aí eu vim pra cá, voltei pra casa dos meus pais aqui. E aí eu fiquei. Aí eu cheguei aqui, eu não achei, não consegui vaga pra trabalhar no posto de saúde na época. Aí trabalhei em casa de família, trabalhei bastante tempo aqui em Coroas. Depois trabalhei em São João del-Rei em casa de família também. Aí depois, em 88, eu consegui encaixar no posto de saúde, aí eu fiquei aqui. Aí eu trabalhei, meus filhos tavam aqui comigo, né?! Eu trabalhei 18 anos, até eu me aposentar em 2006, né?! Mas a minha vida foi assim, ida e vinda pra São Paulo, né?! Até acertar, né?! Até acertar.

Entrevistadora: *E a senhora sentia saudades aqui da sua cidade? Gostava de outro lugar mesmo?*

Luisa: *Todos os lugares que eu fui eu me dava bem, mas a saudade sempre tem lembrança do lugar que a gente nasce, onde a gente cria até uma certa idade. A gente sente saudade. Aí, assim, hoje eu tô aqui mas sinto saudade da correria de São Paulo, da cidade grande, né!? Mas tá bom assim mesmo, mas eu sou feliz, né, graças a Deus.*

Entrevistadora: *Deixa eu ver se tem mais alguma pergunta. Vocês querem fazer alguma pergunta? Ela falou...*

Luisa: *Ah, eu não dei... não pausei, né!?*

Entrevistadora: *Não, não é isso, não. É porque a senhora contou tudo.*

Luisa: *Rapidinho.*

Entrevistadora: *Tá ótimo, aí a gente nem precisou fazer a pergunta, porque a senhora já fez completa, foi bom.*

Luisa: *Ah, tá.*

Entrevistadora: *Eu queria saber, você tem alguma história, alguma curiosidade que a senhora lembra, assim, quando a primeira vez que a senhora foi pra São Paulo, alguma situação que aconteceu com a senhora lá que a senhora lembra.*

Entrevistador: *Que te marcou muito.*

Entrevistadora: *Que marcou.*

Luisa: *Ah, foi quando a Rainha Elizabeth veio no Brasil. Agora, não sei o ano, só sei que meu emprego era na Avenida Santo Amaro, e ela passou nessa avenida, então, assim, ficou bem. Só que, assim, a gente via de longe, né?! Aí não... eu vi ela passando.*

Entrevistadora: *Eu quando costumo ir pra São Paulo eu vou, justamente, nessa avenida.*

Luisa: *Ah, mas ela...*

Entrevistadora: *O meu companheiro, os pais dele moram ali pertinho.*

Luisa: *Então, é uma avenida enorme, né?! Muito grande. Então, assim, o que me marcou lá foi isso daí. Quer dizer, eu fui feliz lá também, mas o que me deixou, assim, sabe?!?*

Entrevistadora: *Os dois filhos da senhora nasceram lá.*

Luisa: *Nasceram em São Paulo, nasceram em São Paulo todos os dois.*

Entrevistadora: *A senhora teve, nesse tempo que esteve em São Paulo, Belo Horizonte, a senhora tinha contato com seus irmãos, suas irmãs, seus pais? Como que era?*

Luisa: *Tinha, tinha. Através de carta, eu sempre vinha aqui passear. Inclusive, um dos meus patrões de Belo Horizonte são daqui também. Aliás, só o patrão, a patroa é de Pindamonhangaba. Então aí é pessoal do doutor Tobias, filho do doutor Tobias, que é o... antigamente eram os Chaves, né?!?*

Entrevistadora: *E uma coisa, a gente também tá fazendo uma pesquisa que a gente coloca música, que a gente canta umas músicas antigas. Tem alguma música que a senhora lembra, assim, desse tempo, dessa época? Que a senhora ouvia. O que que a senhora ouvia de música?*

Luisa: *Música você fala, assim, que todo mundo cantava?*

Entrevistadora: *É, uma música que a senhora lembra dessa época aí da juventude da senhora, do tempo que a senhora ainda tava aqui no começo, que a senhora lembra.*

Luisa: *Eram tantas, são tantas, né?! É que aí não sei. Deixa eu ver se eu lembro de alguma, perai, que eu gostava. As do Roberto, do Erasmo, do Roni Von, das músicas caipira também, né!? Que é “panela velha que faz comida boa”. Então, eram muitas, né?! E pela idade de hoje então eram muitas músicas que a gente cantava, quando era criança brincava de roda. Então aqueles cantos que hoje também as criançada canta ainda, né?!*

Entrevistadora: *A Fernanda perguntou das músicas aí eu lembrei de outra coisa. Sabe essas crendices populares que às vezes falam assim “ah, não pode ficar o chinelo virado porque senão a mãe morre” ou “não pode tomar leite e chupar manga”, tem algumas coisas dessas que a senhora lembra?*

Luisa: *Ah, lembro. Lembro de muita coisa, né?! Pessoal das assombração que o pessoal falava que aparecia, né?! A luz andeja. É assim, é, mas realmente tinha sim essas coisas de quando sair rezar pra não acontecer nada. E depois da meia noite ficar quietinho em casa pra não ver assombração, mas tem, né?! Tem sim muita coisa. E assim também quando tá pessoal que, às vezes, via outras coisas andando durante a noite. Mas aqui não tinha luz, né?! Então quando escurecia aí todo mundo já ia pra dentro de casa, já com medo já, porque não tinha... era um povoado, tinha matos, então as pessoas tinham medo, às vezes, de andar à noite, porque não tinha luz. Mas quando era época de lua a gente brincava muito na rua, mas sempre com aquele medo. Onde que uma escondia a outra ia duas, com medo de assombração, sabe?! Mas é assim, a gente brincava muito, né?!*

Entrevistadora: *Ah, eu acho que é isso, né?! Deixa eu ver aqui. É, que eu anotei aqui é isso.*

Luisa: *É isso aí?*

Entrevistadora: *Muito obrigada...*

Luisa: *De nada.*

Entrevistadora: *...pela entrevista.*

Luisa: *Espero que tenha aproveitado alguma coisa, né?! Porque essas coisas que, assim, que o pessoal... que vem de pai, dos avós, antepassados marca muito a gente, então fica aquilo ali, né?! Fica aquilo ali. De guardar dinheiro embaixo do colchão, né?! Aí vem essas coisas.*

Entrevistadora: *As coisas que marcam, que a gente lembra, que hoje em dia não tem tanto mais.*

Luisa: *É, não, não. As coisas mudou muito, né?! Muitas coisas melhoraram, mas também piorou muita coisa, né?! Mas é a vida, né?! É o ciclo da vida.*

Entrevistadora: *Mas muito obrigada.*

Luisa: *De nada, de nada. Tá? Tudo de bom pra vocês, tá?! Felicidades.*

Entrevistadora: *Igualmente. Muito bom escutar a senhora, viu?!*

Luisa: *Tá bom.*

Entrevistadora: *As histórias.*

Luisa: *As histórias é longa e se for contar é muita coisa. Um dia e uma noite é pouco, porque tanta coisa que a gente sabe, que a gente aprende e fica guardado. Mas tá bom. Então tá. Tá bom, então.*

Entrevista de Vera Lúcia da Silva

Data de realização: 1 de junho de 2021

Transcrito por: Graciana Regina da Silva

Entrevistadora: Então fala o seu nome completo, por favor.

Vera Lúcia: Vera Lúcia da Silva.

Entrevistadora: E a sua data de nascimento.

Vera Lúcia: 15/10/60

Entrevistadora: E você nasceu onde, Vera?

Vera Lúcia: Eu nasci em São João del-Rei, mas só nasci lá e vim pra cá. Até uns 13 anos eu fiquei aqui.

Entrevistadora: Você nasceu lá e veio pra cá já criancinha.

Vera Lúcia: Bebezinha, porque é a maternidade era lá. Então nasci lá e vim pra cá bebezinha, fiquei até os 13.

Entrevistadora: E a sua família, então, era daqui.

Vera Lúcia: Toda daqui.

Entrevistadora: E aí como que era a sua infância, do que que vocês brincavam?

Vera Lúcia: Olha, eu costumo falar que eu tive uma infância muito boa. Não tive tempo de apanhar, e sempre gostei muito de brincar, de trabalhar também, fazia as coisas pras pessoas. “Pede a Vera pra fazer uma coisa pra mim”, aí eu ia lá e fazia. “Pede a Vera pra plantar uma flor pra mim”, eu plantava. “Pede ela pra ir na venda pra mim”, e eu ia. E a gente brincava muito. Era eu, a minha irmã, a Inacinha, minha prima também, a Cida, que a gente era tudo da mesma idade, a Zanja. E a gente tinha, assim, liberdade pra brincar porque não tinha praticamente perigo nenhum no tempo da gente, né?! Então foi... eu falo que foi uma infância muito boa.

Entrevistadora: E você falou que teve uma irmã, né?! Qual a diferença de idade de vocês?

Vera Lúcia: Olha, ela já até faleceu, mas a diferença de idade dela era de dois anos.

Entrevistadora: Dois. Então vocês brincaram muito juntas.

Vera Lúcia: Brincamos muito mesmo.

Entrevistadora: Tinha uma relação boa?

Vera Lúcia: Tinha. Naquele tempo a gente não podia brigar, né, a gente até sabia que era só um olhar e não tinha briga.

Entrevistadora: E, Vera, aí quando que você foi embora daqui de Coronel Xavier Chaves?

Vera Lúcia: Quando eu tinha 13 anos. Eu fiz 13 anos em outubro, em novembro eu fui embora trabalhar em São João del-Rei. Aí fiquei lá, trabalhei oito anos lá e depois que eu fui pra Juiz de Fora.

Entrevistadora: Você trabalhava com o que em São João del-Rei?

Vera Lúcia: Em casa de família, doméstica.

Entrevistadora: E você ficou oito anos na mesma casa.

Vera Lúcia: Oito anos na mesma casa.

Entrevistadora: Então com 13 anos começou.

Vera Lúcia: Antes a gente já trabalhava aqui. Com 11 anos a gente já fazia muita coisa pro pessoal daqui, sabe?! Era assim, mas era um trabalho mais fraco, mas depois com responsabilidade mesmo foi com 13 anos.

Entrevistadora: E como que você vai pra Juiz de Fora depois de ter passado esse tempo em São João del-Rei?

Vera Lúcia: Eu fui pra Juiz de Fora, eu ia trabalhar com uma família que era de lá de Juiz de Fora, eu queria ir embora porque não conhecia Juiz de Fora, mas eu gostava de lá, sem conhecer. Então eu tinha conversado com uma família que eu ia pra lá com eles. Aí houve um acidente com eles, eles faleceram, uma outra senhora que era vizinha deles, no mesmo prédio lá em São João, falou “vamos com a gente”. Aí eu fui embora com eles, fui ficando lá. Fiquei lá também com ela seis anos. Aí depois eu vim embora, que eu tive meu filho mais velho, aí eu vim embora pra cá, trabalhei aqui mais dois anos, e depois essa mesma senhora me chamou pra ir pra Juiz de Fora, que tinha um serviço bom pra mim, e naquele tempo a gente não ganhava salário mínimo. E essa senhora pagava um salário mínimo. Aí fui embora pra lá onde fiquei com ela até agora pra aposentar.

Entrevistadora: Como que era? Vocês recebiam, então, como que era? Tanto no tempo que você esteve em São João quanto no tempo em Juiz de Fora, antes de você voltar pra ter o seu filho, o pagamento era como?

Vera Lúcia: Antes o pagamento não era salário mínimo. A gente ganhava o tanto lá que cada patroa resolvia pagar. Não era, realmente, o salário mínimo. Depois que eu voltei, que eu fui pra Juiz de Fora, é que eu comecei a receber salário mínimo.

Entrevistadora: Vocês tinham momentos de folga também?

Vera Lúcia: Tinha, tinha momento de folga. Tinha, que era o sábado da tarde até no domingo à tarde. A gente tinha essa folga.

Entrevistadora: E você lembra, que você falou que saiu daqui com 13 anos, o dia que você saiu?

Vera Lúcia: Eu lembro.

Entrevistadora: Como é que foi?

Vera Lúcia: 11 de novembro, eu saí pra trabalhar. Meu pai, na época, não trabalhava aqui. Ele trabalhava lá em Mangaratiba. Aí quando a gente voltou em dezembro ele falou “minhas filhas, eu não queria que vocês saíssem pra trabalhar, mas vocês fazendo pra sustentar vocês, pras coisas de vocês, já tá muito bom”. E a gente nunca mais parou pra voltar e falar “eu voltei porque eu não tenho mais emprego. Mãe, eu voltei pra ficar porque eu não tenho mais trabalho”. E isso foi direto.

Entrevistadora: A sua irmã também foi?

Vera Lúcia: Não, a minha irmã ficou aqui. Depois ela foi pra São Paulo. Inclusive, eu tenho três irmãs lá em São Paulo. Eu tive um irmão também que morou aqui, morou em Mato Grosso, sabe, morou em Goiás um tempo, depois foi pra Itabirito, depois voltou pra cá, faleceu aqui. Tem oito anos já.

Entrevistadora: No tempo que você teve tanto em São João, São João até que é mais perto, né?!

Vera Lúcia: Isso.

Entrevistadora: Tanto em São João quanto em Juiz de Fora, você tinha contato com sua irmã, seus irmãos, sua família?

Vera Lúcia: Tinha, tinha sim.

Entrevistadora: Como que era esse contato?

Vera Lúcia: Através de carta. A gente escrevia as cartas, porque naquele tempo não tinha telefone ainda, não tinha celular, então era através de carta, a gente se comunicava muito. Tanto com minhas irmãs lá em São Paulo, com meu irmão no Mato Grosso e com minha família aqui, era minha mãe, meu pai e minha irmã mais nova, que depois foi pra São Paulo também.

Entrevistadora: Quando você foi de São João pra Juiz de Fora, que é uma cidade maior, né?! Você sentiu, assim, essa diferença de ser uma cidade maior? Como que era andar lá, que você tinha momento de folga, de repente... eu imagino que saía pra fazer alguma coisa. Como é que era?

Vera Lúcia: Eu senti. A primeira vez que eu cheguei lá eu lembro que eu fui no centro de Juiz de Fora, aí olhei aquilo tudo e falei “meu Deus, eu não acostumo num lugar desse de jeito nenhum” e aí eu acostumei, depois eu fui em São Paulo, mas em São Paulo eu fiquei muito pouco tempo. Aí que eu falei “é aqui que eu não acostumo mesmo” tanto que eu nem fiquei, eu fiquei lá seis meses só. Mas é uma diferença muito grande, tanto de agora que a gente veio depois pra cá e sente essa diferença ainda, né?!

Entrevistadora: E em São Paulo você também foi pra trabalhar em casa de família.

Vera Lúcia: Eu fui pra trabalhar, fui. Mas aí eu vi a distância que era. Eu falava “meu Deus, se acontecer alguma coisa, até eu chegar lá”. Então aquilo pra mim... eu não tive sossego, aí eu falei “tenho que voltar, tenho que ir embora”, aí eu voltei. E aí trabalhei mais um pouco aqui, trabalhei. Foi quando eu fui de novo pra Juiz de Fora e fiquei até a seis anos atrás.

Entrevistadora: Você conheceu seu marido em Juiz de Fora.

Vera Lúcia: *Em Juiz de Fora.*

Entrevistadora: *E aí vocês dois vieram pra cá?*

Vera Lúcia: *Não, eu conheci ele lá, ele foi trabalhar no Rio, que na época ele trabalhava de vigilante. Depois ele falou “não, tenho que ir embora, não dá pra ficar aqui, não, porque já tá na hora da gente parar com essas brincadeiras e casar”. Aí ele veio pra Juiz de Fora, a gente casou e continuou morando lá. Agora seis anos que eu vim pra cá.*

Entrevistadora: *Você sentia saudade daqui?*

Vera Lúcia: *Sentia muita. A gente vinha, na hora de ir embora era uma tristeza, tanto pra gente quanto pro meu pai, minha mãe. Meu pai, ele até sumia quando a gente ia embora, a gente não via ele pra não despedir. Mas a gente tinha que trabalhar e aqui não tinha trabalho, então a gente tinha que ir pra onde tivesse, né?!*

Entrevistadora: *E... deixa eu... eu posso falar?*

Vera Lúcia: *Pode, pode.*

Entrevistadora: *A gente, né, a Elis deve ter comentado, conversado com vocês um pouquinho, contando que a gente tá fazendo um espetáculo e dentro desse espetáculo a gente também tá fazendo uma pesquisa em músicas dessa época, né?! Desses momentos assim.*

Vera Lúcia: *Entendi.*

Entrevistadora: *Tem alguma música que você lembra, que você gostava de escutar? Você gostava de festa? Como é que é? Porque você tem cara de que gosta de festa, Vera. (risos)*

Vera Lúcia: *Gostava, nesse tempo. Gostava, não. Eu gosto ainda. Mas, assim, música, era música daquele tempo, mas eu não lembro, não tenho lembrança direto da música. Mas eu lembro que era assim, aí tinha uma festa, a gente ia lá e falava “mãe, deixa eu ir”, aí ela falava “vai lá e pede seu pai”. A gente ia lá “pai, pode ir?”, “vai lá e resolve com a sua mãe”. Final das contas: a festa acabava e a gente não ia. (risos) Ficava ouvindo da janela, ouvindo de casa. Depois teve uma época que eu vim pra cá, vim aqui, e tinha umas festas juninas aqui que eram muito boas. E naquele tempo meu pai tinha comprado um acordeon e meu primo tava tocando. Aí ele falou “vem cá pra você aprender”, aí eu fui e aprendi, depois eu tocava. Aí uma vez eu toquei numa missa e numa festa junina.*

Entrevistadora: *Ah, que bacana.*

Vera Lúcia: *É, e eu tenho vontade de voltar. Eu acho que depois que terminar isso tudo a gente... vou procurar uma aula outra vez e fazer mais um pouco. Que agora tem mais tempo também, né?!*

Entrevistadora: *Ah, tem uma coisa, assim, dessas crendices populares, das coisas que a gente acredita. Sabe essa coisa assim: não pode... depois que tem neném não pode lavar o cabelo durante 40 dias, porque senão...*

Vera Lúcia: *Isso.*

Entrevistadora: *Nem sei o que acontece mas, enfim. Esse tipo de cultura popular, assim, você lembra o que seu pai, sua mãe te falava? Ou que até hoje a gente fala, né?!*

Vera Lúcia: *Até hoje a gente fala. Lembro, eu lembro que a gente tomava banho e não podia chegar na janela, não podia abrir a porta. Tinha que ficar quieto. E naquele tempo era muito frio, o frio era mais intenso naquela época. E a gente não tinha muito recurso, não tinha muito cobertor, não tinha muita roupa de frio, aí minha vó pegava uma lata dessas de tinta e colocava brasa pra gente esquentar. Então era sair dali e ir embora pra cama, porque se tomasse um vento ficava com a perna torta, ficava com o braço torto, e algumas coisas que a gente não lembra muito, mas que era verdade.*

Entrevistadora: *Tem a coisa de benzer também, né, Vera?*

Vera Lúcia: *Tinha, tinha. Tinha uma senhora aqui que ela benzia a gente. O pessoal até procurou uma foto dela aqui no ano passado, porque tinha até uma foto dela aqui, sabe?! Levava “ah, a criança tá com o vento virado. Ah, tá com mau-olhado, leva lá pra benzer”. Ela benzia a gente com brasa, sabe?! Pegava uma caneca com água e pegava as brasas quentes e jogava lá dentro. “Ah, se afundar é porque o mau-olhado tá muito pesado”. E umas coisas assim. Tem muito mais coisa, mas a gente, às vezes, não lembra, né?!*

Entrevistadora: *Eu lembro que uma vez aqui que vocês falaram pra mim também, se não me engano, de quebranto, que vira a criança de cabeça pra baixo.*

Vera Lúcia: *Isso, então era isso, aí falava que era vento virado.*

Entrevistadora: *Ah, sim.*

Vera Lúcia: *Aí era essa mesma senhora que fazia. Ela que benzia a gente também. E tinha “ah, tem que colocar uma arruda atrás da orelha pra tirar o mau-olhado e se tiver alguma coisa na esquina você não pode pisar, você tem que passar direto”, né!?*

Entrevistadora: *Deixa eu ver... essas viagens eram de ônibus mesmo, né?!*

Vera Lúcia: *Eram de ônibus. Eram de ônibus, eram daqui pra São João del-Rei, de São João del-Rei pra São Paulo, de São João del-Rei pra Juiz de Fora. Tem esse pessoal que vai pra Belo Horizonte, né!? Eu lembro que meu irmão saía daqui num domingo à noite, chegava em Mato Grosso na sexta-feira. Era muito tempo.*

Entrevistadora: *Era uma semana viajando.*

Vera Lúcia: *Uma semana viajando.*

Entrevistadora: *E a sua irmã contava alguma coisa de São Paulo, assim, que você achava que era diferente do que você vivenciava em Juiz de Fora?*

Vera Lúcia: *Contavam. Era muito diferente a vida delas lá com a vida em Juiz de Fora. Juiz de Fora já era, assim, mais... como é que a gente fala? Era mais calmo. E São Paulo já era mais agitado. Elas moravam numa casa só lá, então eram elas mais minha prima, essa prima que tá vindo aqui, morava todo mundo numa mesma casa que tinha um quarto, uma cozinha, um banheiro e ali pra elas era o paraíso. Mas elas queriam ficar na cidade grande pra ganhar um pouco mais, porque pra cá não tinha. Não era, o salário não era o mesmo.*

Entrevistadora: *Oh, Vera, se você tivesse tido a oportunidade, assim, de ficar e não ter ido pra fora, você acha que... você pensa como que teria sido sua vida se não tivesse você que ir pra fora, tivesse ficado aqui? Sei lá, de repente crescido do lado das suas irmãs, seu irmão?*

Vera Lúcia: *Olha, eu acho que teria sido diferente, sabe?! Assim, a gente teria aproveitado mais a família, mas não tinha recurso, não tinha oportunidade. Então o recurso, a oportunidade que tinha era essa de ir pra uma cidade grande, outro lugar, pra ganhar um pouco mais.*

Entrevistadora: *E seus pais continuaram aqui, né?!*

Vera Lúcia: *Meus pais continuaram aqui.*

Entrevistadora: *E vocês, quando vinham pra cá pra encontrar com eles, até o tempo que você voltou eles estiveram vivos? Como é que foi?*

Vera Lúcia: *Não. Eles faleceram já. Primeiro faleceu meu pai, depois faleceu minha mãe e a casa deles... meu pai sempre falava pra gente “não vende essa casa porque essa casa serve pra vocês depois”. E é o que tá acontecendo agora. Aí eu vim pra aposentar, a casa tava fechada e tava sem ninguém, a gente foi ficando, a gente nem veio pra ficar. A gente veio só pra mim ver minha aposentadoria e depois a gente ia voltar. Só que a gente foi ficando, foi ficando, meu marido gosta muito daqui também. E o pessoal “fica, a gente vai fazer dança, a gente vai fazer ginástica, a gente vai fazer não sei o que”. E eu, como gosto de estar em todas, acabei ficando e gostando. Aí a gente, de vez em quando, não tamo indo também por causa dessa pandemia, mas a gente vai um pouco em Juiz de Fora, vai um pouco em São Paulo, tem meu outro filho que mora lá também. E assim vamos levando a vida.*

Entrevistadora: *Então seus filhos também tão fora.*

Vera Lúcia: *Meus filhos também tão fora. O mais novo ficou em Juiz de Fora e o mais velho mora em São Paulo.*

Entrevistadora: *E só essa questão de quando seus pais faleceram, vocês estava fora.*

Vera Lúcia: *Estávamos.*

Entrevistadora: *Vocês chegaram a vir ou ficaram sabendo e não deu pra vir? Como que foi?*

Vera Lúcia: *Meu pai, quando a gente ficou sabendo, ele tava doente, mas a gente não sabia exatamente o que que ele tinha. Quando ele faleceu que eu fiquei sabendo. Aí a gente veio pro enterro e tudo, ficamos aqui um pouco. Daí a um tempo minha mãe também começou a ficar, foi ficando doente também, aí a gente começou a trocar. Cada... um certo tanto de dias vinha uma, depois aquela ia embora e vinha outra, pra gente ir revezando. Mas quando ela faleceu eu tava aqui, porque era o dia de eu ir embora pra minha outra irmã de São Paulo voltar. Aí eu falei “eu não vou embora porque o meu coração não tá pedindo pra mim ir embora hoje”. Quando foi de madrugada ela faleceu.*

Entrevistadora: *Mais alguma coisa?*

Entrevistadora: *Não, acho que tem muito conteúdo, né?!*

Entrevistadora: Muita coisa.

Vera Lúcia: Deu pra aproveitar alguma coisa?

Entrevistadora: Muita coisa, Vera! Vera, muito obrigada.

Vera Lúcia: Por nada.

Entrevistadora: É sempre um prazer falar com você.

Vera Lúcia: Igualmente. Tá servindo pra alguma coisa, que é muito bom. Só não posso ficar falando aqui o resto da tarde, porque senão vai ser muita coisa. (risos)

Entrevistadora: A Vera é minha secretária aqui em Coronel Xavier Chaves. Tudo que eu preciso eu “Vera, me ajuda?”

ANEXO II

Texto do espetáculo “Partidas” na íntegra

Espetáculo “Partidas”
(texto na íntegra)

** Este texto foi escrito de forma coloquial, aproximando-se do modo de falar típico do interior mineiro.*

(Berrante dá o primeiro sinal. Berrante dá o segundo sinal, as atrizes e ator falam versos ambientados por uma paisagem sonora do universo rural.)

Atriz 1: *Minha gente tão distinta*

que nessa plateia está

O Teatro da Pedra, com muita alegria,

uma história vai te contar

Atriz 2: *Somos artistas nascidos e criados*

Nessas terras tão gerais

Em nossa alma trazemos

A arte do teatro que tão feliz nos faz

Atriz 3: *Vimos falar do nosso povo*

Que nasceu no interior

Mas depois partiu pra longe

Pra mostrar o seu valor

Ator 4: *Essa é a história de uma gente*

Que procês que tá aqui deve ser familiar

Gente que nasce, cresce e trabalha

E passa a vida lutando pra poder continuar

Atriz 5: *Entre chegadas e partidas*

Digo sem medo de errar

É no repicado da viola

Que o teatro vai começar

Música - Ribeirão encheu (Tavinho Moura)

Ribeirão encheu

Derramou na impueira

Fala pro dono da casa

Pra vim topar com a bandeira

Pra vim topar com a bandeira

Com toda a sinceridade

*Fala pro dono da casa
Pra vim fazer a topage*

*Pra vim fazer a topage
Com muito amor e alegria
Fala pro dono da casa
Que vem chegando a folia*

*Que vem chegando a folia
Com toda a sinceridade
Fala pro dono da casa
Pra vim matar a saudade*

(Berrante dá o terceiro sinal. Início da história de Carmem Lúcia.)

Carmem Lúcia *(A personagem Carmem Lúcia está com um radinho na mão e fala um texto improvisado contando um caso a partir de uma conversa com alguém da plateia. Após o caso terminar, ele inicia o texto do espetáculo) Sabe que essa história que eu te contei me lembrou da minha roça. Um dia quando Seu Alcendino tava limpando a sua venda, o meu Tio Amado chegou, cumprimentou ele e viu o rádio em cima do balcão. (a cena vai acontecendo na frente dela que assiste a tudo) Já ficou namorando querendo comprar. Foi nessa hora que também chegou aí o Tibúrcio (entra Tibúrcio e seus capangas), com seus capangas, o Tonho Gato e o Garrucha que também viram rádio. Foi aí se deu a confusão, era uma olhada atravessada de lá, uma palavra mal dada de cá... tudo por causa do rádio. A briga começou a ferve. Foi um puxão de lá, um puxão de cá, um empurra de lá, um estica de cá, até que meu tio, pegou os homi, jogou eles pra fora do bar e saiu com rádio na mão. Desde então eu escuto todos os programas, mas o que eu mais gosto é o Saudade Caipira...*

Música - Menino da porteira (Teddy Vieira)

(introdução no violão e elenco cantando atrás da cortina)

*Toda vez que eu viajava pela estrada de Ouro Fino
De longe eu avistava a figura de um menino
Que corria abrir a porteira e depois vinha me pedindo
Toque o berrante seu moço que é pra eu ficar ouvindo*

(continuação da música mais baixo)

*Quando a boiada passava e a poeira ia baixando
Eu jogava uma moeda e ele saía pulando
Obrigado, boiadeiro, que Deus vá lhe acompanhando
Pra aquele sertão afora meu berrante ia tocando*

Radialista: *Minhas queridas amigas, mulheres de toda Minas Gerais, vocês estão comigo no coração e nas ondas AM da rádio Invernada. São 5h e 2 minutos agora... (Carmem entra na rádio e se transforma em cantora de rádio e Radialista aparece para o público) Aqui, vocês tem encontro marcado com as vozes aveludadas da música brasileira. Canções que não saem da sua cabeça e que vão fazer seus olhos se encherem de lágrimas e de saudade... E hoje com vocês a voz mais sedosa do momento, Carmem Lúcia! (carroça vira revelando Carmem como se fosse cantora de rádio)*

Música Violeiro triste (Rolando Boldrin)

(Carmem canta)

Canta, canta bem te vi

Pra mim ouvir

Canta, canta sabiá

Pra me consolá

(Todos cantam junto)

Que a tristeza e a sidade

Tão me fazendo chorar.

(Carmem sozinha descendo da carroça)

Tem uma viola

Que nas noite de luar

Quando pego a pontear

Chora inté os passarinhos

E quando a lua, lá no céu

Me vê sozinho

Põe a sua luz prateada

Clareando o meu ranchinho.

(Desmontagem da rádio durante a música)

Canta, canta bem te vi

Pra mim ouvir

Canta, canta sabiá

Pra me consolá

Que a tristeza e a sidade

Tão me fazendo chorar.-

(Carmem fica com o radinho enquanto acontecem algumas passagens de pessoas lhe fazendo convites e ela recusa)

Pessoa 1 *(uma amiga):* Oi Carmem, vamos lá na casa da Inhá? Hoje é dia dela fazer quitandas. A gente ajuda a fazer biscoito, enrola rosquinha, depois enche os bolsos e vem comendo pelo caminho.

Carmem: Agora eu não posso, tô ouvindo a novela “Direito de nascer”, não posso sair!

Pessoa 2 *(uma criança):* Carmem, olha só como que o sol tá quente! Vamos lá cachoeira?

Carmem: Essa é minha música preferida, amanhã eu vou!

Pessoa 4 *(uma velha):* Carmem, minha filha, faz favor pra madrinha. Leva essa marmita pro Luiz pra mim que ele tá capinando desde cedo.

Carmem: Agora não posso, tô ocupada!

Pessoa 4: Nossa senhora, que menina danada! Não faz nada que a gente pede, fica o dia inteiro com esse rádio!

Cena - Partida

(passagem da radialista)

Radialista: A Carmem desde menina moça não largava aquele radinho de pilha por nada nessa vida. Só vivia pensando no dia em que se tornaria uma grande cantora de rádio.

(entra mãe)

Mãe: Devagar se vai ao longe... Carmem, minha filha, já tá na sua hora. Suas coisa já ta tudo arrumadinha viu! Cristo vai na frente, Maria vai atrás e os anjos por todos os lados. Toma! É a medalhinha de Nossa Senhora Aparecida, que é pra te protegê nos camin ho. Ocê vai, mas o

seguro morreu de velho ... e a saudade é companheira de quem não tem companhia. E vê se não esquece da mãe, não, chegando lá, manda notícia pra nós.

Carmem: *Mãe, sabe que eu tava pensando, será que eu num deixo pra ir na segunda-feira, quando o caminhão de leite passar?*

Pai: *(entrando) Não, cê vai é hoje mesmo Que negócio é esse de cidade grande, hein! Onde já se viu! Fica sabendo que os bicho que tem lá não é igual aos daqui, não viu! Porco do mato, mula sem cabeça, lobisomem... Lá as pessoa anda correndo porque tá fugindo de bicho grande que engole elas inteira de uma vez. E as rua é igual um formigueiro de "quenquem". Cuidado procê num sumi, FIA!*

Carmem: *Tá bão, pai! A bênção!*

Pai: *Deus te abençoe. (Sai)*

Música Adeus meu pai (Rolando Boldrin)

(Carmem canta)

Adeus, meu pai, adeus, minha mãe

Adeus, meu pessoal, tô indo embora

Pro mundo afora, e dentro de um bernal

Levo um restinho de alegria

Um bocadinho de sal que cai dos olhos

De dentro deles, como uma saudade mortal

Cena - Trabalhos

(Sirene da Fábrica)

Funcionário 1: *Claudiane, você conseguiu bater o ponto na hora certa hoje?*

Funcionária 2: *Que nada. Atrasei 10 minutos, minha menina tava com febre, demorei pra sair de casa. Tô achando que eles vão me descontar.*

Funcionária 4: *É... aqui é assim mesmo, se atrasar 10 min já perde o ponto.*

Funcionária 2: *E o pior é que as coisa tão muito cara! Já viu o preço do botijão de gás? Saudade eu tenho do fogão da roça que só gastava ir no mato buscar as lenha.*

Funcionária 3: *Cês viram que tem gente nova na área?*

Funcionária 4: *Vi sim. Como é que você chama?*

Carmem: *Carmem.*

(Sirene - Caminhão de Mercadorias - movimentação com objetos e carroça - troca de lugares)

Carmem: *É o caminhão da economia passando na sua rua! Vamos fazer a fila mas é sem empurrar. Hoje eu trouxe lençol, tapete e o creme que vai deixar o seu rosto macio... macio... macio...*

Pessoa 1: *Ô Carmem, você trouxe a panela de alumínio que te incomendei?*

Carmem: *É claro, Solange. Eu não esqueço dos meus freguês. E semana que vem vai ter pano de prato pintado, você vai querer?*

Pessoa 1: *Pode trazer que mês que vem eu te pago.*

Pessoa 2: *É o quilo da mexerica dez real! Mexerica! Mexerica, dez real! O quilo da mexerica, dez real!!*

Carmem: *Você sempre me enrolando com as encomendas, Nazaré! Semana que vem vou pegar só três quilos.*

Pessoa 2: *Deu praga, Dona Carmem, perdeu demais!*

Pessoa 3: *Você trouxe as verduras, Carmem?*

Carmem: *É claro! Tem alface, almeirão e serraia, Tudo que você pediu, Zé!*

Pessoa 1: *Carmem, eu não vou querer mais os seus produtos não, lá no armazém da Dolores tá muito mais barato.*

Carmem: *Cuidado com os venenos que você anda comendo. Olha a vassoura, o rodo e a pá.*

Pessoa 3: *Eu não vou comprar, não. Na feira de Petrópolis tá mais barato. Lá tem de um tudo!*

Carmem: *Tem que aproveitar e comprar! É três por dez. (cansada) É quatro por dez! Vamos chegar, minha gente! Tem promoção! É cinco por dez! Vamos chegar!?* (se cansa e senta na carroça)

Locutora: *É minha gente, a vida pra Carmem não tava nada fácil. Longe da família, da sua terra natal... o coração apertava de saudade e o corpo tremia diante dos desafios da cidade grande.*

Carmem: (canta cansada) "Canta canta bem te vi..."

(Cursos e profissionalização)

Professor 1: *Atenção! Exercício de hoje, mão esquerda. ASDFG...ASDFG...*

Professor 2: *Passo 3, um empreendedor de sucesso deve sair da informalidade, a melhor maneira de começar é da forma correta, sem atalhos.*

(Telefone: Trim, trim)

Carmem: *Alô, bom dia! A Doutora Márcia pode atender na próxima sexta, Tá marcado!*

(entra um paciente)

Paciente: *Tô com a cabeça doendo e coração acelerado ...*

Carmem: *É só você respirar fundo. Deve ser ansiedade.*

Paciente: *você não é daqui, né? Eu nunca te vi aqui no hospital. te visto por aqui.*

Carmem: *Sou de Serra da Boa Esperança, no meio de Minas Gerais! Foi lá que eu nasci!*

Cena - Parto

Pai: (entrando desesperado com a mulher em trabalho de parto) *Acode! Acode! Pelo amor de Deus, ajuda a minha mulher. Nós viemos a cavalo lá da Serra da Boa Esperança em busca duma parteira pra ajudar. Eu não sei se a criança tá virada, mas minha mulher tá sentindo muita dor. (vira o baú) Minha Nossa Senhora do Bom Parto, não deixa acontecer nada com a minha criança!*

Mãe: *Eu não vou conseguir...*

(chegada do tio para acudir - música - Carmem nasce)

Música - A noite do meu bem - (Dolores Duran)

Hoje eu quero a rosa mais linda que houver

E a primeira estrela que vier

Para enfeitar a noite do meu bem

Hoje eu quero a paz de criança dormindo

E abandono de flores se abrindo

Para enfeitar a noite do meu bem

Quero a alegria de um barco voltando

Quero a ternura de mãos se encontrando

Para enfeitar a noite do meu bem

Mãe: *Graças a Deus, nasceu minha menina!*

Tio Amado - *Vai se chamar Carmem Lúcia como a grande cantora.*

(pai e mãe saem)

Carmem: (narrando) *Naquele pedaço de terra, meu pai fez um rancho. Ele fez de barro, com umas telhas velhas. Me lembro da cozinha pequena e com cheiro de canela, do lado da janela de madeira o fogão de lenha com as panelas de ferro da minha mãe e as lenhas que a gente tinha que buscar bem cedo. Na frente meu pai fez uma varanda e colocou uma rede, pra ele descansar e contar seus causos. E ali do lado um banquinho pro meu tio Amado tocar suas moda de viola.*

O quintal tinha uma poeira fina que só podia ser varrida com vassoura de alecrim e rosmaninha pra dar cheiro dentro de casa...

(durante a narração vai sendo montada a casa de Carmem)

Pai: *Deu quatro hora da manhã eu levantei, me ajeitei, passei a mão no chapéu, facão, carrote d' água e fui. Rumei um cado e quando chegou na ladeirinha, naquele tanque...comecei a escutá uns uns trem estranho, uns estalo... E eu pensei ai ai ai ai ai...*

Mãe: *Quem fala demais dá bom dia a cavalo.*

Pai: *Quando eu olhei, apareceu aquele bolão de fogo vindo na minha direção arrebatando tudo que aparecia pela frente.*

Mãe: *... A mentira tem perna curta.*

Pai: *Ah rapaz, eu desnovelei... e a bola atrás deu, invês ela subia, dizvês, ela descia e o céu crareou tudo, parecia que era dia!*

Mãe: *Perna curta...*

Carmem: *Eu acredito nocê, viu pai. Outro dia eu tava passando perto do pasto e vi que ele tava tudo queimado. Aí eu falei, vou lá pra ver o que tá acontecendo. Quando eu fui chegando perto, a bola de fogo apareceu e veio na minha direção. Tive que sair correndo senão ela me pegava.*

Mãe: *Perninha, perninha...Filha de peixe.*

(entrada do pretendente)

Pretendente Antônio da Bília: *Ô de casa? Ô de casa? Sou eu, Antônio da Bília.*

Pai: *Aoupa!*

Mãe: *Quem é vivo sempre aparece...*

Antônio da Bília: *O Senhor Geraldinho, eu tava passando por aqui e resolvi entrar pra ter um dedo de prosa com o senhor! É que eu tenho arreparado na sua fia Carmem, menina prendada, direita, bunita. Aí eu tomei a liberdade de pedir a mão dela em casamento pro senhor.*

Pai: *Uai, mas ela já é grande! É ela que sabe!*

Carmem: *Ocê me desculpa, eu sou muito nova! Mas eu não vou querer não, eu tenho muita coisa pra fazer antes de casar! (olha para o tio)*

Antônio da Bília: *(sem graça)*

Mãe: *Sempre há de ter um sapato veio prum pé cansado!*

Antônio da Bília: *(olha para fogão)... É feijão?*

Mãe: *Ôh seu Antônio da Bília, a porta da rua é a serventia da casa!*

(Antônio da Bília sai e todos da casa falam ao mesmo tempo e tocam música até serem interrompidos pela radialista)

Radialista: *...Serra da Boa Esperança! (radialista anunciando)*

(Todos da família falando ao mesmo tempo. Desmontagem da casa e ida para o fundo para pegar as malas)

Música Serra da Boa Esperança (Lamartine Babo)

*Serra da Boa Esperança que encerra
No coração do Brasil um punhado de terra
No coração de quem vai, no coração de quem vem
Serra da Boa Esperança meu último bem
Parto levando saudades, saudades deixando
Murchas caídas na serra lá perto de Deus
Oh minha serra eis a hora do adeus vou me embora
Deixo a luz do olhar no teu luar
Adeus*

*Levo na minha cantiga a imagem da serra
Sei que Jesus não castiga o poeta que erra*

*Nós os poetas erramos, porque rimamos também
Os nossos olhos nos olhos de alguém que não vem*

*Serra da Boa Esperança não tenhas receio
Hei de guardar tua imagem com a graça de Deus*

*Oh minha serra, eis a hora do adeus vou me embora
Deixo a luz do olhar no teu luar
Adeus*

*(Caminhada do fundo do palco para a frente com as malas como se elas fossem os travesseiros.
Cena na rodoviária - (Chiquinho e Rosarinha conversam e Maria da Graça pede informação para Rosarinha)*

Rosarinha: Chiquinho, vão embora comigo!/? A gente encontra nosso lugar, vai arrumando nossas coisas juntas...
vamo? junto...

Chiquinho: Agora eu não posso. Deixa a situação lá em casa com minha mãe se ajeitar, aí eu vou encontrar com você.

Maria da Graça: Moça, a sua licença, você sabe me dizer o que tá escrito nos letreiros dos ônibus?

Rosarinha: Aquele vai pro Rio de Janeiro, o de lá vai pra Brasília e esse que acabou de chegar vai pra São Paulo.

Maria da Graça: Agradecida.

(todos deitam as cabeças nas malas como se fossem filhos da Carmem Lúcia)

Cena - História para os filhos dormirem

Filho: Mãe, conta uma história pra gente dormir?

Carmem: Uma vez eu tive que buscar uma encomenda na casa da sua bisavó Inês. Peguei o cavalo e fui. Quando eu tava voltando, passando perto do brejo, o cavalo empacou, começou a relinchar e sacudir. Eu caí, bati com a minha cabeça e fiquei desacordado.

Pai: Quando eu acordei, a santa tava ali na minha frente, passou a mão na minha cabeça e eu já não tinha mais ferimento. Não demorou muito apareceu a comadre Ieie pra terminar de me socorrer. Diz que a santa que chamou ela.

Cena - Carta

Mãe: Geraldinho, espia a carta que nossa filha Carmem mandou "Pai, mãe, meu coração tá que é moendo de saudade de vocês dois, da roça, principalmente da comida... o povo aqui na cidade grande num come bem não viu, e tem muita gente que morre de fome, que num tem um pedacim de terra pra plantar nada. Mas eu tô firme aqui, tô bem, pra tudo na vida dá-se um jeito, como a senhora diz né mãe, quem não arrisca não petisca!"

Carmem: ...eu encontrei com a Marta, filha da Vera, aquela que veio na mesma época que eu pra cá. Ela continua trabalhando de doméstica. Eu chamei ela pra fazer o curso comigo mas o horário dela não dá. Fim do ano eu levo meu convite de formatura procês.

Mulher: ... meu filho nasceu prematuro, deu um tanto de problemas. Então meu tempo ficou pouco, ainda mais que eu sou sozinha pra cuidar dos três. Agora já está tudo bem, mês que vem a gente vai pra casa nova a gente vai sair do aluguel.

Homem: ... igualzinho você, quando põe uma coisa na cabeça não tira. Diz que quando acabar o colégio vai aí morar com o vô e a vô. Você aceita ele aí?

Pai: Eu tô aprendendo muita coisa, pai, conhecendo muito lugar... Mas eu queria mesmo era poder um dia trazer você e a mãe pra ver as coisas bonitas que tem aqui na cidade grande. Assinado, Carmem.

Cena - Comunidade - trabalho

(Mãe puxa a música e vem trazendo um varal. Outros tiram lençóis das malas e penduram no varal.)

Música - Mandei caiá meu sobrado (Mestre Casquinha)

Mandei caiá meu sobrado
Mandei, mandei, mandei

Mandei caiá meu sobrado
mandei, mandei, mandei
Mandei caiá de amarelo
Caiei, caiei, caiei

Cena - Carmem sozinha

Carmem: E eu vou contar uma coisa procês tudo que tá aqui, na nossa vida acontece muita coisa. Se a gente olhar pra trás vai ver que aconteceu muita coisa boa! Nós não pode é bobiá, porque se nós bobeia, nossa vida vira é um programa de rádio.

(Transição da cena da Carmem Lúcia para a cena do Chiquinho)

Música - Disparada (Geraldo Vandré)

Chiquinho: Prepare o seu coração pras coisas que eu vou contar

Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar
Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar
A morte o destino tudo, a morte o destino tudo
Estava fora do lugar, eu vivo pra consertar

Chiquinho: E nessa toada, falando de saudade, eu peço licença pra te contá as coisa que aconteceu comigo nessa vida. Eu me chamo Francisco, mas também sou conhecido como...
(Mãe interrompe)

Mãe: Chiquinho! Ah, cê taí, né? Porque que ocê garrô nesse sumiço? Faz favor, ajuda a mãe! Olha, cê não pode sumir desse jeito. Imagina se a mãe te perde? Ocê é a melhor coisa que aconteceu na vida da mãe, é o milagre dela! Como diz a sua avó, ocê é uma gota de orvalho na folha dos inhame. (Chiquinho está trocando de roupa na frente do público mas é interrompido por sua mãe.) Mas que isso na frente do zotro??

Mãe: (orando) Virgem do pranto, tirai esse quebranto! (três vezes) Terra pariu santuária, Maria ganhou Jesus, assobe só o sereno para a riba daquelas alturas... Corre o vento, corre e cura, corre o sangue e as veias, limpa o coração com unguento dessa criatura que atende pelo nome de Francisco Antônio Pereira.

Chiquinho: Sou eu!

Mãe: Bão, vamo segui que suas tias tão esperando e eu vô te falar, hein, não vai pedir nada de comê lá, não. Cê num pode chegar lá que você já vai pedindo, isso é muito feio! E elas gostam de te adulá, te dão uma “pução” de coisa procê trazer.

Chiquinho: Mas eu gosto das broas, dos doces e do mingau de fubá... e eu gosto de comer também e então eu tenho que comer, uai.

Mãe: Toma o chá de erva Santa Maria para limpar essa barriga, você deve tá cheio de lombriga.

Chiquinho: Credo, que nojo!...

(passam uma mãe e filha)

Moça mãe: Já te falei e num vô falar de novo não! Da próxima vez que eu te ver subindo no pé de jatobá, ocê vai apanhá é com vara de marmelo!

Menina filha: *Eu queria ver o que tem do outro lado. Um dia eu vou pegar minha viola, vou deixar você de lado e vou cantar em outro lugar.*

Moça mãe: *Onde você tá aprendendo essas coisas, menina?
(saindo de cena)*

(Chiquinho e a mãe)

Chiquinho: *Mãe, o que tem depois daquele mundaréu de montanha lá na frente?*

Mãe: *Ô meu fio, deve de ter muita coisa, mas eu não sei falar tudo proê, não. Acho que tá na hora doê ter uma professora. Eu vou arrumar uma proê.*

Chiquinho: *Ah mãe, você é bonita igual as flor de laranjeira. Quando o sol tá batendo fica mais bonita ainda. Obrigado que você cuida de mim, tá?*

Mãe: *Tá bão, menino! Pára com essas coisas que você deixa a mãe sem graça.*

(aparece Terezinha)

Terezinha: *Chiquinho, sabe que achei bão toda vida quando a Sinhá Maria me falou que você ia me fazer companhia. Aí eu fiquei pensando nos assuntos que a gente ia conversar.*

Chiquinho: *Então você que é a Terezinha?*

Terezinha: *Sou eu sim! Ó, vou começar do início: eu nasci no dia 2 de fevereiro lá na Cumbuquinha de Baixo e, ao invés de chorar, eu falei, é... verdade, eu falei assim: anguuuuu, (risada). Você não gosta de piada, não, Chiquinho!?*

Chiquinho: *Terezinha, eu pensei da gente ir passear perto da cachoeira, lá tem...*

Terezinha: *(continuando sem prestar atenção no Chiquinho) Calma! Deixa eu terminar... Com 1 aninho eu aprendi a andar, com 3 eu já sabia tirar leite das vacas, com 6 aprendi a fazer rapadura e agora com 14 eu tô querendo aprender a dar beijo.*

Chiquinho: *(Chiquinho pegando a carroça) Você me desculpa, mas eu tenho que ir entregar as lenhas pro senhor João. Ô Cida, seu queijo tá chegando aqui, fresquinho.*

(Rosarinha chegando na fazenda)

Mãe: *Eu tava te esperando, Rosarinha. Que bão que você chegou! As crianças tão tudo querendo aprender as coisas, as daqui de casa e lá da fazenda do Moinho. Eu limpei uma sala depois do corredor proê poder dar as suas aulas e tem muita criança proê ensinar. Aquele ali é meu filho, o Chiquinho...ele também vai estudar com você...*

(Chiquinho vê Rosarinha pela primeira vez)

Rosarinha: *Oi, Chiquinho!*

Chiquinho: *Oi.*

Música - Arruda com alecrim (Pena Branca e Xavantinho)

(Chiquinho canta)

*Senhora dos meus encantos
Que belos olhos eu vejo
E meus desejos são tantos
Mas cabem todos num beijo*

*Mas cabem todos num beijo
Senhora do meu destino
Então me faça um desejo
Num coração de menino*

(Terezinha entra em cena. Ela está esperando a chegada do Chiquinho no seu quarto.)

Terezinha: *(ensaia no quarto falando sozinha) Ai, será que ele vem? Será que ele vem? Se ele vier eu vou falar: oi Chiquinho, você por aqui?*

Chiquinho: *Terezinha!*

Terezinha: *Oi.*

Chiquinho: *Eu não tô achando certo eu entrar no seu quarto a essa hora da noite não.*

Terezinha: *Imagina! Não tem ninguém aqui.*

Chiquinho: *Como que eu entro?*

Terezinha: *Pela janela. (coloca a janela no cenário)*

(Chiquinho entra)

Terezinha: *(Falando alto) Que bom que você chegou, Chiquinho!*

Chiquinho: *Eu vou embora...*

Terezinha: *Não! Você não tá curioso com o que eu vou te falar?*

Chiquinho: *Tô sim, você falou que ia me mostrar um negócio.*

Terezinha: *(falando alto) Eu vou te mostrar um negócio agora, Chiquinho!*

(pai entra)

Pai: *Que pouca vergonha é essa aqui na minha casa!?*

Terezinha: *Papai!*

Pai: *Chiquinho!*

Chiquinho: *Terezinha!*

Pai: *Como você explica entrar de noite no quarto da minha filha, mocinho?*

Chiquinho: *Ocê me desculpa. É que ela ia me mostrar um negócio.*

Terezinha: *Que vergonha!*

Pai: *Pois pra ver o negócio da minha filha vai ter que casar!*

Chiquinho: *Casar? Mas eu tenho só treze anos.*

Pai: *Já fica tratado. Quando fizer dezoito, casa.*

Chiquinho: *Mas...*

Terezinha: *Chiquinho, é melhor assim. Eu já vou dar início aos preparativos do casamento. Eu tava pensando que a decoração podia ser toda rosa com umas flores amarelas. Eu quero que me jogue bastante arroz. Ah! E o meu vestido... não pode ser branco, né? Ai, é muita coisa pra pensar, não sei se eu vou dar conta! (saindo)*

Cena Chiquinho e Rosarinha

(Chiquinho levanta a carroça e surge Rosarinha em cima dela.)

Rosarinha: *Chiquinho, bem que ocê falou que o céu da roça é diferente. Olha como a lua tá cheia no céu e ela vem clareando todo nosso estradão.*

Chiquinho: *A lua tá linda, né? E eu consigo vê ela dentro dos seus olhos, eles são tão lindos. Eu olho o casal de sabiá cantando no final do dia e lembro docê. Quando a cachoeira tá cheia e as água fica limpinha que dá pra beber, eu lembro docê. Quando dá aquela chuva na roça e sobe um cheiro de terra molhada eu lembro docê. Quando o potrinho fica brincando com a égua no pasto fazendo estripulias, eu lembro docê. Quando minha mãe corta a abóbora madura pra fazê doce, eu pego as sementes pra por pra secar, eu lembro docê. Desde que ocê chegou aqui, é tudo você. Rosarinha, ocê me dá um beijo?*

Rosarinha: *Dou.*

(entra Sinhá Maria)

Mãe: *Mas o que que tá acontecendo aqui? Cê tá dando aula de noite, Rosarinha!?*

Chiquinho: *Nóis só tá conversando...*

Terezinha: *Ah tá! E agora pode um menino e uma menina conversar de noite sozinho?*

Mãe: *Primeiro, o senhor entra escondido na casa da Terezinha e agora no escuro com a Rosarinha. As cavera do seu pai deve tá tudo remexendo na urna de tanto desgosto.*

Terezinha: *...e vergonha!*

Mãe: *E essa vergonha que cê tá fazendo eu passar, cê vai explicar pros vizinho porque eu não tenho cara pra isso não.*

Terezinha: *Sinhá Maria, e ainda tem quem, quem, quem, nessa história?*

Mãe: *A rosarinha... E quer saber duma coisa, Rosarinha... Faz favor de arruma suas malas e ruma daqui!*

Rosarinha: *Mas sinhá Maria...*

Mãe: *Xxxxxiiiiiiiiuuuuu Num quero escutar uma palavra!*

(Terezinha entrega a mala a Rosarinha)

Terezinha: *Chiquinho! Eu te perdoo, viu? Vou dar continuidade a preparação do casamento. Eu tava pensando em já encomendar as coxinha e os barquete. Eu acho tão chique barquete!*

Música - Meu primeiro amor (Cascatinha & Inhana)

(Chiquinho canta)

*Saudade palavra triste quando se perde um grande amor
Na estrada longa da vida eu vou chorando a minha dor
Igual a uma borboleta, vagando triste por sobre a flor*

(Mulheres começam a cantar também e iniciam a montagem de uma diagonal com as malas. Cada uma abrirá sua mala com um objeto de recordação dentro.)

*Seu nome sempre em meus lábios irei chamando por onde for
Meu primeiro amor, tão cedo acabou só a dor deixou nesse peito meu
Meu primeiro amor, foi como uma flor que desabrochou e logo morreu
Nessa solidão, sem ter alegria o que me alivia são meus tristes ais
São prantos de dor, que dos olhos caem
É porque eu bem sei quem eu tanto amei não verei jamais*

Cena das várias casas de mulheres e suas relações com o Chiquinho

(Quando começa a música, as mulheres iniciam a montagem das três casas com cestos e malas. O clima é de dança e alegria entre elas.)

Música - Aquela flor (Rolando Boldrin)

*Aquela flor
Me faz chorar, me faz lembrar
Do nosso encontro ao luar
Nas linda noites de verão*

*Daquele beijo divinal e sem igual
Que eu roubei dos lábios teus
Prendeu meu coração*

*Aquela flor que você me deu
Eu guardo ainda no peito meu
Aquela flor conserva ainda
O perfume que é todo seu*

*Sinto-me feliz, ao relembrar
Quanto amei e fui amado
Hoje guardo essa flor
É o que resta do nosso amor*

Chiquinho: *Oi Rosa!*

Mulher 1: *Chiquinho, trouxe meu mocotó?*

Chiquinho: *Trouxe sim e coloquei um tanto a mais.*

Mulher 1: *Você sempre caprichando no chorinho.*

Mulher 2: *Oi Chiquinho, cê pode capinar a horta pra mim, quando você acabar eu te dou um queijo.*

Chiquinho: *Eu aceito o queijo se ocê me der um beijo. (Em direção à mulher 3) Sabe Margarida, eu tava subindo lá na montanha e vi umas flores lindas, aí eu trouxe uma procê! (entrega a flor)*

Mulher 3: Chiquinho, você é um amor! É por isso que eu preparei um café quentinho só procê.

Chiquinho: Não vou recusar, café igual o seu não tem.

Mulher 3: Tem mesmo não Chiquinho?

Chiquinho: Tem não só...

(elogios)

Mulher 3: O Chiquinho é um menino bão, né gente?

Mulher 1: Um menino de ouro!

Mulher 2: Um anjo em nossas vidas.

Mulher 1: Chiquinho, cê pode me ajudar?

Chiquinho: Claro.

Mulher 1: Esse móvel foi da mamãe e eu tenho muito carinho com ele. Não quero que risque!

Chico: Cê tá indo embora?

Mulher 1: Eu tô indo pra capital trabalhar em casa de família. Vou pegar minha viola/ vou deixar você de lado/Vou cantar em outro lugar.

(mulher 1 sai de cena)

Mulher 3: Oi Violeta, hoje eu fiz um café só procê.

Mulher 2: Ah Margarida, hoje eu fiz um bolo de fubá que lembrei docê!

Mulher 3: ah... o seu bolo é o melhor que já comi!

Cena lençol

(Ficaram em cena Mulher 2 e Mulher 3 que, a partir do andamento do diálogo, vão se aproximando uma da outra)

Chiquinho: Tá aqui o lençol que ocês pediu.

Mulher 2: Que lindo, vai dar pra eu fazer uma cortina pra minha janela.

Mulher 3: ou um lençol pra minha cama.

Mulher 2: Um vestido bem colado..

Mulher 3: uma saída de praia... pra gente levar na nossa viagem, vamo?!

Mulher 2: Ai vamo!

(Cena Casamento. Marcha nupcial no trompete. O cenário é arrumado no formato de uma igreja)

Terezinha: (entrando) Ahhhh! Não acredito! Chegou o grande dia!! Ah! Eu não posso chorar se não borra minha maquiagem, né? Escuta! Tem trompete no meu casamento!!! Ah! Padre, o senhor ficou ótimo com essa roupa! Ai, tapete vermelho! Que lindo! Posso pisar? Posso entrar? Tô entrando, hein? Urullll!

Mãe: Menino, eu tava te procurando do lado de lá, o que você ainda tá fazendo aí?

Chiquinho: Eu tava pensando aqui, eu não vou entrar aí não.

Mãe: Tá na hora! Não me faz passar essa vergonha.... Comprei até um terno novo..

Chiquinho: Oia eu to casando porque ocê quer, não vou casar.

Mãe: Ocê Vai arcar com suas conseqüências...

Chiquinho: Não vou!

Mãe: Ah mas ocê vai, anda menino (bate nele com o pano)

(Chiquinho entra na igreja)

Padre: Eu os declaro marido e mulher. Viva os noivos!

Terezinha: Viva!

Música - Laranja madura (Ataulfo Alves)

Você diz que me dá casa e comida

Boa vida e dinheiro pra gastar

O que é que há, minha gente o que é que há

Tanta bondade que me faz desconfiar

(Durante a música, arrumação do cenário. Bar do Seu Alcendino na lateral.)

Terezinha: *Eu adorei os presentes! Vamos abrir? (modificação no cenário)*

(continuação da música)

*Laranja madura na beira da estrada
Tá bichada Zé ou tem marimbondo no pé (Bis)*

No Bar do Seu Alcendino:

Chiquinho: *E foi acontecendo assim, igual pedra rolando ribanceira abaixo. Eu fui casado com a Terezinha durante muito tempo. Por um lado era bom porque tanta falação não deixava pensamento ruim entrar. Minha mãe ia lá em casa todo santo dia, via se tinha comida, se eu tinha tomado banho e até arrumava as coisa que ela achava que tava fora do lugar e quando eu fiz 40 anos ela descansou.*

Mãe: *Ô meu filho, quem vai cuidar docê agora é a Terezinha! Vou pegar minha viola, vou deixar você de lado e vou cantar noutro lugar.*

Chiquinho: *Eu plantei um pé de laranja do lado da porteira, porque assim, toda vez que eu passava lá eu sentia o perfume das flor e me lembrava dela. Não demorou muito a Terezinha também foi embora. O médico falou que ela morreu engasgada de tanto falar. Tô pra te dizer que eu não sabia que eu gostava tanto de silêncio. Mas a casa foi ficando vazia. Eu vi muita gente indo embora e eu sempre ficando..ficando sozinho feito caçamba sem corda.*

Chiquinho: *cantando)*

*Na boiada já fui boi, mas um dia me montei
Não por um motivo meu
Ou de quem comigo houvesse
Que qualquer querer tivesse
Porém por necessidade
Do dono de uma boiada
Cujos vaqueiro morreu*

(Garçonete do bar em cima do baú)

Garçonete: *(cantando)*

*Boiadeiro muito tempo
Braço firme, laço forte
Muito gado, muita gente
Pela vida segurei
Seguia como num sonho
Que boiadeiro era um rei*

Chico: *Ô moca, junta com nós aqui pra tomar umas?*

Cantora: *Ô, não vai dar não, Chiquinho! (cantando) Vou pegar minha viola
Vou deixar você de lado
Vou cantar em outro lugar*

Mulheres: *(entrando para carregarem os baús e fazerem nova mudança de cenário))*

*Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E nos sonhos que fui sonhando
As visões se clareando
As visões se clareando*

Até que um dia acordei

*Então não pude seguir
Valente lugar-tenente
De dono de gado e gente
Porque gado a gente marca
Tange, ferra, engorda e mata
Mas com gente é diferente*

*Se você não concordar
Não posso me desculpar
Não canto pra enganar
Vou pegar minha viola
(ralenta a música)
Vou deixar você de lado
Vou cantar noutro lugar*

(Transição da cena do Chiquinho para a cena da Maria da Graça e Maria de Lourdes)

(respiro)

Música - Cuitelinho (Paulo Vanzolini)

(As atrizes e o ator estão sentados em baús ou malas cantando. Ao fim da música, adormecerão no local onde estão)

*Cheguei na beira do porto
Onde as onda se espalham
As garça dá meia volta
E senta na beira da praia
E o cuitelinho não gosta
Que o botão de rosa caia, ai, ai*

*A tua saudade corta
Como aço de naváia
O coração fica aflito
Bate uma, e a outra faia
E os zóio se enche d'água
Que até a vista se atrapáia, ai ai*

Maria da Graça: *(contando deitada no baú de trás) Na cidade grande, fechada no meu quartinho sem janela, eu só tinha a minha cama. Nela eu deitava e me lembrava da minha irmã Maria de Lourdes, da gente juntas na roça.*

Maria da Graça: *(Sussurando) Maria de Lourdes, você tá acordada? Maria de Lourdes?*

Maria de Lourdes: *(aparece) Que foi, Maria da Graça!?*

Maria da Graça: *Eu não tô conseguindo dormir. Chupei manga e depois tomei leite, minha barriga tá pesada. Será que eu vou morrer?*

Maria de Lourdes: *Eu não te falei que não pode manga com leite! Me dá aqui sua mão. (as duas ficam de mãos dadas)*

Maria da Graça: *(contando) E ela ficava um tempão me fazendo companhia até que eu voltasse a dormir..*

(Galo)

Maria da Graça: (contando) Logo cedo a gente acordava, ajudava a mãe com o café e depois ia carrear com o pai só pra passear. (Maria da Graça e Maria de Lourdes sobem nos baús do fundo, toque do berrante. Carro de boi faz algumas movimentações)

Pai: Passa esse berrante pra cá, menina!

Maria da Graça: Depois cê deixa eu tocar, pai?

Pai: Depois eu deixo. Maria da Graça, Maria de Lourdes, olha como o céu tá bonito hoje.

Maria de Lourdes: Tá bonito demais, pai!

Pai: Céu azul assim é só nós aqui da roça que tem.

(som do carcará)

Maria de Lourdes: Deve de ter bicho morto no caminho, pai! Carcará tá rodiando.

(pai faz sinal que sim com cabeça)

Pai: Ali, ó. (aponta para um lugar)

Maria da Graça: É o boi do Aristides que caiu no mata burro! Também ele não cuida direito!

Maria de Lourdes: Seu Aristides deve de tá com a orelha quente docê falar dele.

Maria da Graça: Conta pra mãe não, mas quando ele vai lá em casa eu trato de pendurar a vassoura atrás da porta pra ele ir embora logo.

Maria de Lourdes: (ri) Cê é danada!

(som de água, movimentação, as duas irmãs olhando para frente)

Maria da Graça: Pai, para com nós na cachoeira?

Maria de Lourdes: É pai...

Pai: Posso não, vou deixar ocês e tenho que carrear pros lado do Morro Grande.

(As meninas correm para frente da cena e o carro de boi vai para o fundo)

Maria da Graça: É pra lá que mora que Paulo que tá crente cocê, né?

Maria de Lourdes: É sim, outro dia ele pegou na minha mão...

Pai: Ocês duas pode parar com essa conversa e vai ver se a mãe docês precisa de ajuda.

Maria de Lourdes e Maria da Graça: Ta bom, pai!

Maria de Lourdes: A tia Dica colocou o Santo Antônio de cabeça pra baixo dentro d'água, não deu dois meses e ela casou!

Maria da Graça: Qualquer coisa nós pega o Santo Antonio da tia Dica procê.

Maria de Lourdes: Eu não! vou namorar muito ainda! Não quero casar tão cedo! E você?

Maria da Graça: Eu não ligo pra essas coisas, não! Também os menino nem olha pra mim.

(mãe entra interrompendo as irmãs)

Mãe: (Entra com a bacia, toda apressada) Eu quero saber quem foi que deixou os chinelo virado lá na sala. Ocês não sabe que isso faz a mãe doces morrer.

Maria da Graça e Maria de Lourdes: Desculpa, mãe!

Mãe: Maria de Lourdes, vai buscar água lá no correquinho!

Maria de Lourdes: Tá bom!

Mãe: E vê se não passa debaixo da escada, se não, não cresce.

Maria de Lourdes: Tá bom, mãe...

Mãe: E ocê Maria da Graça, passa pra cá que eu vou te ensinar a lavar roupa. Cê acha que eu não vi ocê e a Maria de Lourdes, conversando até tarde da noite na luz do lampião? Cês num sabe que criança que brinca com fogo faz xixi na cama?

Maria da Graça: Desculpa, mãe!

Mãe: Esfrega direito e se a sujeira não sair, tem que por pra quará.

Maria da Graça: Quará?

(Maria de Lourdes sobe em algo pra roubar fruta no pé da árvore do Firmino)

Maria de Lourdes: Maria da Graça! Seu Firmino me viu pegando manga lá no quintal dele, ele tá furioso, vem cá procê ver a cara dele!

Mãe: Ocês vorta aqui meninada, que é de pequenino que se torce o pepino.

Maria da Graça: Eu vou te ajudar a esconder!

(as duas correm pelo palco, em seguida entram mais crianças)

Menina: Pique pega, tá comigo! (correria)

Menino: Roda pneu. (Menina joga paus para cada criança - brincam)

Maria da Graça: Carrinho de rolimã! (Fazem com o corpo e com o pau)

(Passam para a brincadeira de cavalinho de pau - primeiro em roda e depois a corrida competitiva)

Maria da Graça: Vai, Maria de Lourdes! (Maria de Lourdes e a menina disputam a frente)

(Os cavalinhos mudam de posição e Maria de Lourdes a agora está na frente.)

Maria da Graça: Vai, irmã! Vai, irmã! Vai! (Maria de Lourdes vence a corrida)

Maria de Lourdes e Maria da Graça: (comemorando) Êêêêê!

Sandrinha: Pique esconde, eu conto! Quem eu achar primeiro vai ter que buscar lenha a semana inteira no meu lugar.. 1, 2, 3, 4, 5...

(Todos se escondem saindo de cena. Maria da Graça busca o baú de rodas e se posiciona atrás dele junto com sua irmã)

Maria da Graça: (contando - aparecem as duas irmãs atrás do baú)... 6 crianças mais ou menos brincavam junto todo dia. A gente era criado como se fosse irmão. Brigava e se amava na nossa roça que era nosso mundo.

(Abertura do baú com a roça em miniatura - As duas irmãs vão manipular galhos e pequenos objetos enquanto a história é contada - os outros atores estão nas laterais iluminando e fazendo sons. Música instrumental de fundo durante a cena.)

Maria da Graça: Na verdade, a gente era sete, tinha também a Sandrinha. Todo mundo gostava de brincar com ela, porque ela era arteira toda vida!

Sandrinha: A Joana deixou um bolo pra esfriar na janela, vamos pegar um pedacinho pra nós?

Outras crianças: (Risos e conversinhas)

Sandrinha: Quem vai comigo na porteira da fazenda grande puxar os rabo dos boi?

Outras crianças: (Risos e conversinhas)

Sandrinha: Outro dia eu vi gente pelada lá na televisão do Seu Oscar. Vamos lá ver?

Outras crianças: (Risos e conversinhas)

Sandrinha: Eu quero é carne dessa lata... Ai, cortei minha mão!

Todas as crianças: Manhê! A Sandrinha cortou a mão na lata!

(Dedilhado triste no violão)

Maria da Graça: Foi fundo o corte. Caiu umas gotas tão grandes no chão que chegou a levantar poeira. E a roupa da gente ficou tudo suja de vermelho.

(Música, algum movimento no cenário) O tempo foi passando e a Sandrinha não voltava pra rua pra brincar. (Acende uma luz na janela da casa da Sandrinha) Quando a gente passava na porta da casa dela ouvia um choro fraquinho, fraquinho... Dava um aperto no coração. A gente era criança mas entendia, a Sandrinha tava indo embora... Depois de sete dias, ela parou de chorar. (Sino anunciando a morte. No pequeno cenário, é colocada uma cruz de madeira com um caixãozinho.)

Música - Com minha mãe estarei (Canto tradicional religioso)

(Enterro da Sandrinha. Pano preto na janela da casa.)

Com minha mãe estarei

Na santa glória um dia

Junto a virgem Maria

No céu triunfarei

Maria da Graça: Diz que foi tétano. Na roça não tinha recurso pra tratar dela e a família não tinha condição de levar pra cidade.

(música)

No céu, no céu

Com minha mãe estarei

No céu, no céu

Com minha mãe estarei

Maria da Graça (contando): No dia do enterro dela foi uma choradeira tão grande que até o céu, que não trazia chuva pra roça há um tempão, resolveu desaguar. (Molha o cenário das casinhas.)

(Mudando a dinâmica correndo com o regador pelo palco.) E em dia de chuva a gente brincava de escorregar no barro, de guerra de água, de pegar aleluia pra por no potinho e de fazer farofa com a bunda da tanajura. Depois ia todo mundo tomar banho junto na casa da Cândida, por que lá tinha chuveiro quente..

Maria de Lourdes: Olha aqui, Maria da Graça, que tanto de roupa bonita que a Cândida tem. (Jogando as roupas para fora do baú)

Maria da Graça: (percebendo a chegada do sangue) Irmã, minha calcinha tá cheia de sangue.

Maria de Lourdes: Ocê virou moça, Maria da Graça, virou moça!

Maria da Graça: E o que eu faço? Tô com vergonha da mãe e do pai.

Maria de Lourdes: Vô te ensinar direitinho. Agora ocê tem que usar o paninho e depois de usado não pode deixar em qualquer lugar, não viu? Lava e guarda, porque os homens não pode vê. Não pode tomar friagem. E o mais importante é: não pode lava o cabelo no dia das regras, se não o sangue sobe pra cabeça.

Maria da Graça: Tá bom.

(se ajeita e vai sentar no baú)

Maria da Graça: Irmã, outro dia eu vi o pai e a mãe conversando no canto, não deu pra ouvir direito porque eles me olharam feio e eu saí correndo mas tô achando que eles vão deixar a gente estudar, eles tava falando de condução...

(Maria da Graça deita no colo de Maria de Lourdes)

Maria de Lourdes: Ai, tomara!! Imagina a gente aprender ler e escrever...

Maria da Graça: Ia ser bom demais!

Maria de Lourdes: (olha para o céu e vê uma estrela cadente) Olha, uma estrela cadente!

(apontando)

Maria de Graça: Não aponta se não te dá verruga, sô! (risos) Eu vi também.

Maria de Lourdes: Se acê viu também, nós duas pode fazer pedido. Estrela, quando eu crescer eu quero morar numa casa bem bonita, e ter três filhos!

Maria de Graça: Eu quero que a minha casa fique do lado da dela...

Maria de Lourdes: ...pra gente ir na cachoeira todo dia...

Maria de Graça: ... e nossos filhos vão brincar junto...

(as duas riem e continuam a sonhar até serem interrompidas pela mãe)

(Entrada da mãe)

Mãe: Maria da Graça, junta suas coisas! Ce vai morar com a Josiane, ela acabou de ter bebê. E olha, num esquece dos ensinamentos da mãe, faz canja de galinha gorda durante sete dia que é pra deixar ela forte. Vez em quando vai no mercado e compra cerveja preta que é pra não deixar faltar leite pro bebê.

Maria da Graça (dá a mão pra irmã)

Maria de Lourdes: A Josiane? Aquela prima metida do papai que foi morar na capital e nunca fez questão da gente?

Maria da Graça: Mãe, eu não quero ir. Eu gosto daqui. Eu posso arrumar trabalho aqui mesmo, ajudar a Joana do Valmiro que tá quase tendo bebê também.

Mãe: Tem disso não, eu e seu pai já conversamos, já tratamos de tudo. Nós até já arrumamos a condução.

(As duas irmãs se olham tristes.)

Pai: *Ô minha fia, esse berrante tá na nossa família há muito tempo... leva ele com você pra mode ter lembrança daqui.*

Maria da Graça: *(pega o berrante e inicia um choro)*

Música - Cantiga Caicó (Teca Calazans / Heitor Villa-Lobos/ Milton Nascimento)

(Maria da Graça canta sozinha e abraça a irmã)

Oh, mana, deixa eu ir

Oh, mana, eu vou só

Oh, mana, deixa eu ir

Para o Sertão do Caicó

(Cantam todos. Maria da Graça sobe na carroça e vai sendo levada para o fundo do palco)

Oh, mana, deixa eu ir

Oh, mana, eu vou só

Oh, mana, deixa eu ir

Para o Sertão do Caicó

(A música continua sendo cantada pelos atores enquanto Maria da Graça narra sua história)

Maria da Graça: *(de cima da carroça) Eu chorei o caminho inteirinho. Eu nem sabia que dava pra chorar tanto assim. A Josiane nunca me deixou estudar porque eu olhava os menino dela o dia inteiro. Fora isso, eu ficava no meu quartinho nos fundos e quase não saía de casa. Pelo menos tinha televisão. Quando a Maria de Lourdes fez 15 anos eu pedi pra ir visitar a roça. Eu sentia muita saudade, queria saber como estavam as coisas por lá. Mas a Josiane disse que não tinha como ir, que era muito complicado, a passagem era cara e tal... Eu fiquei até doente de tristeza, tive febre, vomitei, só melhorei 4 dias depois. Mas com 20 anos eu tentei fugir de casa mas eu não sabia o caminho da rodoviária, não conseguia ler o letreiro dos ônibus, tinha medo de perguntar pras pessoas na rua, cidade grande é tudo diferente, a gente tem medo de perguntar pras pessoa na rua. Eu era muito inocente. Eu fazia em nome do pai pro museu achando que era igreja. Aí eu voltei para casa dela, me acostumei com a saudade e que a minha vida agora era aquela. (fazendo em nome do pai) Eu soube pela Josiane quando o pai morreu dum troço no coração e também por ela, três meses depois, quando a mãe seguiu o mesmo rumo do pai. Eu queria ter ido pro enterro mas ela falou que não compensava e eu aceitei. (desce da carroça e caminha em direção ao sobrinho) Eu vivi fora durante 39 anos, 6 meses e 5 dias, cuidando dos filhos e da casa da Josiane. Trabalhei até ontem quando eu tomei coragem, peguei minhas coisas e vim parar aqui, na minha terra que é o meu lugar. Agora só falta eu reencontrar a Maria de Lourdes pra dizer pra ela que eu pensei nela todos os dias que eu tive fora e que eu teria sido muito feliz vivendo minha vida inteira aqui na roça com a gente envelhecendo juntas.*

Sobrinho: *A notícia que eu tenho pra você não é boa, não.*

Maria da Graça: *Pois fala logo.*

Sobrinho: *A sua irmã Maria de Lourdes faleceu, faz três anos.*

Maria da Graça: *Ah, não! Não me fala isso. (Chora intensamente) Quem que é ocê?*

Sobrinho: *Eu sou o filho dela.*

Maria da Graça: *Filho? Ela casou?*

Sobrinho: *Casou e teve três filhos, eu e outras duas que estão estudando fora.*

Maria da Graça: *Danada, três igual ela me falou que ia ter. Você tem quantos anos, menino?*

Sobrinho: *Dezoito.*

Maria da Graça: *E como é que você chama?*

Sobrinho: *Eu me chamo Vicente.*

Maria da Graça: *ô Vicente, que bonito que ocê é!*

Sobrinho: *Obrigada.*

Maria da Graça: *Mas me fala uma coisa... ela lembrava de mim?*

Sobrinho: *A mãe só sabia falar docê. Eu cresci ouvindo as histórias de vocês duas na roça. De quando passavam o dia inteiro brincando de boneca feita com espiga de milho, fazendo guerrinha de mamona, chupando manga no pé e nadando no correquinho de trás do jatobá. Ela nunca te esqueceu, tia. E parece até que eu te conheço desde sempre de tanto ouvir as histórias de vocês duas sempre juntas.*

Maria da Graça (verso falado):

Meu sobrinho, que coisa boa

Eu poder te encontrar

Meu peito ficouquentinho

Prometo não mais chorar

Reconheço os seus olhos

Que me são familiar

Sobrinho (verso falado):

E não é somente os olhos

Que de minha mãe herdei

Sem nem mesmo te conhecer

Sinto que sempre te amei

Minha querida tia

Pra sempre te cuidarei.

Maria da Graça - *Agora eu queria pedir procê me levar na igreja pra mode eu mandar celebrar uma missa por intenção da minha irmã.*

Sobrinho - *Levo sim, tia!*

(Transição cena Maria da Graça para Cena Rosarinha)

(Sinhá Maria recebendo Rosarinha)

Sinhá Maria: *Graças a Deus, a virgem Maria e os anjo da guarda que te trouxe até aqui. Cê fez boa viagem?.*

Rosarinha: *Fiz sim senhora!*

Sinhá Maria: *Uai, cê é muito novinha. Quantos anos ocê tem?*

Rosarinha : *Tenho treze!*

Sinhá Maria : *Ah sim, mas ocê já sabe ensinar, né? Sabe colocar as criança pra ler, escrever, fazer umas contas?*

Rosarinha: *Sei sim, eu já tirei o quarto ano!*

Sinhá Maria: *Pois as crianças tão te esperando. E aqui, ocê vai ensinar criança de toda idade das casa aqui de perto. É tudo misturado. Tem menino de seis até quinze anos. Tem o Mário Augusto que tem seis; a Celina que tem nove, o Tião que tem onze, a Vaninha de quatorze, a Efigênia de oito e o Chiquinho, que é meu único fio, que tem treze. Tudo pra mode aprende com cê.*

Rosarinha: *Ô sinha Maria, que beleza! É a primeira vez que eu vou dar aula. Agora a senhora me dá licença que eu vou lá dentro arrumar as minhas coisinha.. (Rosarinha faz o gesto de entrar para a fazenda e Sinhá Maria intervêm)*

Sinhá Maria : *Espera aí, não pode entrar assim na casa dos outros, antes eu vou te dar uma benzida.*

(Sinhá Maria faz as benzeções ao redor de Rosarinha.)

Música - *As plantinhas do mato (Renato Teixeira)*

As plantinhas do mato

Curam caxumba
Quebranto e lumbago
Veneno de cobra
Bronquite, pigarro

Sinhá Maria: Nosso senhor, Jesus Cristo e Virgem Maria, livrai os mau olhado, as rendidura, as inveja e as feitiçaria em nome de Deus. Gai de arruda, gai de alfazema, gai de alecrim do mato e alecrim do campo, Deus alumia em todos os cantos, em nome do fio e do espirito Santo...

(Continuação da música)
Arruda, canela, jasmim e carqueja
Mamona, mostarda, loro e tabaco
Urucum, violeta, pitoco e pitanga
E um bom rezador
Pra curar nossas manhas

Sinhá Maria - Como ocê vai morar aqui e lidar com todo mundo é bão tá sem os maude fora. Toma aqui esse sal grosso, ocê vai jogar para trás que prá não deixá as coisa ruim entrar. (Jogada do sal)
Tem que benzer, né? A gente não sabe da onde tá vindo, nem o que tá trazendo, eu benzo mesmo!

(Entram Terezinha e Chiquinho e se posicionam na frente do palco sentados em malas para o primeiro dia de aula.)

Aula 1

Rosarinha: Eu sou Rosarinha, a professora docês.

Chiquinho: Ocê desculpa eu o avançado das horas, mas é que eu estava acabando de apartar as vacas no pasto, vai daí Seu Dondinho me chamô pra ajudá com o boi e...

(Rosarinha e Chiquinho ficam encantados ao olharem um para o outro e são interrompidos por Terezinha.)

Terezinha: Professora, ô professora! Sabe que uma vez o Chiquinho tomou um coice dum cavalo bravo e caiu sangrando no chão. Se não sou eu pra socorrer, ele podia ter morrido.

Chiquinho: Larga de ser exagerada, Terezinha!

Terezinha: Uai, aconteceu!

(Chiquinho e Terezinha vão para o centro-fundo do palco e Rosarinha no centro-frente.)

Aula 2

Rosarinha: Hoje nós vamos aprender as operação com os numeral... O Sr. Onofre colheu dez sacas de feijão, duas pegaram bicho, quantas sobraram?

Terezinha: Oito sacas, professora.

Rosarinha: Lá no galinheiro tinha dois pintinho e três galinha d'angola. Quantos bicho tinha no galinheiro?

Terezinha: Cinco, professora.

Rosarinha: Comprei duas dúzia de ovo caipira. Dei a metade dos ovos pro ocê, Chiquinho, e a outra metade pra Terezinha. Com quantos ovos cada um ficou?

Chiquinho: Essa eu sei. É uma dúzia de biscoito de polvilho ainda fresco que eu peguei escondido lá na Dete pra presentear ocê, professora.

Rosarinha: Oh Chiquinho! Você é tão gentil!

Terezinha: Professora, eu tô escrevendo uma carta pra uma pessoa que eu não posso falar quem é, só posso dizer que é da escola. Aí me deu uma dúvida se abraço é com um S ou com dois...

(Chiquinho e Terezinha se posicionam com as malas viradas para lateral direita do palco e Rosarinha está à frente.)

Aula 3

Rosarinha: Mamíferos, anfíbios, répteis...

Terezinha: Capivara, perereca, cobra...

Chiquinho: Cobra, aquilo era um cobraão, urutu tihoso, bem na beira do lago do Sr. Aristeu. Lembro bem que eu e a Vaninha pegou uma vara pra espantar pra longe o bichano o mulheriu gritava: mata mata! Mas eu que não gosto de covardia com os bichos, só ponho eles no caminho do mato e sigo o meu.

(Rosarinha vai caminhando em meia lua para o fundo do palco mantendo o olhar no Chiquinho. Chiquinho e Terezinha viram as malas para frente para fazerem ouvirem o ditado. A cada palavra, ele se aproxima mais da cadeira de Terezinha tentar olhar o seu caderno.)

Aula 4

(Andando para a frente na lateral direita.)

Rosarinha: Vocês precisam se preparar para o exame de admissão... Ditado!

Rosarinha: Ligeiro.

Terezinha: Ligeiro no sentido de rápido?

Rosarinha: Isso mesmo, Terezinha.

Rosarinha: Couve.

Terezinha: É couve ou cove?

Rosarinha: Couve

Rosarinha: Manga.

Terezinha: Manga do pé ou manga da blusa?

Rosarinha: Credo em cruz, Terezinha! Deixa eu terminar o ditado. Não interessa! Escreve do mesmo jeito.

Terezinha: Uai, tô com dúvida.

Rosarinha: Paixão.

Terezinha: O que é paixão?

Chiquinho: Deixa que eu respondo.

(Vaninha entra correndo. Terezinha sai com ela.)

Sinhá Maria: O arroz doce tá pronto, meninada! Vamos comer?

Vaninha: Ó, cheguei na hora ceertinha. Vou comer mais que todo mundo.

Terezinha: Ah não, Vaninha! Eu também quero arroz doce!

(Chiquinho fica)

Chiquinho: Paixão é uma quentura que sobe no corpo da gente, faz homem feito ficar bobo e mulher sabida fica corada. O corpo de um e do outro fica que nem pena levinha quando o vento chama pra dançar.

(crianças voltando)

Terezinha: Nossa senhora, parece que minha barriga vai estourar. Eu repeti três vezes.

Vaninha: Eu guardei espaço pro almoço porque hoje lá em casa vai ter chouriço.

(Chiquinho sai junto com as meninas, Rosarinha fica e fala com a plateia.)

Rosarinha: Lá na roça, chegada a época da quaresma, a gente sempre se ajuntava pra fazer novena na vizinhança inteirinha. Andava de casa em casa fazendo a via crucis. Na volta do caminho, Sinhá Maria sempre achava de contar os causos de assombração enquanto passava com a gente por dentro do cemitério.

Música - Romance das caveiras (Alvarenga e Ranchinho)

(Sinhá Maria cantando e todos andando atrás dela)

Eram duas caveiras que se amavam

E a meia-noite se encontravam

Pelo cemitério os dois passeavam

E juras de amor então trocavam

(matraca)

Terezinha: *Ave Nossa Senhora, Sinhá Maria! Que história é essa de caveira que se ama? Depois que morre não acaba tudo, não?*

Sinhá Maria: *(cantando)*

Sentados os dois ni-riba da lousa fria

A caveira apaixonada assim dizia

que pelo caveiro de amor morria

E ele de amores por ela vivia

(matraca)

Terezinha: *Tá me dando calafrio. Se eu desmaiar ocê me segura, Vaninha?*

Vaninha: *Eu não te aguento, não.*

Sinhá Maria: *(cantando)*

Mas um dia chegou de pé junto

Um cadáver novo de um defunto

E a caveira dele se apaixonou

E o caveiro antigo abandonou

(matraca)

O caveiro tomou uma bebedeira

E matou-se de um modo romanesco

só por causa dessa ingrata caveira

Que trocou ele por um defunto fresco

Todos: *Ahhhhh! (Barulho e cenário balançando. Todos correm para a plateia assustados.)*

(Mudança de clima. O lugar é uma obra na cidade grande. Os pedreiros estão construindo uma parede e são interrompidos por Maria de Lourdes perguntando pela irmã.)

Maria de Lourdes: *Moço, o senhor me dá licença. Aqui é a Rua Durval de Almeida mesmo, não é? É que eu tô procurando a minha irmã Maria da Graça e pelo endereço que eu tenho aqui ela mora numa casa número 65 e a casa devia de tá exatamente aí.*

Operário: *É essa rua. Antigamente aqui era uma casa mesmo, mas faz tempo que eles demoliram ela, e agora nós tá construindo esse prédio aqui. Mas ó, lá no 93 tem uma senhora que mora lá a bastante tempo, ela vai saber onde está sua irmã.*

(Vários ambulantes atravessam a cena oferecendo diversos produtos à Maria de Lourdes que tenta se esquivar deles.)

Moradora antiga: *Ah eu me e lembro...vivia brincando aqui em frente de casa, com um menino pirracento toda vida. Mas óh, eles são da família dos Silva, e os Silva são donos daquela pizzaria lá. Vai lá que eles te dão mais informação.*

Maria de Lourdes: *Agradecida, minha senhora!*

(Várias pessoas de negócios atravessam a cena falando no celular com suas maletas de escritório e passam por Maria de Lourdes até que ela chega em um restaurante.)

Dona do restaurante: *Você me desculpa, mas eu acabei de adquirir esse estabelecimento. Os antigos donos foram morar no exterior. Não conheço ninguém por aqui.*

(Estão na mesa do restaurante Carmem Lúcia e uma pessoa da plateia jantando. Essa pessoa a pedirá em casamento mas terá o pedido negado.)

(O clima muda para um bar bem popular com muitas pessoas bêbadas cantando.)

Música - Telefone mudo (Trio Parada dura)

Eu quero que risque meu nome da sua agenda

Esqueça o meu telefone e não me ligue

Porque já estou cansado de ser o remédio

Pra curar o seu tédio

Quando seus amores não lhe satisfaz

(...)

(Maria de Lourdes pergunta a alguém do grupo de bêbados que está cantando, se conhece Maria da Graça)

Maria de Lourdes: *É Maria da Graça...*

Mulher bêbada: *Ah... é uma morena alta do cabelo enrolado?*

Maria de Lourdes: *Sim!*

Mulher bêbada: *Descendente de alemães?*

Maria de Lourdes: *Não.*

(Mudança de lugar para um semáforo onde as pessoas estão atravessando a rua xingando Maria de Lourdes por ela estar parada no meio do caminho. Em meio a essa confusão, ela encontra mais alguém que ouviu falar de sua irmã.)

Passante: *Maria da Graça... lembro! Uma boazinha, ajudava todo mundo.*

Maria de Lourdes: *Sim!*

Passante: *Ela veio do interior.*

Maria de Lourdes: *Sim!*

Passante: *Da Bahia.*

Maria de Lourdes: *Não!*

(Mudança de onde para um ônibus)

Passageira: *Segura esse ônibus aí pra mim!*

Passageiro: *Segura pra mim também! Ah, Maria da Graça! Ela veio trabalhar em casa de família?*

Maria de Lourdes: *Sim!*

Passageiro: *O pai e a mãe dela morreram um seguido do outro, né?*

Maria de Lourdes: *Sim!*

Passageiro: *Veio trabalhar numa tal de Josiane?*

Maria de Lourdes: *Sim!*

Passageiro: *Ah ela tem dois irmão?*

Maria de Lourdes: *Não!*

(Uma multidão grita como se estivesse torcendo ou protestando por algo e vai empurrando Maria de Lourdes para o fundo do palco. Chegando lá o local é um rodoviária no momento em que os passageiros vão guardar suas malas no bagageiro)

Motorista: *Atenção passageiros, coloquem suas malas no bagageiro que já vamos partir.*

(Carmem está na plateia assistindo ao espetáculo ao lado de alguém da plateia.)

Carmem Lúcia: *Então é isso que é teatro? Eu nunca tinha visto. Todo mundo tinha que ter a oportunidade de assistir. Obrigada por você ter me trazido, viu? Eu gostei muito.*

(Uma atriz pega a carroça que servirá de ônibus para partida de Maria de Lourdes da cidade grande sem ter reencontrado sua irmã.)

Motorista: *Você vai subir ou não, moça?*

(Maria de Lourdes sobe na carroça e troca de lugar com o motorista. Ela assume o personagem motorista e Chiquinho é quem está no ônibus indo embora da roça agora.)

Motorista: *Daqui até a capital são vinte horas de viagem. Daqui a duas horas, faremos uma parada. Boa viagem a todos.*

(Entra Sinhá Maria passando mal com dor no peito, ela parece estar tendo um infarto.)

Sinhá Maria: *Chiquinho? Chiquinho meu filho, aonde você vai? Ai! Ai! Chiquinho!*

Chiquinho: *Mãe, que foi? Eu vou descer, moça! Mãe, calma, eu vou pra casa.*

(Durante essa cena, foi montada em cima das malas que ficaram no fundo do palco, uma cidade grande em miniatura. Rosarina e Chiquinho estão no cafezal olhando a cidade grande enquanto conversam.)

Rosarina: *Sabe Chiquinho, na cidade grande o que eu mais gosto é de ficar olhando as luizinhas assim no longe. Um dia ocê querendo, a gente pode ir até lá. A gente vai de trem e aproveita pra ver as paisagens pelo caminho, chegando lá eu posso te levar no shopping, no zoológico, no parking, ocê querendo a gente pode ir até o estádio de futebol e assistir a uma partida.*

Chiquinho: *Eu vou gosta de conhece esse mundo todo com você.*

Rosarina: *Pois eu vou te levá em tudo enquanto é lugar que ocê quiser.*

Chiquinho: *Sabe Rosarina, ocê pra mim é igual a flor do café, cheirosa, quando o sol bate fica mais bonita ainda.*

Música - Flor do Cafezal (Luiz Carlos Paraná)

(Momento em que aparece as flores do cafezal trazidas pelo uso do ventilador.)

Meu cafezal em flor, quanta flor meu cafezal

Meu cafezal em flor, quanta flor meu cafezal

Ai menina, meu amor, minha flor do cafezal

Ai menina, meu amor, branca flor do cafezal

Era florada, lindo véu de branca renda

Se estendeu sobre a fazenda, igual a um manto nupcial

E de mãos dadas fomos juntos pela estrada

Toda branca e perfumada, pela flor do cafezal

(...)

Chiquinho: *Rosarinha, você quer namorar comigo?*

Rosarinha: *Chiquinho, eu quero, mas antes a gente precisa falar com a Sinhá Maria.*

Chiquinho: *Não, não precisa falar com ela não. Eu gosto tanto docê.*

Rosarinha: *Ôh Chiquinho, eu também gosto docê. Mas é que eu sou sua professora, o que o povo vai pensar?*

Chiquinho: *Eu não ligo pro que esse povo pensa e eu vou gritar pra essa roça inteira ficar sabendo que eu quero namorar é cocê.*

(Vaninha pega os dois no flagra)

Vaninha: *Terezinha, vem cá procê ver esses dois! Eu num te falei...*

Terezinha: *Sinhá Maria, dá uma chegada aqui. O Chiquinho pediu a Rosarinha em namoro e ela tá querendo aceitar. Teve música e tudo.*

Sinhá Maria: *É o que? Que negócio é esse de namoro? Eu não te chamei aqui para isso não, viu sua Rosarinha.*

Terezinha: *Eu sempre pensei que ela era dessas mesmo.*

Sinhá Maria: *Se eu soubesse que ocê era assim, eu não tinha deixado ocê vim aqui para casa não.*

Terezinha: *Eu se fosse a senhora, fazia assim... (Sinhá Maria a corta)*

Sinhá Maria: *Xiiiiuuuuuuuu! Cala a boca, Terezinha, que buzinação na minha cabeça! E ocê seu Chiquinho, passa pra cá!*

Chiquinho: *Não, mãe! Eu quero namorar com ela e ela vai me mostrar o que tem do lado de lá da montanha.*

Sinhá Maria: *E ocê tem querer? Passa pra cá!*

Rosarinha: *Ô sinhá Maria, eu gosto tanto do Chiquinho. A gente ia contar pra senhora mas é que não deu prazo.*

Sinhá Maria: *Não quero escutá uma palavra. Pega suas coisas e ruma daqui!*

(Rosarinha, vai pegar a mala e vai-se embora.)

Sinha Maria: *E ocês duas, pode parar com esse fuxico. Passa pra dentro! Fuxiqueira!*

(Passagem de Terezinha e Vaninha)

Rosarinha: *Peguei carona no caminhão do Seu Quinzinho e fui-me embora daquele lugarzinho tão querido meu. Fui parar lá na fazenda de trigo lá no Paraná. Naquele lugar não se respeitava dia santo, feriado ou dia de missa, pra trabalhar todo dia era sagrado. Aí eu não aguentei não, saí de lá e fui pra São Paulo, cidade grande, fui trabalhar de doméstica, fiquei lá por 2 anos. Mas o salário que o patrão pagava era o tanto que ele escolhia me pagar no final do mês, eu não tinha direito a nada não. Vai daí eu resolvi voltar pra Minas Gerais, fui pra Belo Horizonte trabalhá de babá. Eu tinha que olhar dois meninote desse tamanho assim. Nos domingos patrão dizia que era folga, levava a gente pra passear no parque, mas eu tinha que ficar olhando os*

meninos pra ele. Vez ou outra eu gostava porque ele me pagava um sorvetim. Foi lá também que eu conheci um casal muito gente boa, que me ofereceu emprego bão, em Juiz de Fora. Eles ia me pagar o salário mínimo. E isso eu não podia recusá não, aí eu fui. Fui pra ficar de companhia com a Dona Guilhermina, ah D. Guilhermina me incentivou tanto a estudar, que eu me formei no EJA e quando eu completei 59 ano de idade, eu entrei pra universidade, fiz pedagogia e comecei a ensinar a mulherada do grupo da terceira idade a lê e escrevê... Mas óh, vou conta um segredo pra ocês tudinho: quando era noite de lua cheia, eu chegava na janela, e me alembrava do Chiquinho e ficava pensando se lá no terreirão da fazenda o Chiquinho também não olhava pra lua e de mim se alembrava.

(Passagem de tempo. Chiquinho velho vem vindo pra frente e vai se encontrar com Rosarinha.)

Música - No rancho fundo (Chitãozinho e Xororó)

No rancho fundo

Bem pra lá do fim do mundo

Onde a dor e a saudade

Contam coisas da cidade

No rancho fundo

De olhar triste e profundo

Um moreno canta as mágoas

Tendo os olhos rasos d'água

(Chiquinho entra. Ele já está velho.)

Chiquinho: *Rosarinha é você?*

Rosarinha: *Chiquinho! Você não mudou nadinha de nada.*

Chiquinho: *Você também não mudou não Rosarinha. Você continua tão bonita!*

Rosarinha: *Mais o tempo passou né Chiquinho?*

Chiquinho: *É o tempo passou, mas eu sempre fiquei imaginando que um dia eu ia te ver de novo. Eu morri de saudades sua, Rosarinha.*

Rosarinha: *Eu também senti saudades...*

(quase beijam)

Rosarinha: *Óh Chiquinho mais eu nunca que me esqueci de você... mesmo quando eu era casada com o Alceu, à noite quando ele vinha me abraçar eu lembrava era de você... (quase beijam) Quando eu comi hambúrguer pela primeira vez no parque Ibirapuera com o Claudiomiro, eu me lembrei foi de você... (quase beijam) Quando eu fui no show do Agnaldo Timóteo e a gente teve um rolinho no Camarim, ele cantou umas músicas pra mim e eu me lembrei foi de você...*

Chiquinho: *Rosarinha, ocê pra mim é igual o sol quando tá nascendo atrás da montanha e clareia a roça inteira. Eu te amo!*

Rosarinha: *Eu também amo ocê, Chiquinho.*

(Os dois se beijam.)

Música - Desenredo (Dorival Caymmi)

(Cantam Carmem Lúcia e Tio Amado)

Por toda terra que passo

Me espanta tudo o que vejo

(Cantam Maria da Graça e Maria de Lourdes)

A morte tece o seu fio

De vida feita ao avesso

(Cantam Chiquinho e Rosarinha)

O olhar que prende anda solto

O olhar que solta anda preso

Mas quando eu chego eu me enredo

Nas tramas do teu desejo

(Cantam todos enquanto se olham e formam uma linha lado a lado)

O mundo todo marcado

A ferro, fogo e desprezo

A vida é o fio do tempo

A morte é o fim do novelo

Ê, Minas

Ê, Minas

É hora de partir

Eu vou

Vou-me embora pra bem longe

(cantam a capela)

Ê, Minas

Ê, Minas

É hora de partir

Eu vou

Vou-me embora pra bem longe

Vou-me embora pra bem longe

Vou-me embora pra bem longe

Lá vai trem...

FIM

FICHA TÉCNICA

Direção e dramaturgia: Juliano Pereira

Elenco: Ana Malta, Elis Ferreira, Fernanda Nascimento, Gustavo Rosário e Priscila Matilde

Músico: Guilherme Teixeira

Preparação vocal: Natália Vargas

Colaboração (música): Ernani Maletta e Rafael Wolbert

Oficina de leitura dramatizada: Zé Walter Abinati

Figurino: Ateliê Pano de Roda com Olivia Lima

Costureiras: Maria de Lourdes Fernandes, Maria Vianini e Rosemary Gonçalves Navega

Cenário: Phamela Dadamo

Colaboração (cenário): *Luciana Monte-mor*

Marcenaria: *Antônio Marcos da Silva, Mãos na Tábua (com Marcelo Nascimento e Mariana Pinto) e Michael Ferreira*

Iluminação: *Teatro da Pedra*

Técnico de iluminação: *Diego Machado*

Entrevistadas: *Elis Regina dos Santos, Inácia das Dores Santos, Luisa Bernarda Lara, Maria Aparecida Silva Costa (Cida), Marileia da Boa Morte Assunção (Leia), Marli Aparecida Costa de Sá, Marta Maria dos Santos (Zizica), Vânia Lúcia da Silva (Dica) e Vera Lúcia da Silva*

Produção: *Teatro da Pedra*